



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA**

ANA LÉA NASSAR MATOS

**JOSÉ SIDRIM (1881-1969):
UM CAPÍTULO DA BIOGRAFIA DE BELÉM**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

BELÉM/PA

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA**

ANA LÉA NASSAR MATOS

**JOSÉ SIDRIM (1881-1969):
UM CAPÍTULO DA BIOGRAFIA DE BELÉM**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria de Nazaré Sarges.

BELÉM/PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

Matos, Ana Léa Nassar

José Sidrim (1881-1969): um capítulo da biografia de Belém /
Ana Léa Nassar Matos - 2017.

Orientadora: Maria de Nazaré Sarges.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2017.

1. Sidrim, José - 1881-1969. 2. Arquitetura e História – Belém
(PA). 3. Arquitetos - Biografia. 4. Arquitetura - Séc. XX - Belém
(PA). I. Título

CDD 22. ed. 720.92098115

ANA LÉA NASSAR MATOS

JOSÉ SIDRIM (1881-1969):
UM CAPÍTULO DA BIOGRAFIA DE BELÉM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria de Nazaré Sarges.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria de Nazaré Sarges (orientadora)
PPHIST/IFCH/UFPA

Prof. Dr. Roberto Luís Torres Conduru (examinador)
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Celma de Nazaré Chaves de S. Pont Vidal (examinadora)
FAU/UFPA

Prof^a. Dr^a. Magda Maria de Oliveira Ricci (examinadora)
PPHIST/IFCH/UFPA

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueredo (examinador)
PPHIST/IFCH/UFPA

Prof^a. Dr^a. Franciane Gama Lacerda (suplente)
PPHIST/IFCH/UFPA

À minha mãe Renée,
ao meu marido Emanuel,
às minhas filhas Ana Clara e Ana Carolina,
pela compreensão, amor e aconchego
nesta longa e árdua caminhada.

RESUMO

Percorrendo o itinerário do engenheiro arquiteto José Sidrim, auto exilado de Fortaleza, Ceará, para se estabelecer em Belém do Pará, no início do século XX, procurou-se através da narrativa histórica reconstituir a sua própria fábula, tendo como pano de fundo a história da cidade e, ao mesmo tempo, a participação deste personagem na sua construção. Tomou-se como ponto essencial a sua relação com o intendente Antonio Lemos, na sua condição de funcionário municipal e de amigo próximo, além das outras amizades que daí decorreram, enfatizando-se o seu desenvolvimento profissional, o repertório de sua produção arquitetônica como um representante do ecletismo do Pará.

Palavras – chave: José Sidrim, Arquitetura, Belém, Amazônia, Biografia.

ABSTRACT

Tracking the path of the engineer and architect José Sidrim, self-exiled from Fortaleza, Ceará, to settle in Belém do Pará, in early 20th century, I tried to reconstruct his legend, through historical narrative, taking the history of the city as the background, and, at the same time, the role of this character on its construction. It is regarded as a core element his relation with Mayor Antonio Lemos, as municipal public servant and friend, besides other acquaintances derived from the former, emphasizing his professional development, and the collection of his architectural production as representative of eclecticism in Pará.

Keywords: José Sidrim, Architecture, Belém, Amazon, Biography.

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Quadro 01: Relação dos integrantes da Secção de Obras da Intendência Municipal em 1904 | 45 |
| Quadro 02: Relação dos integrantes da Secção de Obras da Intendência Municipal em 1908 | 46 |
| Quadro 03: Relação dos integrantes da Secção de Obras da Intendência Municipal em 1912 | 46 |
| Quadro 04: Relação do júri de admissão e de julgamento – Exposição Escolares de 1925 | 103 |
| Quadro 05: Relação do júri de admissão e de julgamento – Exposição Escolares de 1926 | 104 |
| Quadro 06: Biblioteca José Sidrim | 179 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01: Vista do Porto de Belém, 1900. Fotografia de George Huebner | 28 |
| Figura 02: Fachada da Estação da Via Férrea de Baturité | 31 |
| Figura 03: Igreja do Carmo, Belém – Pará | 37 |
| Figura 04: Palácio Velho, localizado ao lado da Igreja do Carmo, Belém – Pa | 37 |
| Figura 05: Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, Fortaleza – Ce..... | 40 |
| Figura 06: Praça da República - fachada posterior do Theatro da Paz..... | 42 |
| Figura 07: Licença tratamento de saúde..... | 44 |
| Figura 08: Corpo de funcionários Intendência Municipal – 1908..... | 54 |
| Figura 09: Documento: devolução da carta-patente a Guarda Nacional..... | 56 |
| Figura 10: Retrato do Coronel Antonio José de Lemos, de José Irineu de Souza. | 58 |
| Figura 11a: Caricaturas Olavo Sidrim - <i>O Imparcial</i> , Pamphleto Político, 1934. | 66 |
| Figura 11b: Caricaturas Olavo Sidrim - <i>O Imparcial</i> , Pamphleto Político, 1934. | 66 |
| Figura 11c: Caricaturas Olavo Sidrim - <i>O Imparcial</i> , Pamphleto Político, 1934. | 66 |
| Figura 12: Jornal <i>A Semana</i> com a notícia do falecimento de Olavo Sidrim..... | 68 |
| Figura 13: Ermelinda Freire - mãe de Wolitza Freire Sidrim..... | 73 |
| Figura 14: Estrada Gentil Bittencourt, em 1900. Autoria de Jacques Huber..... | 74 |
| Figura 15: Publicação do jornal FON – FON! – Rio de Janeiro, 7 set. 1912..... | 79 |
| Figura 16: Frente / verso cartão postal de Olivia Lalôr para Wolitza Sidrim..... | 80 |
| Figura 17: Frente /verso Cartão-Postal de Delfina Muniz para Wolitza Sidrim..... | 81 |
| Figura 18: José Sidrim e Palma Muniz, no Orfanato Antonio Lemos, 1905..... | 82 |

| | |
|--|------------|
| Figura 19: Cartão- Postal da Igreja dos Frades Capuchinhos..... | 83 |
| Figura 20: Casamento Elda Lima Sidrim e Paul Hansen..... | 88 |
| Figura 21: Família de José Sidrim. Registro entre os anos 1907/1908..... | 92 |
| Figura 22: Vestimentas da elite - São Paulo. Virada do século XX..... | 94 |
| Figura 23: Vestimentas - Belém do Pará - funcionários do Museu Goeldi. 1907. | 95 |
| Figura 24: Pintura de José Sidrim, ano – 1912. Sem título..... | 98 |
| Figura 25: Pintura de Carlos Azevedo, 1903. Título - Coradouro de Roupas..... | 99 |
| Figura 26: Fotografia de um grupo de professores..... | 105 |
| Figura 27: Família de José Sidrim - Rua Dr. Assis 46, em 1926..... | 106 |
| Figura 28: Família de José Sidrim - Av. Nazaré, em 1953..... | 108 |
| Figura 29: Árvore Genealógica de José e Wolitza Sidrim..... | 110 |
| Figura 30: Praça do Relógio, Belém-Pará, 1949..... | 112 |
| Figura 31: Wolitza Sidrim em seus 60 anos. Estúdio <i>Fidanza</i> | 114 |
| Figura 32: Único registro da casa de Benfica..... | 115 |
| Figura 33: Plano de Ildefons Cerdà - Barcelona, 1859..... | 126 |
| Figura 34: Engenheiros e empreiteiros, Orfanato Antonio Lemos, 1905..... | 130 |
| Figura 35: Planta da Cidade de Belém - Novo Hipódromo - José Sidrim..... | 134 |
| Figura 35: Planta e Secção do Hipódromo Municipal - José Sidrim..... | 135 |
| Figura 37: Planta e Elevação do Hipódromo Municipal - José Sidrim..... | 135 |
| Figura 38: Nomeação José Sidrim (cargo interino) - Agrimensor Municipal..... | 136 |
| Figura 39: “Correios” - Desenho José Sidrim..... | 143 |
| Figura 40: Desenho prédio para a <i>Both Line</i> - José Sidrim..... | 144 |
| Figura 41: <i>Le Ville Moderne In Italia - Ville del Lido a Venezia</i> | 149 |
| Figura 42: <i>Le Ville Moderne In Italia - Ville del Lido a Venezia</i> | 149 |
| Figura 43: Diploma de Engenheiro-Arquiteto de José Sidrim..... | 152 |
| Figuras 44a: Revista mensal <i>Careta</i> , anos de 1924 e 1925..... | 154 |
| Figuras 44b: Revista mensal <i>Careta</i> , anos de 1924 e 1925..... | 154 |
| Figuras 44c: Revista mensal <i>Careta</i> , anos de 1924 e 1925..... | 154 |
| Figuras 44d: Revista mensal <i>Careta</i> , anos de 1924 e 1925..... | 154 |
| Figura 45: Volume I - coleção de História Universal, org. G. Onken. Lisboa..... | 156 |

| | |
|---|-----|
| Figura 46: Catálogo da <i>Macfarlane Castings</i> , Volume I..... | 161 |
| Figura 47a: Revista <i>Honor Bilt Modern Homes</i> , de Chicago – Philadelphia..... | 162 |
| Figura 47b: Revista <i>Honor Bilt Modern Homes</i> , de Chicago – Philadelphia..... | 162 |
| Figura 47c: Revista <i>Honor Bilt Modern Homes</i> , de Chicago – Philadelphia..... | 162 |
| Figura 48a: Catálogo das <i>Indústria Reunidas</i> - A. Pinheiro Filho & Cia..... | 163 |
| Figura 48b: Catálogo das <i>Indústria Reunidas</i> - A. Pinheiro Filho & Cia..... | 163 |
| Figura 48c: Catálogo das <i>Indústria Reunidas</i> - A. Pinheiro Filho & Cia..... | 163 |
| Figura 49: Revista <i>L'Architettura Italiana</i> . Turim, 1 ago. 1914..... | 166 |
| Figura 50: Revista <i>L'Architettura Italiana</i> . Casas populares, Milão, jan. 1920..... | 168 |
| Figura 51: Revista <i>L'Architettura Italiana</i> , Turim, jan. 1920..... | 169 |
| Figura 52: Revista mensal <i>Le Case Popolari e le Città – Giardino</i> | 171 |
| Figura 53: Selos, comemorações do Centenário da Independência, 1822 – 1922. | 173 |
| Figura 54a: A <i>Architectura Religiosa na Edade – Média</i> de Augusto Fuschini..... | 175 |
| Figura 54b: A <i>Architectura Religiosa na Edade – Média</i> , de Augusto Fuschini.... | 175 |
| Figura 54c: A <i>Architectura Religiosa na Edade – Média</i> , de Augusto Fuschini..... | 175 |
| Figura 55a: <i>Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition</i> | 177 |
| Figura 55b: <i>Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition</i> | 177 |
| Figura 56: Grande Hotel, desenho da fachada, autoria José Sidrim..... | 201 |
| Figura 57: Grande Hotel, elevação principal, execução Salvador Mesquita & C ^a . | 202 |
| Figura 58: Montagem de duas fachadas: de José Sidrim e de S. Mesquita..... | 203 |
| Figura 59: Comparação detalhes das fachadas: de José Sidrim e de S. Mesquita. | 204 |
| Figura 60: Arcada rusticada das casas <i>palladianas</i> | 205 |
| Figura 61: Recursos do <i>palladianismo</i> usados por José Sidrim no Grande Hotel. | 206 |
| Figura 62: Desenho do <i>Palazzo Schio</i> (1560) autoria de Andrea Palladio..... | 206 |
| Figura 63: Grande Hotel, segmento da fachada do desenho de José Sidrim..... | 207 |
| Figura 64: Localização do Cemitério da Ordem Terceira, Belém-Pará..... | 211 |
| Figura 65: Inauguração da Capela de Santa Clara..... | 214 |
| Figura 66: Capela de Santa Clara, estado atual. Vista geral do Cemitério..... | 215 |
| Figura 67: Capela de Santa Clara, estado atual. Fachada Frontal..... | 215 |
| Figura 68: Capela de Santa Clara, estado atual. Fachada do transepto Sul..... | 216 |

| | |
|---|------------|
| Figura 69: Capela de Santa Clara, estado atual. Fachada Posterior..... | 216 |
| Figura 70: Capela de Santa Clara, estado atual. Retábulo do altar..... | 218 |
| Figura 71: Capela de Santa Clara – Planta de cobertura..... | 219 |
| Figura 72: Capela de Santa Clara – Croqui da Planta Baixa..... | 219 |
| Figura 73: Capela de Santa Clara – Retábulo do altar..... | 220 |
| Figura 74: Capela de Santa Clara – Fachada principal..... | 221 |
| Figura 75: Jazigo da Família A. Kós - Cemitério Santa Isabel..... | 222 |
| Figura 76: Localização do Santuário de São Francisco de Assis..... | 223 |
| Figura 77: Igreja Santa Maria Del Carmine, Pavia, Lombardia, norte da Itália..... | 225 |
| Figura 78: Santuário de São Francisco. Modificação do projeto primitivo, 1919. | 227 |
| Figura 79: Santuário de São Francisco de Assis, fachada publicada no jornal..... | 227 |
| Figura 80: Santuário de São Francisco de Assis, fotografia da obra..... | 228 |
| Figura 81: Santuário de São Francisco de Assis, fachada atual..... | 228 |
| Figura 82: Santuário di N.S. “Ta Pinu”, Gozo – Itália, Arquiteto Edwin Vassalo. | 229 |
| Figura 83: Santuário di N.S. “Ta Pinu”,Gozo – Itália. Intervenção na fachada..... | 229 |
| Figura 84: Santuário di N.S. “Ta Pinu”, Gozo – Itália: Planta Baixa..... | 230 |
| Figura 85: Santuário São Francisco de Assis: Planta Baixa..... | 231 |
| Figura 86: Santuário São Francisco de Assis: Torre do Campanário..... | 232 |
| Figura 87: Santuário São Francisco de Assis: Coro..... | 233 |
| Figura 88: Santuário São Francisco de Assis: Pisos de ladrilho hidráulico..... | 234 |
| Figura 89: Santuário São Francisco de Assis: Altar-mor..... | 235 |
| Figura 90: Santuário São Francisco de Assis: Abóbadas: de Aresta e de berço..... | 236 |
| Figura 91: Santuário São Francisco de Assis: Detalhes do Altar-mor..... | 237 |
| Figura 92: Santuário São Francisco de Assis: Vitrais..... | 237 |
| Figura 93: Igreja de San Zeno: Verona – Itália..... | 239 |
| Figura 94: Litografia de J. L. Righini - Igreja da Trindade e seus arredores..... | 241 |
| Figura 95: Largo da Trindade, 1905..... | 242 |
| Figura 96: Altar da Igreja da Trindade..... | 243 |
| Figura 97: Publicação <i>Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition</i> | 243 |
| Figura 98: Igreja da Trindade: Vitral e nichos..... | 244 |

| | |
|---|-----|
| Figura 99: Igreja da Trindade: Interior..... | 244 |
| Figura 100: Igreja da Trindade: Fachada principal..... | 245 |
| Figura 101: Igreja da Trindade: Fachada lateral..... | 245 |
| Figura 102: Desenho da “Capella na Villa da Cachoeira”, José Sidrim..... | 246 |
| Figuras 103: Elevação Principal da Capela localizada na “Villa da Cachoeira”.... | 247 |
| Figuras 104: Elevação Principal da Igreja de Baião..... | 247 |
| Figuras 105: Igreja de São João Batista, em Bujaru, Cachoeira do Arari, Pará. | 247 |
| Figura 106: Revista Belém Moderna, Palacete Guilherme Paiva..... | 249 |
| Figura 107: Revista Belém Moderna, <i>Bungalow (1)</i> - José Leite Chermont..... | 249 |
| Figura 108: Revista Belém Moderna, <i>Bungalow (2)</i> - José Leite Chermont..... | 250 |
| Figura 109: Palacete Rita Bezerra, projeto de reforma, autoria José Sidrim..... | 253 |
| Figura 110: Palacete Rita Bezerra, fotografia..... | 253 |
| Figura 111: Palacete Rita Bezerra: ornato das pilastras..... | 254 |
| Figura 112: Palacete Guilherme Paiva - autoria José Sidrim..... | 255 |
| Figura 113: Projeto da Villa Leoncini - Udine/Itália, arquiteto Valle Provino..... | 256 |
| Figura 114: Palacete Guilherme Paiva -Vitrail de Santa Joana d’Arc..... | 257 |
| Figura 115: Palacete Guilherme Paiva -Vitrail de Santa Helena..... | 257 |
| Figura 116: Palacete Guilherme Paiva: Escada..... | 258 |
| Figura 117: Palacete Guilherme Paiva: Escada de caracol - acesso ao <i>belvedere</i> . | 258 |
| Figura 118: Palacete Guilherme Paiva: Escada de caracol - acesso ao <i>belvedere</i> . | 259 |
| Figura 119: Palacete Guilherme Paiva: Detalhe do guarda - corpo do <i>belvedere</i> . | 259 |
| Figura 120a: Palacete Guilherme Paiva: Esquadrias internas - sala de visitas..... | 259 |
| Figura 120b: Palacete Guilherme Paiva: Esquadrias externas – varanda superior. | 259 |
| Figura 120c: Palacete Guilherme Paiva: Esquadrias externas – porta principal.... | 260 |
| Figura 120d: Palacete Guilherme Paiva: Esquadrias internas - oratório..... | 260 |
| Figura 121: Palacete Guilherme Paiva: Varanda..... | 260 |
| Figura 122: Palacete Guilherme Paiva: Sala de jantar e sala de música..... | 261 |
| Figura 123: Palacete Guilherme Paiva: Sala de estar e de jogos..... | 261 |
| Figura 124: Palacete Guilherme Paiva: um dos dormitórios da residência..... | 262 |
| Figura 125: Palacete Guilherme Paiva: Fachada principal vista da casa vizinha. | 262 |

| | |
|---|------------|
| Figura 126: Carta de Guilherme Paiva enviada a José Sidrim..... | 263 |
| Figura 127: Argemiro Orlando Pereira Lima..... | 264 |
| Figura 128: Palacete Orlando Lima: Plantas Baixas: térreo e 1º pavimento..... | 265 |
| Figura 129: Palacete Orlando Lima: Propostas de fachadas..... | 266 |
| Figura 130: Palacete Orlando Lima: Características originais preservadas..... | 267 |
| Figura 131: Palacete Orlando Lima: Vista lateral..... | 268 |
| Figura 132: Palacete Orlando Lima: Visão aérea da cobertura..... | 268 |
| Figura 133: Palacetes Orlando Lima e Guilherme Paiva: coberturas..... | 269 |
| Figura 134: <i>Villa Bignardi – Milano</i> | 269 |
| Figura 135: Filha de Orlando Lima, Izabel Lima Barretto, varanda de entrada..... | 270 |
| Figura 136: Casal Orlando (Noêmia) Lima e a filha na varanda de entrada..... | 270 |
| Figura 137: Palacete Orlando Lima: Vista da varanda de entrada..... | 271 |
| Figura 138a: Padronagens dos ladrilhos hidráulicos do Palacete Orlando Lima... | 271 |
| Figura 138b: Padronagens dos ladrilhos hidráulicos do Palacete Orlando Lima... | 271 |
| Figura 138c: Padronagens dos ladrilhos hidráulicos do Palacete Orlando Lima.... | 271 |
| Figura 138d: Padronagens dos ladrilhos hidráulicos do Palacete Orlando Lima... | 271 |
| Figura 139: Palacete Orlando Lima: Trecho da pintura das paredes do oratório... | 272 |
| Figura 140a: Palacete Orlando Lima: Detalhes das pinturas do dormitório..... | 272 |
| Figura 140b: Palacete Orlando Lima: Detalhes das pinturas do dormitório..... | 272 |
| Figura 140c: Palacete Orlando Lima: Detalhes das pinturas do dormitório..... | 272 |
| Figura 140d: Palacete Orlando Lima: Detalhes das pinturas do dormitório..... | 272 |
| Figura 141: Carta de Orlando Lima a José Sidrim..... | 273 |
| Figura 142: Cartão-postal da residência e propriedade do Dr. Pedro Gusmão..... | 274 |
| Figura 143: Residência Manuel Dacier Lobato - <i>belvedere</i> de José Sidrim..... | 276 |
| Figura 144: Residência José Leite Chermont: Fachada e elevação lateral..... | 277 |
| Figura 145: Residência José Leite Chermont: Estudo de fachada..... | 277 |
| Figura 146: Exemplar da arquitetura neocolonial – São Paulo..... | 277 |
| Figura 147: Registro do momento da demolição das “Casas para Alugar”..... | 278 |
| Figura 148: Casas para Alugar – José Leite Chermont: Planta Baixa..... | 279 |
| Figura 149: <i>Villa Villete</i> | 280 |

| | |
|---|------------|
| Figura 150: <i>College Feminin de Bouffemont</i> | 282 |
| Figura 151: Palacete Aurélia Passarinho: gravações na chave de ouro..... | 283 |
| Figura 152: Palacete Aurélia Passarinho: aquarela do pintor Antônio Coutinho. | 284 |
| Figura 153: Palacete Aurélia Passarinho: Plantas Baixas..... | 285 |
| Figura 154: Palacete Aurélia Passarinho, autoria José Sidrim..... | 286 |
| Figura 155: Desenho francês, semelhante ao Palacete Aurélia Passarinho..... | 287 |
| Figura 156: Desenho alemão, semelhante ao Palacete Aurélia Passarinho..... | 287 |
| Figura 157: Carta de Benedicto Passarinho para José Sidrim..... | 289 |
| Figura 158: Palacete Aurélia Passarinho: Fotografia externa..... | 290 |
| Figura 159: Palacete Aurélia Passarinho: Fotografia externa..... | 290 |
| Figura 160: Palacete Aurélia Passarinho: Fotografia externa..... | 291 |
| Figura 161: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Hall de entrada..... | 291 |
| Figura 162: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Salão de visita..... | 292 |
| Figura 163: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Sala de jogos..... | 292 |
| Figura 164: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - <i>Fumoir</i> | 293 |
| Figura 165: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Sala de jantar..... | 293 |
| Figura 166: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Sala de almoço..... | 294 |
| Figura 167: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Hall da escada..... | 294 |
| Figura 168: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Sala de estudo..... | 295 |
| Figura 169: Palacete Aurélia Passarinho: Pavimento térreo - Cozinha..... | 295 |
| Figura 170: Palacete Aurélia Passarinho: Primeiro pavimento - Quarto Meninas. | 296 |
| Figura 171: Palacete Aurélia Passarinho: Primeiro pavimento - Quarto do casal. | 296 |
| Figura 172: Palacete Aurélia Passarinho: Primeiro pav. - Sala de banho do casal. | 297 |
| Figura 173: Capitéis e ornamentos da residência Palma Muniz..... | 298 |
| Figura 174: Residência João Palma Muniz: uma proposta para fachada..... | 299 |
| Figura 175: Residência João Palma Muniz: outra proposta para fachada..... | 299 |
| Figura 176: Residência Engenheiro Innocencio Bentes – autoria José Sidrim..... | 302 |
| Figura 177: Desenho das Residências Conjugadas em papel - cartão..... | 303 |
| Figura 178: Residência família Lobato de Abreu, atualmente dos franciscanos.... | 304 |
| Figura 179: Projeto para a construção de uma residência na Av. de Nazaré..... | 304 |

| | |
|---|------------|
| Figura 180: Desenho identificado como “Fachada Principal, JSidrim”..... | 305 |
| Figura 181: Real Fábrica Palmeira antes do incêndio de 1924..... | 306 |
| Figura 182: Fábrica Palmeira – autoria de José Sidrim..... | 307 |
| Figura 183: Inauguração da Fábrica Palmeira, entre os presentes José Sidrim..... | 307 |
| Figura 184: Cartão - Postal com a nova Fábrica Palmeira..... | 308 |
| Figura 185: Fábrica Palmeira: balcão de venda a varejo..... | 308 |
| Figura 186: Fábrica Diana: fachada principal, autoria José Sidrim..... | 309 |
| Figura 187: Diploma de sócio efetivo. Santa Casa de Misericórdia do Pará..... | 310 |
| Figura 188: Noticiário da Folha do Norte - construção da Maternidade..... | 311 |
| Figura 189: Maternidade da Santa Casa de Misericórdia, autoria José Sidrim..... | 312 |
| Figura 190: Cartão-postal: Santa Casa de Misericórdia..... | 312 |
| Figura 191: Hospital para Crianças - Santa Casa de Misericórdia do Pará..... | 313 |
| Figura 192: Casa de Saúde Marítima, autoria José Sidrim..... | 314 |
| Figura 193: Escola de Aprendizes Artífices: obra de José Sidrim..... | 316 |
| Figura 194: Escola de Aprendizes Artífices: equilíbrio de formas e volumes..... | 316 |
| Figura 195: Escola de Aprendizes Artífices: a cobertura..... | 317 |
| Figura 196: Escola de Aprendizes Artífices: as trapeiras dos telhados..... | 317 |
| Figura 197: Escola de Aprendizes Artífices: Piso..... | 318 |
| Figura 198: Escola de Aprendizes Artífices: Escada..... | 318 |
| Figura 199: Escola de Aprendizes Artífices: obra em fase de acabamento..... | 319 |
| Figura 200: Sede social Assembleia Paraense, autoria José Sidrim..... | 320 |
| Figura 201: Livro Assembleia Paraense – Memórias: 1915 a 1992..... | 321 |
| Figura 202: <i>Lithografia Lohse</i> , desenho de José Sidrim..... | 322 |
| Figura 203: <i>Lithografia Lohse</i> , desenho da fachada edificada, Joana Barretto..... | 323 |
| Figura 204: Centro de Memória da Universidade..... | 323 |
| Figura 205: Mercado de Óbidos – Fachada Principal..... | 324 |
| Figura 206: Mercado de Óbidos – Entrada Principal..... | 325 |
| Figura 207: Mercado de Óbidos – Fachada Posterior..... | 325 |
| Figura 208: Planta da Cidade de Belém, 1905 | 326 |
| Figura 209: Linha do tempo – José Sidrim (1881-1969) | 334 |

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|-----------|
| Resumo | 05 |
| Abstract | 06 |
| Índice das Tabelas | 07 |
| Índice de Figuras | 07 |
| Agradecimentos | 16 |
| Apresentação | 19 |
| Introdução | 22 |

CAPÍTULO 1

| | |
|---|-----------|
| 1. Belém: a Pasárgada de José Sidrim | 25 |
| 1.1. A saída de Fortaleza e a chegada a Belém | 27 |
| 1.2. José Sidrim e o poder político local | 41 |
| 1.3. Raízes novas..... | 69 |
| 1.4. O autoexílio em Benfica | 111 |

CAPÍTULO 2

| | |
|--|------------|
| 2. José Sidrim: um alquimista de saberes | 116 |
| 2.1. O desenhista da Intendência Municipal e a experiência com os ingleses | 118 |
| 2.2. Curso por correspondência: “a educação a distância” de José Sidrim | 144 |
| 2.3. Teoria, Cultura e Técnica: as matrizes de José Sidrim | 155 |

CAPÍTULO 3

| | |
|--|------------|
| 3. José Sidrim: Desenhos para morar, rezar e trabalhar..... | 197 |
| 3.1. O caso do Grande Hotel | 199 |
| 3.2. Desenhos para rezar | 209 |
| 3.3. Desenhos para morar | 248 |
| 3.4. Desenhos para trabalhar | 305 |
| Conclusão | 327 |
| Referências Bibliográficas | 335 |

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração desta tese, contamos com a imprescindível ajuda de muitas pessoas, através de palavras de incentivo e compreensão, concedendo entrevistas ou um simples bate-papo, disponibilizando publicações do próprio acervo, pesquisando fontes institucionais, tirando fotografias, lendo os textos elaborados, cedendo fotos do acervo familiar, indicando fontes de pesquisa, enfim, de formas diversas e com características distintas, porém, todas necessárias para que alcançássemos o nosso objetivo. Gostaríamos então de destacar os nomes, sabendo que alguns podem ter escapado de nossa lembrança, em consequência do longo percurso para chegarmos até este momento.

As fundamentais conversas com o Emanuel Matos, meu marido, que imprimiu uma conotação poética ao corpo da narrativa me sugerindo poetas e poesias e me presenteando com uma delas. As amadas filhas Ana Clara Matos, que com seu olhar atento me ajudou na correção das imperfeições de minha escrita, e Ana Carolina Matos que mesmo distante de Belém me incentivou neste percurso.

Um agradecimento especialíssimo à minha amada mãe, Renée Sidrim Nassar, que incansavelmente respondeu a todas as minhas indagações sobre o seu avô paterno. Ao meu irmão, Flávio Nassar, pela disponibilização do seu acervo, por fotografias tiradas e pelas conversas mantidas. Às irmãs Rosita Nassar, pela primeira leitura quando a narrativa ainda tomava forma, e Maria Tereza Nassar pelo constante apoio quando o desânimo queria se fazer presente. Ao meu sobrinho Paulo André Nassar, pela organização do *abstract*. E à Maria de Nazaré Albim Sidrim, por seu imenso carinho e interesse demonstrado nas conversas mantidas por telefone ou pessoalmente, falando das particularidades de seu avô Sidrim.

Um registro e agradecimentos especialíssimos à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria de Nazaré Sarges, por sua competência, disponibilidade, generosidade, amizade e pela presença incentivadora nos momentos difíceis da elaboração deste trabalho. Sinceros agradecimentos a Prof.^a Dr.^a Magda Ricci e o Prof. Dr. Aldrin Figueiredo, pelas orientações feitas em minha qualificação, possibilitando a sequência da construção da narrativa.

Ao historiador, jornalista e chargista Walter Pinto, pela criação das charges reveladoras, como a da capa, representando a desejada cena do bisavô e a neta,

juntos no momento da defesa da tese, e as demais constantes no corpo do trabalho. Obrigada! Elas possuem um valor imensurável como da nossa amizade consolidada.

Ao Marcel Campos, pela editoração e montagem da tese de Doutorado. E à Maurila Bentes, que normatizou as referências bibliográficas.

A Dulcília Maneschy Corrêa, que além de leitora da tese, colaborou nos recolhimentos de dados históricos e fotografias de algumas residências criadas por José Sidrim.

A todos aqueles que contribuíram com fontes de pesquisa ou intermediaram contatos para o desenvolvimento e construção desta fábula: Célia Medina Cavalcanti, Christina Barretto Maroja, Cicerino Cabral, Dirce Corrêa, Elna Maria Trindade, Geisa Dias, Haroldo Baleixe, José Maria Hesketh Condurú Neto, Joana Barretto, Jonas Arraes, José Pacheco, Moema de Bacelar Alves, Paulo Elpídio de Menezes Neto e Simone Neno Silva.

Aos amigos com quem convivi no Museu de Arte de Belém, que me propiciaram um ambiente favorável à troca de conhecimentos, nas muitas conversações cordiais mantidas naquele ambiente de trabalho: Dora Lúcia Lourenço, Lélia Fernandes, Antonina Maria Dias Matos, Randy Rodrigues, Rosa Arraes, Ligia Maria Arias Chuquem, José Cláudio Carvalho, Fátima Nazareth de Melo e Maria Waldereis Araújo.

Aos amigos da FUMBEL, que não permitiram que fosse paralisado o desenvolvimento deste trabalho: Ana Deolinda Cavalheiro, Ana Paula Batista, Jorge Pina, Lucileni Monteiro e Silvio Costa.

Às Instituições que favoreceram o desempenho de minha pesquisa:

- Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP.
- Museu de Arte de Belém – MABE / FUMBEL.
- Universidade Federal do Pará – UFPA, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Fórum Landi.

Aos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Mateus Nunes e Pietra Paes Barreto, por suas colaborações.

APRESENTAÇÃO

A Revelação da Máscara

Ao término deste Trabalho e após sucessivas leituras obrigatórias, seja com o intuito de revisão, seja com aquele objetivo de preparação para minha defesa ante a Banca Examinadora, veio-me quase espontaneamente a pergunta sobre por que, afinal, escrever uma biografia de José Sidrim e, ao formulá-la, a minha primeira resposta veio na forma de uma metáfora que penso poder aqui declinar: o ato de escrever pareceu-me ter sido a construção de uma estrada em busca não apenas de algo que eu me propusera como doutoranda em formação, indagação própria da aventura heurística à qual lançara-me a academia, mas de algo que dizia respeito também a uma realidade que não me era clara e que eu precisava, por força de uma exigência pessoal, revelar-me. Algo assim como um segredo escondido na trama de uma realidade que eu talvez não quisesse ver por se tratar de algo meio sagrado, no sentido do intocável, porque dizia respeito a sentimentos, ora de naturezas social e afetiva, próprios dos meus vínculos com a minha cidade e, às vezes, de naturezas psíquica e familiar.

Pareceu-me, assim, poder apresentar como texto de abertura esta breve experiência intelectual, mas, ao mesmo tempo, plena de outras dimensões humanas.

E foi ler aquilo que eu havia escrito que me levou a lembrar de um poema de Walt Whitman (1819 – 1892), tantas vezes referido em nossas conversas de estudantes ao longo do período da efetivação dos créditos acadêmicos que precederam a atual fase do Doutorado e que aqui eu gostaria de citar:

(...) Cada homem para si e cada mulher para si, esta é a palavra do presente e do passado e a verdadeira palavra da imortalidade;
Ninguém pode adquiri-la para outrem – ninguém,
Ninguém pode crescer por outrem – ninguém.

A canção é para o cantor, e retorna sobretudo para ele,
O ensino é para o professor, e retorna sobretudo para ele,
O assassinato é para o assassino, e retorna sobretudo para ele,
O roubo é para o ladrão, e retorna sobretudo para ele,
O amor é para o amante, e retorna sobretudo para ele,
A doação é para o doador, e retorna sobretudo para ele,
O discurso é do orador, a atuação é do ator e da atriz, não da audiência,
E nenhum homem entende qualquer grandeza ou bondade senão sua própria,
ou a indicação de sua própria.”¹

¹ WHITMAN, Walt. Uma canção da terra que rola. In: WHITMAN, Walt. *Folhas de Relva*: edição do leito de morte. Org. e Tradução Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011. p.191

Concluída a leitura do poema, ficou-me ainda mais clara a pergunta que não queria se calar: de qual fábula, então, eu estava à procura, senão a de minha própria?

O sentido mais frio e condizente com a racionalidade própria da ciência e da pesquisa que eu havia dado por exigência das normas que regem a produção do Saber no âmbito da Universidade, que é a sua instituição zeladora, por um momento despertou-me algum temor: teria eu sido fiel ao ritual da busca imparcial?

Pensei, entretanto, e concluí que poderia tecer loas sobre o compromisso que tive de me distanciar o tanto quanto possível das minhas afeições pela cidade que aprendi a amar e para a qual havia feito de Sidrim um condutor que me pudesse revelar, além dos seus pilares, seus marcos e léguas, as joias arquitetônicas postas em suas curvas ou nas dobras de sua própria alma, quase a revelar-lhe as entranhas e de meus vínculos com o próprio personagem que buscava compreender na relação com ela.

A procura de ser exata e precisa não impediu, porém, o crescimento de um sentimento que mais do que subjetivo estava determinado pela minha condição de berço. Objetividade esta posta à revelia da vontade, determinação dos meus ossos e músculos, daquilo que sou e daquilo que os outros fazem de mim e que me escapa ainda que eu tenha à mão. Meu amor pela cidade e pelo condutor já era, então, maior.

Mas, seria isso pecado? Perguntei-me.

Então, era a cidade, aquilo que eu queria revelar? Queria eu voltar ao forte da resistência para defender-lhe o patrimônio, tal como no passado? - Ah! Forte do Presépio de Santa Maria de Belém do Grão Pará, volto aos teus pés e, agora, pelas mãos de um arquiteto-engenheiro que ajudou a te vestir de tantos encantos.

Neste momento cheguei a truncar Manuel Bandeira (1886 – 1968) sem esconder a emoção:

Bem, bebelém
Viva Belém,
.....
Nortista gostosa, eu te quero bem.²

O que eu escrevera era a busca de decifrar não uma esfinge, mas um oráculo e a sua casa.

Uma casa, porém, que não era apenas sua, mas, também, uma casa onde ainda faltava uma cadeira para que o homem cuja a história eu acabara de escrever

² BANDEIRA, Manuel. Belém do Pará. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990. p. 210-211.

pudesse sentar para receber as reverências tão próprias daqueles que deixaram sua identidade em um determinado tempo.

E foi esta palavra, identidade, aquela que me levou ao fim da estrada que eu iniciara na busca de entender o que eu queria com a pesquisa e o que eu não sabia que buscava, isto é, a revelação da própria máscara, da “*persona*”.

Mas, qual “*persona*”? O fim, então, se apresentou, neste momento, como outro começo: a máscara de José Sidrim que eu buscava reverberar e entender era a minha própria.

Como já se sabe, as máscaras teatrais, figurando um personagem, “*prosopon*”, tal como concebido no teatro grego, foram feitas para ressoar com a voz do ator, permitindo que fosse bem ouvida pelos espectadores, bem como para dar ao ator a aparência que o papel exigia. Foi esta palavra, traduzida do Latim para o Italiano como “*persona*” (soar através de), que nos deram a ideia de pessoa. Foram elas que nos levaram à caracterização de um personagem: “... o ator que se cobre com uma máscara, se identifica na aparência, ou por uma apropriação mágica, com o personagem representado.” Trata-se, por isso mesmo, de um Símbolo de Identificação.³

Eu saía finalmente do labirinto: ir atrás de José Sidrim era ir atrás de mim mesma.

Foi à sua “*persona*”, à sua máscara, à sua identidade que eu quis dar a voz. Enfim, a máscara que eu vestira, e que depois exporia na hora de subir ao palco até a exaustão de mim mesma, pondo o personagem em cena, far-nos-ia voltar, ator e personagem, ao início do que somos nós a tal ponto de poder entronizá-lo na minha porta, tal como faziam os romanos, como a minha Máscara Identitária.

E tudo isto sem esquecer, como dizia Wislawa Szymborska (1923 – 2012), que:

(...) o mais sublime é o baixar da cortina
E o que ainda se avista pela fresta:
Aqui uma mão se estende para pegar as flores,
Acolá outra apanha a espada caída.
Por fim uma terceira mão, invisível,
Cumpre o seu dever:
me aperta a garganta.⁴

Pano fechado para o início de um ato sem fim.

³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991. p. 595-598.

⁴ SZYMBORSKA, Wislawa. *[Poemas]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 44-45.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para ser desenvolvido como tese de Doutorado gira em torno de um personagem, José Sidrim, que partindo de sua terra de origem, Fortaleza, vem em busca de melhoria de vida em Belém do Pará, no início do século XX, quando a riqueza que aqui circulava engendrava sonhos de prosperidade.

Com o título “José Sidrim: um capítulo da biografia de Belém” o que se pretendeu foi encontrar pontos de convergência entre a sua vida e a história da cidade que lhe acolheu.

Quais seriam as suas expectativas ao empreender uma mudança tão radical em sua vida? Seus planos continham somente suas aspirações pessoais ou também envolviam o restante de sua numerosa família? Num momento em que muitos conterrâneos seus tomavam a mesma direção, fugindo da seca ou de outras condições adversas da vida, deslocando-se em grandes contingentes rumo ao norte do Brasil, de que maneira um jovem de 19 anos, que tinha apenas a formação de desenhista pretendia se distinguir entre os demais? Teria ele imaginado encontrar aqui um oásis de oportunidades para acomodar seus sonhos e realizações? Como ele se ‘desempenhou’ no âmbito de um espaço social totalmente desconhecido? Quais adversidades marcaram a sua trajetória na busca de legitimação como ator social? Teria ele encontrado facilidades no novo Eldorado?

Empreender uma breve viagem pelas aventuras deste personagem exigiu também a busca de decifrar a Natureza e a qualidade das relações sociais aqui estabelecidas de tal maneira que nos possibilitasse a compreensão do quanto lhe foi possível galgar o *status* que acreditávamos ter alcançado. Assim, foi-nos necessário visitar, ainda que de forma breve e concisa os diversos segmentos onde, de alguma maneira, exerceu papel significativo.

Seria, por outro lado, impossível não adentrar na produção resultante dos seus afazeres profissionais se quiséssemos traçar-lhe o perfil “do servidor do Estado”, de forma mais consistente possível.

“Belém: A Pasárgada de José Sidrim” tem a intenção de encontrar respostas para algumas destas perguntas, seguindo seus passos desde a saída de Fortaleza até sua chegada em Belém, tendo como ponto de partida da pesquisa o ano de 1900, quando ele aportou à nova cidade. De forma que a visita aos anos anteriores buscou apenas contextualizar a sua vida no Ceará, numa tentativa de reconstrução das

condições sociais em que vivia sua família, pois os detalhes desse período de sua história eram completamente desconhecidos dos seus descendentes paraenses, o que, de certo modo, por um lado, dificultou o trabalho, mas, por outro, foi extremamente útil para dar densidade à imagem do personagem.

A Imprensa como fonte de pesquisa foi fundamental para o direcionamento da narrativa, assim como também foi indispensável os Relatórios Municipais, o acervo fotográfico e documental recolhido no âmbito de sua família, bem como os preciosos depoimentos familiares.

Estas fontes nos permitiram a construção do processo de formação das raízes que o personagem consolidaria em Belém e que começaram a ser constituídas, praticamente a partir do seu primeiro emprego, de seu casamento, das novas e proíficas amizades, do amplo círculo de relações que começaram a se estabelecer com o desenvolvimento de sua vida profissional que o foram aproximando do poder político local. O capítulo se conclui com o período em que se encerra sua carreira de engenheiro - arquiteto quando se refugia no vilarejo de Benfica, onde dará início a uma nova fase da sua história.

“José Sidrim: um alquimista de saberes” é um capítulo onde se trata do processo de crescimento profissional do nosso personagem e que coincide com o período em que se mantém como funcionário municipal na administração do intendente Antonio Lemos. É a partir deste posto estratégico, como se verá, que José Sidrim percorrerá novos caminhos até chegar a sua qualificação no ramo das Ciências Exatas e Naturais.

Aí também se abordará todo o seu processo de formação, destacando os cursos realizados por correspondência, a construção de sua biblioteca que nos deu as pistas para a compreensão de suas matrizes teóricas. Uma formação que não se deu a revelia dos incentivos dos amigos e do apoio oficial.

Em “José Sidrim: Desenhos para morar, rezar e trabalhar”, aquilo que se fez foi o que nos pareceu absolutamente indispensável para a construção histórica social deste personagem: uma breve reconstituição da sua produção arquitetônica.

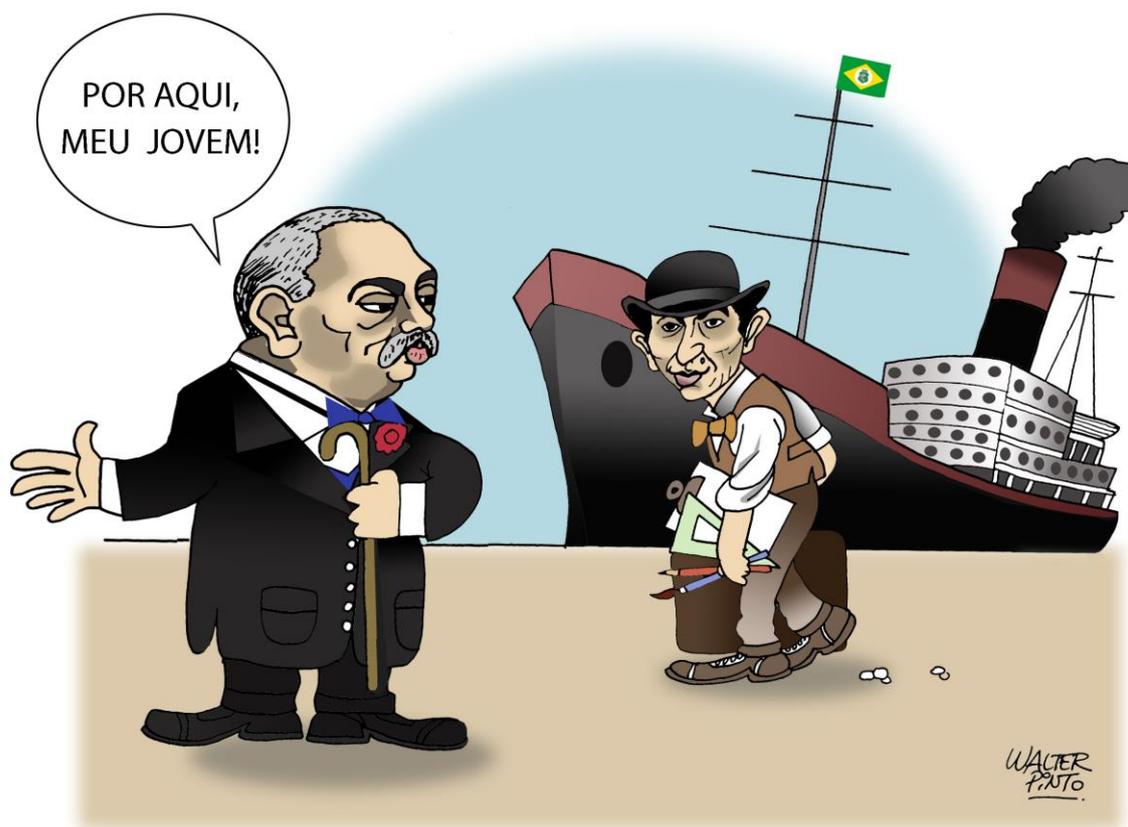
A análise de um conjunto de obras realizadas, permitiu-nos visualizar não apenas o desenhista, o engenheiro-arquiteto, o funcionário público, mas, também, o homem e o intelectual articulado com o seu tempo e muito firme diante da sua compreensão do fazer arquitetônico. Afinal, foi um conhecedor dos ventos trazidos pelo modernismo arquitetônico de Le Corbusier (1887 – 1963), um consumidor das ideias

veiculadas através dos periódicos que tratavam dos temas culturais em debates, conciliando todo o seu conhecimento e experiência de modo a se inscrever no rol dos arquitetos ecléticos mais importantes de nossa história arquitetônica.

Desse modo, convido-os a acompanhar a construção do perfil histórico social desse desenhista cearense, que após intensa participação na trama social de uma cidade em grande efervescência cultural, tornou-se um engenheiro-arquiteto e o escritor de um capítulo da história arquitetônica de Belém do Pará.

Ressalto que não se trata da “Fabricação de um Imortal” ao colocar em evidência o papel social de um homem público.

CAPÍTULO 1:



Belém: A Pasárgada de José Sidrim.

- 1.1. A saída de Fortaleza e a chegada a Belém.
- 1.2. José Sidrim e o poder político local.
- 1.3. Raízes novas.
- 1.4. O autoexílio em Benfica.

“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA”

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

CAPÍTULO 1

Belém: A Pasárgada de José Sidrim.

1.1. A saída de Fortaleza e a chegada a Belém.

No início do século XX, precisamente em 1900, foi quando desembarcou José Freire Sidrim no porto da cidade de Belém do Pará. Sozinho, vinha a procura de dar um novo rumo para sua vida. Como primeiro objetivo, tinha o de se estabelecer na cidade com moradia e trabalho.

Partiu de Fortaleza provavelmente em um dos vapores do *Lloyde Brasileiro* ou de outras companhias que viessem em direção ao Pará e ao Amazonas.

A certeza da chegada deve ter sentido quando identificou na linha do horizonte, a silhueta dos edifícios que margeiam Belém, onde se destacavam o forte do Castelo e as torres das Igrejas da Sé e das Mercês, prédios que até nestas primeiras décadas do século XXI fazem parte da paisagem. Certamente a primeira impressão da cidade, poderia ter sido aquela da fotografia do alemão George Huebner, feita naquele mesmo ano, e na perspectiva de quem vai aportar no cais.⁵ (Figura 1)

Ao se observar um pouco mais este registro fotográfico, a curiosidade se aguça em saber das sensações do jovem Sidrim, diante daquela imensidão da baía do Guajará, formada pela confluência de quatro rios, o Moju, o Guamá, o Acará e o Pará, e, por aquela coloração barrenta que trazem as marcas da passagem do rio Amazonas. Seria desse porto⁶ de peculiar paisagem, que a história de José Sidrim desaguaria em outros percursos.

⁵ Retirada do Álbum “Vistas de Pará. Brazil”, uma publicação de grande valor histórico, de 1905, composto de 32 fotografias de autoria do alemão George Huebner (Dresden, 1862 - Manaus, 1935), considerado um dos principais fotógrafos da segunda geração de europeus que se estabeleceram no Brasil. Disponível em: <<https://ufpadoispontozero.wordpress.com/vistas-de-para-brazil/>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

⁶ O Porto de Belém está situado a uma distância de 120 quilômetros do oceano Atlântico. Sua localização é na margem direita da baía de Guajará.[...] É um porto abrigado, praticamente isento de ventos fortes. Disponível em: <<http://www.cdp.com.br/porto-de-belem>>. Acesso em: 5 set. 2014.



Figura 1: Vista do Porto de Belém, 1900. Fotografia do alemão George Huebner.
Fonte: <https://ufpadoisponzero.wordpress.com>

Ele havia partido de Fortaleza, Ceará – cidade banhada pelas águas claras do oceano Atlântico, razão pela qual apresentava uma vegetação de restinga pela salinidade do solo arenoso, além de passar por grandes períodos de seca – com destino a Belém, cidade localizada em uma região de clima quente e úmido, tipicamente equatorial, com influência direta da floresta Amazônica, onde as chuvas são constantes. Por conseguinte, um panorama distinto a ser vivenciado a partir de então, que, por vezes, poderia ter provocado estranhamento, melancolia e, por outras vezes, ter sido motivo de deleite e satisfação. Segundo Franciane Lacerda “... a seca, o sertão, a chuva, a floresta e os rios são elementos intimamente ligados à História dos sujeitos sociais envolvidos no processo migratório”.⁷ Como tudo isso teria interagido com José Sidrim?

Historicamente o deslocamento dos cearenses em direção aos estados do Norte do Brasil é identificado “... a partir das últimas décadas do século XIX, ao longo de todo o século XX, e ainda hoje, observa-se a vinda de migrantes de diversas áreas da região Nordeste”⁸. É na virada do século XIX para o XX, no momento da intensa “... atividade econômica com a extração do látex”, associada à “... nascente República brasileira, com seu ideário de progresso e civilização” que provocam segundo Lacerda, o aumento no fluxo dessa movimentação. Lacerda também considera as “... crises políticas, declínio da produção agrícola e, sobretudo grandes secas, como as de 1889 e a

⁷ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açáí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 88.

⁸ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açáí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 16, 17.

de 1915”, como elementos importantes “para a ida de grande número de cearenses para a região amazônica”⁹.

Palma Muniz¹⁰ atribuiu a gênese dessa migração, a “... vultosa extensão paraense”, de 2.046.732 km da Província do Pará, possuindo necessidade de “... habitantes para povoar o solo e os braços para cultivá-lo”, exigindo para tal um “... grande concurso imigratório”.

A busca de explicações para tão constante movimentação do Nordeste em direção ao Norte levou Roberto Santos¹¹ a escrever um livro, cujo título expressa sua curiosidade, “*Para a Amazônia: por quê?*” e nele chega a enumerar seis razões para a vinda dos nordestinos para aquele destino:

- a) o preconceito do próprio trabalhador nordestino relativamente ao trabalho nos cafezais que era tradicionalmente considerado como escravo; b) ilusões do enriquecimento rápido a que o boom da borracha expunha os nordestinos; c) pela propaganda e arregimentação realizada por prepostos de seringalistas do Pará e do Amazonas em Fortaleza, Recife e Natal; d) subsídios que os governos do Pará e Amazonas concediam ao transporte de imigrantes em vista dos programas de colonização agrícola; e) proximidade e facilidade do transporte de cabotagem até o porto de Belém, nesse tempo maiores que para o sul; f) pela ruptura da resistência dos senhores de terra nordestina a saída de homens.

São conclusões possivelmente retiradas da vivência do Autor, de suas leituras e observações, que, no entanto, para Franciane Lacerda, prejudicam nas conclusões científicas por não apresentarem “... ao leitor as evidências que lhe permitiram tais constatações”.

Fica difícil enquadrar a partida de José Sidrim nesse contexto.

A cidade de Fortaleza se consolidou “... como polo econômico – social hegemônico da região na segunda metade do século XIX, a partir da grande exportação

⁹ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açaí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p.17.

¹⁰ MUNIZ, João Palma. *Estado do Grão-Pará. Imigração e Colonização – História e Estatística 1616-1916*, publicação oficial, solicitada pelo Ministério da Agricultura Indústria e Comércio – Diretoria do Serviço de Povoamento, em 1916, com intenção organizar o trabalho ‘História da Colonização e Imigração do Brasil’. in. LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açaí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 57.

¹¹ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980, p. 5. In: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açaí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 73.

de algodão para o mercado externo (décadas de 1860 -1870) ”¹². O “aformoseamento” das principais praças aconteceu entre 1902-1903 e a construção do Teatro José de Alencar só em 1910. A cidade de Belém desde o final do século XIX já vinha passando por profundas intervenções em seu traçado, com a implantação de novos equipamentos e serviços urbanos que a tornavam de tal maneira semelhante às cidades europeias que recebeu uma nova denominação, “Francesinha do Norte”.

A capital paraense representava um grande polo de atração no cenário nacional e internacional, com possibilidades de negócios e empregos, consequência do período em que a região Norte do Brasil usufruiu do monopólio extrativista da borracha. Desde o final do século XIX, a exportação da produção da borracha despertou o interesse internacional, por sua aplicação industrial, pelo período de 1870 a 1912. A cidade de Belém, como consequência da riqueza que circulava, experimentou um crescimento comercial e demográfico nunca visto, chegando a figurar como o maior centro de comércio do País.

Esses ares de progresso, conjugados à boa situação econômica, teriam contribuído com a decisão de José Sidrim em deslocar-se para a metrópole da Amazônia, na expectativa de encontrar um emprego estável que lhe desse a condição de retornar o mais breve possível para casar-se com a noiva que ficara em Quixadá¹³, sua prima Wolitza Lima.

José Sidrim era o filho primogênito de Emiliano Correia Sidrim, natural de Maranguape, e de Amélia Freire Sidrim, natural de Sobral. Nasceu no dia 2 de maio de 1881, em Fortaleza, Ceará, possuía mais dez irmãos: Joaquina, Antônio, João, Pedro, Paulo, Francisco, Emiliano, Amélia, Carlos e Raimunda.

Seu pai era empregado da Estrada de Ferro de Baturité (Figura 2) e sua mãe tinha irmãos bem posicionados na sociedade daquele período, em Fortaleza, como os coronéis Virgílio e Francisco Napoleão e João e Raymundo Napoleão. Estes eram amigos do proprietário do jornal *A República*¹⁴, em cujas páginas encontram-se registradas as suas presenças e participações em diversos eventos da sociedade local.

¹² PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque, reformas urbanas e controle social 1860 -1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf, 1993. Introdução.

¹³ Quixadá é um município do estado do Ceará localizado na Mesorregião dos Sertões Cearenses. Uma de suas características mais marcantes são formações rochosas, os monólitos, nos mais diversos formatos.

¹⁴ A República, jornal político, fusão do Libertador e do Estado do Ceará, fundado em 30 de março de 1892. Último redator Antonio Arruda. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br>>. Acesso em: 6 dez. 2015.



Figura 2: Fachada da Estação da Via Férrea de Baturité.

Fonte: <http://www.ofipro.com.br/preservando/estacao.htm>.

As famílias no Brasil, do século XIX e início do XX, possuíam muitos filhos. Da esposa era a responsabilidade pelas tarefas domésticas e a educação das crianças, ao marido cabia a garantia do sustento do lar, a competência de zelar por sua segurança e conforto material, e nas classes mais abastadas, também competia proporcionar o estudo aos filhos¹⁵.

Emiliano Correia Sidrim, como todo chefe de família da época, tinha muitos encargos a serem cumpridos, dependendo apenas da remuneração de empregado da Estrada de Ferro de Baturité, onde também era funcionário seu filho José Sidrim, que possivelmente ali estava, para ajudá-lo nas despesas da casa, ou para dar conta do próprio sustento, incluindo o custeio de seus estudos, como o curso de Desenho, que o qualificou a tentar a vida profissional no estado do Pará. A presumida dificuldade de seu pai perante seus compromissos financeiros se confirmou nas páginas do jornal *Libertador*¹⁶, de 1890, em um edital publicado pelo “Inspector do Thesouro do Estado do Ceará” no qual convida “... os contribuintes abaixo declarados” a pagarem os seus débitos, “... proveniente do imposto sobre indústrias e profissões, de 1885 a 1888, no praso improrrogável de vinte dias, ...”. Entre os devedores encontrava-se Emiliano Correia Sidrim. Não foi possível identificar de qual desempenho profissional estava sendo cobrado o tributo, quanto a possibilidade de tratar-se de um estabelecimento industrial, o contexto analisado descarta tal hipótese. O intervalo delimitado pelo débito corresponde ao do nascimento dos filhos. Em 1885, José Sidrim deveria ter quatro anos de idade e, pelo costume desse período, da procriação nas famílias de um filho por ano, aquela altura, provavelmente, já teria em torno de sete crianças.

¹⁵ Alguns artigos sobre o tema encontram-se disponíveis em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-familia-brasileira/44883/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

¹⁶ Disponível em <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

A viagem de José Sidrim para o Pará, provavelmente começou a ser pensada tendo como uma de suas motivações as dificuldades financeiras vivenciadas em família. Ele, como filho mais velho, deveria sentir a responsabilidade de encontrar saídas para aquela situação. Estavam postas as condições que Herbert S. Klein considerava decisivas para que a migração se realizasse, o momento em que “... as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem”¹⁷.

O emprego na estrada de Ferro de Baturité provavelmente veio por intermédio das relações influentes dos tios maternos, que também poderiam estar por trás das indicações e contatos para a vinda do sobrinho para Belém.

A sugestão para a construção dessa hipótese veio através de uma notícia do jornal *A Republica*¹⁸, ao destacar a chegada em Fortaleza “do ilustre presidente da Assembleia Legislativa de Manaus”, o Dr. Eduardo Ribeiro¹⁹, chefe político do Partido Concentracionista do Amazonas, que “desembarcou a bordo do paquete ‘Olinda’ vindo do Pará, por motivos de saúde”. Estava sendo aguardado na praia, nas imediações da Santa Casa de Misericórdia, por “numerosos cavalheiros e pessoas gradas”, entre estas constava a presença do Coronel Virgílio Napoleão. A nota sugere vínculos de relacionamentos do tio com personalidades da Amazônia. Vislumbram-se por aí possíveis elos que podem ter consolidado a ideia da vinda de José Sidrim para Belém.

Em 1900, ano de sua viagem, era grande o contingente de imigrantes cearenses se deslocando para a Amazônia. A razão para tanto, não deve ser associada apenas à seca, o próprio governador do Ceará, José Freire Bezerril Fontenelle, em 1894, afirmava que “... os Invernos tinham sido ‘mais que regulares’ nos últimos dois anos,

¹⁷ KLEIN, Herbert S. “Migração internacional na história das Américas”. In FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*, 2000, p.13. In: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açaí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 170.

¹⁸ *A Republica*, jornal político, fusão do *Libertador* e do *Estado do Ceará*, fundado em 30 de março de 1892. Último redator Antonio Arruda. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

¹⁹ Eduardo Gonçalves Ribeiro (São Luís: 18 de setembro de 1862 — Manaus, 14 de outubro de 1900) político brasileiro. Foi governador do Amazonas, de 2 de novembro de 1890 a 5 de maio de 1891 e de 27 de fevereiro de 1892 a 23 de julho de 1896. Entre suas ações mais importantes, estão a construção do Teatro Amazonas, o Reservatório do Mocó, a Ponte de Ferro da 7 de Setembro, o Palácio de Justiça e inúmeras outras obras, que transformaram Manaus na conhecida Paris dos Trópicos. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

mas mesmo assim não tinha diminuído o ‘êxodo’²⁰. Para alguns historiadores esse itinerário era quase natural, pois consideravam a Amazônia como a “... segunda pátria cearense”.²¹ Lacerda analisando a fala dos presidentes da Província e dos governadores do Ceará, nos períodos compreendidos pelos anos de 1888 e 1916, destaca duas ideias centrais em seus discursos. Em um primeiro momento possuíam a intenção “... de manter a todo custo as populações atingidas pela seca no próprio Ceará” e depois, premidos pela realidade, acabavam cedendo diante da “pressão dos próprios flagelados que seguiam em busca de socorro do Estado ou da caridade pública”, e pelo “grande número de mortos”, acabavam por liberar a saída dos sertanejos. Lacerda ainda esclarece que a migração se dava para o Norte ou para o Sul nos períodos da seca, “... tornando-se uma alternativa do Estado e não uma solução para o problema”.²²

O deslocamento do Ceará até o Pará era feito de navio, os custos nem sempre eram viáveis para pessoas em situação de extrema miséria, era necessário o incentivo público. Os vapores saíam do porto de Fortaleza três vezes por mês, conduzindo passageiros para os portos do Sul e do Norte²³.

Entre as notícias que circulavam pelos jornais em 1900, estavam as relativas à peste bubônica, que grassava de forma epidêmica no Ceará. As providências tomadas pelo Serviço Sanitário Marítimo do porto de Belém foram as de intensificar as “fiscalizações no ancoradouro”. Franciane Lacerda ressalta que “... os vapores que transportavam passageiros para o Pará não vinham apenas com portadores de bilhetes de 3ª classe, mas também com passageiros de maior poder aquisitivo”, e as medidas de fiscalização sanitária recaíam “... apenas para os passageiros de terceira classe que vinham do Ceará”²⁴.

²⁰ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açai; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 178, 179.

²¹ CRUZ FILHO. História do Ceará – Resumo Didático. São Paulo: Melhoramentos. In: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açai; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 82.

²² LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açai; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 178.

²³ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açai; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 172.

²⁴ A *Folha do Norte*, de 2 de outubro de 1900, noticiava que os passageiros de terceira classe purgariam em uma “quarentena no Outeiro”. In: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açai; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 208, 209.

Os embarques rumo a Belém nos paquetes do *Lloyde* Brasileiro foram descritos pelo funcionário do Governo Federal, como um espetáculo doloroso de ser assistido pelos moradores de Fortaleza, eram grupos de 700 a 800 pessoas, descritas como “válidas e na flor da vida”²⁵.

Em um navio como estes, em outra classe, embarcou José Sidrim, e dali certamente contemplou todas essas cenas enquanto digeriria as emoções da despedida com a família.

Ao sair de casa, rumo ao porto, vinha remoendo sobre a secura do adeus de sua mãe Amélia: o que teria acontecido? “Minha mãe, tão amiga, tão carinhosa que é?!”²⁶ Foi quando resolveu retornar a casa, e lá voltando a encontrou no seu quarto, deitada na rede em que ele dormia, abraçada com suas roupas. Concluiu, mais tarde, que havia sido um erro voltar, aquele novo cenário era muito mais difícil para uma despedida. Anos mais tarde, confidenciou aos familiares que desde então “não me despeço duas vezes de ninguém”.

Coincidentemente, Amélia era também o nome da mãe de Alfredo, personagens do romance *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir (1909 – 1979), que também estranhou o jeito diferente da mãe ao despedir-se dele:

Não viu na mãe esta lágrima. Benção em seus lábios, aquele colo no abraço, sentiu isso, com uma avidez, um desamparo, era dormindo, era acordando e foi o que restou durante a noite.
Na primeira semana, vagou pela casa, com a cena da despedida na cabeça.²⁷

O jovem Sidrim acabava de deixar a casa dos pais, em busca de oportunidades de trabalho, à cata de sua própria história, na esperança de realizar seus sonhos e ainda ajudar a família.

Além da hipótese de que os tios maternos com seus conhecimentos influentes poderiam ter obtido algumas referências de contatos em Belém, encontrou-se também na memória de um parente próximo, uma resposta para mesma indagação²⁸. Em

²⁵ LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açai; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p.193.

²⁶ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim. *José Sidrim*. Belém, 20 mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

²⁷ JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. p.106. (Coleção Ciclo do Extremo Norte).

²⁸ Recorreu-se aos procedimentos metodológicos estimulados pela História Oral, da construção de fontes de pesquisa. Como material de análise, foram empregadas as narrativas e entrevistas de familiares,

entrevista realizada em 1986, a nora Rosita Duarte Sidrim²⁹, apresentou outra provável suposição:

O amigo dele que o encaminhou foi o Dr. Álvaro Adolfo, que era conterrâneo dele, filho de Fortaleza, advogado. Ele que o apresentou a sociedade possibilitando o início de sua vida como arquiteto, com a qual ficou muito conhecido aqui.

Seguindo estas indicações concluiu-se que se tratava de Álvaro Adolfo da Silveira (1882 – 1959), cearense, nascido no município de São Benedito, em 1882, e falecido no Rio de Janeiro, em 1959, no exercício do mandato de senador pelo estado do Pará. Era filho de pais cearenses e veio para Belém estudar na Faculdade de Direito³⁰, onde concluiu seu curso em 1908³¹. Talvez o que tenha atraído para o Norte do País foram acenos dados por seu avô materno Antonio Joaquim da Silva Carapeba³², pessoa de muitos envolvimento políticos e administrativos, que devem ter expandido as suas relações até à região Amazônica, tomando então conhecimento das inúmeras vantagens que os processos de plantação e exportação do látex agregavam.

Muitos anos depois, José Sidrim, em torno dos 70 anos de idade, conversando com Naeff Nassar³³, deu-lhe a impressão, de que sua vinda para Belém havia sido uma escolha dentre outras opções possíveis, que com ele não havia sido uma simples obra do “destino dos cearenses” ao deslocar-se para sua “segunda pátria”. Ele

conhecidos ou contemporâneos, usando como referência a teoria de DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidade*. p.15.

²⁹ SIDRIM, Rosita Duarte. *José Sidrim*. Belém, set. 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

³⁰ A Faculdade Livre de Direito foi fundada em Belém no primeiro ano da administração de Augusto Montenegro. Os esforços particulares do Governador junto às intendências e conselhos municipais em busca de subsídios foram responsáveis para que essa instituição de ensino se mantivesse nos seus primeiros anos antes de vir a se integrar a Universidade Federal do Pará. Ver MEIRA, Octávio. *A “Belle Époque” de Augusto Montenegro*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1967. p. 13-14. Palestra pronunciada na comemoração do centenário do ex-Gov. Augusto Montenegro, na Faculdade de Direito do Pará. Homenagem do Governo Alacid da Silva Nunes.

³¹ Álvaro Adolfo deve ter superado as expectativas familiares, pois no Pará, além da formação em Direito, transformou-se em pecuarista, professor e ingressou na Política em 1911, pelo Partido Conservador. Em 1935, quando foi promulgada a nova Constituição do Estado, filiou-se ao Partido Liberal do Pará, fundado por Joaquim Cardoso de Magalhães Barata, principal chefe local da Revolução de 1930 e interventor federal no Estado, também foi senador da República Nova com o mandato iniciado em 1945. Com o passar dos tempos foi adquirindo bastante poder e influência no estado do Pará.

³² Antonio Joaquim da Silva Carapeba exerceu o mandato de deputado provincial pelo Ceará, tendo também exercido, por volta de 1872, os cargos de subdelegado e, posteriormente, o de substituto de juiz municipal em São Benedito. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

³³ Naeff Nassar era casado com Renée Sidrim Nassar, neta de José Sidrim, filha de Olavo e Rosita Sidrim.

possuía uma remota lembrança de ter ouvido José Sidrim expressar que entre o Sul e o Norte sua atração foi por Belém do Pará³⁴.

Cruzando as hipóteses com os depoimentos colhidos, fica configurado um painel de possibilidades com as quais José Sidrim deve ter se envolvido no momento da importante decisão a ser tomada, para onde, como e quando partir. Para dar tal passo deveriam estar definidos os contatos a serem estabelecidos, referências a serem apresentadas e o endereço para moradia na cidade escolhida.

Seu primeiro endereço foi no bairro da Cidade Velha, na Rua Dr. Assis esquina com a travessa Dom Bosco. Um ponto nobre da cidade, ao lado da Igreja do Carmo, nos altos do Palácio Velho, edifício que originariamente teria servido de “residência dos Capitães – Generais do Pará e Maranhão durante os séculos XVIII e XIX”,³⁵ prédio de valor histórico, em cuja água furtada³⁶ José Sidrim deu início à sua temporada na cidade. (Figuras 03 e 04)

Foi nesse endereço em que vivenciou uma particular experiência, em uma manhã ao acordar, teve a nítida sensação de alguém passando sob sua rede, e com o amigo que dividia o quarto comentou o ocorrido. Havia tido a impressão de que sua mãe havia morrido e que tinha passado para se despedir. O amigo, que era telegrafista³⁷, o acalmou, dizendo que iria verificar no trabalho se havia chegado do Ceará algum telegrama para ele. Ao regressar, trouxe a confirmação do sentimento do filho, a triste notícia, de certo modo, explicava a dupla despedida da partida.

³⁴ NASSAR, Naeff Leite. *José Sidrim*. Belém, 16 set. 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

³⁵ CRUZ, Ernesto. *As edificações de Belém: 1783-1911*. Belém: Conselho Estadual de Cultura de Belém, 1971. (Coleção História do Pará. Série Arthur Vianna).

³⁶ Água furtada é a denominação dada em Arquitetura para o último andar de um edifício, quando a janela (ou as janelas) desse andar abrem sobre o telhado.

³⁷ O telegrafista era o profissional responsável por transmitir e receber mensagens por meio de um código próprio, conhecido como código Morse, em homenagem a seu inventor, Samuel Morse. O telégrafo foi o primeiro aparelho utilizado para comunicação à distância. Em 1866, o primeiro cabo telegráfico submarino passou a ligar permanentemente a Europa à América. Daí em diante, as tecnologias de comunicação a distância evoluíram com rapidez e a profissão foi extinta. Disponível em: <<http://www.laifi.com/laifi>>. Acesso em: 2 jan. 2016.



Figura 3: Igreja do Carmo, Belém - Pará.

Fonte: Álbum de Belém Pará, 15 de novembro de 1902. Edição F. A. Fidanza.



Figura 4: Palácio Velho, localizado ao lado da Igreja do Carmo, Belém - Pará.

Fonte: Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com>>. Acesso em: 2 jan. 2016.

A notícia também foi confirmada pelo “*O Jornal*”³⁸, de 26 de outubro de 1900: “Faleceu em Fortaleza, dona Amélia Freire Sidrim, esposa de Emiliano Sidrim

³⁸ *O Jornal* foi publicado em Belém-Pará pela primeira vez no dia 16 de setembro de 1900, e a partir daí com mais 93 edições, definindo-se como “órgão político, comercial, noticioso e literário”, apresentava seu conteúdo em seis colunas e quatro páginas: assuntos políticos, de comportamento “A vida elegante” e folhetins. As dimensões do jornal tinham o propósito de ser apropriada à leitura e manuseio nos bondes da cidade. O diretor era José Marques de Carvalho. O valor do número avulso era de 120 réis. Informações contidas no trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado em Guarapuava (PR) entre os dias 28 e 30 de abril de 2010. Comunicação & História: a Imprensa de Belém no alvorecer do século XXI. FERNANDES, Phillippe; SEIXAS, Netília. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. Disponível em: <file:///C:/Users/Microsoft/Downloads/Comunicacao%20-%20Historia%20a%20imprensa%20de%20Belem%20no%20alvorecer%20do%20seculo%20XX.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2016.

...”, talvez reproduzindo a nota dada na primeira página do jornal cearense *A República*, de 15 de outubro de 1900, na secção dos “Registro de Mortos”:

Depois de longos e cruciantes padecimentos, faleceu hontem às 7 e 40, da noite, de paralytia intestinal, e sepultar-se á hoje às 4 horas da tarde, a exm.^a sr.^a d. Amélia Freire Sidrim, espoza do empregado da E. de F. de Baturité o nosso amigo Emiliano Correia Sidrim. A virtuosa senhora apenas contava 38 anos de idade e era o exemplo da mulher cearense como filha, espoza e mãe e desaparece do meio dos vivos cõnschia de ter n’este mundo cumprido virtuosamente a sua missão, levando a dôr da saudade de doze filhinhos, inclusive um lindo anjinho de 2 mezes, os quaes não podem avaliar a perda que soffreram.

Por tão duro golpe apresentamos os nossos sentimentos de profundo pezar a toda sua família, com especialidade a nossos amigos Virgilio e Francisco Napoleão, João e Raymundo Napoleão, irmãos da saudosa extincta.³⁹

A notícia da morte de Amélia Sidrim trouxe à luz detalhes da vida de José Sidrim que haviam ficado para trás, sem registro na memória dos familiares entrevistados em Belém. A preciosidade das minucias descritas nas participações e agradecimentos fúnebres revelou aspectos que devem ter atingido profundamente o filho distante, quando procurou se inteirar das causas dos pressentimentos vivenciados, e também foram muito elucidativas para a presente narrativa.

Alguns dias passados, no mesmo jornal, na secção “Tribuna do Povo”, encontrou-se a publicação do agradecimento aos que haviam comparecido ao enterro e o convite das missas⁴⁰ que iam ser celebradas na matriz do Patrocínio⁴¹ (Figura 5), e logo abaixo, do esposo e filhos a manifestação de “Homenagem e gratidão”:

Emiliano Sidrim e seus filhos, ainda sob a dolorosa impressão do angustioso transe do passamento de sua sempre adorada mulher e mãe, Amélia Freire Sidrim, profundamente penhorados, beijam a mão caritativa a quantos espontaneamente se dignaram verter o bálsamo celestial da resignação e da

³⁹ *A República*, Fortaleza, ano 9, n. 236, 15 out. 1900.

⁴⁰ Também foi encontrado um registro de Missa na Igreja do Rosário, nas “Notas diárias” do jornal *A República*: “Hoje resaram-se no Rosário, ás 7 horas da manhã, missas pelo descanso de d. Amélia Freire Sidrim”. *A República*, Fortaleza, ano 11, 39. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

⁴¹ *A República*, Fortaleza, “TRIBUNA DO POVO. Amélia Freire Sidrim. Emiliano Sidrim e seus filhos, Virgílio F. Napoleão, João Freire Napoleão, Francisco Freire Napoleão, Abílio Freire Napoleão, (auzentes), Hermelinda Freire Lima, Enedina Freire Vasconcellos, Maria Freire Saboia, Leonilia Freire Araújo, (auzentes), Rogerio Sidrim, Jovina Sidrim, Odorica Sidrim, Maria Sidrim Costa, testemunham do íntimo d’alma imparecível gratidão a todos quantos se prestaram a acompanhar os queridos despojos de sua mulher, mãe, irmã e cunhada Amélia Freire Sidrim, à morada final, e de novo rogam o caridoso obséquio, de ouvirem as missas com que mandam sufragar a alma da desditosa recém finada, amanhã, às 6 horas do dia na matriz do Patrocínio”. Por não se tratar de matéria de primeira página não foi possível identificar a data. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

amisade sobre a grande e incalculável desventura com que aprouve feri-lo a divina Providencia.

Apezar do vasio immenso que ora se abre em torno de sua existência, sentem, comtudo, condensar-se, cada vez mais o sentimento de gratidão, único bem que pode enthesourar, para agradecer a inexgottavel somma de confortos e carinhos que à sua inesquecível morta levaram o reverendíssimo Monsenhor João Dantas Ferreira Lima, e as exmas. sras. dd. Philadelphia Laura de Alcantara, Francisca Paula Rocha, Antonia Vilaça Theophilo, dr. João Marinho de Andrade, dr. José Lino da Justa, exmo. sr. dr. Pedro Augusto Borges.

Ao virtuoso Monsenhor João Dantas, apóstolo da religião e do bem e a tão distintas senhoras, hypothecam o seu eterno reconhecimento.

Além do estilo da escrita da época, em descrever o sofrimento causado pela perda de uma pessoa amada, o texto também deixa transparecer as relações de amizade mantidas pela família Freire Sidrim com “distintas” senhoras da sociedade, com doutores que deveriam ter integrado uma junta médica, entre os quais vêm em relevo o nome do “exmo. sr. dr. Pedro Augusto Borges”⁴², médico de formação, que naquele momento ocupava o cargo da Presidência do Estado do Ceará em substituição ao Dr. Nogueira Accioly. Outra personalidade destacada nos agradecimentos é a do Monsenhor João Dantas⁴³ que por seu trabalho junto à diocese de Fortaleza e, por sua empatia com a comunidade local, foi homenageado pela cidade com a denominação de uma rua no bairro de Jacareacanga.

⁴² Pedro Augusto Borges diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1873, com a defesa da tese “Os Obstáculos ao parto provenientes do collo do útero e suas indicações”, ao retornar ao Ceará “entregou-se à clinica e teve ocasião de prestar relevantes serviços durante o calamitoso período de 1877 a 1879, e mais tarde na gloriosa campanha abolicionista, o que lhe valeu o desterro para a Colônia Chopin, na qualidade de médico militar”. Proclamada a República, Pedro Borges entregou-se às seducções da politica e a ella tem devido a sua eleição para Deputado ao Congresso Nacional nas Legislaturas de 1894 e 1897, sua escolha para substituto do Dr. Nogueira Accioly na Presidência do Estado, da qual foi empossado a 12 de julho de 1900 e sua entrada para o Senado nas eleições procedidas em 1904 e 1912. Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

⁴³ João Dantas Ferreira Lima - Filho de José Ferreira Lima e de Maria Claudina de Jesus Dantas, nasceu em Baturité, em 23 de janeiro de 1851. Fez os estudos preparatórios no “Collegio Atheneu Cearense” e no Seminário de Fortaleza para o qual entrou em 1867. Por decreto de 23 e portaria do Ministério da Guerra de 26 de março de 1889, foi nomeado “Capellão-Tenente do Corpo Ecclesiastico do Exercito”. Em 8 de abril do mesmo ano foi mandado a servir na Escola Militar da então Província do Ceará. Com o advento da República, foi desligado em maio de 1890 da Escola Militar e chamado para o Rio de Janeiro, ali chegando foi nomeado “Capellão do Hospital Militar no Morro do Castello” e, em setembro foi transferido para o Arsenal de Guerra. Voltou para o Ceará por ocasião em que vagou a “Capellania da Guarnição do Estado do Ceará”, por consequência o 11º Batalhão de Infantaria foi para lá transferido. Em fevereiro de 1892 foram reformados por decreto e pela compulsória todos os “capelães” do Exército, e nesse grupo estava o Monsenhor Dantas. Foi nomeado Promotor do Bispado, em 6 de junho de 1894 e pároco da “Freguezia de S. Luiz de Gonzaga - Nossa Senhora do Patrocínio” em Fortaleza, desde 9 de fevereiro de 1896.

A 30 de julho de 1900 foi distinguido com o título de Monsenhor e Camareiro Secreto Supranumerário de Sua Santidade o Papa Leão XIII. Fonte: Dicionário Bio-bibliográfico Cearense-Barão de Studart. Disponível em: <<http://portal.ceara.pro.br/index.>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

As notas dos jornais citados servem para revelar a posição da família de Emiliano Freire Sidrim junto à sociedade cearense da época, os relacionamentos com pessoas influentes, como autoridades civis e religiosas. Fatos que consolidaram a hipótese de que a decisão tomada por José Sidrim de sair do Ceará em busca de seu futuro foi uma atitude de alguém que ansiava seguir suas próprias trilhas, sem interferências dos prestígios dos familiares, que, pelo visto, não teriam dificuldades em auxiliá-lo com indicações de trabalho.



Figura 5: Igreja Nossa Senhora do Patrocínio - Praça José de Alencar, Fortaleza – Ceará.

Fonte: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br>>. Acesso em: fev.2014.

Quem sabe o sobrenome “Napoleão”, assumido pelos tios maternos de Sidrim, representasse para ele posturas ideológicas, éticas ou políticas não afinadas com as suas. São meras especulações surgidas em decorrência de que nos convites fúnebres, suas tias e a própria mãe se apresentam somente com o sobrenome “Freire”. Constatou-se também que a família “Freire Napoleão” possuía boa inserção nas esferas dos poderes locais e, mesmo assim, José Sidrim considerou que era melhor partir. E mais tarde, no decorrer de sua vida profissional em Belém, quando firmava a autoria de seus projetos e de seus compromissos formais, adotava apenas José Sidrim ou ainda J.Sidrim. Essa sua atitude ajudou a reforçar que sua maior identificação era com suas origens paternas.

Belém, a cidade escolhida, vinha passando no momento de sua chegada, por importantes intervenções urbanas, graças ao dinheiro advindo da exportação da

borracha e ao empenho de seus governantes em atualizar a metrópole da Amazônia, aos modelos das grandes cidades europeias, tendo como foco a “Cidade Luz”, Paris. Porém com muita coisa por fazer e um mercado promissor disponível.

1.2. José Sidrim e o poder político local

1.2.1. O círculo do poder político local

O Império havia passado. Vivia-se no Brasil o triunfo e a consolidação da sociedade burguesa como classe dominante, em decorrência do projeto político republicano brasileiro, que havia descentralizado a administração do País. O presidente do Brasil era Manuel Ferraz de Campos Sales (1841 – 1913), que sucedeu o presidente Prudente de Moraes.

No estado do Pará, no final do século XIX, como resultado do primeiro pleito direto para eleição de governador e vice, foram vencedores, respectivamente, José Paes de Carvalho (1850 – 1943) e o major Antônio Nicolau Monteiro Baena (1833 – 1898), substituindo Lauro Sodré, com mandato correspondente ao período de 1897 a 1900. À frente da Intendência Municipal encontrava-se Antonio Lemos (1843 – 1913), considerado o grande artífice das transformações pelas quais passava a cidade, integrante do Partido Liberal.

Era justamente o momento de disputa no governo do Estado, quando José Sidrim chegou a Belém. O grande assunto que repercutia pela cidade era a derrota do Senador Justo Chermont (1857 – 1926) e a vitória de Augusto Montenegro no pleito para eleição do Governador do Estado do Pará⁴⁴. Este acontecimento abriu um novo ciclo político identificado como a “era Antonio Lemos”, pelo preponderante papel que o Intendente desempenhou para o resultado do pleito e por sua eficiente atuação perante a Intendência Municipal.

O senador Antonio Lemos encontrava-se como intendente desde 1897, e concluiu seu mandato e carreira política em 1911, com grande tumulto em Belém e

⁴⁴ Maior aprofundamento sobre este assunto consultar: MEIRA, Octávio. *A “Belle Époque” de Augusto Montenegro*. Palestra pronunciada na comemoração do centenário do ex - Gov. Augusto Montenegro, realizada a 26 de junho, na Faculdade de Direito do Pará. Publicado em 1967 – Ano do Centenário do Dr. Augusto Montenegro. Homenagem do Govêrno Alacid da Silva Nunes e em ROCQUE, Carlos, SOARES Antonio José atualização de texto: *História Geral de Belém e do Grão-Pará* / Carlos Rocque: – Belém: Distribel, 2001.

repercussão por todo País, chegando em 1912 a ser expulso da cidade por uma revolta encabeçada pelos lauristas⁴⁵. A combinação desses dois administradores foi muito fértil em realizações, com obras estruturantes no Pará e em Belém.

A Amazônia ainda gozava dos benefícios do monopólio da exportação da borracha, e, por conseguinte, de seus efeitos de grande euforia social e cultural. A cidade de Belém possuía uma sociedade tão ávida pelo consumo de notícias que chegou a possuir nesse momento doze jornais, entre eles cinco de circulação diária, alguns com um corpo editorial formado por profissionais portugueses, italianos e franceses. A influência estrangeira era ampla, seja pela dependência financeira – as transações econômicas e investimentos políticos da Inglaterra e Estados Unidos – e seja pela influência cultural da França, símbolo máximo da modernidade experimentada no mundo.

Contribuindo para a construção deste panorama, estava a administração do intendente Antonio Lemos. Aos moldes do Barão de Haussmann (1809 – 1891) em Paris, idealizou e concretizou um plano de abertura de *boulevards*, novas vias e novos bairros, na perspectiva de estruturar Belém para sua expansão futura, tendo como horizonte o marco da primeira légua patrimonial da cidade. (Figura 06)

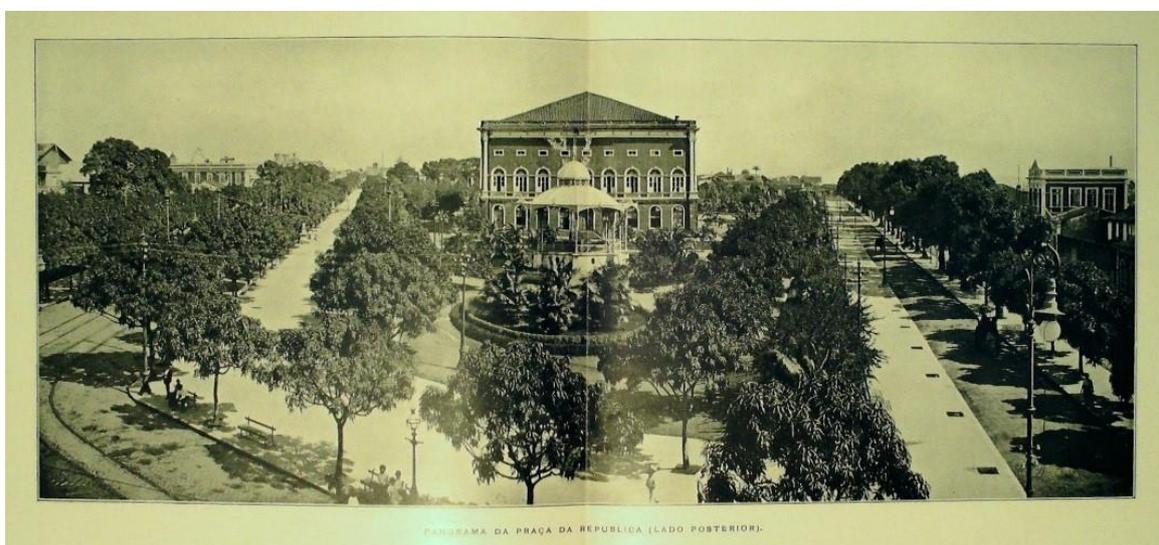


Figura 6: Praça da República - fachada posterior do Teatro da Paz.
Fonte: Álbum de Belém Pará 15 de novembro de 1902. UFPA 2.0 ufpaadoispontozero.

⁴⁵ Ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002 e ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph, 1976.

O grande canteiro de obras que havia se tornado a cidade, e com promessas de outras realizações, compunha o mais adequado cenário para as pretensões de um desenhista recém-chegado à metrópole amazônica “em busca de uma colocação”.

Como José Sidrim conseguiu penetrar neste universo? Não foram descobertos os detalhes, porém, as hipóteses construídas no início da narrativa têm bases confiáveis de se prosseguir em seu aprofundamento. Possivelmente, as relações influentes que a família possuía no Ceará devem ter indicado percursos a serem seguidos quando chegasse a Belém.

Superando as lacunas do roteiro percorrido por Sidrim, a mais próxima referência oficial desde sua chegada foi a de um documento datado de 10 de março de 1903, tratando da concessão de uma licença remunerada para tratamento de saúde (Figura 7), concedida por Antonio Lemos nos seguintes termos:

O Intendente Municipal de Belém, nos termos da Lei nº 75 de 30 de Maio de 1896, concede a José Sidrim, Desenhista da Secção de Obras, com ordenado, dois meses de licença para tratar de sua saúde onde lhe convier.
Gabinete do Intendente Municipal de Belém
10 de Março de 1903.
Antonio José de Lemos, Intendente

Intendencia Municipal de Belém



1.ª SECÇÃO
2.ª Direcçãria

O Intendente Municipal de Belém,
nos termos da Lei n.º 75 de 30 de Maio de
1896, concede a José Sidrim, Des-
embista da Secção de Obras, com an-
duado, dois mezes de li-
cença para tratar de sua saúde onde lhe convier.

Gabinete do Intendente Municipal de Be-
lém, 10 de Março de 1903.

Antônio José de Sá, Intendente.

Figura 7: Licença tratamento de saúde

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Deduz-se ao analisar o documento, que José Sidrim deveria, como funcionário da Intendência Municipal, ter um tempo mínimo de permanência para merecer tal benefício. No entanto, nenhum esclarecimento quanto ao tempo do vínculo empregatício foi encontrado. Algumas hipóteses se apresentam diante do atestado quanto ao início de seu contrato com o Município, a possibilidade de ter iniciado em

1900, quando de sua chegada, através de uma carta de recomendação, ou um pouco depois, por volta de 1901 e 1902, após seu estabelecimento na cidade. Ou ainda, resta a opção, de que o presumível signatário da carta de apresentação tivesse respaldo perante Antonio Lemos para conseguir tal dispensa.

O período da licença de saúde coincide com a data do casamento de José Sidrim com sua prima Wolitza Lima, realizado em 16 de abril de 1903, em Fortaleza, Ceará, podendo o benefício de dois meses para tratamento médico ter sido estendido para as cerimônias do seu matrimônio.

Somente a partir de 1904 vão ser encontrados registros oficiais, comprovando o vínculo empregatício de José Sidrim como funcionário da Intendência Municipal. Precisamente nos volumes dos Relatórios Municipais da administração de Antonio Lemos, em que consta como Desenhista da Secção de Obras. O seu desempenho profissional pode ser acompanhado também nos volumes correspondentes aos anos de 1905, 1906, 1907 e 1908. Em 1904, a Secção de Obras encontrava-se assim constituída⁴⁶:

Ocupava o cargo de diretor o Sr. Capitão de Mar e Guerra Miguel Ribeiro Lisboa, formado em Engenharia, sendo posteriormente substituído pelo seu ajudante, o também engenheiro Frederico Martins. Esta equipe, basicamente, permaneceu por toda a administração de Lemos (Quadro 01), a não ser a partir de 1908, quando a função de “*Arborisador*” com seu respectivo ajudante desapareceu e surgiram as dos “*Despachantes Municipaes*” (Quadro 02). Essa nova configuração da Secção de Obras vai permanecer até a administração do intendente Virgílio Mendonça, em 1912, a partir de então com a supressão dos cargos de “*Architecto, Agrimensor e Arruador*”. (Quadro 03)

| Quadro 01: | |
|--|---|
| Relação dos integrantes da Secção de Obras da Intendência Municipal em 1904. | |
| <i>Ano:</i> | 1904 |
| <i>Diretor:</i> | Miguel Ribeiro Lisboa, engenheiro. |
| <i>Ajudante:</i> | Frederico Martins, engenheiro. |
| <i>Auxiliares:</i> | Augusto Agostinho Pinheiro, engenheiro. Domingos Acatauassu Nunes, engenheiro. |
| <i>Architecto:</i> | José de Castro Figueiredo, engenheiro. |
| <i>Agrimensor:</i> | João Pinto da Costa. |
| <i>Desenhista:</i> | José Sidrim. |

⁴⁶ Almanack do Estado do Pará:1904. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

| | |
|---|---|
| <i>Arruador:</i> | José Lyra. |
| <i>Arborisador:</i> | Leoncio Gorjão. |
| <i>Ajudante:</i> | Eduardo Julio Carlos Baars. |
| <i>Apontador Geral:</i> | João Botelho de Moura Palha. |
| <i>Ajudante:</i> | José Prudencio Valente Rodrigues. |
| <i>Official da Secção:</i> | Thomaz Benigno Cerejo. |
| <i>Amanuense:</i> | Zacharias Gomes da Costa. |
| <i>Continuos:</i> | José Baptista S. Barrozo. Balbino Ferreira de Mello. |
| Fonte: Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, 1904.p.34. Hemeroteca Digital Brasileira. | |

| Quadro 02: Relação dos integrantes da Secção de Obras da Intendência Municipal em 1908. | |
|--|---|
| Ano: 1908 | Intendente: Antonio José de Lemos, Cor. e Senador. |
| <i>Diretor:</i> | Frederico Martins (Dr.). |
| <i>Ajudante:</i> | Domingos Acatauassu Nunes (Eng.). |
| <i>Auxiliares:</i> | Joaquim Moraes Novaes (Eng.). |
| <i>Agrimensor:</i> | João Pinto da Costa. |
| <i>Desenhista:</i> | José Sidrim (Ten.) ⁴⁷ |
| <i>Armador:</i> | José Lyra. |
| <i>Apontador Geral:</i> | João Botelho de Moura Palha (Cap.). |
| <i>Official da Secção:</i> | Thomaz Benigno Cerejo (Cap.). |
| <i>Amanuense:</i> | Zacharias Gomes da Costa (ten.) |
| <i>Contínuos:</i> | José Baptista S. Barroso João Pacheco da Silva |
| <i>Despachantes Municipaes:</i> | Francisco Cavalcante de Assis (Ten.). Pedro Gomes de Oliveira (Capitão). Melchiades Pereira José Martinho de Oliveira Gama |
| Fonte: Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, 1908.p.501. Hemeroteca Digital Brasileira. | |

| Quadro 03: Relação dos integrantes da Secção de Obras da Intendência Municipal em 1912. | |
|---|------------------------------------|
| Ano: 1912 | Intendente: Virgílio Mendonça |
| <i>Diretor:</i> | Frederico Martins (Dr.) |
| <i>Ajudante:</i> | Domingos Acatanassu Nunes (eng.) |
| <i>Auxiliares:</i> | Joaquim Moraes Novaes (eng.) |
| <i>Engenheiro Auxiliar:</i> | Bertino B. de Lima |
| <i>Desenhista:</i> | José Sidrim (ten.) |
| <i>Apontador Geral:</i> | João Botelho de Moura Palha (cap.) |
| <i>Ajudante:</i> | |
| <i>Official da Secção:</i> | Thomaz Benigno Cerejo (cap.) |
| <i>Amanuense:</i> | Zacharias Gomes da Costa (ten.) |

⁴⁷ A patente de “tenente” da guarda municipal apresenta-se nesta publicação abreviada (ten.), assim como, em alguns casos, a de capitão (cap.).

| | |
|--|--|
| Contínuos: | João Pacheco da Silva |
| Despachantes Municipaes: | José Martinho de Oliveira Gama João Vicente do Canto Melchiades Pereira Pedro Gomes de Oliveira (capitão) |
| Fonte: Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, 1912.p.893. Hemeroteca Digital Brasileira. | |

Pelas características das atividades desenvolvidas na Secção de Obras, a presença preponderante era a dos engenheiros, até no cargo de “architecto”, ocupado por José de Castro Figueiredo, identificado como engenheiro pelo Almanack do Estado do Pará de 1904.

A diminuição do espaço profissional do arquiteto teve início no período da Revolução Industrial (1760 - 1830), momento em que Leonardo Benévolo (1923 – 2017) identifica a ausência dos arquitetos das práticas construtivas, e os engenheiros ocupando esses espaços. Este tema assume um papel relevante na história da Arquitetura do final do século XIX e início do XX, em que Sigfried Giedion (1888 – 1968) define como o da cisão entre a ciência (técnica) e a arte, isto é, entre arquitetura e a construção⁴⁸. Os progressos da engenharia ficaram evidenciados nas Exposições Universais⁴⁹, que ocorreram a partir de 1851, tendo como primeira sede Londres, como meio de divulgar as novas tecnologias, os novos materiais disponíveis no mercado. As primeiras Exposições apresentaram um caráter nacional como forma de proteção às nascentes indústrias locais, com exceção da Inglaterra. A primeira Exposição Universal francesa foi em 1855, promovida por Napoleão III, com intuito de mostrar os progressos da indústria francesa, em condições de igualdade com a estrangeira, apresentando, entre outros itens, máquinas de construir, guindastes, escavadoras, lâminas onduladas para as coberturas,⁵⁰ artefatos da nova tecnologia que auxiliaram e permitiram ao Barão Haussmann suas intervenções em Paris, ações que tanto inspirariam Antonio Lemos, conforme referências anteriores.

⁴⁸ GIEDION, S. *Spazio tempo e architettura* (1941). Milão, 1954. p. 215. In: BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 62.

⁴⁹ Maior aprofundamento sobre as Exposições Universais e Engenharia e Arquitetura na Segunda Metade do Século XIX consultar: BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1989. ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. GIEDION, Sigfried. *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁵⁰ BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p.134.

A cidade de Belém, com as proporções demarcadas, passou por transformações semelhantes, tendo como responsáveis o governador Augusto Montenegro e o intendente Antonio Lemos.

José Sidrim, do seu posto de Desenhista da Secção de Obras, encontrava-se em um lugar privilegiado para acompanhar o trânsito dos engenheiros e arquitetos que por ali circulavam, envolvidos com os empreendimentos e seus trâmites protocolares. A simples convivência com os integrantes da equipe de trabalho, acrescida à circulação dos profissionais da área técnica e das artes, locais ou estrangeiros, contratados pelo Estado e Município, faziam com que a Secção de Obras se transformasse num laboratório de experimentos, em um difusor de conhecimentos, fazendo com que José Sidrim vislumbrasse a amplitude das potencialidades e possibilidades a serem desvendadas em seu caminho profissional, consequência da revolução industrial.⁵¹

Da equipe de trabalho convém ressaltar as figuras dos profissionais José Castro Figueiredo e Domingos Acatauassú Nunes que muito se destacaram em Belém. O primeiro desenvolveu em conjunto com Henrique Santa Rosa, em 1903, o Brasão (ou Escudo) de Armas do Estado do Pará⁵², em cujo registro da autoria do projeto, encontra-se sua qualificação em Arquitetura, provavelmente cursada em Turim, graduação que vem justificar o cargo que ocupou⁵³. Como arquiteto da Secção de Obras, em 1897, destacou-se com o projeto da escola profissionalizante, o Instituto Lauro Sodré. Como profissional liberal, seu projeto de maior repercussão foi o da residência do italiano Antonio Faciola, um Palacete situado na Avenida Nazaré esquina da Travessa Dr. Moraes, uma das referências da arquitetura residencial do período. Fora da área tecnológica, também atuou no âmbito da Educação, com a publicação da *Cartographia Escolar*, trabalho desenvolvido em dois volumes que foram “impressos em Torino, na Itália”, em 1898⁵⁴, fato que reforçou seus vínculos com a cidade italiana. Por sua vez,

⁵¹ No aspecto da convivência com profissionais de renome, pode-se destacar o período da permanência do José Castro Figueiredo como “architecto” da Secção de Obras, de forma ininterrupta, de 1904 a 1913, tempo em que José Sidrim esteve como desenhista. De acordo com o Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, disponível no site da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

⁵² Disponível em: <http://www.pa.gov.br/O_Para/arquivos.asp>. Acesso em: 13 fev. 2016.

⁵³ Possivelmente teria recebido a formação de engenheiro-arquiteto frequentando a *Regia Scuola di Applicazione per gli Ingegneri di Torino*, que foi instituída em 1859, e em 1906 transformada no “Regio Politecnico”, primeira instituição universitária para a formação do engenheiro em Turim. Disponível em: <<http://www.museotorino.it/view/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

⁵⁴ CARDOSO Wanessa Carla Rodrigues. *Alma e coração: o Instituto Histórico e Geográfico do Pará e a Constituição do Corpus Disciplinar da História Escolar no Pará Republicano (1900-1920)*. 2013.

Domingos Acatauassú Nunes, foi convidado por Antonio Lemos, em 1902, quando tinha apenas 25 anos de idade, para integrar a equipe da Secção de Obras. Era formado pela Escola de Engenharia de Pernambuco, iniciando como fiscal de obras⁵⁵, figurando dentro da estrutura da secção como engenheiro auxiliar, e depois como engenheiro ajudante, todas as duas posições vinculadas ao diretor. Naquele cargo desenvolveu projetos importantes, como o Mercado de Carne no Ver-o-Peso, a sucursal do Corpo de Bombeiros na Avenida Alcindo Cacela e o primeiro Posto-Médico Municipal⁵⁶, edificação contígua ao Asilo de Mendicidade na Avenida Almirante Barroso⁵⁷. Fiscalizou as obras de construção da Basílica de Nazaré desde seu início em 1909, até sua conclusão vinte anos depois. Permaneceu como engenheiro ajudante do diretor Frederico Martin, também na administração de Virgílio Mendonça. Alguns anos mais tarde, em 1930, participou da fundação do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Pará, CREA-PA, e integrou o quadro de professores da Escola de Engenharia do Pará, fundada em 1931⁵⁸.

No ambiente da Intendência, José Sidrim também desenvolveu relacionamento com os sócios do escritório de engenharia Lalôr & Muniz, pertencente aos engenheiros Joaquim Lalôr, genro de Antonio Lemos, e João Palma Muniz, que, por meio de contratos e concorrências públicas, prestaram muitos serviços a administração municipal. Os dois desempenharam papéis importantes na vida de José Sidrim, o que será aprofundado mais tarde.

O poder público, estadual e municipal, foi o responsável pelas grandes obras desse período e necessitou do apoio de firmas estrangeiras, pelo *know-how* que possuíam, para o desempenho daquelas mais grandiosas, em que se fazia necessário um conhecimento especializado. Estavam nesse grupo as obras do porto, das ferrovias e as de infraestrutura urbana (redes de água e de esgoto, iluminação das ruas, transporte e limpeza pública). Este conjunto de ações, em alguma instância, deveria refletir na

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

⁵⁵ COIMBRA, Oswaldo. *77 anos do CREA-Pará*. p. 131-132. Disponível em: <<https://fauufpa.files.wordpress.com/2015/05/dfirt.jpg>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

⁵⁶ O primeiro Posto-Médico municipal destinado ao serviço de assistência pública na Estrada de Bragança. In: BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p. 42.

⁵⁷ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p.47.

⁵⁸ COIMBRA, Oswaldo. *77 anos do CREA-Pará*. p.131-132. Disponível em: <<https://fauufpa.files.wordpress.com/2015/05/dfirt.jpg>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

Secção de Obras do município, fazendo com que seus funcionários se inteirassem dos novos procedimentos tecnológicos no âmbito das engenharias.

O reflexo da presença de estrangeiros na cidade podia ser medido pela intensa movimentação apresentada no porto de Belém. No final do século XIX e início do XX, uma grande quantidade de “vapores” estrangeiros lá aportaram. Situação relatada pelo oficial da Marinha italiana Gregório Ronca, quando passou pela Amazônia, em 1901, atestando que “no porto de Belém, haviam atracados em entrada 229 vapores britânicos, 23 alemães e 19 italianos”⁵⁹. A atribuição do oficial era aquela de identificar possíveis interesses comerciais para a Itália, além de encontrar comunidades italianas nas cidades amazônicas. Nessa sua atividade registrou significativa presença de “italianos também nas camadas médio-altas da sociedade urbana”, referindo-se também à “construção do Teatro da Paz”, em 1878, apontando o trabalho dos decoradores “... artistas da Accademia di San Luca, de Roma, como Domenico De Angelis (1852 – 1900) e Giovanni Capranesi (1852 – 1936)”, a presença do “... engenheiro calabrês Filinto Santoro (1903 - 1913)” e no “... âmbito da Música o vicentino Ettore Bosio”⁶⁰.

No governo de Augusto Montenegro foram feitas atualizações estilísticas no Teatro da Paz, entre 1904 e 1905, “... quando ganhou as feições luxuosas que mantém até hoje”⁶¹.

A cidade contava com ilustres presenças das Artes Visuais, Arquitetura e Engenharia no período em que José Sidrim encontrava-se na Intendência Municipal, com certeza provocando grande repercussão em sua formação pessoal.

Existem registros de que De Angelis fixou moradia em Belém desde 1880, prolongando a estadia até inícios do século XX, sobrevivendo do ensino da Pintura e ainda desenvolvendo vários projetos decorativos para a sociedade local. Também estiveram na cidade o russo David Widhopf (1867 – 1933) e o francês

⁵⁹ Gregório Ronca, oficial da Marinha italiana, esteve na Amazônia entre os séculos XIX e XX. Em 1904, viajou para as Antilhas, às Guianas, à Amazônia, subindo o rio Amazonas de Belém para Manaus e Iquitos, para avaliar os interesses comerciais da Itália, e para encontrar as comunidades italianas naquelas cidades. CAPPELLI, Vittorio, *Gregório Ronca e Ermanno Stradelli: oficial da Marinha e antropólogo na Amazônia*. Tradução de Núncia Santoro de Constantino. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

⁶⁰ CAPPELLI, Vittorio, *Gregório Ronca e Ermanno Stradelli: oficial da marinha e antropólogo na Amazônia*. Tradução de Núncia Santoro de Constantino. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

⁶¹ SOUZA, Roseane Silveira de. Teatro da Paz: histórias invisíveis em Belém do Grão-Pará. *Annals of Museu Paulista*. v. 18, n. 2, July-Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v18n2/v18n2a03.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Maurice Blaise, contratados em 1893, para dar aulas de Desenho Linear e Topográfico no Liceu e na Escola Normal. Maurice estabeleceu moradia em Belém com a esposa Louise Blaise, também ela ligada às artes. Em 1901 por meio de contatos estabelecidos com o intendente Antonio Lemos e com os artistas locais, outro italiano se estabeleceu na cidade, Carlo de Servi (1871 – 1947), autor da tela “Arte e Pátria” (pintada em 1900), que possuía também a competência para desenvolver projetos de decoração, como aqueles executados para órgãos públicos e particulares durante sua estadia em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Figueiredo afirma que “... a primeira grande marca cultural na Arte produzida na Amazônia é italiana”⁶², ressaltando também que “... Paris e os pintores franceses formavam o que seria uma espécie de epicentro cultural da época”⁶³, influenciando também a cidade de Belém. Por ocasião da reforma do antigo Palácio dos Governadores, Augusto Montenegro foi buscar o decorador e arquiteto francês, formado pela *École des Beaux-Arts de Marseille*, Joseph Cassé, para tornar o Palácio “... compatível com os ideais modernos do republicanismo positivista”, sendo o francês “... o grande idealizador dos projetos decorativos republicanos dos palácios do Governo do Estado e do governo municipal em Belém”. O Governador teria dividido com ele, as concepções ideológicas das decorações, pois a sua viagem à Europa em 1884 teria lhe definido “o gosto e o senso estético”. Joseph Cassé começou a trabalhar em Belém em 1905, com dois assistentes que migraram da França com suas famílias para o Pará, levando a efeito um projeto arquitetônico, artístico e decorativo que marcaria profundamente a capital paraense da década de 1910.⁶⁴

Augusto Montenegro também estabeleceu um relacionamento com o italiano Filinto Santoro, arquiteto oriundo da Real Academia de Nápoles, que viveu no

⁶² FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Portugueses, italianos e franceses nos círculos artísticos de Belém do Pará (1880-1920)*. DE COLONOS A IMIGRANTES, José Jobson de A. Arruda, Vera Lucia A. Ferlini, Maria Izilda S. de Matos, Fernando de Sousa (Orgs.). Disponível em: <file:///C:/Users/CCE/Downloads/Portugueses,%20italianos%20e%20franceses%20nos%20c%3ADr%20culos%20art%3ADsticos%20de%20Bel%20m%20do%20Par%20(1880-1920)%20(2).pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

⁶³FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Portugueses, italianos e franceses nos círculos artísticos de Belém do Pará (1880-1920)*. DE COLONOS A IMIGRANTES, José Jobson de A. Arruda, Vera Lucia A. Ferlini, Maria Izilda S. de Matos, Fernando de Sousa (Orgs.). Disponível em: <file:///C:/Users/CCE/Downloads/Portugueses,%20italianos%20e%20franceses%20nos%20c%3ADr%20culos%20art%3ADsticos%20de%20Bel%20m%20do%20Par%20(1880-1920)%20(2).pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

⁶⁴ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *O Palácio dos Governadores no tempo de Augusto Montenegro (1901-1908)*. *Estudo de Curadoria*. Belém: Museu Histórico do Estado do Pará, 2008.

início do século XX em Belém. Ele foi o autor do projeto da residência particular do Governador em 1903, situada na então Avenida São Jerônimo (atual Governador José Malcher) esquina da Avenida Generalíssimo Deodoro, que atualmente abriga o Museu da Universidade Federal do Pará. Ele também desenvolveu outros projetos de residências particulares, como o palacete do Senador Virgílio Sampaio, edificação vizinha a anteriormente citada do Governador, que possui a sua fachada reproduzida nas páginas do Relatório Municipal de 1905, cuja legenda identifica como integrante “As Modernas Construções Urbanas”. Teria também dado prosseguimento as obras do Instituto Gentil Bittencourt, iniciadas em 1894, pela repartição de Obras Públicas do Estado do Pará, e que passaram por um tempo interrompidas, sendo retomadas no governo de Montenegro.

Com a administração municipal, Filinto Santoro também executou trabalhos, como, por exemplo, o projeto e a construção do Mercado de São Braz. Antonio Lemos estava sensibilizado para a necessidade de que o abastecimento da cidade tivesse outra opção além do Ver-o-Peso, e ainda poder atender a demanda comercial gerada pela ferrovia Belém-Bragança. As obras foram iniciadas em 1910 e concluídas em 1911. O arquiteto italiano também executou o projeto para uma nova sede do Poder Municipal, cuja fachada encontra-se estampada no Relatório Municipal de 1906, com o título “Belém de Amanhã”, que não chegou a ser construída.

Dentro desse período histórico falta fazer referência ao engenheiro paraense Francisco Bolonha (1872 – 1938), que nesta época se destacava com atuações no Governo do Estado e na administração municipal. Cinco obras suas são citadas como importantes para o processo de modernização da cidade: o reservatório de água Paes de Carvalho, o Mercado de carne, hoje Mercado Bolonha, a Vila Bolonha, o palacete Bibi Costa (também identificado como Palacete Carlos Brício da Costa) e o Palacete Bolonha. Francisco Bolonha foi considerado pioneiro na introdução da tipologia do palacete eclético em Belém.⁶⁵ Formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. A ele também se devem a construção da sede do jornal *Folha do Norte* (atual Jornal Liberal) na *Boulevard* Castilhos França, e do quiosque ocupado pelo Bar do Parque, na Praça da República, construído sob concessão municipal.

⁶⁵ COIMBRA, Adriana Modesto. *A cidade como narrativa: Francisco Bolonha e o papel da arquitetura e da engenharia no processo de modernização da cidade de Belém – 1897 – 1938*. 2014. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. p. 99.

Este era o panorama da produção de maior representatividade dos engenheiros, arquitetos e artistas em Belém, no início do século XX, com apurada sintonia com a modernidade europeia, conectando a cidade às novas tecnologias e ao original olhar com que a Arte expressava a realidade. Toda essa gama de saberes e o relacionamento com culturas distintas impregnaram a sociedade, influenciando costumes, gostos e comportamentos. O intendente Antonio Lemos aponta com maior ênfase aos anos de 1905 e 1906 descrevendo-os como sendo de “um notável movimento artístico, atestando de modo desvanecedor os progressos de nossa cultura intelectual”⁶⁶.

José Sidrim se encontrava neste ambiente, era um de seus personagens, que também se viu envolvido nesse torvelinho de novidades que, com certeza, o induziram a novas atitudes perante os rumos a seguir, das quais resultou uma preponderante influência italiana. Mesmo não tendo compartilhado da autoria dos projetos, nem tão pouco gozado da intimidade de seus autores, vivenciou no interior de sua secção, dos debates, de todo processo de aprovação e andamento de implantações, que devem ter lhe imbuído de inquietações e aspirações, impulsionando-o a ir buscar mais conhecimento na área tecnológica.

1.2.2 A passagem pela Guarda Nacional

Um novo enfoque se apresenta na análise da estruturação do quadro administrativo da Intendência Municipal, incluindo – se aí a Secção de Obras. Diz respeito as patentes militares, de alguns membros do corpo de funcionários, que substituem nas relações oficiais, a qualificação profissional. José Sidrim enquadra-se entre estes, como se pode verificar na Figura 8, onde encontra-se identificado como tenente. Assim como outros funcionários da Secção de Obras: o *Apontador Geral*: João Botelho de Moura Palha (capitão), o *Oficial da Secção*: Thomaz Benigno Cerejo (capitão), o *Amanuense*: Zacharias Gomes da Costa (tenente), o *Despachante Municipal*: Pedro Gomes de Oliveira (capitão).

Confirma-se por esta fonte, que José Sidrim assim como outros funcionários de sua Secção, integrou os quadros da Guarda Nacional, e que o convite, provavelmente, deve ter partido do próprio Antonio Lemos, que acumulava o cargo de

⁶⁶ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1906*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1907. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1907. p.160.

Intendente Municipal com o do Comando Superior da Guarda Nacional em Belém. Não foi possível precisar quais os critérios que levavam o funcionário a ser convidado para tal posto, porém, fica evidente, que essa tarefa, além de encargos e responsabilidades, trazia como consequência o aumento da renda e alcance de *status* perante a sociedade.

| ESTADO DO PARÁ | | 801 |
|---|--|-----|
| <p>LISTA GERAL DO CORPO LEGISLATIVO DA COMMUNA NA 7ª LEGISLATURA. PARA 1908</p> <p>Intendente Municipal</p> | | |
|  | | |
| <p>Antonio José de Lemos, Cor. e Senador. Vogaes por 3 annos : Joaquim Vieira de Miranda (Ten.-Cor.), Alipio Lopes Tocantins (Major). Vogaes da turma antiga : Virgilio Martins Lopes de Mendonça (Dr.), Sabino Henrique da Luz (Major), Innocencio Hollanda de Lima (Dr.), Raymundo Dias Alberto (Tenente). Vogaes por 6 annos : Pedro Juvenal Cordelro (Dr.), Virgilio da Bohemia Sampaio (Dr.), Joaquim Pereira de Queiroz (Ten.-Cor.), Antonio D. da Silva Guimarães (Cap. de Frag.), Ignacio Gonçalves Nogueira (Cor.), Domingos D. Maltez Henriques (Monsenhor).</p> <p>Mesa</p> <p>Presidente : Senador Antonio Lemos, intendente. Vice-presidente : Major Sabino H. da Luz. 1.º secretario : Dr. Virgilio de Mendonça. Supplente : Coronel Ignacio Nogueira. 2.º secretario : Senador Virgilio Sampaio. Supplente : Dr. Juvenal Cordelro.</p> <p>Commissões permanentes</p> <p>1.—Fazenda e Orçamento : Dr. Virgilio de Mendonça, relator. Capitão de Fragata Delfim Guimarães. Dr. Virgilio Sampaio. 2.—Serviço Interno : Major Sabino da Luz, relator. Tenente Raymundo Alberto.</p> | | |
| <p>Ten.-Cor. Pereira de Queiroz. 3.—Leis : Dr. Virgilio Sampaio, relator. Monsenhor Domingos Maltez. Major Sabino da Luz. 4.—Obras : Dr. Hollanda de Lima, relator. Major Alipio Tocantins. Cor. Ignacio Nogueira. 5.—Tombamento : Ten.-Cor. Vieira de Miranda, relator. Tenente Raymundo Alberto. Dr. Hollanda de Lima. 6.—Redacção : Dr. Juvenal Cordelro, relator. Dr. Virgilio de Mendonça. Cor. Ignacio Nogueira.</p> <p>SECRETARIA DO CONSELHO MUNICIPAL</p> <p>(Expediente das 7 horas da manhã ao meio dia).</p> <p>Director : Major Raymundo Fraga de Castro. Amanuenses : Manoel Castello Branco. José Carneiro Conduró. (Cap.) Collaborador : João Innocencio de Paula Lemos.</p> <p>GABINETE DO INTENDENTE</p> <p>Continuo : Eduardo Guimarães (Ten.).</p> <p>SECRETARIA DA INTENDENCIA</p> <p>Secretario : Elyceu Elias Cesar (Dr.).</p> <p>1.ª Secção</p> <p>Director : Raymundo Fraga de Castro (Maj.). 1.º Official : (Vago). Amanuenses : João Casanova Luz e Silva. Hermano R. Lemos (Cap.).</p> <p>2.ª Secção</p> <p>Director : Octaviano Magno de Araujo (Cap.). 1.º Official : Raymundo Pedro de Brito (Cap.). 2.º officiaes : José da Cunha Hollanda. José Damasio Dias da Silva (Ten.). Amanuenses : Leonce Braga de Abreu (Capitão). Edmundo Dantés de Castro (Cap.). Collaboradores : Tito Flock Romano. Caetano Gonçalves Conde. José Esteves Rocha (Cap.).</p> <p>3.ª Secção</p> <p>Director addido á 2.ª secção : Luciano Custodio dos Reis (Capitão). Amanuense addido á 2.ª secção : Torquato Jesus dos Passos.</p> <p>PORTARIA</p> <p>Porteiro : Manoel Figueiredo. Tenreiro Aranha. Ajudante : (Vago).</p> | | |
| <p>Continuos : Tolentino José Barbosa. Severo Caraciolo.</p> <p>COLLECTORIA MUNICIPAL</p> <p>Director : João Augusto Ribeiro Malcher (Cor.). Escrivães : Carlos Brício da Costa (Cap.) Antonio Martiniano Clemente Malcher (Maj.). Auxiliar : José Pedro de França Gonçalves (Cap.).</p> <p>THESOURARIA MUNICIPAL</p> <p>Thesoureiro : Lourenço Lucidoro Ferreira da Motta (Ten.-Cor.). 2.º Official da 2.ª secção, em commissão como Fiel do Thesoureiro : Manoel Lucindo de Paiva Corrêa (Cap.).</p> <p>ARCHIVO MUNICIPAL</p> <p>Archivista : Adolpho Pereira Dourado (Cap.). Ajudante : Raymundo da Silva Pindahyba.</p> <p>CONTENCIOSO MUNICIPAL</p> <p>Advogado : Elias Augusto Tavares Vianna (Dr.). Solicitador : Arthur Joaquim da Costa (Maj.). Auxiliar : Juvenio Julião Pereira.</p> <p>SECÇÃO DE OBRAS MUNICIPAES</p> <p>Director : Frederico Martin (Dr.). Ajudante : Domingos Acatanássu Nunes (Eng.). Auxillares : Joaquim de Moraes Novaes (Eng.). Agrimensor : João Pinto da Costa. Desenhista : José Sidrim (Ten.). Armador : José Lyra. Apontador Geral : João Botelho de Moura Palha (Cap.). Official de secção : Thomaz Benigno Corejo (Cap.). Amanuense : Zacharias Gomes da Costa (Ten.). Continuos : José Baptista S. Barroso. João Pacheco da Silva. Despachantes municipaes : Francisco Cavalcante de Assis (Ten.). Pedro Gomes de Oliveira (Capitão). Melchilades Pereira. José Martinho de Oliveira Gama.</p> <p>DIRECTORIA DO SERVIÇO SANITARIO MUNICIPAL</p> <p>Rua Padre Prudencio n. 179</p> <p>Director : José Antonio Pereira Guimarães (Dr.). Delegados sanitarios : Pedro Miguel de Moraes Bitencourt (Dr.). Clemente Felix Gama Soares (Dr.).</p> | | |

Figura 8: Corpo de funcionários Intendência Municipal – 1908. Nomes com a correspondente patente militar.

Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Existiriam vínculos ideológicos de Sidrim com o Império? Nas consultas feitas no jornal cearense *A Republica*⁶⁷, antes do ano de sua vinda para o Pará, evidenciou-se os vínculos da família, tanto do lado materno⁶⁸ quanto do paterno⁶⁹, com os ideais republicanos, descartando-se a reminiscência de vínculos passados ao Brasil imperial. Além do mais, o depoimento do bisneto Flávio Nassar, dá conta da particular simpatia que nutria por Floriano Peixoto (1839 – 1895), e para homenageá-lo assumiu como ele, a assinatura constando apenas o primeiro nome e o último sobrenome: José Sidrim⁷⁰.

Os componentes da Guarda Nacional eram tidos como pessoas altamente politizadas, e o recrutamento para composição de suas fileiras era feito entre os cidadãos votantes, percebiam remunerações que nas grandes cidades alcançavam uma renda anual superior a 200 mil réis, e nas demais regiões as cifras de 100 mil réis. Passavam por qualificação para o desempenho do serviço ordinário ou para ficar na reserva da instituição, no entanto, não exerciam profissionalmente a atividade militar⁷¹.

Identificou-se em uma documentação de 1904, sobre “Leis e Decretos de Interesse Commercial”, as remunerações referentes as “Patentes de officiaes da Guarda Nacional, quer de effectividade, quer de reforma, ou de passagem da activa para a reserva e vice-versa ” referentes a Circulares de 25 de março e 21 de julho de 1893, na qual se pode ver com maior clareza como percebia cada patente.

| | |
|--------------------------------------|----------|
| Commandante superior ou coronel..... | 456\$000 |
| Tenente-coronel | 376\$700 |
| Major..... | 315\$000 |
| Capitão | 107\$000 |
| Tenente ou 1º tenente | 90\$000 |
| Alferes ou 2º tenente | 60\$000 |

⁶⁷ Disponível em:< <http://portal.ceara.pro.br>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

⁶⁸ Por ocasião da morte da mãe de José Sidrim, o jornal *A Republica*, Fortaleza – segunda-feira, 15 de outubro de 1900, expressou suas condolências “a nossos amigos Virgílio e Francisco Napoleão, João e Raymundo Napoleão”, ao lado dessa nota, em matéria sob o título “Congratulações”, tem-se noticiado que “de vários pontos do Estado, recebo o eminente chefe do Partido Republicano e querido director político desta folha, exmo. sr. dr. Nogueira Accioly, inolvidáveis testemunhos de apreço de quantos ao seu lado pelejam pela boa causa da integridade republicana do Estado”, concluindo-se por aí das convicções políticas de seus tios maternos.

⁶⁹ No jornal *A Republica*, de sexta feira, 4 de setembro de 1903, redator chefe José Accioly, encontra-se na coluna “Notas Diarias” o registro das pessoas recebidas naquela data pelo “Sr. presidente do Estado” no Palácio do Governo, entre elas consta Emiliano Correia Sidrim.

⁷⁰ MATOS, Ana Léa Nassar. *Ecletismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 2003. Dissertação (Mestrado) Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003. p. 29.

⁷¹ RIBEIRO, José Iran. *Quando o Serviço nos Chama, Os Milicianos e os Guardas Nacionais Gaúchos (1825-1845)*. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

(Lei nº 489 de 15 de dezembro de 1897, art. 1º n.º 27)⁷²

Para Sidrim, o aumento da renda familiar, deveria ter vindo em boa hora, havia casado em 1903, a chegada do primogênito veio logo a seguir, em 1904, aumentando as despesas da economia doméstica, como por exemplo, do aluguel da nova moradia, localizada no mesmo bairro da Cidade Velha, na trav. de Cintra, 50⁷³.

A entrada de José Sidrim na Guarda Nacional foi em 1905, conforme atesta o documento de entrega de sua Carta – Patente, na “Delegacia da Comissão de organização das forças de 2ª linha do Exército Nacional” em 1918. (Figura 9)



Figura 9: Documento: devolução da carta patente a Guarda Nacional.

Fonte: Acervo Flávio Nassar

O surgimento da Guarda Nacional brasileira se dá no contexto histórico de pós-abdicação de Dom Pedro I, particularmente no final do século XIX, período no qual estavam tensas as relações entre nacionais e lusos. A sociedade temia que os militares tomassem alguma atitude visando a volta do Imperador. Para William Gaia Farias os militares nesse momento “... não formam um grupo uníssono e grande”

⁷² Almanack do Estado do Pará 1904 -1905. Hemeroteca Digital. Disponível em: <bdigital.bn.br>. Acesso em: 6 dez. 2015.

⁷³ F. Cardoso & Cº. Almanack administrativo, mercantil e industrial do estado do Pará e indicador para 1904-1905. 1º anno. [Belém]: F. Cardoso & Cº, [1905]. p. 757.

tratando-se de um segmento social com “... diferentes atribuições, motivações de surgimento, identidades e representações simbólicas”⁷⁴.

A Guarda Nacional tinha a base de seu comando na esfera municipal e era competência do Governo escolher os Coronéis e os Majores de sua Legião. Com a promulgação do Ato Adicional (1834), as nomeações passaram a ser feitas nas Províncias, de acordo com as indicações das Câmaras Municipais e, posteriormente, ficaram a cargo dos comandantes locais, cabia às elites políticas de cada município formar ou dirigir seu corpo de guardas⁷⁵.

Em Belém, no final do século XIX e início do século XX, a Guarda Nacional, conforme citado anteriormente, tinha como Comandante Superior Antonio José de Lemos, sua passagem por este cargo está registrada em uma tela a óleo de autoria de José Irineu de Souza⁷⁶, de 1903, do período da Primeira República Brasileira, na qual o intendente foi retratado com a farda de gala da Guarda Nacional (Figura 10). A temática do quadro provoca estranhamento considerando que, quando foi executada, aquela instituição já não gozava de seus antigos prestígios. O historiador Aldrin de Figueiredo levanta a hipótese de que o teor simbólico representado na obra pode apontar para simpatia do velho Lemos ao antigo sistema político Imperial, afirmando que:

(...) é mais do que evidente a nostalgia do retratado que queria registrar sua antiga posição e trajetória na velha instituição imperial (...). Esse retrato é o melhor emblema visual da face monárquica e imperial de Antonio José de Lemos.⁷⁷

O registro da Guarda Nacional na estrutura administrativa da cidade de Belém encontra-se no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro⁷⁸. O quartel do Comando Superior funcionava em um prédio na rua Aristides Lobo n.º 62, e o expediente era dado todos os dias úteis das 8 às 12 horas.

⁷⁴ FARIAS, William Gaia. *Do Corpo de Polícia ao Regimento Militar: reorganizações, condições materiais e conteúdos simbólicos: dos anos finais do Império a Guerra de Canudos*. Belém: UFPA. Disponível em: <<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

⁷⁵ RIBEIRO, José Iran. *Quando o Serviço nos Chama, Os Milicianos e os Guardas Nacionais Gaúchos (1825-1845)*, Porto Alegre: PUCRS, 2001.

⁷⁶ SOUZA, José Irineu de. *Retrato do Coronel Antonio José de Lemos*. 1903. 1 original de arte, óleo sobre tela. 134 cm x 91 cm Acervo do Museu de Arte de Belém.

⁷⁷ MUSEU DE ARTE DE BELÉM. *Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história*. Belém: Fundação Cultural do Município de Belém, 2011. Catálogo de Exposição com textos de FIGUEIREDO, Aldrin Moura de.

⁷⁸ Registros correspondentes ao Estado do Pará. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso: em 24 jun. 2014.



Figura 10: Retrato do Coronel Antonio José de Lemos, de José Irineu de Souza.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Belém – MABE.

Apesar de José Sidrim ter integrado as fileiras da Guarda Nacional a partir de 1905, só foi encontrado registros de sua atuação em 21 de outubro de 1911, no jornal *Estado do Pará*, em uma extensa e detalhada “Ordem do Dia”.

Guarda Nacional

O commando superior da Guarda Nacional do Estado do Pará, em 15 de outubro de 1911, baixou a seguinte

ORDEM DO DIA.

De ordem do sr. coronel commandante superior, faço publico que designo os srs. officiaes abaixo nomeados, para fazerem serviço na praça Justo Chermont, durante a festividade de N.S. de Nazareth.

Uniforme 3.

DIA 20 - Dia á praça, Major Hilario Pereira Bastos; estado-maior, capitão Paulo Pfaender; ronda, capitão Hilario Augusto Collares e tenente José de Oliveira Bitto.

DIA 21 – Dia á praça, major Thomaz Benigno Cerejo; estado-maior, capitão Thomaz Gonzaga Baganha; ronda, **capitão José Sidrim**, 1º tenente Francisco Ferreira Balthasar, 2º tenente Joaquim Nilo Dias de Mattos.

Uniforme n. 4

DIA 22 – Dia á praça, major João Florencio Nogueira; estado-maior, capitão Manoel Antonio Rodrigues de Moraes; ronda, capitão Arthur Ribeiro Lima, tenente Raymundo Innocencio de Araujo; 1º tenente Camillo Lelis Corrêa Junior e capitão Bezerra.

Uniforme n. 4

Nessa mesma data baixou a seguinte

ORDEM DO DIA N. 13

Faço publico para conhecimento da Guarda Nacional que por avisos do sr ministro da justiça, sob ns. 1 671 e 1 672, de 26 de setembro do corrente anno, oi este comando superior auctorizado, nos termos do artigo 45 do decreto n. 1130, de 12 de março de 1853, a conceder guia de mudança para a comarca desta capital aos srs. majores Carlos Luzitano de Castro Belfort e João Drumont Nogueira, pertencentes à comarca de Breves – (assignado) o coronel *Innocencio Baena*, chefe interino do estado – maior. (grifos nossos)

No “DIA 21”, dentre os que se encontram designados para o serviço, estão o major Thomaz Benigno Cerejo e o capitão José Sidrim. Os dois também integravam o quadro de funcionários da Secção de Obras, o primeiro como Oficial da Secção e o segundo como Desenhista.⁷⁹ A partir de 1908, José Sidrim começou a constar nas relações dos funcionários municipais com a patente militar de Tenente, finalizando sua permanência na Intendência Municipal em 1918, como Capitão, mesmo ano em que entregou sua Carta-Patente na Guarda Nacional. Portanto, permaneceu por lá ainda por sete anos, após a queda de Antonio Lemos que se deu em 1911, sugerindo que seus vínculos eram apenas no campo profissional e não políticos.

1.2.3. O impacto da queda de Antonio Lemos

A partir de 1910, acontecimentos na cidade sinalizam o enfraquecimento de Antonio Lemos, quando a cidade de Belém se torna palco de desavenças políticas. Era governador do Estado João Coelho (1852-1926), indicado pelo antecessor Augusto Montenegro. De acordo com a versão de Carlos Rocque, teria sido escolhido “... por ser o único capaz de enfrentar o intendente, justamente por saber de todas as artimanhas políticas do seu ex-chefe”.⁸⁰

Sarges cita vários episódios que contribuíram para o processo que levou à renúncia do senador ao cargo de intendente de Belém. O grande receio nutrido por seus opositores durante sua longa permanência à frente da Intendência Municipal era que ele viesse a se candidatar ao cargo de governador do Estado, em virtude das várias alianças que havia construído com chefes políticos do interior quando de suas funções no interior de seu partido, apesar da existência de dispositivo legal que proibia a candidatura de não paraenses ao cargo. O embaraço deixou de existir quando seus correligionários

⁷⁹ Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2014

⁸⁰ Para maior aprofundamento deste momento político de Belém do Pará, ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002. p. 68.

conseguiram propor e aprovar mudança na Constituição estadual, excluindo o recurso “referente a obrigatoriedade da naturalidade paraense aos candidatos a chefe do Estado”. Outra alteração da Constituição estadual conseguida por Lemos foi quando o seu Partido Republicano propôs a emenda referente à reeleição dos governadores, que foi aprovada pelo Congresso Legislativo, permitindo a realização do segundo mandato de Augusto Montenegro (1905-1909). Este último acontecimento teve repercussão nacional, com um artigo na revista carioca *O Malho*, de abril de 1905, levantando a insinuação de que os planos dos grandes chefes políticos locais era a ocupação do cargo de Presidente da República. Sarges alerta que, “... as forças políticas da região que haviam apoiado a instituição do regime republicano, sentiam-se alijadas da estrutura do poder nacional, apesar da importância econômica da Amazônia”.⁸¹ Enfim, existiam descontentamentos de toda ordem, inclusive dentro do próprio partido Republicano já existia uma cisão. A questão das concessões com as quais Lemos favorecia os familiares e protegidos foi se tornando um mote para a oposição conseguir envolver a população e manipulá-la para realização de distúrbios pelas ruas da cidade, tendo como grande aliado o jornal *Folha do Norte*. “A cidade foi bombardeada por panfletos, boletins, libelos, pasquins, todos incitando o povo a derrubar o governo lemista”⁸². A crise alcançou o seu ápice quando Antonio Lemos, em 13 de junho de 1911, entrega ao Conselho Municipal a carta-renúncia ao mandato de intendente municipal de Belém⁸³. Lemos ao se retirar da cidade foi acompanhado até o cais da *Port of Pará*, pelo governador do Estado João Coelho, de onde rumou para Portugal, de lá retornando para fixar residência no Rio de Janeiro.

Em Belém o clima se mantinha turbulento, com a oposição insatisfeita pelo antigo intendente não ter sofrido nenhuma punição, por não “ter pagado pelos crimes cometidos”, e insistindo na prática de instigar a população contra o antigo intendente. “Lemos, que tanto havia investido no saneamento de Belém, agora era tratado como se fosse uma peste tão mortal quanto as que haviam dizimado a cidade”⁸⁴, conclui Sarges em sua análise. Apesar da existência de um cenário bastante desfavorável para sua pessoa, com a criação de centros de resistência ao seu retorno, Antonio Lemos resolve voltar em 1912 para Belém, a fim de trabalhar para as eleições de junho daquele ano. Foi então que a temperatura subiu na política local. O editorial da

⁸¹ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002. p. 66.

⁸² SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002. p. 71.

⁸³ Notícia publicada no jornal *Folha do Norte*, em 01 de junho de 1911.

⁸⁴ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002. p.73.

Folha do Norte condena a volta de Lemos, a polícia fica de alerta, admoestando que não iria admitir alteração da ordem nas manifestações de rua, a família de Lemos pede a garantia de sua integridade. Em suma, a cidade é descrita como caótica, parecendo impossível ficar pior, porém, no mês de agosto, um novo acontecimento aquece ainda mais as tensões locais: o retorno de Lauro Sodré para apoiar o grupo opositor a Lemos, fato que provoca nova série de incidentes, culminando com “um simulacro de atentado” ao político recém-chegado. O acontecido foi atribuído aos lemistas:

A cidade transformou-se numa praça de guerra, culminando com o incêndio do jornal e da casa de Lemos, e posteriormente, a humilhante prisão do “Velho” intendente.⁸⁵

As pessoas que viveram nesta época relatam que Antonio Lemos foi conduzido até seu embarque para o Rio de Janeiro de pijamas, caminhando pelas ruas, ouvindo todo tipo de improperios, gritados por segmentos da população incitada por seus opositores. Acompanhava-o também fiéis amigos e admiradores, entre estes seguia José Sidrim, que foram vítimas das hostilizações ao antigo Intendente.

(...) o Senador no chão, incendiado o jornal, invadida a sua residência, enxovalhado na rua, escarnecido e cuspidos aqueles cujos pés durante anos se curvava o Pará.⁸⁶

Neste ano conturbado da queda de Antonio Lemos, nasceu Elda, única filha de José e Wolitza Sidrim. O casal Joaquim e Olívia Moema Lemos de Lalor, foi convidado para padrinhos (Olívia era filha de Lemos). O Batizado só foi realizado três anos depois do nascimento, em 1914, numa cerimônia solene realizada na Capela de N. S. Auxiliadora, localizada na Igreja dos Capuchinhos, o frade Ignacio M. d' Ispra presidiu a realização do Batismo⁸⁷. Provavelmente, a demora se deu no aguardo das acomodações políticas, e pelo cumprimento do luto pela morte do pai de Olivia Lemos de Lalor, falecido em 2 de outubro de 1913.

⁸⁵ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-tatu, 2002. p.79.

⁸⁶ JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. p. 59. Coleção Ciclo do Extremo Norte.

⁸⁷ O registro do Batismo foi lavrado e assinado pelo vigário da Basílica de Nazaré, Emílio Richert que foi o responsável pela obra de construção da Basílica de Nazaré, cuja pedra fundamental foi lançada por Dom Santino Coutinho, arcebispo do Pará, em 24 de outubro de 1909, em cerimônia que contou com as presenças: do governador Augusto Montenegro, do Intendente Antônio Lemos e de diversas autoridades. Informação retirada dos arquivos da Cúria Metropolitana de Belém, através do funcionário responsável Edison, pelo obséquio de Maria Sônia Leite Nassar, em fevereiro de 2015.

Muitas retaliações foram feitas aqueles mais próximos a Lemos, como aquela feita ao seu genro, o engenheiro Joaquim Lalôr e ao seu sócio, o engenheiro João Palma Muniz. No escritório de engenharia Lalôr & Muniz, com o qual prestaram muitos serviços a Intendência Municipal, afixaram na porta do escritório um cartaz com os dizeres: “Lalôr e Muniz; engenheiros servis. Um não sabe o que faz, e o outro não sabe o que diz”⁸⁸.

O vínculo de José Sidrim com Antonio Lemos ficou restrito a convivência no âmbito das atividades como funcionário municipal e na Guarda Municipal. A função de Desenhista e, posteriormente, a de Agrimensor, desempenhada na Secção de Obras, permitiu com que gozasse, em certas ocasiões, de um relacionamento mais direto com ele. Como a experiência contada por José Sidrim ao amigo e genro Naeff Nassar, referente ao momento em que a Intendência entregou à população a conclusão do serviço de urbanização do bairro da Pedreira. O levantamento de toda a extensão da obra foi feito por Sidrim, quando da demarcação do traçado das ruas, empregou a solução de malha ortogonal, conforme as tendências urbanas da época.

As propostas urbanísticas do início do século XX visavam atender prioritariamente os quesitos relativos à higiene, à salubridade e à velocidade dos novos meios de transporte. Algumas cidades foram totalmente projetadas, mas a grande parte das soluções partia da cidade existente, ora com a preocupação de manter um diálogo com o passado, ora totalmente insensíveis a ele, implantando sobre os antigos traçados uma proposta moderna. Por essa razão a estrutura física moderna foi mais utilizada nos trechos mais periféricos visando atender à demanda habitacional, decorrente do grande crescimento urbano do século XX. A principal proposta para a cena urbana moderna foi a da constituição dos novos bairros.⁸⁹ Algumas intervenções urbanísticas da administração de Antonio Lemos se enquadraram nestes princípios.

Retornando ao relato de Naeff Nassar sobre a inauguração do bairro da Pedreira, José Sidrim contou que Antonio Lemos determinou que chegassem juntos ao evento, o convite se deu em reconhecimento a competência, a eficiência e a perfeição como todo processo foi executado.

“No dia da inauguração o velho Lemos, que era o potentado da época, de fraque e cartola, de carruagem: o intendente de Belém, muito respeitado,

⁸⁸ Matéria disponível no Blog de Flávio Sidrim Nassar. Acesso em: 10 fev. 2011.

⁸⁹ GONÇALES, Célia Helena Castro. *Cidade Moderna sobre Cidade Tradicional: movimento e expansão*. Parte 2: Texto. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

muito temido, autoritário e muito trabalhador, ... na hora de escolher os acompanhantes dele, para chegar ao local da inauguração, [escolheu] somente ele: o velho Sidrim. Ele se sentiu até encabulado, teve que botar o fraque e a cartola, e chegou lá na festa. Estavam todas aquelas pessoas importantes, estava o secretariado dele, e chegou lá na carruagem do velho Lemos.⁹⁰

Augusto Meira Filho ao descrever o episódio da queda de Lemos reporta-se a José Sidrim como:

Lemista ardoroso, acompanhou toda a época movimentada, lamentável e dolorosa, da luta entre lauristas e adeptos do grande senador-intendente Antonio Jose de Lemos⁹¹.

Os relatos familiares dão conta que José Sidrim nesse período não se envolvia em Política, sua postura mantinha-se semelhante àquela descrita por Meira Filho: de apoio, respeito, admiração e fidelidade a Antonio Lemos. Este comportamento vai ser modificado por volta de 1945, nas campanhas políticas de Magalhães Barata para eleger Moura Palha, momento em que sua chácara em Benfica se tornou sede das atividades eleitorais “baratistas” no município.

Ao se estabelecer um divisor de águas no comportamento político de Sidrim fica mais fácil de entender sua permanência até 1913, na Secção de Obras, na administração do Intendente Virgílio Martins Lopes Mendonça⁹². O jornal *Estado do Pará*, de 21 de janeiro de 1912, reforça sua atuação no município:

(...) o sr. José Sidrim, agrimensor municipal, procederá no 21 do corrente, às 8 horas da manhã, ao alinhamento e arrumação de um terreno à rua da Conceição, quarteirão S, lote n.23.

O mesmo jornal, em 2 de fevereiro, do mesmo ano, refere sua presença na lista daqueles que se congratularam ao governador João Coelho por seu terceiro ano de Governo.⁹³

As duas notas registram José Sidrim circulando em várias esferas de governo, talvez nem tanto por adesão política e, sim, visando ampliar as relações

⁹⁰ NASSAR, Naef Leite. *José Sidrim*. Belém, set. 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

⁹¹ MEIRA FILHO, Augusto. Galeria dos esquecidos. *A Província do Pará*, Belém, Jornal Dominical, 06 nov. 1977. In: MATOS, Ana Léa Nassar. *Ecletismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

⁹² Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro. p. 893. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

⁹³ Jornal *Estado do Pará*, 2 de fevereiro de 1912.p.1.

profissionais, uma vez que já se encontrava no mercado de trabalho autônomo. Em 1911, os jornais do *Comércio* e a *Província do Pará* noticiaram que ele havia elaborado o projeto do Grande Hotel. Em 1915, figurou entre os mais importantes construtores de Belém⁹⁴, quando encaminhou sugestões ao Intendente Municipal Antonio Martins Pinheiro sobre procedimentos a serem adotados nas construções urbanas.⁹⁵ Neste campo de trabalho era inconveniente qualquer partidatismo político, talvez neste período, tenha optado em manter o foco apenas na consolidação da carreira profissional.

A partir de 1931, quando abandonou a construção civil e adquiriu a propriedade de Benfica, não dependia mais diretamente dos humores políticos para se manter, seu nome já era conhecido e respeitado na cidade. Em 1935, um doloroso episódio ocorreu, o falecimento de seu filho Olavo Sidrim, engenheiro agrônomo, fato que deve ter colaborado para modificação de seu comportamento, passando a assumir de forma mais ostensiva os seus interesses políticos.

Olavo Sidrim ocupou os cargos de Secretário de Agricultura e o da presidência da Sociedade Cooperativa e Pecuária⁹⁶ por indicações do governador Magalhães Barata, interventor federal no Pará de 1930 a 1935. O cargo de Presidente da Cooperativa vinha sendo ocupado ao longo tempo, pelas tradicionais famílias de Belém, que dominavam o setor pecuário no estado do Pará. Olavo Sidrim no período em que foi responsável pela Colônia Agrícola “Inglez de Souza”, em Monte Alegre⁹⁷, adquiriu por lá, uma pequena fazenda, passando também a dedicar-se a criação de gado, competências que, para Magalhães Barata, tornava-o apto para assumir tal presidência, mas que gerou um grande mal-estar entre os seus antecessores. Esta agitação entre os associados da cooperativa e o interventor do Estado teve como desdobramento ataques e

⁹⁴ Manoel Pedro & C.^a, Salvador Mesquita & C.^a, Palma Muniz, J. S. de Freitas & C.^a, A. R. Salvador & C.^a, José Pereira da Silva.

⁹⁵ MATOS, Ana Léa Nassar. *Ecletismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 2003. Dissertação (Mestrado). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003. p.34,35.

⁹⁶ A Sociedade Cooperativa da Indústria e Pecuária do Pará Ltda. – SOCIPE foi fundada em 12 de junho de 1931 com o objetivo de regularizar o mercado de carne verde na cidade de Belém. Histórico Censo Cooperativista. Disponível em: <<http://www.ocbpa.belemvirtual.com.br/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

⁹⁷ Monte Alegre é um município do estado do Pará, localizado na zona do Baixo-Amazonas, situado à margem do rio do mesmo nome. Existem relatórios datados de 1751, que afirmam que àquela localidade foi fundada pelos Capuchos de São José, pertencentes à mesma ordem Franciscana dos Padres da Piedade, e constituída como freguesia de São Francisco de Assis. Em 1758, o Governador e Capitão Geral do Grão-Pará, outorgou-lhe a categoria de Vila. Devido ao bom clima da região, se desenvolveu bastante no período colonial. Em 1873 foi transformada em comarca e, em 1880, a sede do município adquiriu categoria de cidade. Sua denominação é de origem portuguesa e seus nativos são denominados montealegrense. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/montealegre.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

difamações de todos os lados, alcançando particularmente a pessoa de Olavo Sidrim, por meio do jornal *A Folha do Norte*, que desenvolveu uma “... campanha desbragada à honra de todo mundo”. Olavo Sidrim usou de sua habilidade no desenho, para confeccionar as charges que ilustraram as matérias de seus aliados no jornal *Imparcial*. O desenho ironiza os antigos fazendeiros que sempre estiveram à frente do comando da Sociedade Cooperativa e Pecuária. O personagem escolhido para o ataque foi a do dr. Agostinho Monteiro, pessoa influente da diretoria, representado na charge, ora montado na vaca, de frente e de costa, ora em situação oposta. Possivelmente, essas representações, denunciavam a falta de competência para o cargo, no tratamento dos objetivos específicos daquela instituição (Figuras 11 a, 11 b e 11 c).

A Folha do Norte era o jornal de maior tiragem, trinta vezes maior que a do *O Liberal*, seu predomínio podia ser sentido pela forma como a população identificava o jornaleiro: “folheiro”. O proprietário era Paulo Maranhão, seu principal redator. *O Liberal* foi criado como Órgão do Partido Social Democrático do Pará e dava suporte ao governo do interventor⁹⁸.

A virulência dos ataques da *Folha* foi apontada como responsável pela morte de Olavo Sidrim. Sua filha Renée Sidrim Nassar, relatou que o Paulo Maranhão teria defendido seu jornal dizendo que “*A Folha do Norte* não foi responsável pela morte de Olavo Sidrim”⁹⁹, mesmo assim José Sidrim se negou recebê-lo em sua casa para uma visita de pêsames. Em sua casa não entrava aquele jornal, somente *A Província do Pará*.¹⁰⁰

⁹⁸ Entrevista com Lúcio Flávio Pinto. In: MESQUITA, Luís. *Assumpção x Barata, uma relação de Política e Mídia que mobilizou a Amazônia*. Lisboa: Chiado, 2013. p.130.

⁹⁹ Não foram encontrados os exemplares da *Folha do Norte* correspondente às datas deste episódio.

¹⁰⁰ NASSAR, Renée Sidrim. José Sidrim. Belém, mar. 2016. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.



Figura 11a, 11b: Caricaturas por Olavo Sidrim - Publicadas em 1934. Jornal: *O Imparcial*, Pamphleto Político – director: Dr. Flávio Bezerra.
 Fonte: Arquivo da Biblioteca Artur Vianna do CENTUR. *O Imparcial*, ano 1934.
 Foto: de Rosita de Nazaré Sidrim Nassar.



Figura 11c: Caricaturas por Olavo Sidrim - Publicadas em 1934. Jornal: *O Imparcial*, Pamphleto Político – director: Dr. Flávio Bezerra.
 Fonte: Arquivo da Biblioteca Artur Vianna do CENTUR. *O Imparcial*, ano 1934.
 Foto: Rosita de Nazaré Sidrim Nassar.

A morte de seu filho teve grande repercussão na cidade conforme relatou a revista *A Semana*:

A cidade inteira recebeu verdadeiramente compungida a notícia do inesperado falecimento do dr. Olavo Lima Sidrim, uma das capacidades moças que o Pará poderia apresentar em qualquer meio culto. Profissional competente, rara organização de trabalho, o estimado moço era, além do mais, um cultivador intransigente dos dictames da honestidade e do bem, com amigos, colegas e subalternos, de que deu provas como director da Agricultura e da S. Cooperativa de Industria Pecuária, as quaes dedicou o melhor de sua energia. O nosso cliché mostra o sempre lembrado e querido morto, em grupo de família, vendo se também sua esposa e filhinhos, seus paes, as respeitáveis figuras da sociedade paraense dr. José Sidrim e esposa, irmãos e cunhado. Na parede, nota se o artístico e custoso retrato do extinto, oferta feita pelos funcionários da Cooperativa, em carinhosa e expressiva homenagem, à família do seu inesquecível director. A missa de 7^a dia, celebrada quarta-feira passada na Igreja da Sé, teve confortadora concorrência das nossas mais altas autoridades, avultado número de amigos e famílias da nossa mais alta sociedade, funcionários da Agricultura e Cooperativa, etc. A Semana se fez representar pessoalmente por seu director, deputado Souza Filho.¹⁰¹ (Figura 12)

A *Semana* publicou a nota acima ao lado da fotografia da família Sidrim (Figura 12), onde aparece Olavo ainda em vida, que expressa bem o estado de ânimo em que seus familiares se encontravam no momento do recebimento da homenagem. A tensão prevalecendo ao júbilo. O semblante de todos reflete a apreensão que vinham passando pelos fortes ataques das matérias da *Folha do Norte*.

¹⁰¹ A revista *A Semana*, 18 mai. 1935. p. s /n.



Figura 12: Página do jornal *A Semana*, com a notícia do falecimento de Olavo Sidrim. Na fotografia da esquerda para direita: em pé - Jayme Lima Sidrim, Elda Lima Sidrim, José Freire Sidrim, Olavo Lima Sidrim, Mary Montenegro Duarte, Alberto Lima Sidrim - sentadas: Wolitza Lima Sidrim, Renée Duarte Sidrim, Oda Duarte Sidrim, Rosita Montenegro Duarte Sidrim.

Fonte: Revista *A Semana*, 18 maio 1935.

O conjunto das transformações drásticas ocorridas na rotina de José Sidrim conduz à conclusão de que estas afetaram profundamente os seus posicionamentos perante a vida. Em 1947, o jornal *O Liberal*, apresenta-o completamente integrado às articulações políticas da época, em uma notícia com o título “Vitoriosos comícios em Benevides e Benfica”:

... O povo dessas duas simpáticas localidades vibrou de animação, aclamando febrilmente o chefe do P.S.D. do Pará e o major Moura Carvalho, candidato por essa pujante agremiação partidária a governador Constitucional do Estado. (...)

Após o comício o senador Magalhães Barata e sua comitiva almoçaram na residência do nosso presado amigo dr. José Sidrim, onde foram cumulados de gentilezas.¹⁰²

Dois meses depois, com o resultado vitorioso da referida campanha, o jornal *O Liberal*, de 17 de março de 1947, publica manchete com letras garrafais: “Como Foi Comemorada Em Benfica A Posse Do Exmo. Sr. Major Luiz Geolás de Moura Carvalho. No Cargo De Governador Constitucional Do Estado Do Pará”, seguindo com a notícia:

Sábado, dia 15 do corrente, o grande industrial sr. dr. José Sidrim realizou uma “soirée” dançante na sede do Diretório Distrital do P.S.D., que funciona na residência do sr. Raimundo Dickson Ferreira, secretário daquele Diretório nesta vila. (...)

Esteve representando o exmo. sr. coronel Magalhães Barata e o major Moura Carvalho, o exmo. sr. dr. José Sidrim.

Verifica-se que as duas notas do jornal *O Liberal* apresentam José Sidrim despojado da descrição política com que havia se apresentado ao longo de sua vida, assumindo total apoio àquele que havia prestigiado seu filho em indicações profissionais, a figura polêmica do coronel Magalhães Barata.

O movimento para envolvê-lo de forma explícita na política partiu de seus amigos Octavio e Augusto Meira que tinham interesses de ali fazer carreira e queriam contar com seu apoio. Segundo Renée Sidrim Nassar¹⁰³, eles o procuravam para essas articulações em sua “Vivenda Eldete”, em Benfica.

1.3. Raízes novas

1.3.1. Formação da família e amizades

José Sidrim aos 23 anos segue as normas do “mundo civilizado”, pós-Revolução Francesa, identificadas por Hippolyte Taine (1828-1893) como o comportamento de todas as camadas sociais, que procuram o mais cedo possível formar um lar, em busca de satisfazer as suas principais necessidades que são trabalho e abrigo¹⁰⁴. Sidrim assim que estabiliza seus vínculos empregatícios com a Intendência

¹⁰² *O Liberal*, órgão do partido social democrático do Pará, Diário Vespertino, Estado do Pará 15 de janeiro de 1947, nº 50, p.1.

¹⁰³ Filha de Olavo e Rosita Sidrim, neta de José Sidrim e esposa de Naef Nassar.

¹⁰⁴ PERROT, Michelle (Org.). Os atores. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. p. 134.

Municipal de Belém do Pará, parte para casar no Ceará. A noiva era sua prima Wolitza, original da cidade de Quixadá, “senhorinha da elite social da terra”, frequentadora das “festas religiosas realizadas nos meses de maio e dezembro” e da “orquestra constituída para cantar as novenas e a missa do último dia”, tudo isso em companhia das irmãs Fantina e Oda, filhas de Honor do Monte Lima¹⁰⁵.

A homogamia e até a endogamia são tendências consolidadas em todos os meios regionais e sociais, que também se explicam pelas formas de sociabilidade: a pessoa se casa com alguém semelhante a ela, também pelo fato de conhecer e conviver principalmente com indivíduos parecidos com ela mesma.¹⁰⁶

Todas essas razões acrescida a grande paixão que os envolveu desde o primeiro encontro, e levou-os ao Matrimônio.

Cristina Cancela cita outras circunstâncias em que se dão enlances matrimoniais na mesma família, como espécie de mediação entre as relações comerciais e políticas. No artigo em que analisa as “Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais”, em Belém no período de 1870 - 1910,¹⁰⁷ divide os recém-chegados à capital do Pará, em alguns grupos como: aqueles sem tradição ou nome de família, porém, com renda e propriedade; aqueles que fizeram fortuna no Estado, e aqueles que já vieram com algum recurso de seus locais de origem. Concluindo que o quesito “fortuna” apesar de ser um elemento facilitador para “participação no universo restrito da elite paraense” nem sempre “era garantia de prestígio e reconhecimento” era necessário agregar outros fatores como “nome e tradição familiar”.

O histórico da chegada de José Sidrim em Belém não o enquadra em nenhum dos grupos listados por Cancela. O que se tem intuído ao longo da pesquisa, é de que ele teria trazido uma carta de apresentação no bolso, por sua família dispor de conhecidos influentes em Fortaleza. Possivelmente viajou apenas com recursos restritos a sua instalação no Pará. No entanto, a Autora adverte a seguir, que “... para fazer parte dos grupos de elite, não é necessário apenas possuir bens e dinheiro”, outros aspectos devem ser considerados, como “comportamento, modos de falar, relacionamentos

¹⁰⁵ MENEZES, Paulo Elpídio de. *O Crato de meu tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 1985. p. 81. (Coleção Alagadiço Novo)

¹⁰⁶ PERROT, Michelle (Org.). Figuras e Papéis. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. p. 107.

¹⁰⁷ CANCELA, Cristina Donza. *Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais: Belém 1870-1910*. Topoi, v. 10, n.18, p. 24-38, jan. /jun. 2009.

estabelecidos, roupas e educação” são alguns dos itens que apontam a maneira com que “as pessoas se reconhecem na sociedade, determinam seu lugar”, são como uma “espécie de capital simbólico” tão importante quanto o “conjunto de bens e riqueza”:

Os recursos da família são importantes para se definir a posição na hierarquia social; todavia, não menos importantes são as alianças de amizade e de afinidade constituídas pela parentela, formando uma rede de influência e de poder.¹⁰⁸

José Sidrim ao vir para Belém veio em companhia de Álvaro Adolfo da Silveira (1882-1959)¹⁰⁹, com pouco tempo de chegada foi nomeado funcionário municipal da administração do Antonio Lemos, e no desempenho de suas funções trava relações pessoais com João Palma Muniz e Joaquim Lalor, todos eles pessoas influentes correspondentes as “alianças de amizade e de afinidade” a que se refere Cancela que formam “uma rede de influência e de poder” que acabam por proporcionar a José Sidrim e sua família o convívio e o ingresso na elite paraense.

Ao estabelecerem raízes definitivas na cidade, facilitados pelos laços de amizade e pelo trabalho, Wolitz e José Sidrim começam a ampliar a família, que terminou composta por cinco filhos: Olavo, Jayme, Alberto, Elda, Renato e natimorto que recebeu o nome de América.

A quantidade de filhos no interior das famílias foi um tema pesquisado por Bonnie Smith¹¹⁰ no século XIX, no norte da França, aprofundado pela historiadora francesa Michelle Perrot (1928) em seus estudos relativos ao século XX e XXI, no momento em que aborda o papel das donas de casa na administração doméstica e comenta sobre suas peculiaridades, afirma que são elas que constroem a moral doméstica, tendo como principais eixos: “... a fé contra a razão, a caridade contra o capitalismo, a reprodução como auto justificação”, estas funções conferiam de sentido

¹⁰⁸ CANCELA, Cristina Donza. *Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais: Belém 1870-1910*. Topoi, v. 10, n.18, p. 24-38, jan. /jun. 2009. p.28.

¹⁰⁹ SILVEIRA, Álvaro Adolfo da – Político e professor universitário. ...[em sua cidade Fortaleza] iniciou o curso de Direito, completando-o em Belém, para onde se mudou. Bacharelou-se em 1908. Iniciando-se no magistério superior, ganhou a cátedra de Economia Política na Faculdade de Direito do Pará. Como político ... pertenceu ao Partido Conservador, tendo sido deputado e senador estadual, respectivamente, nas legislaturas 1912-1916 e 1924-1930. ...Era Álvaro Adolfo, depois de Magalhães Barata, a segunda pessoa do PSD no Pará. ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL, 1968. v. 6, p.1592.

¹¹⁰ SMITH, B., *Ladies of the leisure class: the bourgeois of northern France in the nineteenth century*, Local: Princeton University Press, 1981. PERROT, Michelle (Org.). Figuras e Papéis. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. p. 129.

seus comportamentos, definindo o tamanho de suas famílias. Ao identificá-las como “as burguesas rodeadas de filhos” revela o acréscimo de cinco para sete da taxa média de filhos por família, entre 1840 e 1900¹¹¹.

A família de José Sidrim acompanhou os índices europeus do período quanto aos números de seus membros, aproximando-se da referência citada.

Em um âmbito maior da família Sidrim foi possível identificar um comportamento semelhante aos dos cearenses que migraram para o Pará fugindo da seca, em que não desagregaram os laços familiares e se mantiveram todos juntos, “Embarcava rumo a Belém um grande número de famílias nucleares composta por um casal, seus filhos, uma parte da parentela e às vezes até agregados.”¹¹²

Diferenciando-se no caso específico de José Sidrim que veio sozinho, e somente depois que organizou minimamente a vida é que os parentes começaram a chegar, estabelecendo-se em sua própria casa ou pela vizinhança. É o caso de dona Ermelinda (Figura 13), mãe de Wolitza Sidrim, que veio ajudar a filha nos afazeres domésticos. E seu Emiliano, pai de José Sidrim, que veio com os filhos em busca de trabalho, possivelmente impactado pela morte da esposa Amélia, fato que deve ter colaborado pela decisão de mudança. Em Fortaleza permaneceu apenas o filho Pedro, estudante de Odontologia.

Por esta ocasião José e Wolitza Sidrim haviam deixado à moradia da travessa de Cintra, no bairro da Cidade Velha, para se estabelecerem à Travessa 14 de Abril, no bairro de São Brás. O novo endereço era um local mais periférico, sem o mesmo *status* urbano da moradia anterior. A referida via cortava a antiga Avenida Independência, atual Av. Governador Magalhães Barata, o mais importante vetor de expansão da cidade.

¹¹¹ PERROT, Michelle (Org.). Figuras e Papéis. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. p. 129.

¹¹² LACERDA, Franciane Gama. Requerendo passagem para si e sua família: mulheres migrantes no Pará da virada do século XIX. *Projeto História*, São Paulo, n. 27, p. 305-320, dez. 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10505/7819>>. Acesso em: 12 abr. 2016.



Figura 13: Ermelinda Freire - mãe de Wolitza Freire Sidrim.
Fonte: Acervo da família.

Belém passava por muitos melhoramentos que ainda não repercutiam nesta área, mantinha em sua aparência a mescla do ambiente urbano e do rural, como bem demonstra o registro fotográfico do botânico suíço Jacques Huber (1867-1914), provavelmente feito em 1900¹¹³, da Estrada Gentil Bittencourt, via que também interceptava a Travessa 14 de Abril, nas proximidades da moradia da família de José Sidrim. Na foto pode se constatar a ausência de infraestrutura e a presença de modestas habitações, bem diferente de outros trechos da cidade da *Belle Epoque*. (Figura14)

Naeff Nassar descreve o período dessa moradia como de dificuldades: “ele morava ... mais ou menos na altura da Mundurucus, num igapó” e que “vinha pra Prefeitura a pé, nem sempre tinha o dinheiro para pagar a passagem do bonde”¹¹⁴.

¹¹³ Registro fotográfico retirado do livro *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: Aspectos Históricos e Iconográficos (1860-1921)* / Organização de Luís Carlos Bassalo Crispino, Vera Burlamaque Bastos, Peter Mann de Toledo. Belém: Paka-Tatu, 2006. p.193.

¹¹⁴ NASSAR, Naeff Leite. *José Sidrim*. Belém, set. 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.



Figura 14: Estrada Gentil Bittencourt, em 1900. Habitações modestas e sem infraestrutura. Autoria provável Jacques Huber.

Fonte: Livro “*As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi, Aspectos Históricos e Iconográficos, (1860- 1921)*”, p. 193. Editora Paka -Tatu Ltda., 2006.

Além de se estabelecer ali com a sua esposa e filhos, José Sidrim também alugou na vizinhança uma meia-água¹¹⁵ para seu pai e irmãos, e arcou com os dois alugueres enquanto não encontravam trabalho. A partir daí, a família Sidrim veio pouco a pouco para o Pará e ali se estabeleceu. Antonio Freire Sidrim abriu seu negócio em uma sala no Mercado de Ferro trabalhando com “Commissões”¹¹⁶, e os outros irmãos tornaram-se pequenos comerciantes na Estrada de Ferro de Bragança.

Naeff Nassar¹¹⁷ recorda que as irmãs de José Sidrim se fixaram em Capanema, aonde veio a conhecê-las: “Raimunda, Joaquina e Amélia [que] morreu de parto”. E, posteriormente, depois de casado com Renée Duarte Sidrim, foi apresentado para os irmãos; “seu Chico [Francisco] Freire Sidrim, Emiliano Freire Sidrim, Antonio Sidrim e o João Sidrim”.

¹¹⁵ Miagua ou meia água é uma forma de identificar construções mais simples que apresentam sua cobertura com apenas um caimento do telhado, ou seja, é a metade de um telhado convencional de duas águas.

¹¹⁶ “A. F. Sidrim & Cº, Commissões, Mercado do Ferro, 43 (exterior)”. Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, 1904. p. 684. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

¹¹⁷ NASSAR, Naeff Leite. *José Sidrim*. Belém, set. 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

“O velho Sidrim” era considerado o ponto de referência da família, Nassar numa espécie de respeito e reconhecimento afirma que “ele era o expoente da família, não tinha mais ninguém [na família] com a sua sensibilidade artística”, e os irmãos manifestavam o mesmo sentimento “todos o respeitavam e o reverenciavam”.

Sua casa representava um porto seguro para qualquer membro da família que estivesse com algum tipo de dificuldade. Ali permanecia passando temporadas, até sentir a segurança necessária para retomar a própria vida. Era o irmão mais velho que buscava solucionar as dificuldades de todos, como no caso de Francisco e Emiliano, para quem conseguiu por meio de suas amizades colocações em bons empregos. Para Francisco Freire Sidrim, intermediou sua entrada no quadro de funcionários da Escola Profissional do Estado, como inspetor do Instituto Lauro Sodré¹¹⁸, instituição em que José Sidrim foi professor de Desenho; e para Emiliano Freire Sidrim conseguiu a colocação no Banco da Borracha,¹¹⁹ através de um pedido ao amigo Octavio Meira e “com esse emprego sustentou a família até morrer”¹²⁰.

A neta Renée Sidrim Nassar¹²¹ declarou que aquilo que mais a impressionava na personalidade do avô era o fato de ele recolher em sua casa, qualquer familiar que estivesse com problemas financeiros ou de saúde, providenciando aquilo que fosse necessário. Desse modo agiu com os “parentes que moravam em Capanema e em Castanhal”. Mais tarde, quando se tornou proprietário da Olaria Paraense, em Benfica, disponibilizava o próprio carro para parturientes em dificuldade, para terem o filho na Santa Casa, em Belém, como também para os doentes graves “cedia o carro com o motorista para socorrê-las”. E, para aqueles casos mais simples, manipulava componentes da homeopatia e os distribuía aos que careciam.

Era evidente que sua personalidade condizia com os princípios paternalistas brasileiros compromissados com um sistema de relações sociais e trabalhistas, unidos por um conjunto de valores, doutrinas políticas de um pensamento positivista, porém, dizem os familiares que era muito sensível a condição hierárquica

¹¹⁸ ESTADO DO PARÁ CAPITAL – VOLUME III, p.3564, Instituto Lauro Sodré Escola Profissional do Estado, Arrabalde Souza, telephone 104, Corpo Administrativo: ... Inspectores: Francisco Freire Sidrim ... Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

¹¹⁹ O Banco de Crédito da Borracha foi criado na Segunda Guerra Mundial, tendo sede apenas em Belém do Pará, foi fundado pelo governo Vargas com o intuito de reaquecer a atividade extrativista do látex na Amazônia.

¹²⁰ NASSAR, Naeff Leite. *José Sidrim*. Belém, set. 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

¹²¹ SIDRIM, Maria de Nazaré; NASSAR, Renée Sidrim. *José Sidrim*. Belém, mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

inferior de seus empregados domésticos, e, como forma de diminuir essas diferenças sociais exigia que fossem tratados com justiça e respeito.

Este modo de ser com os estranhos e com os empregados, José Sidrim também desempenhou com os familiares. Um bom exemplo disso envolveu a irmã de sua esposa Wolitza, sua cunhada Oda e o marido dela, Paulo Elpídio Menezes. Por volta de 1912, o casal passou por sérios apuros, em função de uma perseguição política, conforme a narrativa feita por Paulo Elpídio de Menezes Neto¹²²:

Meus avós, Oda e Paulo, guardavam grande afeição por Wolitza e José. ... Paulo Elpídio, meu avô, foi vítima de perseguição política com a queda do governo do Comendador Acioli¹²³, no Ceará. Com dois filhos homens (Djacir Menezes¹²⁴ e Paulo Elpidio Menezes Filho, meu pai) que haviam sobrevivido aos quatro que tiveram, nascidos, todos, em Maranguape, foram exilados: postos em um navio que seguiu para Belém. A generosidade dos cunhados, Wolitza e José, lhes permitiu esses anos de desventura, dispondo dos meios necessários ao sustento da família enquanto estiveram sob o seu teto. Esse gesto nunca seria esquecido por Oda e Paulo, nem pelos filhos e netos.

Foi uma experiência dura agravada pela morte de um dos filhos mencionados no relato. José Sidrim só se deu conta do acontecido quando escutou os ruídos do pai, Paulo Elpídio, confeccionando o caixão do próprio filho, que depois de terminado foi por ele mesmo conduzido até o Cemitério de Santa Isabel. Outro fato desse mesmo período foi relatado pelo próprio Paulo Elpídio em seu livro *O Crato do meu tempo*, no momento em que retornou sozinho à Fortaleza, em setembro de 1914, aportando lá em “um navio do Loide” vindo de Belém do Pará, com a intenção de perceber se o estado de ânimo permanecia o mesmo¹²⁵. Constatou que o clima não era

¹²² Paulo Elpídio de Menezes Neto, cientista político, exerceu o magistério na Universidade Federal do Ceará e participou da fundação da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, em 1968, sendo o seu primeiro diretor. Foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e reitor da UFC, no período de 1979/83. Exerceu os cargos de secretário da Educação Superior do Ministério da Educação, secretário da Educação do Estado do Ceará, secretário Nacional de Educação Básica e diretor do FNDE, do Ministério da Educação. Foi, por duas vezes, professor visitante da Universidade de Colônia, na Alemanha. É membro da Academia Brasileira de Educação. Tem vários livros publicados.

¹²³ Referência ao movimento armado acontecido em Fortaleza no ano de 1912, cujo resultado foi a deposição do comendador Nogueira Acioli, que permaneceu no poder durante 16 anos. Maior aprofundamento no assunto consultar: *O festejo por princípio, a pilhéria por base, a revolta por fim*, autoria de Antonio Zilmar Silva. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

¹²⁴ Djacir Lima Menezes (Maranguape, Ceará, 1907 - Rio de Janeiro, 1996) foi um intelectual, sociólogo, jurista, economista e filósofo e destacou-se particularmente no cargo de reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 1969 e 1973. Depois de jubilado tornou-se professor emérito daquela instituição. Foi fundador e diretor do "Centro de Estudos Brasileiros" (em Buenos Aires) e do "Centro Cultural Brasil-Bolívia" (em La Paz). Foi ainda membro do Instituto do Ceará e fundador da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará em 1938.

¹²⁵ MENEZES, Paulo Elpídio de. *O Crato de meu tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 1985. p. 92. (Coleção Alagadiço Novo)

ameno, prova disso foi o sargento da Polícia que “... senta na mesma banca” em que se encontrava no Café Iracema, esperando para comer “... um bife com arroz e farofa”, que sacou “... da cintura um punhal de mais de dois palmos de lâmina” e com o sobreceño fechado advertiu que “Nesta mesa, quem manda é Nossa Senhora das Dores e meu punhal ...”. No ímpeto de esboçar qualquer reação lhe vem o pensamento “... na mulher e nos dois filhos que havia deixado em Belém” e de quem nunca tinha se separado, fazendo-o recuar da ideia de sacar a “... pistola Mauser com bala na agulha” que trazia consigo. Recordou que era uma arma igual àquela com que havia se defendido, “... no dia 24 de janeiro de 1912, nas vésperas de minha deportação”.¹²⁶ Finalmente quando terminaram os tempos difíceis, retornaram ao Ceará, quando tiveram condições de refazer a vida em outros patamares além de ver a realização profissional de seus dois filhos.

Todo esse parêntese na narrativa visou dar uma noção da realidade em que se encontrava o Ceará e a dimensão do tempo que foi necessária para superação daquelas adversidades políticas. Foi bem longo o período da moradia na Travessa 14 de Abril, com o pai e os irmãos na vizinhança, com a rotina dos serões noturnos, enquanto estudava para a graduação em Arquitetura, e pela execução dos mapas da cidade de Belém, como aquele da demarcação da primeira légua patrimonial, seu trabalho de maior repercussão como Desenhista municipal. Para o desenho destes mapas, devido as suas grandes dimensões, Sidrim teve de executá-los em casa, em uma prancheta fora dos padrões do mercado, que ele próprio mandou executar, em madeira resistente, porque desenhava deitado sobre ela. O tamanho permitiu que anos mais tarde fosse utilizada como divisória de seu gabinete já na casa da Dr. Assis.

A esposa Wolitza Sidrim era grande incentivadora de seu trabalho, confeccionou um grande mosqueteiro que envolvia toda a prancheta e o candeeiro, a fim de minorar as dificuldades do horário noturno, quando o assédio dos carapanãs¹²⁷ era intenso. A participação dela estendia-se também, ao dia a dia da rotina do escritório de arquitetura, que funcionava na própria casa, mantinha os lápis sempre bem apontados e zelava para que as crianças não corressem ou brincassem perto do ambiente de trabalho, era encarregada de fazer as cópias dos desenhos. A tarefa das cópias, era realizada

¹²⁶ MENEZES, Paulo Elpídio de. *O Crato de meu tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 1985. p. 93. (Coleção Alagadiço Novo)

¹²⁷ Carapanãs, do tupi [karapa'nã], são mosquitos sugadores de sangue, conhecidos em outros Estados como muriçoca, pernilongo, sovela ou mosquito-prego, medem em geral menos de um centímetro de comprimento ou de envergadura, corpo delgado e longas pernas, encontrados de Norte a Sul do Brasil. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

enquanto a tinta de nanquim ainda estava úmida, cobria-se então o trabalho, com um papel apropriado, e, com auxílio de uma prensa de ferro, comprimia-os em uma tábua lisa. O papel utilizado neste procedimento, como todo material de desenho, era importado e adquirido em livraria especializada.¹²⁸

Outro aspecto dessa temporada na Travessa 14 de Abril foi o relacionamento estabelecido com a Ordem dos Capuchinhos do Pará.¹²⁹ Foram os frades que batizaram os filhos de José e Wolitza Sidrim. Ela costumava frequentar diariamente a igreja, além de ser integrante da diretoria da “Comissão de Senhoras”, composta por “ilustres senhoras da sociedade paraense” que ajudavam nas obras sociais da Igreja, como a Escola Bento XV, e recolhia donativos para a construção do “Sanctuário de São Francisco”.

Na comissão de senhoras, também fazia parte, a comadre Olivia Moema Lemos Lalôr, filha do intendente Antonio Lemos, casada com o engenheiro civil Joaquim Lalôr (Figura 15). A amizade entre eles teve início na passagem de José Sidrim pela Intendência Municipal. E a partir daí foi se consolidando o respeito e a admiração mútua, ultrapassando a rotina dos escritórios e gabinetes de trabalho, expandindo-se para suas vidas particulares, para uma convivência mais próxima. O engenheiro Joaquim Lalôr e a esposa Olívia, foram padrinhos da filha Elda, nascida em 1911, que só foi batizada em 1914, possivelmente esperando que acalmassem os tumultos e traumas, provocados pela crise política, que culminou com a expulsão do senador Antonio Lemos, da cidade de Belém, em 1912. Wolitza Sidrim e Olívia Lemos Lalôr foram grandes amigas, amizade registrada no cartão-postal da viagem internacional (Figura 16).

¹²⁸ MATOS, Ana Léa Nassar. *Eclétismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

¹²⁹ A Ordem dos Capuchinhos se encontrava nas redondezas desde 1903, instalados em uma casa alugada na travessa Caldeira Castelo Branco, conhecida por Retiro Saudoso, haviam deixado a moradia no Hospital da Ordem Terceira aonde prestavam serviços piedosos. Era vigário da missão o frei João Pedro de Sexto, que possuía a responsabilidade de toda a grande missão do Norte.



Figura 15: Fotografia publicada na revista FON – FON! – Edição nº 0036, de 07. Setembro 1912, com a legenda: “O Senador Antonio Lemos entre sua filha e seu genro Dr. Joaquim Lallor, em cuja casa se asilou”.

Fonte: Disponível em: <<https://fauufpa.org/2014/07/21/o-para-em-foco-reportagem-fotografica-do-fon-fon-em-07091912/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

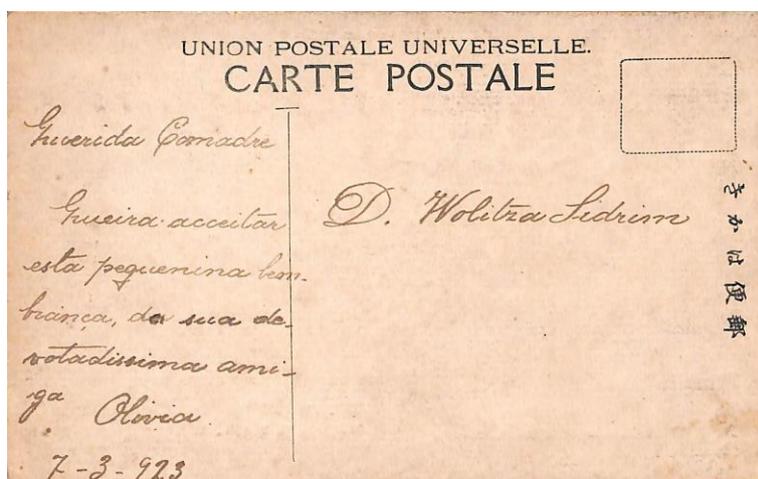


Figura 16: Frente e verso cartão-postal enviado por Olivia Lalôr a Wolitza Sidrim.
“Querida Comadre. Queira aceitar esta pequenina lembrança,
da sua devotadíssima amiga. Olivia, 7-3-923”

Fonte: Acervo Flávio Nassar

Outra grande amizade deste período foi com o casal João e Delfina de Palma Muniz¹³⁰ que foram os padrinhos do primeiro filho, Olavo Lima Sidrim. O Palma Muniz teve uma importância fundamental no desempenho profissional de José Sidrim, e as esposas eram bem próximas como se percebe nos dizeres carinhosos do cartão de saudações pelo Ano Novo, apresentado na Figuras 17 e 18.

¹³⁰ MUNIZ, JOÃO DE PALMA – Geógrafo, historiador, jornalista e professor. Nasceu na cidade da Vigia, Pará, a 5 de janeiro de 1873. Formado engenheiro civil, tornou-se vulto de grande projeção nas letras históricas do Pará. Foi chefe da Seção da Repartição de Obras Públicas; diretor da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.¹³⁰ ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL, 1968. v. 4. p. 1169. Possui obras impressas: em Belém, pelas oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré e Imprensa Oficial do Estado; e na França: em Paris e Lausanne.

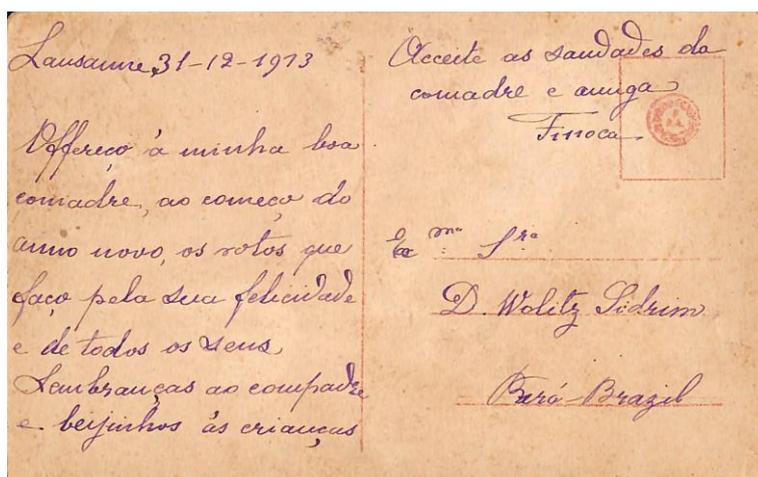


Figura 17: Frente e verso cartão-postal enviado por Delfina Muniz a Wolitza Sidrim
“Lausanne, 31-12-1913

Exma. Sra.D. Wolitz Sidrim. Offereço a minha boa comadre, ao começo do anno novo, os votos que faço pela sua felicidade e de todos os seus. Lembranças ao compadre e beijinhos ás crianças. Aceite as saudades da comadre e amiga. Finoca”

Fonte: Acervo Flávio Nassar.

A relação de Palma Muniz e José Sidrim estendeu-se a construção civil, estiveram juntos na construção do “Sanctuário de São Francisco”, em 1919, conforme destacou o jornal *Estado do Pará*, de 26 de junho daquele ano:

[...] sob a fiscalização e direção técnica do engenheiro Palma Muniz e do architecto José Sidrim que projetaram o novo templo, tivemos a oportunidade de observar um desenvolver de trabalho minucioso em todos os seus detalhes, desde o traçado das argamassas até o tecimento das abóbadas....¹³¹



Figura 18: José Sidrim e Palma Muniz, obras do Orfanato Antonio Lemos, 1905.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico Geográfico do Pará, ihgp Fs565, 566. Jpg.

¹³¹ O SANTUÁRIO de S. Francisco. *Estado do Pará*. Belém, ano 9, 26 jun. 1919. In MATOS, Ana Léa Nassar. *Eclétismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

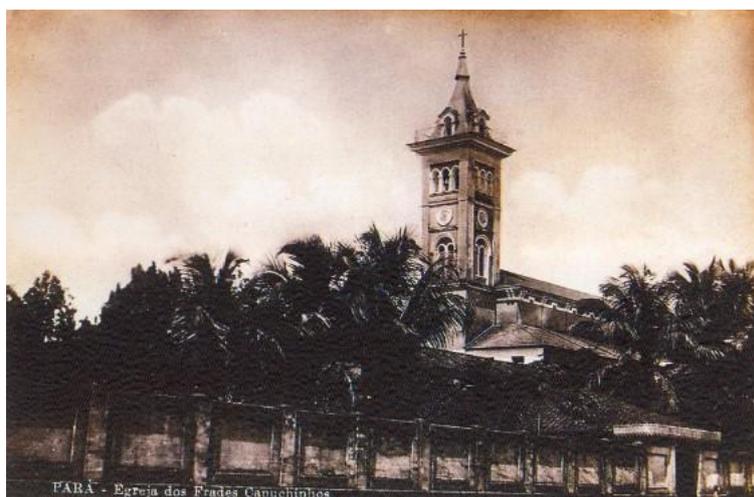


Figura 19: Cartão-postal da Igreja dos Frades Capuchinhos.

“Construída em 1919, na Travessa Castelo Branco, entre as avenidas Conselheiro Furtado e dos Mundurucus, essa igreja é projeto de José Sidrim e do engenheiro Palma Muniz. O primeiro, foi o principal responsável pelos planos urbanísticos do intendente Antonio Lemos.”

Fonte: Belém da Saudade – SECULT, 1996. p.161.

Durante o período da construção da Igreja de São Francisco, a neta Nazaré Sidrim se recorda de alguns fatos vinculados ao momento da obra, contados pelo seu pai Alberto Sidrim. Um deles se refere a uma tarde em que Wolitza ia em companhia de uma cunhada para a novena, no meio do caminho foi advertida para não olhar para os andaimes da construção da igreja, pois seus filhos estavam lá, subindo em direção a torre. Foi necessário o auxílio dos frades para dali serem retirados (Figura 19). Outro fato, desta vez envolvendo José Sidrim, se deu quando da retirada das formas e dos apoios que sustentavam as abóbadas da igreja, ele teria afirmado que ficaria embaixo delas no momento do procedimento, pois em caso de desmoronamento deveria ser a primeira vítima. Seu papel de pioneiro na utilização das novas tecnologias construtivas acabava lhe tirando o sono todas as vezes que elas eram empregadas. Como ocorreu também na construção da Escola dos Artífices Aprendizes, atual Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. A neta Renée Nassar se lembra do avô referindo-se de ter sido aquela a primeira experiência com a tecnologia do concreto armado em Belém, praticamente obrigando-o a morar na obra para acompanhar de perto a execução de todos os detalhes.

1.3.2. Os filhos

Foi também no período daquela moradia na Travessa 14 de Abril, que José e Wolitza Sidrim perderam o filho caçula Renato, com aproximadamente 12 anos de idade. Estava doente juntamente com seus irmãos, Jayme e Alberto, submetidos a um tratamento para cura de amebíase¹³², seguindo as prescrições da época, com medicações muito fortes, não resistiu à terapêutica. Jayme e Alberto, ao presenciarem a dramática cena da morte do irmão, correram para cozinha em busca de comida, na tentativa de evitar que o mesmo lhes acontecesse¹³³.

Todos os familiares, mesmo aqueles que não chegaram a conhecer pessoalmente Renato, o descreviam como “um menino muito bom, muito religioso”. Uma ocasião que sua mãe ficou doente, toda vez que retornava da Missa, ia visitá-la no quarto dizendo-lhe que ia ficar logo boa. Também procurava proteger os irmãos, quando iam receber algum castigo, decorrentes das traquinagens que haviam aprontado, intercedia para ser castigado no lugar deles. Este seu modo de ser não passou despercebido pelos frades capuchinhos, ao ponto de um deles, quando foi consolar a sua mãe por ocasião de sua morte, dizer: “Olhe, dona Wolitza, eu não sei se lhe dê os pêsames ou lhe dê os parabéns, porque a senhora tem um santo no céu”¹³⁴.

Olavo, o filho primogênito, nasceu em 10 de maio de 1904, quando José Sidrim tinha 23 anos, a pequena diferença de idade entre pai e filho, possibilitou que convivessem por certo período em mesmos ambientes e com as mesmas pessoas no campo profissional. Estudou no Colégio Pará e Amazonas e na Escola de Agronomia e Veterinária da Amazônia,¹³⁵ formando-se em Agronomia em dezembro de 1924, seis anos depois da fundação desta escola.

A primeira nomeação como funcionário público foi para o cargo de Desenhista das Obras Públicas, tendo como chefe o Dr. João Palma Muniz, seu

¹³² Amebíase é o nome da doença causada pela ameba *Entamoeba histolytica*, um protozoário que pode causar graves sintomas gastrointestinais, como diarreia sanguinolenta e abscesso no fígado. A amebíase é uma infecção que ocorre no mundo inteiro, mas é mais comum em regiões pobres e com saneamento básico precário. Disponível em: <<http://www.mdsau.de.com/2013/08/ameba-entamoeba-histolytica.html>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

¹³³ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim, NASSAR, Renée Sidrim. *José Sidrim*. Belém, mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

¹³⁴ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim; NASSAR, Renée Sidrim. *José Sidrim*. Belém, mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

¹³⁵ A escola de Agronomia e Veterinária do Pará foi fundada entre 1917 e 1918, figurando entre seus fundadores João Palma Muniz. MORAES, Tarcísio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, geografia e historiografia na Amazônia*. 2009. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

padrinho, desempenhando a mesma profissão, com a qual José Sidrim, começou na Intendência Municipal. A filha de Olavo, Renée Sidrim Nassar, tem a lembrança do seu pai desenhando na mesa da sala de jantar, fazendo caricaturas para um jornal, ficava impressionada com o domínio que tinha para desenhar com as duas mãos. Após este período de trabalho na Intendência foi nomeado para a Colônia Agrícola “Inglez de Souza”, em Monte Alegre¹³⁶. A seguir retornou para o Setor de Obras Públicas, era então governador do estado, Dionísio Bentes (1925-1929). Quando da intervenção do Major Magalhães Barata, de novembro/1930 até abril/1935, ocupou o cargo de Secretário de Agricultura, de quem recebeu a indicação para assumir a presidência da Sociedade Cooperativa e Pecuária.

Olavo faleceu prematuramente em 9 de maio de 1935, com 31 anos de idade, conforme narrativa feita anteriormente.

Nesta ocasião quem se aproximou de José Sidrim para confortá-lo foi Rafael Fernandes de Oliveira Gomes, um dos fundadores da União Espírita Paraense¹³⁷. Apresentando-lhe os fundamentos do Espiritismo que encontraram eco em sua alma, na situação de extremo sofrimento em que se encontrava. As visitas foram mantidas ao longo do Tempo, tanto pelo objetivo de doutrinação e consolo, quanto pela amizade que foi se consolidando nestes encontros. Rafael Gomes foi uma das primeiras pessoas que compareceu ao velório de José Sidrim quando de seu falecimento em 13 de junho de 1969, confirmando a importância e profundidade do relacionamento construído entre eles.

José Sidrim continuou frequentando a Igreja Católica e mantendo-se fiel aos seus dogmas, comparecendo nas festas memoriais da Semana Santa e nas de epifanias do Natal. Seu estreito relacionamento com as autoridades eclesásticas não foi alterado, tanto que ficou hospedado em sua casa de Benfica, o bispo Dom Antônio de

¹³⁶ Monte Alegre é um município do estado do Pará, localizado na zona do Baixo-Amazonas, situado à margem do rio do mesmo nome. Existem relatórios datados de 1751, que afirmam que àquela localidade foi fundada pelos Capuchos de São José, pertencentes à mesma ordem Franciscana dos Padres da Piedade, e constituída como freguesia de São Francisco de Assis. Em 1758, o Governador e Capitão Geral do Grão-Pará, outorgou-lhe a categoria de Vila. Devido ao bom clima da região, se desenvolveu bastante no Período Colonial. Em 1873 foi transformada em comarca e, em 1880, a sede do município adquiriu categoria de cidade. Sua denominação é de origem portuguesa e seus nativos são denominados montealegrenses. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/montealegre.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

¹³⁷ Rafael Gomes aderiu ao Espiritismo, provavelmente, no final da década de vinte dedicando-se a seu estudo, sendo um dos fundadores da União Espírita Paraense, que chegou a presidir. Desenvolveu um profícuo trabalho divulgando a doutrina espírita e trabalhando em prol dos desassistidos e hansenianos dos leprosários do Prata e de Marituba. Atuou no comércio, seguindo a carreira de seu pai na empresa Ferreira Gomes Ferragista S/A, foi vereador em Belém, Diretor do Banco do Estado do Pará e Diretor da Seguradora Aliança Comercial.

Almeida Lustosa¹³⁸, quando de sua visita pastoral àquela localidade. Respeitava a religiosidade de sua esposa Wolitza, que frequentava diariamente a igreja nas celebrações das Missas, e também tinha o costume de reunir a família em torno ao oratório, para rezar novenas ou trezenas em louvor aos santos de devoção. Não chegou a frequentar as sessões espíritas, se deteve apenas na leitura da literatura específica para um conhecimento maior de sua história e doutrina, e do acompanhamento espiritual feito pelo amigo. Não procurou catequizar ninguém da família, no entanto falava abertamente de suas convicções e descobertas.

Elda, a única filha de José e Wolitza Sidrim, nasceu em 18 de dezembro de 1911, dominava perfeitamente os idiomas Francês e Inglês, tanto na escrita, quanto na conversação. Posteriormente, quis apreender as diferenças existentes na Língua Inglesa entre britânicos e americanos, e quando procurava uma pessoa para exercitar a língua conheceu o americano Paul Hansen¹³⁹, com quem se casou em 26 de abril de 1947, em cerimônia realizada na casa dos pais, na Rua Dr. Assis 46, celebrada pelo padre José Maria Azevedo, vigário da Sé.

Existia uma grande afinidade entre Elda e os seus pais, que costumavam se reunir para tocarem juntos. Wolitza e José Sidrim alternavam se entre a flauta e o bandolim, e a filha tocava piano¹⁴⁰. Elda era pianista formada pelo Conservatório Carlos Gomes e integrou a turma de musicistas do período de 1932-1936¹⁴¹, que realizou um concerto no Teatro da Paz, com a finalidade de arrecadar fundos para o pagamento de Antonieta Santos Feio¹⁴², que havia pintado o retrato do maestro Carlos Gomes para o Conservatório.

¹³⁸ Dom Antônio de Almeida Lustosa foi promovido a arcebispo de Belém - Pará, pelo Papa Pio XI, no dia 10 de julho de 1931. In: RAMOS, Alberto Gaudêncio. *Cronologia eclesiástica do Pará*. Belém: Falângola, 1985. 305 p.

¹³⁹ Paul Emmil Hansen era americano; seus pais dinamarqueses representavam o País como cônsules na ilha de Saint Thomas, antiga propriedade da Dinamarca, que foi comprada juntamente com as ilhas de Saint John e Saint Croix pelos Estados Unidos em 1917, para servir de base de proteção ao canal do Panamá. O arquipélago, agora chamado Ilhas Virgens Norte-americanas, é um território não incorporado aos Estados Unidos. Paul Hansen não se correspondia com os pais há muito tempo. Quando chegou em Belém, frequentava o terraço do Grande Hotel, onde conheceu um primo de Elda, que trabalhava no aeroporto de Val de Cans como mecânico da Panair do Brasil.

¹⁴⁰ Nesse piano, encomendado diretamente por Palma Muniz na fábrica em uma de suas viagens pela Europa, tinha grafado o nome de sua esposa: Delfina.

¹⁴¹ Informação recolhida por intermédio do maestro Jonas Arraes, professor do Conservatório Carlos Gomes, em 03 de maio de 2015.

¹⁴² Antonieta Santos Feio, era belenense, nascida no fim do século XIX, estudou Pintura na Escola de Belas Artes de Florença, na Itália, e especializou-se em retratos. Regressou a Belém aos vinte anos de idade e participou, como '*hors concours*', do II Salão de Belas Artes do Pará. Foi professora de Desenho e Pintura do Instituto de Educação do Pará. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ed.ufpa/photos/>>. Acesso em: 13 maio 2015.

O gosto musical familiar ia dos clássicos, das árias de ópera, até a música popular com os estilos tocados pelas bandas de música, particularmente os chorinhos. Nazinha Sidrim recordou-se de uma ocasião, em que sua tia Elda, ao sentar-se ao piano, para executar uma música de Frédéric Chopin (1810-1849), lhe disse que era para agradar o pai, porque ele se encontrava chateado. Nazinha também se lembrou de outro momento em que a confiança foi feita por Sidrim: “Olhe, isto que ela está tocando é para mim”. Pareciam se conhecer muito bem, ele era muito afetuoso, carinhoso e fazia todas as vontades da filha, que, em contrapartida, também lhe era muito dedicada. Porém, a mais difícil das vontades dela para ele aceitar, foi seu namoro com o americano Paul Emil Hansen, por se tratar de uma pessoa com valores e comportamentos distintos de seus princípios. Diante de alguns fatos acontecidos, ponderou com a filha que o melhor a fazer era terminar aquele relacionamento. Elda aceitou os argumentos do pai e terminou o namoro, no entanto com o passar do tempo, Sidrim não aguentou ver a tristeza e o sofrimento da filha e perguntou para ela o que queria fazer, e diante de sua resposta, ajudou-a na reconciliação.

Depois de casados Elda e Paul (Figura 20), foram morar em uma casa em frente à casa dos pais dela na rua Dr. Assis, projeto de seu irmão Jayme Sidrim. Os pais dele vieram para o casamento atendendo ao convite da futura nora, e ficaram hospedados com o novo casal. Elda engravidou em 1949, teve complicações sérias na hora do parto, perdeu a criança e veio a falecer em 8 de outubro de 1949¹⁴³, na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia.

¹⁴³ A autora desta narrativa veio a nascer cinco anos depois, em 8 de outubro de 1954, na mesma maternidade da Santa Casa de Misericórdia, ficando sua mãe Renée Sidrim Nassar, no mesmo quarto em que sua tia Elda Sidrim Hansen havia falecido.



Figura 20: Casamento Elda Lima Sidrim e Paul Hansen, realizado em 26 de abril de 1947.
Fonte: Acervo familiar

José Sidrim, mesmo antes de conhecer o fundador da União Espírita Paraense, Rafael Gomes, possuía uma forma de perceber a vida, inspirado de certa forma nas teorias espíritas. Entre suas indagações estavam a da existência da vida após a morte e da reencarnação¹⁴⁴. Quando Elda nasceu, ele costumava dizer que a filha era a

¹⁴⁴ Essa forma de pensamento, identificada como fenômeno da Metempsicose, considerado o movimento cíclico por meio do qual um mesmo espírito, após a morte, retorna à existência material, era uma crença difundida desde a Pré-história e Antiguidade encontrando força no século XIX no Espiritismo. A doutrina espírita surgiu na França, em 1857, pela visão científica, filosófica e religiosa de Allan Kardec, que acreditava "... nas relações entre o mundo físico e os seres do mundo invisível, ou espíritos". Esse pensamento chegou ao Brasil em 1865, encontrando grande receptividade. John Monroe, historiador e professor da Universidade de Iowa, identificou no Brasil "... uma tradição de religiosidade popular muito aberta ao contato com a vida após a morte e a comunicação com espíritos" e que as classes média e alta não podiam expressar sua fé por meio "... das religiões de origem africana ou indígena", viu no kardecismo o canal para esta manifestação. O jornalista e professor italiano Afonso Angeli Torteroli, organizador do 1º Congresso Espírita Brasileiro, chegou a ser recebido por Dom Pedro II, em 1881. Neste período, o aspecto científico do pensamento era preponderante, bem afinado com o pensamento progressista da época. Entre os seus adeptos, figuravam em geral, os republicanos e os abolicionistas. Na Literatura Brasileira do início do século XX, encontra-se em Humberto de Campos, jornalista, cronista, contista e poeta, no livro *Carvalhos e Roseiras*, sobre a vida do intendente Antonio Lemos, uma explicação para os inúmeros predicados do biografado, na teoria da Metempsicose. Esta identificação foi

reencarnação de sua mãe Amélia, chegava a brincar tomando dela a benção. Na adolescência tinha um medo recorrente, que sua mãe Amélia morresse de parto, quando chegava a hora do nascimento dos irmãos, que foram nove. Sidrim ficava tão aflito que ia para o cemitério rezar. Passados tantos anos, chegou à vez da sua filha engravidar, vindo a falecer em decorrência do parto, fazendo José Sidrim refletir: “Está vendo! Eu não disse que a minha mãe ia falecer de parto. A Elda, por ser minha mãe, faleceu de parto”.¹⁴⁵ Este fato pode não significar uma manifestação de fé no espiritismo. Entretanto, é, sem dúvida a confirmação da convivência que este homem tinha com os mistérios da vida espiritual.

A morte da filha Elda marcou o início do desinteresse de José Sidrim pelas coisas que anteriormente lhe motivavam. Era como se tivesse perdido as forças para reagir. Foram momentos dolorosos, difíceis, em que lutou para não fraquejar e prosseguir sendo o esteio da família. Nazinha Sidrim tem gravado na memória o momento em que o avô se despediu da filha, aos pés do caixão, tremendo por inteiro de dor e emoção.

Depois disto, mudaram para a Avenida Nazaré e continuou por algum tempo com a Olaria Paraense em Benfica.

Jaime e Alberto nasceram em 1906 e 1907, respectivamente, eram “filhos do meio”, tiveram uma existência mais tranquila sem os marcantes acontecimentos da trajetória de vida dos outros irmãos que morreram muito cedo.

Alberto Sidrim foi muito travesso na infância e na adolescência, sua filha Maria de Nazaré Sidrim, recorda-se das narrativas que fazia das próprias travessuras.

José Sidrim reagia a estes comportamentos de forma enérgica, para ele não existiam dois pesos e duas medidas, o modo como tratava os filhos era semelhante ao que mantinha com seus alunos. Fatos exemplares deste seu perfil se deram nas salas de aula do Instituto Lauro Sodré, no momento em que percebia o desinteresse e a não correspondência de algum aluno em suas disciplinas, estimulava-o a deixar o lugar para outra pessoa mais interessada, com o seguinte discurso:

feita pela historiadora Maria de Nazaré Sarges em suas publicações *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*, p.155, e em *Memórias do Velho Intendente*, p.213. Diante desses fatos conclui-se que a crença de José Sidrim sobre a reencarnação era consequência das articulações do pensamento do início do século XX. Fonte de pesquisa: CORDEIRO, Tiago. Uma religião bem brasileira. *Aventuras na História*. p.26.

¹⁴⁵ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim. *José Sidrim*. Belém, 20 mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

Eu quero alertar você que vender banana também é uma profissão. Acho que é melhor você largar o curso, deixar esse lugar para outra pessoa. Vá vender banana, fruta, qualquer coisa, que dará mais resultado em sua vida.¹⁴⁶

Com um argumento parecido interpelou os próprios filhos, Jaime e Alberto, quando soube que eles faltavam à escola para “morcegar”¹⁴⁷ o bonde, quando esse passava em frente ao colégio em que estudavam *Pará Amazonas*, situado na Avenida 16 de novembro. Admoestou-os: “Não vão estudar?! Então vão trabalhar, vão logo arranjar uma profissão”¹⁴⁸.

O Jaime Sidrim foi trabalhar na *Port of Pará*, nos Serviços de Navegação da Amazônia e de Administração dos Portos do Pará – SNAPP¹⁴⁹, permanecendo ali até sua aposentadoria. Era uma pessoa considerada muito inteligente, mesmo não tendo cursado Arquitetura chegou a projetar e a executar obras de pequeno porte, também ajudava o pai elaborando primorosas maquetes. Casou-se com Maria Helena Castro e não tiveram filhos, morou por certo tempo no Rio de Janeiro, voltando a residir em Belém, na casa do pai, quando este se encontrava bastante idoso.

Quanto a Alberto foi trabalhar na firma *Importadora Ferreira Gomes*, de propriedade do sr. Rafael Gomes, porém, mais tarde, ingressou na Universidade Federal do Pará, diplomando-se pela Escola de Odontologia. Casou-se com Maria Thereza Albim, com quem teve quatro filhos: Olavo, Maria de Nazaré, Wolitza e José Alberto. Depois da morte do irmão Olavo, comprou uma fazenda em Monte Alegre, onde residiu por certo tempo com a família.

1.3.3. Retratos da família Sidrim

A memória coagulada na foto conta sempre uma história e pode ter algo horripilante e trágico, ou de elegíaco e lírico, mesmo em sua aparente banalidade, mas traz sempre para o presente as marcas indeléveis de nosso destino histórico.

Davi Arrigucci Jr.¹⁵⁰

¹⁴⁶ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim; NASSAR, Renée Sidrim. *José Sidrim*. Belém, mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

¹⁴⁷ “Morcegar” era uma gíria utilizada na época, para identificar o ato de pendurar-se pelo lado de fora do bonde sem pagar a passagem.

¹⁴⁸ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim; NASSAR, Renée Sidrim. *José Sidrim*. Belém, mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

¹⁴⁹ A SNAPP em 1998 foi transformada em Empresa de Navegação da Amazônia S.A. - ENASA.

¹⁵⁰ Davi Arrigucci Jr é o autor do prefácio do livro *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica* de Miriam Moreira Leite.

O uso de imagens como compreensão do passado humano, como fonte histórica ou instrumento de pesquisa ainda é cercado de preconceito, em virtude do “... aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do Saber” conforme o pensamento de Pierre Castells. Algumas décadas atrás, nossa herança literária predominava como meio de conhecimento científico. A resistência se dá em aceitar a fotografia como um documento histórico, porque esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos de conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita, porém não devemos utilizar seus conteúdos como meras “ilustrações ao texto”.¹⁵¹

A partir de uma foto da família de José Sidrim, tirada¹⁵² entre os anos de 1907 e 1908, pretende-se percorrer, de certa maneira, o caminho trilhado por Miriam Moreira Leite¹⁵³ em seu trabalho *Retratos de Família – Leitura da Fotografia Histórica*, o qual consiste em “contextualizar as fotografias do passado, transformando-as em testemunhos cifrados de um tempo que é preciso redescobrir”.

Como ponto de partida foi utilizada a foto feita no quintal da casa da travessa 14 de Abril (Figura 21), onde José Sidrim, com 29 anos, encontra-se no centro da composição, sentado e tendo no colo o filho Jayme, a direita encontra-se a esposa Wolitza com a mão pousada em seu ombro¹⁵⁴, demonstração de seu vínculo matrimonial, do lado esquerdo os filhos; Olavo em um triciclo, e mais atrás o irmão Alberto no colo de uma ama, ladeando o grupo existem uma mulher e um homem, não identificados pelos familiares, vestidos de forma compatível ao modo de trajar do casal Sidrim, todos estão posicionados a frente de um viveiro de pássaros, no primeiro plano,

¹⁵¹ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 30-31.

¹⁵² Miriam Moreira Leite analisa a composição das palavras empregadas na atividade fotográfica de maneira a auxiliar as reflexões sobre esta documentação específica. Como por exemplo, a palavra *retrato* é composta pelo prefixo (re) acrescido do substantivo (trato), levando a significação etimológica de “outro tratamento”. Outras expressões por ela evidenciadas são aquelas de *tirar* um retrato, o que implica na extração da imagem, separando-a do objeto retratado e da palavra *pose*, termo utilizado como sinônimo de retrato significa postura estudada e artificial.

¹⁵³ Pesquisadora do Centro de apoio à pesquisa em História da USP, neste seu trabalho alerta que as imagens precisam ser traduzidas por palavras, tanto para análise quanto para sua comunicação, acrescentando, porém que a transmissão da imagem através das palavras é empobrecedora, problema para o qual não se encontrou saída. p.16-17.

¹⁵⁴ Gilda de Melo e Souza, no seu livro *O Espírito das Roupas: a moda do século dezenove*, apresenta no apêndice uma coletânea de fotos com os gestos, as atitudes, as roupas com que os brasileiros foram fixados pela fotografia em meados do século XIX, em uma delas encontra-se a de um casal (p.120 e 183) em que a esposa repousa a mão no ombro do marido, igualmente como Wolitza reproduziu na figura 20, talvez essa seria a maneira de simbolizar o vínculo matrimonial entre os casais.

o lado direito, um cachorro com raça indefinida, encontra-se deitado complementando a cena.¹⁵⁵



Figura 21: Família de José Sidrim. Registro entre os anos 1907/1908.
Fonte: Acervo Flávio Nassar

¹⁵⁵ Existiam simbolismos nos acessórios presentes nos retratos pintados no passado, incluindo aqueles vivos, que reforçavam suas auto-representações, como escreve Peter Burke em seu livro *Testemunha Ocular: história e imagem*. Isto acontece particularmente na arte italiana renascentista, onde a presença de “um cão de grande porte num retrato masculino é geralmente associada à caça e assim a masculinidade aristocrática, enquanto um cãozinho pequeno num retrato de uma mulher ou um casal provavelmente simboliza fidelidade (implicando que a mulher está para o marido assim como o cão para os humanos)”. p.34.

O que levava as famílias a se fotografarem, por qual motivo esta prática foi tão difundida? Essa indagação levou Pierre Bourdieu e seus colaboradores analisarem esta questão, concluindo que:

Diversos canais alimentam essa motivação: a proteção contra o tempo, que torna a fotografia um substituto mágico do que o tempo destruiu; a comunicação com os outros e a expressão de sentimentos; a auto-identificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal ou pela despesa ostentatória; a distração ou jogo e/ou a evocação da memória evanescente.¹⁵⁶

A organização de álbuns de família foi bastante comum a partir do momento em que o uso da máquina fotográfica se popularizou, por volta do final do século XIX, no entanto este recurso foi inicialmente mais utilizado pelas classes média e alta, porém mais tarde quase toda gente – não só os abastados – puderam se transformar em um objeto-imagem, ou em uma série sucessiva de imagens que mantêm presentes momentos sucessivos da vida¹⁵⁷. Considerada a invenção burguesa por excelência, a fotografia popularizou o retrato, e levou aos recantos mais distantes essa “caixa de pandora”, possibilitando que o hábito de retratar a si, ao casal, aos filhos, à família, antes restrito à nobreza e aos comerciantes ricos, chegasse a outras classes sociais, pelos baixos custos de sua produção.¹⁵⁸ Este assunto também tem a sua interpretação à luz da Sociologia, que define a fotografia como a “cultura popular da imagem”, que apesar de ser símbolo de modernidade e urbanidade, foi absorvida por sociedades tradicionais, que a transformaram em instrumento de atualização “moderna”, de antigos valores, normas e costumes¹⁵⁹.

Com certeza os motivos que levaram José Sidrim a se fotografar, tornando-se junto com a sua família, figuras humanas retidas no espaço de uma foto, teriam sido aquelas que Bordieu classifica como sendo razões subjetivas e objetivas que visam sinalizar a posição social em que estava inserido naquele instante, ou ainda, aquela situação que visava alcançar em sua vida. Entre as amigas do casal Sidrim, estavam pessoas pertencentes à alta sociedade de Belém, residentes em belos palacetes, com constantes viagens para a Europa, com costumes e comportamentos que não faziam

¹⁵⁶ BOURDIEU, Pierre, et al. *Un Art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*, 2. ed., Paris, Les Editions de Minuit, 1963 apud LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1993.

¹⁵⁷ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 75. (Texto e Arte, v. 9).

¹⁵⁸ FERRAZ, Solange de Lima; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Usos sociais e historiográficos. In *O historiador e suas fontes*. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (orgs.). São Paulo: Contexto, 2011. p.30,31.

¹⁵⁹ MARTINS, José de Souza, *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 31.

parte de suas rotinas, por pertencerem a camadas sociais distintas, apesar dessas diferenças de status, acompanhavam a mesma forma de vestir. Para esse fenômeno Gilda de Mello e Souza comenta:

Com efeito, a moda é um dos instrumentos mais poderoso de integração e desempenha uma função niveladora importante, ao permitir que o indivíduo se confunda com o grupo e desapareça num todo maior que lhe dá apoio e segurança. E como as modas vigentes são sempre da classe dominante, os grupos mais próximos estão a cada momento, identificando-se aos imediatamente superiores através da imitação da vestimenta.¹⁶⁰

José Sidrim, na Figura 21, apresenta-se impecavelmente trajado, com casaca e colete, camisa social e gravata. Sua aparência condiz com a moda do final do século XIX – início do XX, inclusive o formato de seu bigode. Wolitza Sidrim também está trajada de forma elegante, seguindo a tendência europeia da época, de vestido longo, da silhueta marcada na cintura, ornado de babados e rendas, com uma pelerine¹⁶¹ complementando o traje. A moça postada ao seu lado apresenta-se igualmente vestida. Os cabelos de ambas se mostram presos com coques bem elaborados sobre as cabeças. As vestimentas com que se apresentam são compatíveis com a maneira com que a classe média alta e a classe alta se apresentavam socialmente neste período.

Esse era o modelo da época que vamos encontrar em diversas fotografias como as estampadas nas Figuras 22 e 23.



**Figura 22: Comportamentos e vestimentas da elite - São Paulo.
Final do século XIX –início do século XX.**

Fonte: Capa do livro “*Retratos de Família*” de Miriam Moreira Leite. Edusp – FAPESP, 1993.

¹⁶⁰ SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda do século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.130.

¹⁶¹ Pelerine é um detalhe da vestimenta que se põe sobre os ombros e que cobre apenas as costas e o peito. A pelerine obteve seu auge no século XIX por causa da rainha Vitória (1819-1901) que utilizava bastante esse tipo de capa.



Figura 23: Modo de vestir em Belém do Pará - corpo de funcionários do Museu Goeldi, com Emílio Augusto Goeldi. Trecho fotografia - 1907.

Fonte: Livro “*As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi, Aspectos Históricos e Iconográficos, (1860- 1921)*”. p. 235. Editora Paka-Tatu Ltda., 2006.

Como se pode observar a Figura 22¹⁶² também apresenta um registro familiar feito em um ambiente externo, cercado por plantas ornamentais emoldurando a fotografia. Na composição das poses nenhum personagem se sobressai sobre os demais, no grupo um homem adulto encontra-se no canto direito, e dois meninos no centro, os demais integrantes são oito mulheres aparentando idades diferentes. Colocando em confronto as imagens, percebe-se que as formas como algumas mulheres se encontram trajadas e como penteiam os cabelos são semelhantes às de Wolitza Sidrim e de sua acompanhante. Também as vestimentas do homem são similares as de José Sidrim, inclusive quanto ao uso do bigode (Figura 21). Igual tendência se verifica na figura 22¹⁶³, que consiste de um recorte de uma fotografia do corpo de funcionários do Museu Goeldi de 1907, em que se pode destacar uma funcionária e o diretor Emílio Goeldi, seguindo às mesmas tendências de trajar. Constatando-se desta maneira que, no início do século XX, no Brasil, dentro desse patamar social, esta era a forma de se apresentar socialmente.

A moda é considerada por alguns autores, como “filha da revolução industrial e da máquina a vapor”, foi quando o fenômeno do “gosto” ganhou nova ênfase, e a nascente indústria anteviu um vasto horizonte de lucro e sabiamente

¹⁶² Esta fotografia faz parte do acervo anônimo de família de imigrantes que vieram para São Paulo, no período de 1890 a 1930, analisado pela pesquisadora Miriam Moreira Leite, compondo a capa de seu livro *Retratos de Família*.

¹⁶³ Fotografia retirada do livro: BASSALO, Luís Carlos et alli (Org.). *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos, (1860 - 1921)*. Belém: Paka Tatu, 2006. p. 235.

começou a sua manipulação. Em uma sociedade democrática, em que os desejos de prestígio se avolumam e crescem as necessidades de distinção e liderança, a moda encontrará recursos infinitos de torná-los visíveis.¹⁶⁴ Outros autores apontam especificamente para a construção das estradas de ferro e o desenvolvimento da Imprensa como causa da destruição lenta da “diversidade no espaço”¹⁶⁵, espalhando por todo o canto o desejo de um gênero idêntico de conforto, moradia, vestimenta e polidez.

Voltando para as figuras analisadas, constata-se que existe maior desembaraço e desenvoltura entre os personagens da Figura 22, que aparentam maior intimidade com o *mis in scene* a ser cumprido diante da máquina fotográfica e em um cenário de maior requinte. Peter Burke alerta que “os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas *performances* especiais”, sendo necessário manter o olhar atento ao analisar fotografias.

O cenário em que se encontra Sidrim é muito simples, um recanto do quintal em frente a um viveiro de pássaros, sem a presença de um paisagismo elaborado, como convinha ao gosto pregado pelo Romantismo. O costume de registros fotográficos fora de casa tem a ver com o espírito da época, que apregoava benefícios pelo simples fato de se estarem próximos à Natureza. Não se pode descartar a hipótese de que, a escolha do lugar do cenário da fotografia, tenha sido em função da simplicidade da moradia. Provavelmente não existia um ambiente decorado de maneira condizente com a aparência dos personagens fotografados, talvez possuíssem alguns objetos mais requintados, como é o caso da cadeira em que se encontra sentado o chefe da família, com linhas semelhantes ao da poltrona de estilo austríaco¹⁶⁶.

O orçamento doméstico de José Sidrim era restrito em face das responsabilidades que assumia dos familiares, no entanto este deveria ser um momento especial que precisava ser materializado por meio de um registro fotográfico. De repente poderia corresponder a época em que havia colado grau em Arquitetura, por meio de um curso italiano por correspondência. Com certeza sua ascensão social estava em processo, pois mais adiante, por volta da década de 20, do século XX, mudou-se

¹⁶⁴ SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda do século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 12, 25.

¹⁶⁵ SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda do século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 121.

¹⁶⁶ A poltrona em “Estilo Austríaco” era elaborada em madeira envernizada de cor escura com o assento em palhinha. As colunas dos montantes que compunham seu espaldar de inspiração eclética do último quarto do século XIX. Os braços terminados em forma de volutas. As pernas dianteiras eram torneadas com entalhes em uma das bolas do torneado. Maiores informações estão disponíveis em: <<http://www.sociedadesemear.org.br/>>. Acesso em: 1 fev. 2015.

novamente para o bairro da Cidade Velha, para uma residência na rua Dr. Assis, nº 46,¹⁶⁷ na qual o olhar e a experiência do então engenheiro arquiteto saberia adaptar ao conforto e ao gosto burguês da época do “lar doce lar”, dentro de outro patamar social.

Ainda na fotografia analisada, deve-se considerar que na auto representação das famílias, o que se revela são os aspectos da hierarquia, dignidade e estabilidade e não os conflitos e as hostilidades.

A fotografia então se presta para reforçar a integração do grupo familiar, reafirmando o sentimento que tem de si e de sua unidade, tanto tirar as fotografias, como conservá-las ou contemplá-las emprestam à fotografia de família o teor de ritual de culto doméstico, em que a família pode ser estudada como sujeito e objeto.¹⁶⁸

Pelo início do século XX os retratos de família se reproduziam de forma estereotipada, aquilo que estabelecia as distinções entre eles, eram as particularidades dos gostos do fotografado. No caso de José Sidrim, fica patente o seu gosto por animais, pois o viveiro de passarinhos compõe o cenário com total destaque e o cachorro apresenta-se situado no primeiro plano da composição. Este comportamento de Sidrim vai perpassar por todas as fases de sua vida. Sua última moradia na Av. Nazaré possuía um quintal imenso, que foi segmentado por cercas, delimitando tarefas distintas. Na área vizinha à casa ficavam viveiros de pássaros, patos, galinhas e o gato que também circulava pela casa inteira e pelo porão. Imediatamente depois, o espaço para a criação de coelhos, mais para o fundo ficava preso o cachorro e, no final do quintal, o local para a compactação do lixo. Dentro da casa, na varanda das refeições diárias, a mesa ficava circundada por gaiolas presas ao forro, de onde as aves molhavam os comensais enquanto se refrescavam no vasilhame de água (ninguém podia reclamar de tal ocorrência nas refeições diárias). Fazendo limite com a varanda ficava um jardim de Inverno cujas paredes eram ocupadas por viveiros que acolhiam variadas espécies de passarinhos: solto em um poleiro particular ficava um papagaio. Era nesse jardim de Inverno - o predileto do então “velho Sidrim” - que ele ficava lendo jornal ou recebendo os amigos¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Suas primeiras moradias foram no bairro da Cidade Velha, a primeira, ainda solteiro, no Largo do Carmo, e a segunda, já casado, na Travessa de Cintra.

¹⁶⁸ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 87. (Texto e Arte, v. 9)

¹⁶⁹ Referências retiradas das memórias da narradora do período de sua infância.

Este apreço pela Natureza pode ser percebido também através da temática que escolheu para desenvolver uma pintura em 1912; o fundo do quintal de sua casa na Travessa 14 de Abril (Figura 24). Nessa pintura capturou um recanto sombreado pelas copas das árvores, aonde uma figura feminina retira água de um poço. No chão, se encontra refletido o rendado das folhas e a sombra dos troncos.

A maneira de expressar a vegetação, a preocupação com a luminosidade e o registro do instante da ação feito por Sidrim, denunciam influências da Pintura Impressionista, surgida na França, no final do século XIX, que revolucionou profundamente a concepção da Pintura no mundo, retirou o artista de dentro do atelier, para colocá-lo no espaço externo, em contato direto com a Natureza. Pode-se também identificar alguma influência de Carlos de Azevedo,¹⁷⁰ tomando como referência a obra “Coradouro de Roupas”, cuja temática também foi em torno das atividades desenvolvidas no quintal. (Figura 25)

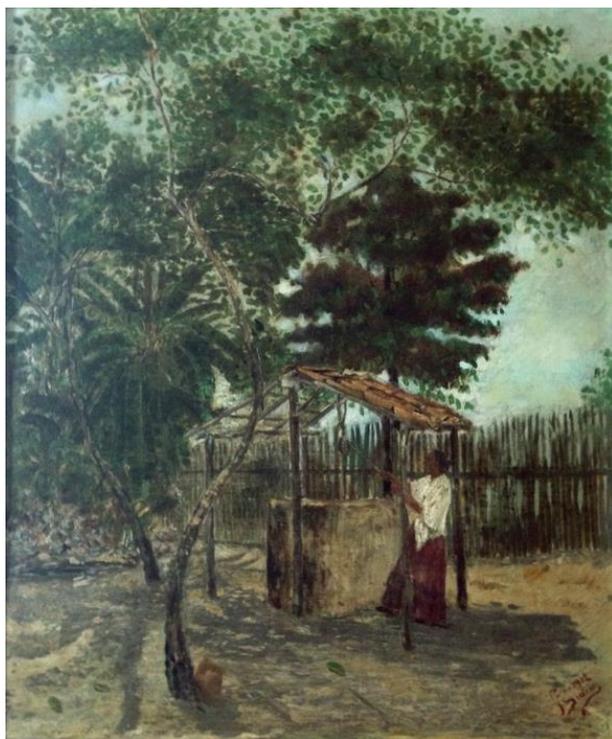


Figura 24: Pintura de José Sidrim, ano – 1912. Sem título
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

¹⁷⁰ Pintor paraense de grande talento. Estudou em Paris com grandes mestres. Em Belém foi professor de Desenho e Francês no Colégio Paes de Carvalho. Sua produção artística foi enquadrada nos anos de 1888 a 1908 por Theodoro Braga. Entre suas obras primas encontra-se a “Fiandeira”, óleo s/ tela, de 1901, exposta no *Salon* de Paris, adquirida pelo Governo do estado do Pará, por meio do governador Augusto Montenegro, compondo o acervo do Museu do Estado do Pará – MEP.

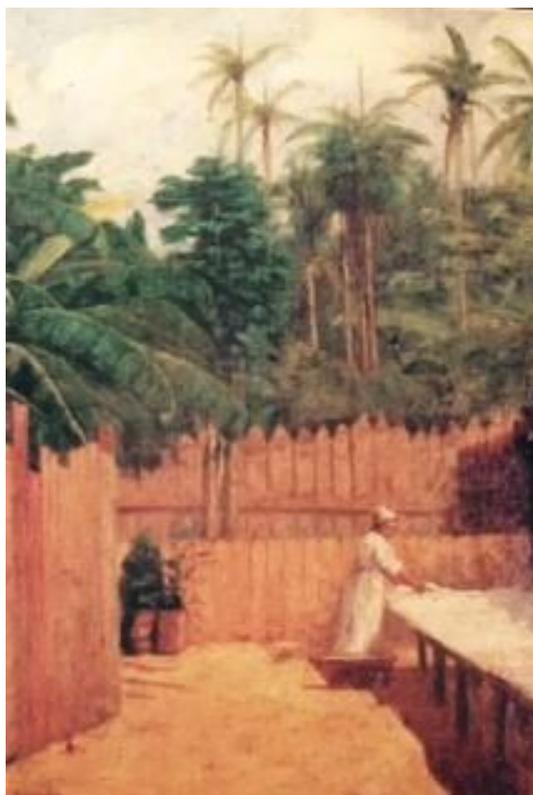


Figura 25: Pintura de Carlos Azevedo, ano – 1903. Título - Coradouro de Roupas.

Fonte: Acervo do Museu de Arte de Belém

Finalizando a análise da Figura 21 verifica-se que a maneira com que se encontrava trajado Sidrim era compatível com os ambientes que começava a frequentar. Como, por exemplo, do grande evento que foi a visita feita pelo chanceler Lauro Muller, a Belém no ano de 1913. O Ministro do Exterior foi recebido por uma flotilha composta por 12 vapores “... da nossa Marinha Mercante”, numa “... verdadeira apotheóse”¹⁷¹. O “... eminente brasileiro” vinha na “... majestosa nave de guerra”, o navio “Minas Geraes”, considerado o “... poder naval da Pátria”. Capitaneando a flotilha vinha o “Justo Chermont” com todas as autoridades, como o Governador do Estado Enéas Martins, o intendente municipal Dionysio Bentes, os presidentes do Senado e da Câmara dos deputados, entre tantos. Em outra embarcação, servindo como “... testa de coluna da 1ª divisão”, vinha o “Moacyr”, de propriedade do coronel José Barbosa da Silva¹⁷², estava destinado pela “... comissão de festejos à associação, junta e corpo comercial”. Entre as presenças registradas encontravam-se Aniceto Gama Malcher

¹⁷¹ *Estado do Pará*, Belém, ano 3, n. 845, 4 ago. 1913.

¹⁷² O nome do coronel José Barbosa da Silva foi encontrado no jornal *O Correio do Purus*. (Labrea, ano 15, n. 9, 21 abril 1912), na coluna “NOTÍCIAS”, Hospedes e Viajantes, com o seguinte teor: Para Manáos no dia 12, baixou no “Moacyr”, de sua propriedade, o nosso amigo Snr. Coronel José Barbosa da Silva, activo comerciante das praças de Manáos e Pará. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

pela Associação Comercial, Leandro Tocantins pela Junta Comercial, e junto aos demais convidados identificou-se José Sidrim e família.

Em dado momento, suas funções profissionais começaram a exigir que passasse a frequentar cerimônias do calendário oficial do Estado. José Sidrim, a partir de 1914, começa a integrar o Corpo Docente do Instituto Lauro Sodré,¹⁷³ como professor de Desenho, função em que permaneceu até 1931 e, a partir de 1927, começa a constar como professor Adjunto na relação do Corpo Docente¹⁷⁴.

O Instituto profissional do Estado, em decreto de 1º de fevereiro de 1897, de parte do governador Paes de Carvalho, “... como gratidão pública aos serviços prestados pelo seu antecessor” passa a ser denominado “Instituto Lauro Sodré” e, em 1917, comemorou “45 anos de profissional da Educação”¹⁷⁵. Nessa ocasião tinha como diretor Antonio Marçal, no corpo administrativo estava o “inspector” Francisco Freire Sidrim e, entre os professores do Curso Elementar, como professor de Desenho, José Sidrim¹⁷⁶. A trajetória dele dentro da instituição, nas relações de funcionários, aparece sempre junto ao nome do professor de Música Cincinato Ferreira de Souza (1868-1959).

¹⁷³ No Jornal *Estado do Pará* de 10 de setembro de 1914, em um comunicado do Instituto Lauro Sodré sobre os “Exames parciais e finais” encontram-se detalhadas as “Comissões examinadoras” com datas definidas e respectivos professores responsáveis por cada uma e examinadores. No dia 15, às 8 horas, na sala de Desenho, encontrava-se sob a responsabilidade do professor José Sidrim, e dos examinadores: dr. Gentil José Ribeiro, Raymundo Trindade e Miguel Quintiliano de Moraes. No dia 21, nas oficinas de Marceneiro; José Sidrim figura como examinador junto com Santino Ribeiro. No dia 25, na oficina de Ferreiro, constam como examinadores: José Sidrim e José Maria de Jesus Brito. No dia 27, na oficina de Alfaiate: constam como examinadores José Sidrim e Miguel Quintiliano de Moraes. No jornal *Estado do Pará* de 14 de outubro de 1915, o Instituto Lauro Sodré publica o calendário dos exames, em que no dia 16 (à tarde), correspondendo a Primeira escola elementar, na *Oficina de alfaiate*, tem como Presidente, Luiz Pingarilho, e como examinadores: José Sidrim e Henrique Mota; no dia 20 (à tarde), pela Quarta escola elementar, na *Oficina de Marceneiro*, tem como Presidente, Henrique Motta, e como examinadores: José Sidrim e Firmino Vellasco; e no dia 21 (pela manhã), na Aula de Desenho, tem como Presidente, José Sidrim, e como examinadores: Gentil Ribeiro e Jesus Brito.

¹⁷⁴ No ano de 1927, compunham o quadro docente como professores adjuntos: Jovelina Silva Nunes, Ederlinda Lopes Gillet, Alice Guerreiro, Cincinato F. de Souza e José Sidrim. Desde 1921 até 1931, consta o nome de José Sidrim como professor de desenho do Instituto Lauro Sodré, nos dados referentes ao Estado do Pará, no Almanak Administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 25 maio 2016.

¹⁷⁵ Jornal *Estado do Pará*, 02 de julho de 1917, disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 25 maio 2016.

¹⁷⁶ Em detalhe todo o quadro de direção, administração, corpo docente e pessoal técnico de 1917: diretor, dr. Antonio Marçal; chefe de ensino técnico, dr. Gentil J. Ribeiro; tesoureiro, Rodolpho Ribeiro Pinheiro: oficial, Raymundo de Oliveira Machado; inspetores, Francisco Freire Sidrim e Manuel Pereira da Costa. Professores do curso complementar: 1º ano, Basílio de Carvalho, 2º ano, Matheus José do Carmo. Professores do curso elementar: 1º ano, Domingos Sylvio Nascimento, 2º ano, João Santino Ribeiro, 3º ano, Raymundo Ferreira A. Trindade, 4º ano, José Maria de Jesus Brito, Professor de Música, Cincinato P. de Sousa, Professor de Desenho, José Sidrim, Instrutor militar, Juventino Alves Bezerra. Mestres das oficinas: *Alfaiate*, Luiz da Silva Pingarilho, *Encadernador*, Manoel Augusto Marvão, *Ferreiro*, Pedro Alexandrino Nazareth, *Marceneiro*, Henrique da Motta Reimão, *Sapateiro*, Francisco da Silva Medeiros, *Tipógrafo*, Vicente Silva. Contra-mestres: *Marceneiro*, Arthur Casemiro Borges, *Tipógrafo*, João Francisco Ewerton. *Estado do Pará*, Belém, 2 jul. 1917, disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 27 maio 2016.

Um maranhense, primo de Antonio Lemos, que chegou a Belém com 22 anos de idade, e foi considerado por Vicente Salles como “... o mais famoso mestre de banda em Belém do Pará”, sendo o fundador e regente da Banda de Música do Corpo de Bombeiros. No exercício de seu magistério, no Instituto Lauro Sodré, organizou 12 bandas de Música¹⁷⁷. Em Manaus, por volta de 1892, assumiu a regência da Banda de Música do Batalhão da Guarda Policial do Amazonas¹⁷⁸.

Além da convivência com o brilhantismo de alguns professores, o Instituto Lauro Sodré possibilitou a José Sidrim, em sua função de ensino, participar de eventos onde pode se relacionar com a elite cultural de Belém. Tem-se como exemplo a 5ª exposição escolar de Desenho e Pintura, realizada no Salão Nobre do Theatro da Paz, em 1917, cujo encerramento contou com a presença do Governador do Estado Lauro Sodré, no momento em que iam ser feitas as premiações.

Cêrca de 9 ½ horas da manhã, presentes os srs. drs. Eládio Lima, secretário geral do Estado, senador Cypriano Santos, presidente do senado: drs. Palma Muniz, Theodoro Braga, Arthur Porto e Antonio Marçal, director do Instituto Lauro Sodré, deputado Heráclito Pinheiro, mme. Theodora Sodré, mmes. Theodoro Braga e Luz Cuvillon, professores José Girard e José Sidrim, major Alberto Mesquita, professores e alunos de grupos, e diversas escolas da capital, ...¹⁷⁹

Incluído na notícia, José Sidrim figurava em uma plateia composta de autoridades e talentos, e pode assistir de ali seus alunos serem premiados nas categorias de Desenho Geométrico, 1º prêmio – José Aguiar (alfaiate); de Desenho Industrial, 1º premio – Olavo Silva (tipógrafo), 2º prêmio – “Ex- aequo” Octavio Dillon (tipógrafo) e Salomé Santos (sapateiro); de Desenho Projetivo, 1º prêmio - Olavo Silva (tipógrafo) e dez menções honrosas, laureações obtidas pelo Instituto Lauro Sodré. E pelo “Collegio Pará Amazonas” onde também lecionou, ainda na categoria de Desenho Projetivo, seu discípulo Agostinho Queiroz, dividiu o 2º prêmio com discípula Anna Lima do professor José Girard da Escola Normal.¹⁸⁰ Talvez, o montante de premiações de seus discípulos, justifique o nome de José Sidrim estar inserido entre as personalidades citadas, ou seriam seus méritos profissionais já sobejamente reconhecidos pela

¹⁷⁷ SALLES, Vicente. Música e músicos do Pará. Belém: SECULT: SEDUC; Amu-PA, 2007. p. 320.

¹⁷⁸ Maiores detalhes estão disponíveis em: <bv.cultura.am.gov.br/templates/.../pdfs/>. Acesso em: 5 jun. 2015.

¹⁷⁹ *Estado do Pará*, Belém, 13 jul. 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 6 jun. 2015.

¹⁸⁰ *Estado do Pará*, Belém, 13 jul. 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 6 jun. 2015.

sociedade de Belém? No ano seguinte, 1918, o mesmo jornal anuncia a relação dos jurados que participarão da Exposição Escolar de Desenho:

(...) O sr. secretário geral nomeou hontem para comporem o jury de admissão os srs. dr Theodoro Braga, João Affonso do Nascimento, professor Irineu de Sousa, Antonietta Santos, e o architecto José de Castro Figueiredo e para o jury de julgamento os srs. dr. Theodoro Braga, João Affonso do Nascimento , Irineu de Souza, dona Antonietta Santos, José Girard, Carlos de Azevedo, José Sidrim, dona Clotilde Pereira e o architecto José de Castro Figueiredo.

Eram pessoas renomadas no campo das Artes Visuais, pintores e arquitetos que dispensam comentários quanto ao talento e a capacidade intelectual, e a presença de José Sidrim, continua a figurar nessa constelação.

As exposições oficiais de Desenho surgiram no Pará no governo de João Coelho (1852-1926), que decretou seu início em 07 de setembro de 1909, visando estimular e desenvolver o gosto pelo Desenho e Pintura. Delas podiam participar estabelecimentos do ensino público, privados, da capital ou do interior. Os prêmios eram oriundos da Europa, disponibilizando aos premiados, materiais específicos para execução de novos trabalhos. O local definido para o evento era o Salão Nobre do Theatro da Paz. As exposições se seguiram até 1912, a primeira foi denominada apenas *Exposição escolar de Desenho*, porém as demais foram identificadas com *Exposição escolar de Desenho e Pintura* e sendo apresentadas em galerias distintas. Nova exposição vai acontecer somente em 1917, patrocinada pelo governador Lauro Nina Sodré e Silva, quando retorna a governar o Pará, pelo período de 1917 a 1921. Sua figura, entre tantos outros predicados, ficou reconhecida pelas ações nos segmentos das Ciências e das Artes. Lauro Sodré recomeça as Exposições do ponto em que haviam parado, realizando a 5ª e a 6ª, descritas anteriormente, nos moldes daquelas instituídas por João Coelho. No entanto, ali foram encerradas, em virtude das dificuldades financeiras que vinham se avolumando desde governos anteriores.¹⁸¹

Ao longo da narrativa vem se evidenciando a constância de alguns nomes pelos ambientes transitados por José Sidrim. Na coluna “Ensino”, do *Estado do Pará*, de 1920, que tinha como objetivo divulgar as decisões tomadas em assembleia geral pela Escola de Agronomia e Veterinária, por exemplo, figuram personalidades, que já foram citadas em outros segmentos deste trabalho, como Theodoro Braga (1872-1953)

¹⁸¹ ALVES, Moema de Bacelar. *Do Lyceu ao Foyer: exposição de arte e gosto no Pará da virada do século XIX para o século XX*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013. p. 32-33, 35-36, 37-38.

e Palma Muniz. A matéria participava da aprovação das “... contas do sr. thesoureiro dr. Theodoro Braga”, e reeleição de sua diretoria; “- Director dr. Ferreira Teixeira, vice-director dr. Palma Muniz, secretário dr. Heráclito Pinheiro e thesoureiro dr. Theodoro Braga”, e também da escolha das comissões permanentes, em que a comissão de contas ficou composta pelos “Drs. Carvalho Lima, Coutinho de Oliveira e José Sidrim”¹⁸².

De acordo com as fontes disponíveis, citadas anteriormente, José Sidrim se manteve no Instituto Lauro Sodré até 1931, durante esse período participou da exposição Escolar de Desenho, patrocinadas pelo governador Dionysio Ausier Bentes (1881-1949), em 1925 e 1926,¹⁸³ em suas mensagens proferidas ao Congresso Legislativo nos anos de 1926 e 1928 constam detalhados os integrantes dos juris.

Em 1925 constam:

| Quadro 04: | |
|--|---------------------------|
| Relação do júri de admissão e de julgamento – Exposição Escolares de 1925. | |
| Júri de Admissão | Júri de Julgamento |
| Carlota Justo Ribeiro | Manuel Lobato |
| Maria Luiza do Amaral | Manuel Pastana |
| Maria Martins Sarmanho | João de Palma Muniz |
| Hilda Vieira | Raimundo Tavares Vianna |
| Antonieta Santos Feio | Alfredo Souza |
| | Carlos Azevedo |
| | José Girard |
| | José Sidrim |
| | Adolpho Pereira |

¹⁸² O ENSINO. ESCOLA DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA - A Congregação desta Escola reunida ante-hontem, também em character de assembléa geral, resolveu aprovar as contas do sr. thesoureiro dr. Theodoro Braga, relativas ao anno findo, e o orçamento da receita e despesa da mesma escola para o exercício corrente.

Reelegueu a sua directoria, que continuou constituída pela seguinte forma: - Director dr. Ferreira Teixeira, vice-director dr. Palma Muniz: secretário dr. Heráclito Pinheiro e thesoureiro dr. Theodoro Braga.

Procedendo a eleição das comissões permanentes, ficando assim organizadas: Comissão scientifica: - Drs. Enéas Pinheiro, Octavio Carneiro, Palma Muniz, Penna Teixeira e Renato Santa Rosa.

Comissão de contas: - Drs. Carvalho Lima, Coutinho de Oliveira e José Sidrim.

Comissão de disciplinas: - Drs. Pinheiro Sozinho, Theodoro Braga e Felipe de Souza.

Tomou igualmente outras deliberações de character interno do estabelecimento, terminando a reunião às 6 horas da tarde. *Estado do Pará*, 8 fev. 1920. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca_digital/>. Acesso: 7 jun. 2015.

¹⁸³ Moema Bacelar encontrou referências sobre exposições escolares nos anos 1924, 1925 e 1926, “essas amostras não seguem com a contagem das exposições anteriores” passando a apresentar a denominação de Exposição Escolar de Desenho. In: ALVES, Moema de Bacelar. *Do Lyceu ao Foyer: exposição de arte e gosto no Pará da virada do século XIX para o século XX*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013. p. 38, nota de rodapé nº 60.

*Os nomes que compõem este quadro foram retirados da Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado, em 7 de setembro de 1926, pelo Governador do Estado Dr. Dionysio Ausier Bentes. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros – 1891 a 1930. p.17.

E para 1926:

| Quadro 05: Relação do júri de admissão e de julgamento – Exposição Escolares de 1926. | |
|---|---------------------------|
| Júri de Admissão | Júri de Julgamento |
| Edgard Pinheiro Porto | Raimundo Tavares Vianna |
| Francisco da Silva Nunes | Bertino Barbosa de Lima |
| José Sidrim | José Girard |
| Tertuliano Victor de Senna Brasil | Manuel Pastana |
| José Calazans Paraense de Leão | Carlos Azevedo |
| | Augusto Escobar |
| | Irene Teixeira |
| | Maria Martins Sarmanho |
| | Antonietta Santos Feio |

*Os nomes que compõem este quadro foram retirados da Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado, em 7 de setembro de 1928, pelo Governador do Estado Dr. Dionysio Ausier Bentes. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros – 1891 a 1930. p.78.

No meio do acervo de fotos da família de José Sidrim, encontrou-se uma emoldurada, em que ele aparece posando com um grupo de homens elegantemente trajados. Não foi possível identificar o prédio em que foi tirada a fotografia. À princípio ocorreu a hipótese de que poderia ser uma comissão de jurados de uma das exposições escolares, anteriormente citadas, porém, como aquelas solenidades se realizavam no Theatro da Paz, o ambiente não corresponde. Quanto aos componentes da pose apenas foi possível identificar Theodoro Braga, Henrique Santa Rosa e José Sidrim (Figura 26)¹⁸⁴.

¹⁸⁴As identificações foram feitas pelo arquiteto e professor Antônio Paul de Albuquerque (25/09/1921-17/04/2008), no período em que exerceu atividades técnicas na Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM) nos anos de 1981 a 1989. Foi um grande incentivador e colaborador nas pesquisas sobre José Sidrim.



Figura 26: Grupo de professores e autoridades. Identificados: Theodoro Braga (1), Henrique Santa Rosa (2) e José Sidrim (3).

Fonte: Acervo Ana Léa Matos

Passados em torno de quatorze anos, em 1926, um novo registro fotográfico pontua o roteiro da família de José Sidrim, a colação de grau de Olavo Lima Sidrim, como engenheiro agrônomo. Por essa ocasião moravam em casa própria na Rua Dr. Assis 46, no bairro da Cidade Velha. A fotografia foi feita na sala de visita, onde o ambiente apresenta-se decorado por uma mobília de estilo *art nouveau*, evidenciado pela sinuosidade de seus elementos decorativos, composta por um sofá e duas poltronas. Atrás duas portas almofadadas determinam o fundo cênico da foto, no espaço entre elas sobressai-se um revestimento, podendo se tratar de papel de parede ou o emprego de pintura parietal¹⁸⁵, no assoalho tábuas corridas em acapu e pau amarelo (Figura 27).

¹⁸⁵ José Sidrim costumava em seus projetos e construções utilizar as pinturas em paredes com vários temas e padrões.

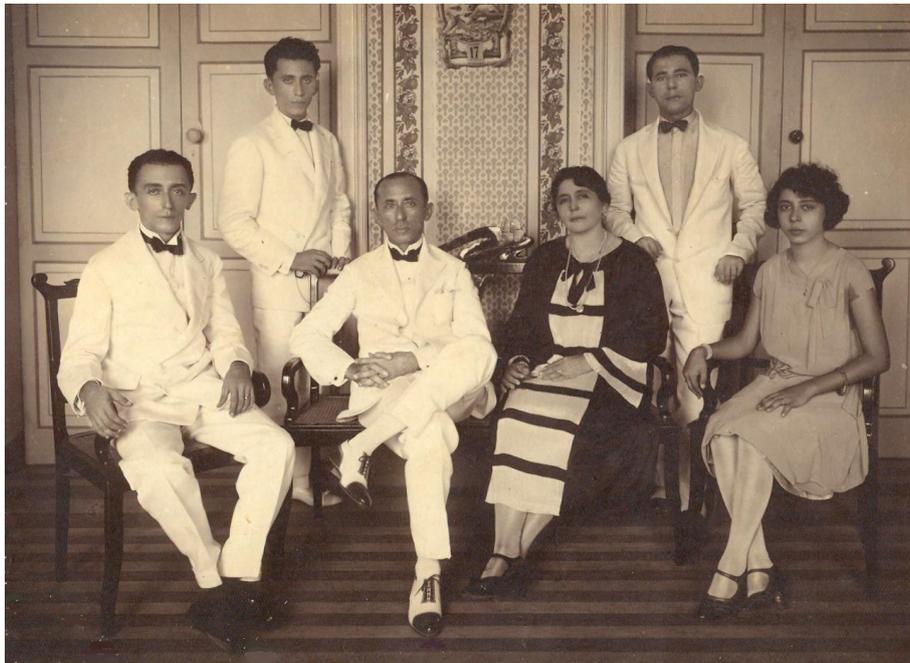


Figura 27: Família de José Sidrim - Rua Dr. Assis 46, em 1926.

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Sentados no sofá estão o casal José e Wolitza Sidrim, nas poltronas laterais os filhos Olavo e Elda, e de pé encontram-se Jaime (esquerda) e Alberto (direita). Os quatro homens trajados de terno branco, com gravatas borboleta de cor preta, valendo destacar o sapato Oxford¹⁸⁶ de José Sidrim complementando a elegância do traje. As duas mulheres também vestidas com roupas de festa, não mais longas como nos registros anteriores, com meias de seda e sapatos altos. Nota-se que nessa ocasião os componentes apresentam maior intimidade com a câmera ou talvez estejam mais acostumados com o tempo de espera da fotografia.

Miriam Leite chama atenção de que:

A posição estática, a pose, não pode ser atribuída inteiramente à imagem que a família queria transmitir de si mesma, se quando foi produzida a imagem fotográfica exigia um longo tempo de exposição e atenção dos retratados precisava ser despertada por um “Vai sair um passarinho” do fotógrafo.¹⁸⁷

Ou ainda acrescentando as considerações de Roland Barthes:

¹⁸⁶ Segundo o site de moda <<http://seuguiademoda.blogspot.com.br/2010/10/sapato-oxford.html>>, os sapatos com os detalhes daquele usado por José Sidrim são conhecidos por “sapatos Oxford, surgiram primeiramente na Escócia e Irlanda, onde eram chamados de *Balmorals*. São sapatos tradicionais masculinos geralmente nas cores preta, preto e branco e marrom. Sempre foram considerados sapatos formais e clássicos onde seu principal material de fabricação seria o couro.” Acesso em: 7 fev. 2015.

¹⁸⁷ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p.75,76. (Texto e Arte, v. 9).

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte.¹⁸⁸

A imagem encontra-se ali plena de significados - subjetivos e objetivos. Com a observação direta, percebe-se que um novo *status* social se evidencia na família de José Sidrim, a naturalidade e a simplicidade com que se comportam em seus trajes, a decoração e acabamentos da sala de visita, do novo endereço, sinalizam nesta direção.

Na moradia da rua Dr. Assis repetiu-se o comportamento agregador dos cearenses, de manter os familiares nas proximidades. Em frente à residência de José Sidrim existiam três lotes vazios de propriedade de um português que lhe cedeu para guardar seus carros. Com o noivado de Elda, adquiriu o terreno para a moradia da filha, projetada e construída por Jayme Sidrim, que aproveitou o terceiro lote para fazer a própria casa. Na mesma quadra residiam também Olavo Sidrim e Alberto Sidrim.

Adiantando-se no tempo, em torno de 27 anos, chega-se em 1953, ano em que o casal Sidrim completou cinquenta anos de casados, uma nova ocasião para “reproduzir e fixar a experiência vivida”, imortalizando-a numa fotografia. A Figura 28 retrata as bodas de ouro de José e Wolitza Sidrim, em que vários familiares participam inclusive o primeiro bisneto, Flávio Nassar. E duas grandes ausências são sentidas, dos filhos que ocupavam as poltronas na fotografia anterior. Havia morrido os filhos Olavo, em 9 de maio de 1935, e Elda, em 8 de outubro de 1949. Suas localizações na foto foram substituídas pelos irmãos Jayme e Alberto, com as respectivas esposas, Maria Helena e Maria Thereza, posicionadas atrás de suas poltronas. A viúva de Olavo, Rosita, está ao lado do grupo que fica por trás do sofá, entre o cunhado e a sogra, na sequência suas filhas Renée e Oda, os filhos de Alberto, Maria de Nazaré e José Alberto, no último plano o genro e o filho de Rosita: Naeff Nassar e Renato.

¹⁸⁸ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 21.



Figura 28: Família de José Sidrim - Av. Nazaré, em 1953.

Fonte: Acervo da família.

A vestimenta para os homens adultos apresenta-se novamente com o predomínio do branco: no paletó, calça e camisa. A gravata na forma fina e comprida, era a nova tendência, os personagens da foto a usam, tendo sempre um fundo escuro, com estamparia miúda ou listrada.¹⁸⁹ José Sidrim, nesta ocasião com setenta e dois anos, não calça mais sapatos fechados como os demais, e sim sandálias de couro com meias brancas. Apresenta-se mais do que nunca sisudo, usando óculos escuros, modelo *Ray-Ban Aviator*¹⁹⁰, está atento a imagem que deseja passar para o fotógrafo, talvez como Roland Barthes que em *A Câmara Clara* se analisa:

¹⁸⁹ Em 1920, o novo iorquino *Jesse Langsdorf*, especialista em manufaturas de gravatas, teve a ideia de fazer um novo modelo, diferente da “borboleta”, a partir do corte na diagonal do tecido, dividiu em três momentos as etapas de sua execução, o resultado foi a gravata com a forma fina e comprida, popularizada no século XX. Desde então ela é usada de diversas formas, tamanhos e cores, representa o símbolo do poder masculino, respeito e formalidade. Disponível em: <<http://www.harlanayaffe.com/html/ace30.html>> e <<http://www.tieknot.com/pt/gravata/historia.html>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

¹⁹⁰ Os óculos *Ray-Ban* foram patenteados em 1937, como consequência da reclamação de um aviador do exército americano, que alegou que o Sol tinha irritado e danificado a retina dos seus olhos. A famosa loja e fabricante de óculos *Bausch & Lomb*, de Nova Iorque, acatou o pedido do militar, criando óculos elegantes que dessem proteção aos seus olhos contra os raios solares. Seu protótipo, conhecido como *Anti-Glare*, tinha armações muito leves pesando 150 gramas e era feito de metal banhado a ouro, com lentes verdes de cristal mineral, que filtravam os raios infravermelhos e ultravioleta. O nome da marca ficou como resultado da composição de duas palavras inglesas: *Ray* (raio) mais as três primeiras letras da palavra *Bannish* (banir). Os pilotos da Força Aérea dos Estados Unidos, imediatamente adotaram os óculos de sol modelo *Ray-Ban Aviator*, e a partir da Segunda Guerra Mundial se popularizou não somente entre os militares, mas entre consumidores em geral. Acesso em: 8 fev. 2015.

Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem.¹⁹¹

Quanto às mulheres da fotografia, fica evidente a liberdade que a indústria da moda trouxe aos trajes femininos. De maneira geral estão vestidas informalmente, em confronto com os homens, Wolitza que apresenta maior formalidade, talvez pela cor escura de seu vestido, as demais estão com o predomínio de cores claras e alguns detalhes escuros.

O endereço deste momento ficava na avenida Nazaré, mudaram em janeiro de 1951, como recorda a neta Renée Sidrim Nassar, “nós nos mudamos em janeiro, e eu me casei em maio, morei pouco tempo na casa”. No entanto, o casal Sidrim moraria ali até o fim de suas vidas. Tinham como vizinhos o Colégio Nazaré, dos irmãos Maristas, da sala de estar, pelas janelas laterais, avistava-se a Capela e o espaço verde que circundava o edifício. Assistiam a Procissão do Círio, com as janelas enfeitadas por lindas toalhas brancas e rendadas, com a família hierarquicamente distribuída nas três janelas da fachada principal.

A mobília em que se encontram sentados, posando para a foto (Figura 28), era composta de um canapé e duas poltronas de braço, estilo Luís XVI¹⁹², por trás do grupo um par de vasos de terracota¹⁹³, em estilo *Art Nouveau*, ornamentado com plantas naturais, juntamente com os vasos de porcelana policromada que emprestam um ar festivo ao ambiente.

¹⁹¹ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p.18.

¹⁹² Estilo Luís XVI: é um estilo de decoração de interiores e de mobiliário, que se desenvolveu a partir da França durante o reinado de Luís XVI, estendendo-se até 1792. O estilo assimila, simultaneamente, duas características distintas - a do estilo anterior, Luís XV, dentro do espírito do rococó, e os primórdios do neoclassicismo. É um estilo híbrido, que conjuga em sua manifestação, vários elementos opostos, criando assim uma estética muito própria. A madeira empregada pode ser encontrada com a cor natural, pintada ou dourada, com aplicações de bronzes dourados, finamente cinzelados. Como elementos decorativos emprega: terrinas, medalhões, ovais, instrumentos musicais, frisos, colunas, folhas de laurácea, grinaldas, drapeados, entrelaçados, rosas e pérolas. As pernas da mobília perdem as curvas do estilo anterior, passam a apresentar-se como elementos visíveis de sustentação, podendo possuir secção quadrangular ou circular, que se estreitam em direção ao chão. São ornamentadas com caneluras verticais ou em espirais, e ligadas ao assento através de um cubo decorado. O espaldar, apresenta-se emoldurado, podendo ser retangular, oval ou ainda vasado. CALADO, Margarida; SILVA, Jorge Henrique Pais, *Dicionário de Termos da Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005. ISBN 20130007.

¹⁹³ Terracota é uma argila moderada e cozida no forno, em torno dos 900 °C, apresentando baixa resistência mecânica e alta porosidade, necessitando um acabamento com camada vítrea para torná-la impermeável, rica em óxido de ferro, normalmente utilizada na confecção de tijolos, telhas, vasos, entre outros objetos. O termo também se refere a objetos feitos deste material e as nuances do marrom que lembram a cor de terra. Disponível em: <<http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/02/o-que-e-terracota/>>. Acesso em 25 jun. 2016.

Arvoré Genealógica de José e Wolitza Sidrim



José Freire Sidrim
02.05.1887 - Fortaleza, CE
13.06.1969 - Belém, PA



Wolitza Sidrim
04.06.1880 - Queixadá, CE
1972 - Belém, PA



Olavo Lima Sidrim
10.05.1904 - Belém, PA
09.05.1935 - Belém, PA



Rosita Sidrim
28.09.1904 - Belém, PA
04.01.1993 - Belém, PA



Jayme Sidrim
1906 - Belém, PA
Falecido



Alberto Sidrim
1907 - Belém, PA
25.03.1993 - Belém, PA



Maria Thereza Sidrim
Falecida



Elda Hansen
02.09.1914 - Belém, PA
08.10.1947 - Belém, PA



Renato Freire Sidrim
Falecido



Renée Nassar
31.10.1928 - Belém, PA



Naef Leite Nassar
03.06.1922 - Belém, PA
14.08.2006 - Belém, PA



Oda Aranha
30.12.1929



Renato Sidrim
Falecido



Olavo Sidrim



Maria de Nazaré Sidrim
29.02.1932



José Alberto Sidrim
Falecido



Wolitza Costa
Falecida, 2014



Flávio Augusto Sidrim Nassar
19.10.1952 - Belém, PA



Rosita de Nazaré Sidrim Nassar
21.10.1953 - Belém, PA



Ana Léa Nassar Matos
08.10.1954 - Belém, PA



Maria Tereza Sidrim Nassar
19.12.1955 - Belém, PA

A maioria dos objetos de arte que comporão a decoração da residência da avenida Nazaré, foram adquiridos no leilão *post mortem* do compadre João Palma Muniz, falecido em 26 de dezembro de 1927.

1.4. O autoexílio em Benfica

Sidrim, por volta de 1931 abandonou as atividades referentes à Arquitetura e à Engenharia. As oscilações dos preços dos materiais ligados à construção civil tinham como consequência no final da obra, uma grande defasagem do orçamento inicial. Resolveu partir para uma nova atividade e para tal adquiriu uma propriedade em Benfica¹⁹⁴.

Foi o filho Olavo Sidrim, engenheiro agrônomo, que indicou o terreno a ser comprado. Haviam lhe oferecido naquela localidade uma olaria¹⁹⁵, com engrenagens rudimentares, apenas para a fabricação do tipo de telha mais simples¹⁹⁶. Possivelmente a aquisição de uma olaria teria sido a forma encontrada para não se afastar totalmente da construção civil, da qual conhecia profundamente as demandas de mercado.

“Paraense” foi o nome com que a olaria foi registrada e que também identificava as telhas lá produzidas. O barro era amassado com tração animal, cavalo ou boi. Conforme o negócio ia progredindo, Sidrim ia comprando outros terrenos pela vizinhança, “chegou a ser o maior barreiro de Benfica”, passando a fabricar tijolos especiais e telhas francesas. Nesse momento empregou muita gente do lugar, suas netas recordam a qualidade da relação que mantinha com seus empregados, de amizade e justiça. A proximidade com eles era tal, que recordavam o gerente da olaria fazendo refeições na mesa junto com a família. Elas acreditam que a maioria dos empregos eram dados “para socorrer toda aquela gente”.

¹⁹⁴ Benfica atualmente é um distrito do município de Benevides, no Pará. Os meios de acesso são através da rodovia PA-404, pela BR-316 e pelo rio Benfica. Documentos recentemente descobertos apontam a vila de Benfica como uma das mais antigas do Estado, até mesmo que o município de Vigia. Possui como padroeira Nossa Senhora da Conceição, que no mês de dezembro é homenageada com a procissão do Círio. A igreja matriz tem mais de 200 anos. Sua atividade econômica preponderante, permanece sendo a fabricação de tijolos. Diz-se que as primeiras casas construídas em Belém foram com tijolos produzidos nesta localidade. Desde 1654, com a chegada dos jesuítas, além da catequese dos índios, tinham interesse na matéria prima para confecção de tijolos e telhas, para melhorar suas construções em Belém. O barro era encontrado com abundância, pois a localidade era cortada por igarapés. A elevação de Benfica a categoria de Vila veio com a lei nº 324 de 06 de junho de 1895. Disponível em: <<http://benficapa.blogspot.com.br/p/historico.html>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

¹⁹⁵ Olaria é o lugar onde se fabricam peças de cerâmica, como tijolos e telhas de barro que são cozidos num forno para dar maior resistência.

¹⁹⁶ SIDRIM, Maria de Nazaré Albim; NASSAR, Renée Sidrim. *José Sidrim*. Belém, mar. 2014. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

Eram três os veículos que o apoiavam em seus compromissos: o caminhão que a “Olaria Paraense” utilizava para fazer entrega da produção, a camionete que o levava constantemente para Benfica, conduzida pelo seu “*chauffeur*” Paulo Baltazar, e o carro de Belém – um Chevrolet, que servia a esposa Wolitza, com o “*chauffeur*” Hamilton. Sidrim estava sempre atento “as modernidades” do avanço tecnológico. No campo automobilístico, por exemplo, frequentava sempre o Armazém Âncora, localizado na Avenida Portugal, próximo da Praça do Relógio, para conferir os lançamentos da marca *Chevrolet*, cujos veículos tinham a concessão de venda. (Figura 29)



Figura 30: Praça do Relógio, Belém-Pará. Ao fundo as instalações do Armazém Âncora (prédio branco). Registro em torno de 1949.

Fonte: Acervo de Inah Faciola. Disponível em: <<http://fauufpa.org>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por volta de 1943, o Brasil passou por racionamento de combustível, que refletiu também em Belém. José Sidrim tratou logo de buscar uma solução para o seu abastecimento, adaptando os carros de sua propriedade para a utilização do gasogênio como combustível¹⁹⁷.

Em Benfica, José Sidrim diversificou seus investimentos, que não ficaram restritos a exploração da Olaria. Nos terrenos em que foi comprando ao longo do tempo, plantou árvores frutíferas que serviam para o consumo familiar. Devido a grande quantidade recolhida, os empregados que tomavam conta da plantação vendiam as frutas que excediam em benefício próprio. Às vezes acontecia de precisarem se

¹⁹⁷ O Gasogênio é um equipamento que produz gás combustível para alimentar motores de combustão interna. Converte matérias-primas sólidas e líquidas em gás.

distanciar da Vila, para oferecê-las em regiões mais afastadas. Nazinha Sidrim se lembra de uma ocasião em que sua avó Wolitza estava passeando de carro quando viu um vendedor de frutas, mandou parar o carro, e perguntou de onde eram as frutas. A resposta lhe surpreendeu: “ - É da casa do Seu Sidrim! ”, espantada, continuou: “E pra onde é que vai? ” Eles responderam: “Nós vamos vender em Icoaraci”.

Este período foi de grande fartura, não era necessário comprar frutas para o abastecimento familiar, elas eram descascadas e servidas na mesa em travessas com variadas espécies, tudo em abundância. Uma parte ficava para o consumo da casa, onde normalmente moravam muitas pessoas, e o restante era distribuído pelos amigos. Sidrim não se contentava em ter somente as frutas da região, pesquisava e mandava buscar sementes de fora, por exemplo, teve uma plantação de *grapefruit* (*Citrus paradisi*) e de coqueiros especiais.

À propriedade original da Olaria foi sendo anexada a novos terrenos que lhe assemelharam a uma fazendola. As novas dimensões possibilitaram o desenvolvimento de novas atividades, como a criação de galinhas de raça poedeiras, de porcos, de gado, além de dois cavalos (Bederode e Capoeira) que auxiliavam na manutenção da área.

A produção dos ovos era comercializada para o Hotel Madame Garès, localizado na Avenida Nazaré, esquina da Travessa Quintino Bocaiúva, no largo do Redondo¹⁹⁸, de propriedade de Pierre e Madame Garès, que no tempo da Segunda Guerra deram hospedagem aos soldados. A contabilidade destas transações era feita pela filha Elda, que segundo a estimativa de Nazinha Sidrim a quantidade negociada ficava em torno de mil ovos. Possuíam uma relação bem amigável com os donos do estabelecimento, que ultrapassavam os limites meramente comerciais. Elda falava e escrevia fluentemente o Francês o que possibilitou o relacionamento entre eles, chegando ao ponto de comporem uma música em sua homenagem.

O espírito empreendedor de José Sidrim, “a inteligência e sabedoria com que administrava seus negócios” ficaram registrados na memória de Nazinha e Renée, que conferiam a esses atributos o sucesso profissional e sua ascensão social.

O engenheiro Augusto Meira Filho¹⁹⁹, no artigo “Galeria dos Esquecidos”²⁰⁰, narra seu primeiro contato com José Sidrim:

¹⁹⁸ Este prédio era de propriedade da herdeira de Manoel Dacier Lobato. Foi reformado por José Sidrim.

¹⁹⁹ Augusto Meira Filho (Belém, 1915-1980) - Engenheiro, historiador, escritor, vereador, jornalista e poeta, importante personagem no cenário da cidade, por suas ações em prol da preservação de sua

O conhecemos em sua Vivenda “Eldete” no Benfica cercado de passarinhos e de um incomparável pomar. Possuía, ali, a “Olaria Paraense” e considerava aquele lugar o seu mundo, o seu céu.

O papel da Vivenda Eldete²⁰¹ para a família Sidrim era uma espécie de refúgio, tanto para os bons momentos, do gozo das férias, das comemorações de aniversários, quanto daqueles períodos adversos de depressão e luto. Mesmo quando os acontecimentos não estavam intimamente ligados à família, como por exemplo, turbulências políticas, aviso do início da Segunda Guerra Mundial, imediatamente vinha o comando para a preparação da bagagem e, em seguida, a partida para Benfica. Interessante é que ao deixarem a residência fixavam na porta o aviso: “Saímos de férias, por favor, entregar a correspondência para o barbeiro Diogo”, que era o dono da barbearia da esquina. Um dos dias festivos memoráveis na Vivenda Benfica, foi a comemoração dos 60 anos de dona Wolitza Sidrim. Ao evento compareceram todos os parentes, até os irmãos de José Sidrim que moravam no interior do estado do Pará, Emiliano, Antonio e Francisco. Lembra Nazinha Sidrim, que eles chegaram em caminhões transportando toda a família para a festa.



Figura 31: Wolitza Sidrim em seus 60 anos. Estúdio Fidanza.

Fonte: Acervo da família.

memória. Disponível em: <<http://cmb.pa.gov.br/v01/memorias/85-augusto-meira-filho>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

²⁰⁰ Jornal *A Província do Pará*, de 6 de novembro de 1977.

²⁰¹ A denominação da Vivenda era uma homenagem à filha Elda.

A fotografia da Figura 31 foi feita no estúdio *Fidanza*²⁰² para marcar aquela comemoração. Encontra-se com uma dedicatória “À querida Renée com muito affecto da sua vizinha. Wolitza 4-6-1940”.

O acontecimento também foi noticiado na revista *A Semana*²⁰³, que transmitiu com “... o mais carinhoso respeito” o registro do aniversário da “Mme. Wolitza Sidrim”.

Com o falecimento da filha Elda, José Sidrim fez de Benfica o reduto de seus contatos e articulações políticas. Com o passar dos tempos, o interesse por aquelas propriedades foi desvanecendo, acabando por serem vendidas por preço aquém de seu real valor.



Figura 32: Único registro da casa de Benfica. A partir do lado direito Rosita Sidrim encoberta parcialmente por Naeff Nassar, José Sidrim no centro, Tereza Sidrim e a filha Nazinha. Abaixado, Francisco Sidrim abraçando Rosita Sidrim Nassar.

Fonte: Acervo da Família. Foto: Wolitza Sidrim, em 1957.

²⁰² Felipe Augusto Fidanza era português, natural da cidade de Lisboa, veio para o Brasil e tornou-se a maior expressão da fotografia no Pará, com aproximadamente 20 anos. Em Belém, os anúncios de suas atividades despontam a partir de 1867, como retratista *photographo*. Destacou-se profissionalmente pelas produções como retratista e pelas paisagens urbanas. Seu primeiro trabalho, a ganhar destaque em âmbito nacional, foram as fotografias que documentaram os preparativos da chegada de Dom Pedro II a Belém, no ano de 1867. Em 1897, estabeleceu contatos com outros profissionais do ramo da fotografia que pretendiam exercer suas atividades em Belém, entre eles, Júlio Siza. Em 1902, mudou-se para o pavimento superior da Rua Conselheiro João Alfredo, nº 7, com o estabelecimento *Photographia Amazônia*. As fotografias de sua autoria foram apresentadas: na Exposição de História do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1881; na Exposição Universal de Paris em 1889 e de Chicago em 1892, nas quais as fotografias foram reconhecidas e premiadas. Morreu em 1903, quando retornava a Belém, no vapor *Christiania*, provavelmente teria se jogado ao mar, às proximidades das ilhas da Madeira e Canárias. O estúdio *Photografia Fidanza* mesmo após a sua morte, permaneceu em funcionamento. Em 1904, o novo proprietário, Jayme da Costa Nunes, reabriu o ateliê, comprometendo-se em realizar os mesmos serviços, com a mesma qualidade do antigo proprietário, objetivando manter a credibilidade do estabelecimento e garantir a satisfação da clientela. *Photografia Fidanza: um foco sobre Belém (XIX/XX)*, Maria de Nazaré Sarges e Rosa Cláudia Cerqueira Pereira. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

²⁰³ A revista *A Semana* tinha como proprietário o Sr. Ernestino Souza Filho.

CAPÍTULO 2:



José Sidrim: Um alquimista de saberes.

- 2.1. O desenhista da Intendência Municipal e a experiência com os ingleses.
- 2.2. Curso por correspondência: “a educação à distância” de José Sidrim.
- 2.3. Teoria, Cultura e Técnica: as matrizes de José Sidrim.

Fábula de um Arquiteto
João Cabral de Melo Neto

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até fechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

CAPÍTULO 2

José Sidrim: um alquimista de saberes.

2.1. O Desenhista da Intendência Municipal e a experiência com os ingleses

Há duas espécies de imaginação a que o historiador pode recorrer: a que consiste em animar o que está morto nos documentos e faz parte do trabalho histórico, pois que este mostra e explica as ações dos homens.

Jacques Le Goff.²⁰⁴

Poderia ter sido até mesmo obra do acaso quando o jovem desenhista José Sidrim (1881-1969) abandonou sua cidade natal, Fortaleza, Ceará, e redirecionou o leme de sua vida para o Norte do Brasil, mais precisamente para Belém do Pará, aportando ali em 1900, aos 19 anos de idade. Mal sabia ele, ou talvez soubesse, que por ali o mercado profissional acenava para pessoas com a sua vocação e formação.

O rumo desta nova etapa de vida foi sendo demarcado a partir do primeiro emprego, através do qual teve a chance de encaminhar uma trajetória ascendente no campo profissional. Tratava-se de uma pessoa interessada em múltiplos campos do Saber, no entanto se aprofundou particularmente na área das Ciências Exatas. No campo da Arquitetura e Engenharia Civil, percorreu várias etapas de sua *práxis*: do desenho, passando pelo levantamento em campo como agrimensor, até a projeção e construção de prédios, chegando ainda a transitar no campo do urbanismo. Também era um conhecedor das Artes: tinha o gosto pela Música, tocava flauta e bandolim; no desenho ia além do fazer técnico, desempenhando com sensibilidade e desenvoltura o talento artístico; fazendo uso na pintura da aquarela e óleo. Além de tudo isso, destacou-se como educador, função exercida em várias graduações do Ensino: em grupos escolares, no Instituto Técnico Lauro Sodré e na Escola de Agronomia e Veterinária da Amazônia²⁰⁵.

José Sidrim iniciou sua carreira pública como funcionário da Intendência Municipal, lotado na Secção de Obras, no lugar onde eram criados os projetos com os

²⁰⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2013. p. 42.

²⁰⁵ A Escola de Agronomia e Veterinária do Pará, de Ensino Superior, teve seu processo de fundação realizado nos anos de 1917 e 1918, funcionou em amplo prédio na antiga avenida Tito Franco, onde atualmente encontra-se a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Visconde de Souza Franco, entre as travessas Vileta e Timbó. Não possuindo nenhuma relação de continuidade com a UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia, antigo Instituto Agrônomo do Norte, localizada no bairro da Terra Firme.

quais Antonio Lemos, pouco a pouco, reinventava a cidade, na intenção de colocá-la no mesmo nível das grandes cidades europeias - particularmente, transformá-la em uma pequena Paris.

A cidade de Belém passava por uma verdadeira ‘metamorfose’, tendo como responsáveis o governador Augusto Montenegro (1901-1908) e o intendente Antonio Lemos (1897-1911). O último foi o principal líder político deste período, que por quatorze anos ficou à frente da administração da cidade, remodelando o espaço urbanizado, alargando, calçando, multiplicando e arborizando ruas, reformando parques e praças, e ainda regulamentando as construções.

A Secção de Obras do município de Belém era considerada por Lemos como uma das mais úteis e operosas repartições da Intendência, cujas atividades para constarem entre as centenas de páginas do seu Relatório Anual, tinham que passar por criteriosa seleção. Era necessário estabelecer limites para cada tipo de assunto e, deste modo, poder contemplar todos os segmentos da administração municipal.

No período de 1897 a 1902, Antonio Lemos ao prestar contas ao Conselho Municipal de Belém, das providências que havia tomado para a adequação da máquina administrativa, para a realização das ações e obras que considerava integrantes do “... grandioso plano da renovação” da capital, afirmou que seria imprescindível fazer “Reorganizações de repartições e serviços”, entre as quais estava incluída a “Secção de Obras”²⁰⁶, que naquela ocasião encontrava-se instalada:

(...) n’um exíguo recinto, impróprio aos trabalhos technicos e constituindo méra dependencia da Secretaria municipal. Compreendendo a irregularidade de similhante organização e o prejuiso de installação tão deficiente, dei-lhe compartimento especial para os trabalhos a seu cargo, collocando-a, como convinha, independente das secções da Secretaria – desde então destinada a collaborar efficazmente commigo no obstinado e grandioso plano da renovação d’esta capital. Eu me desvaneço do acerto de similhante reforma, pois o concurso da Secção de Obras tem sido dos mais apreciáveis, na enorme serie de serviços publicos levados a effeito nos últimos cinco annos.²⁰⁷

Transformou então aquele Setor, em um local que pudesse ser eficaz nas ações que visava desenvolver, deu-lhe mais independência no organograma municipal,

²⁰⁶ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 7-8.

²⁰⁷ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 13 e 14.

porém, deixou-o mais próximo do seu olhar. Em outro momento, fez considerações quanto ao quadro de funcionários, julgando “positivamente insuficiente o pessoal tecnico, artístico e operário da Secção de Obras”.²⁰⁸ Foi neste lugar tão particularmente analisado, redimensionado, transformado, que José Sidrim encontrou sua primeira colocação como desenhista, no coração da máquina municipal, onde pulsavam os sonhos do Intendente.

Para acompanhar a trajetória de José Sidrim como funcionário municipal, optou-se em seguir as notas feitas pelo Intendente Antonio Lemos, nos Relatórios Municipais, sobre as suas atuações na Secção de Obras. São fontes que sinalizam o tempo, qualificam e descrevem as ações, identificando os personagens envolvidos, além de ficar evidente que a leitura dos fatos possui o enfoque do governante.

Poder encontrar balizas confiáveis para a narração de uma história é um achado precioso. O historiador Durval Albuquerque Júnior recorre à imagem do rio, em seus aspectos de contínua mudança e fluxo intermitente, para ressaltar a grande semelhança com o desenvolvimento da História, porém, frisando que:

(...) no rio nem tudo é somente fluxo, há também sedimentações, depósitos, assoreamentos, o aparecimento de ilhas de onde se pode empreender uma arqueologia das camadas constitutivas da nossa condição histórica.²⁰⁹

Lançando mão da analogia do autor, os Relatórios Municipais do período de Antonio Lemos, representam para o registro do percurso profissional de José Sidrim, as “ilhas”, em cujas margens se podem ‘ancorar’ e recolher informações preciosas dentro de um contexto histórico bem definido. Por essa razão se retornará a este ‘porto’ por várias vezes.

Foi a partir de 1904 que o nome do desenhista começou a figurar nos Relatórios. Nesse ano foi citado em vários momentos e em segmentos distintos. Primeiramente, nas apresentações das ações desenvolvidas pela “Secção de Obras”, entre as quais Antonio Lemos destacou o setor de “Desenhos”:

Grande foi o número de plantas e outros desenhos delineados pelo sr. José Sidrim, que fez jus a francos encômios pela sua competência technica e

²⁰⁸ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p.94.

²⁰⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 30.

dedicação ao trabalho. Contudo, não é possível precisar o número exacto d'esses desenhos, em virtude de terem muitos escapado ao registro devido, por causa da urgência com que eram remetidos. Devo, todavia, salientar entre muitas outras, as plantas projectadas pelos engenheiros municipaes para o gymnasio, torre, cocheira e detenção, na sucursal do Corpo de Bombeiros; da avenida Ferreira Penna; a cadastral da avenida Quinze de Agosto; typo de estampilhas para o anno de 1905 e, recentemente terminada, a da fachada da cocheira-modelo que projecto mandar construir.

Sobre a prancheta acham-se na presente data os planos, córtes e a fachada lateral d'esse futuro próprio [projeto] municipal.²¹⁰

Em sua escrita o Intendente reconheceu a importância, a competência e o grande volume de trabalhos executados por José Sidrim, sentindo-se até impossibilitado de enumerar todos eles, e ainda ressaltou aqueles em andamento, em cima de sua prancheta. Os tipos de desenhos descritos variam do técnico - projetos arquitetônicos e levantamentos cadastrais de vias - ao artístico ou livre - alusivo ao desenho de estampilhas ou selos. Quanto às vias contidas na citação convém esclarecer que a Avenida Ferreira Penna corresponde à atual Avenida Assis de Vasconcelos e a Avenida Quinze de Agosto à atual Avenida Presidente Vargas. Elas possuem traçados paralelos que se prologam percorrendo ou estabelecendo limites de vários bairros de Belém, como Campina, Reduto e Nazaré. Possivelmente, estes levantamentos visavam melhorar a articulação entre as vias da Cidade Velha com os bairros novos que vinham sendo consolidados neste período, a exemplo de Nazaré e Batista Campos.

Ainda no Relatório de 1904, o Intendente discorreu sobre a construção da “Rede geral de exgottos”²¹¹ para Belém, considerando aquele um “*assumpto magno*”, cujos efeitos seriam “de alta relevância para a capital”. Na ocasião comunicou ao Conselho Municipal que os engenheiros Lalôr e Palma Muniz²¹² seriam os responsáveis pela organização da carta cadastral que serviria de base para a execução do projeto. Avaliou como uma ação estruturante para a cidade, cuja execução vinha sendo realizada com muito rigor, repetindo etapas, quando necessário, para o êxito total da obra.

²¹⁰ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 26 e 27.

²¹¹ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1904*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1905. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1905. p. 168

²¹² João de Palma Muniz (Vigia, 5 de janeiro de 1873 - Belém, 26 de dezembro de 1927) era engenheiro civil, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, escritor de livros históricos e geográficos. Joaquim Lalôr era engenheiro civil, casado com a filha de Antonio Lemos, Olívia Lemos Lalôr. Os dois foram sócios na empresa de engenharia Lalôr & Muniz e pessoas importantes na vida de José Sidrim. As relações entre os três se estenderam para além do ambiente de trabalho, e Lalôr e Muniz, juntamente com as esposas, se tornaram padrinhos e madrinhas dos filhos dele.

(...) como a verificação de vários pontos em que no acto do desenho se notou existirem dúvidas. Vae ser iniciado, no escriptorio do mesmo engenheiro, em escala conveniente, o desenho de uma carta geral da parte já feita para o traçado da topografia (curvas de nível e regimen de águas, etc.). N'esses trabalhos todos, além do engenheiro Joaquim Lalôr e Palma Muniz, fôram utilizados os serviços technicos do engenheiro civil Maurice de Cocatri, agrimensor Sá Barreto e desenhistas José Sidrim et José Moreira.²¹³

Na citação anterior, não fica claro se a atividade que José Sidrim estava desenvolvendo era na qualidade de funcionário municipal, ou, como contratado dos concessionários da obra, Joaquim Lalôr e Palma Muniz. A última hipótese pode ser verdadeira, considerando o horário das 7 às 12 horas,²¹⁴ regulamentado para as repartições municipais, que acabava por liberar o funcionário para novos compromissos no expediente vespertino. Nessa possibilidade ficaria esclarecido o caminho em que foram se atando os fortes laços de amizades e vínculos profissionais entre Sidrim, Palma Muniz e Lalôr.

A Planta da Cidade de Belém e a Carta do Município de Belém (ambas desenhadas por José Sidrim e José Moreira da Costa) estão entre as ilustrações que compõem o volume desse Relatório e são trabalhos reconhecidos pelo Intendente como de grande qualidade.

Permittireis que chame a vossa atenção para esse magnifico trabalho, accentuando a segurança e correção com que elle se acha executado, a delicada nitidez do desenho, a sua clareza minuciosa, revelando um labor de mezes e uma competência indiscutível.²¹⁵

Dentre os trabalhos que José Sidrim participou na Intendência Municipal, esse foi o que obteve maior repercussão. Tanto na época em que foi executado, como se pode concluir pelas palavras do Intendente, quanto posteriormente, servindo de parâmetro para intervenções na cidade.

²¹³ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1904*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1905. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1905. p.180.

²¹⁴ Sobre o horário das repartições municipais, o Intendente se pronunciou no Relatório de 1897-1902, p. 340, onde reconheceu o horário matutino como o das “horas menos incommodas, em clima tão áspero como o nosso”, por meio da Lei n.284 de 27 de dezembro de 1900, autorizada pelo Conselho, que regulamentou as horas do expediente em todos os departamentos municipais.

²¹⁵ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1904*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1905. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1905. p.319.

Ainda na atualidade, essa planta subsidia estudos e pesquisas que buscam as bases teóricas que influenciaram o traçado de expansão de Belém, no início do século XX. No ambiente acadêmico contemporâneo, Fábio Castro fez especulações sobre o papel de José Sidrim nas intervenções urbanas de Antonio Lemos.

(...) o projeto urbanístico de Lemos para Belém teve um outro mentor, ou talvez uma equipe deles: o desenhista municipal José Sydrim e seu ajudante José Moreira da Costa, que auxiliaram o intendente a conceber um projeto de futuro para o desenvolvimento urbano da cidade.²¹⁶

A visão do Intendente sobre a cidade de Belém não ficava restrita ao centro da cidade, preocupava-se também com sua expansão territorial. As ações que desenvolveu no então subúrbio do Marco da Léguas, na administração de 1897 a 1902, dão conta disso.

É evidente a tendência da expansão urbana para aquele ponto. Apertada entre o litoral, de um lado e os terrenos alagados da parte oriental, entre os limites urbanos e o rio Guamá esta cidade só tem como desafogo o Marco da Léguas ...²¹⁷

Muitas ações foram empreendidas por Antonio Lemos para tornar aquela área apta para desempenhar a função de eixo de crescimento. Havia encontrado “desprezado” aquele “formoso subúrbio”, e tratou de embelezá-lo e saneá-lo para cumprir o seu papel em um futuro próximo, e também em um mais longínquo. Solicitou ao Governo do Estado mais uma légua de terras aumentando o patrimônio da municipalidade²¹⁸. E ficou aguardando o equilíbrio orçamentário para contratar uma comissão técnica para demarcar aquelas áreas, tendo como prioridade a primeira légua patrimonial.

²¹⁶ CASTRO, Fábio Fonseca de. *A Cidade Sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edições do Autor, 2010. p. 149.

²¹⁷ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902*. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 294.

²¹⁸ *Belém (PA)*. Decreto nº 766, de 21 de setembro de 1899, trata da solicitação ao Governo do Estado de mais uma légua de terras aumentando o patrimônio da municipalidade. In: BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902*. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 248.

(...) afim de dividir em lotes as terras patrimoniaes do lado occidental da avenida Tito Franco, desde a parte ainda não dividida até o limite do boulevard Dr. Freitas, logar denominado Pedreira.²¹⁹

E neste trabalho, José Sidrim se envolveu não apenas com o desenho da Planta, mas também como agrimensor, participando ativamente da demarcação das vias correspondentes ao bairro da Pedreira, composto atualmente pela avenida Pedro Miranda e suas paralelas, a avenida Antonio Everdosa e a rua Nova.²²⁰ Naquele tempo, esta área era fisicamente separada do resto da cidade por um igarapé, atual canal da travessa Antonio Baena, que transformava aquela região num grande pântano²²¹. Na referida Planta pode ser identificado esse trecho através da convenção de zona alagada existente no desenho.

Estabelecendo uma comparação entre a Planta da Cidade de Belém desenhada por José Sidrim²²² e José Moreira da Costa, e aquela levantada pelo engenheiro Manoel Odorico Nina Ribeiro no final do século XIX (1883-1886)²²³, as diferenças encontradas são basicamente do lado “occidental da avenida Tito Franco”, depois da “estrada da Marquês de Herval”, região considerada por Lemos como “... a parte ainda não dividida” do tecido urbano. A partir desse trecho, os traçados da cidade começam a divergir: na Planta de 1905 surgem quadras bem maiores, compatíveis aos modelos adotados para as novas cidades da era industrial, diferenciando-se dos padrões dos quarteirões coloniais. Como consequência, os números das ruas e avenidas são diminuídos, no entanto, continuaram mantidas as travessas que as seccionavam.

Na Planta estavam configuradas as ações projetadas e inseridas pela administração Lemos, e não serão encontradas em desenhos posteriores, como no *Mappa do Estado do Pará*, de 1918, organizado por Theodoro Braga, e no Mapa de

²¹⁹ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897- 1902*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902. p. 248.

²²⁰ No Capítulo 1, 1.2.3. O impacto da queda de Antonio Lemos, está uma referência ao momento em que o bairro da Pedreira foi entregue a cidade por Antonio Lemos que José Sidrim teria vindo junto com ele, no mesmo veículo, para aquela solenidade.

²²¹ Informação retirada de entrevista realizada com Naeff Nassar, em 16 de setembro de 1986. A zona pantanosa que ele se referiu correspondia, aproximadamente, a um polígono delimitado pelas atuais; travessa Antonio Baena, rua Antonio Everdosa, travessa Curuzu, rua José Bonifácio e avenida Governador José Malcher.

²²² Na Planta da Cidade de Belém é o único documento encontrado com o sobrenome de José Sidrim escrito com “y” (Sydrim). Talvez por desconhecimento, ou quem sabe à guisa de sugestão, teria seu parceiro José Moreira da Costa, assim o identificado no cabeçalho do mapa.

²²³ Essa planta encontra-se em meio digital, disponível em: <<https://fauufpa.org/2014/03/23/planta-da-cidade-de-belem-1899/>>. Acesso em: 1 set. 2016.

1933, *Estado do Pará - Belém e terrenos adjacentes*, de Hugo da Cunha Machado²²⁴, em que as áreas correspondentes aos bairros da Pedreira e da Sacramento não estão demarcadas, findando o desenho da malha urbana, na avenida Marquês de Herval. Concluindo-se daí, que o desenho que José Sidrim participou, permaneceu por longo tempo o mais atualizado.

Comparando com o traçado atual da cidade, verifica-se que o bairro da Pedreira se encontra muito próximo do desenho de 1905, as variações se devem pela forma espontânea com que a ocupação ocorreu naquela área, sem a orientação do Poder Público, após a administração de Antonio Lemos. Analisando também os bairros do Guamá e Canudos, percebe-se que não foram consolidados seguindo o traçado proposto no desenho de Sidrim, que consistia basicamente no prolongamento de ruas existentes, como as atuais: avenida Governador José Malcher, avenida Magalhães Barata, avenida Gentil Bittencourt, rua dos Mundurucus, rua Caripunas, rua Conceição, e as por implantar: ruas Silva Castro e Barão de Igarapé Miri, que deveriam alcançar o anel que limitava a primeira légua patrimonial, atual avenida Perimetral.

Nessa proposta, provavelmente de autoria de José Sidrim, repetiram-se os modelos dos traçados ortogonais, com quadras maiores e regulares, semelhantes aos executados na urbanização americana, do final do século XIX – início do século XX. Ou ainda, poderia ser inspirada no plano de Ildefons Cerdà, elaborado para Barcelona, em 1859, que tinha como suporte o emprego da quadricula e das vias radiais²²⁵. (Figura 33)

²²⁴ Os referidos mapas estão disponíveis: <<https://fauufpa.org/2016/07/08/o-aeroporto-de-belem-que-nunca-saiu-do-papel/>>. Acesso em: 1 set. 2016.

²²⁵ A visualização do Plano Cerdà está disponível em: <<http://www.wikiwand.com/es/Ildefonso>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

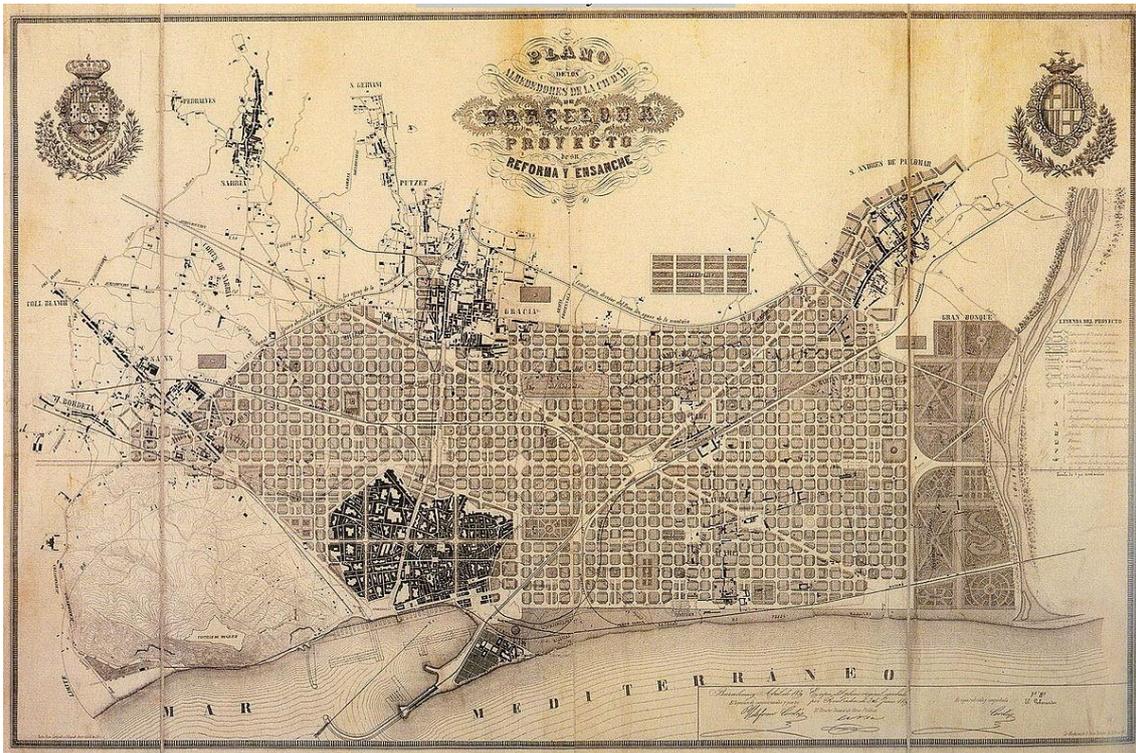


Figura 33: Plano de Iddefons Cerdà - Barcelona, 1859.

Fonte: <<http://www.wikiwand.com/es/Iddefonso>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

O desenho cartesiano implantado na cidade, deram margens para que alguns especialistas do urbanismo em Belém, avaliassem que não teriam sido consideradas as áreas baixas de sua topografia, e por essa razão quando das chuvas e da maré alta ficavam inundadas. Vale ressaltar, que esse aspecto geográfico não foi ignorado, pelo contrário, o Intendente, em seus comentários sobre a execução da Planta da Cidade de Belém, destacou que o nível de precisão topográfica ali atingido, não tinham sido vistos “em trabalhos d’essa espécie em nosso Estado”²²⁶.

O tipo de abordagem feita pelos especialistas dá margem para algumas indagações. O sociólogo Emanuel Matos (1950) analisando a trajetória política de Antonio Lemos propõe que ela possa ser vista “como a confirmação da Razão como conquista irrevogável da civilização ocidental”, concebida desde o início da modernidade e consolidada nos séculos XVIII e XIX com o Iluminismo e as Ciências Sociais, considera-o um “personagem político próprio de um momento de transição entre o modo primitivo de fazer política e aquele das luzes”, portanto “um homem de

²²⁶ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1904*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1905. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1905. p. 319.

seu tempo”.²²⁷ Não se pode perder de vista o conceito de consciência possível de Lucien Goldmann²²⁸, que aponta para a necessidade do entendimento do momento, dos fatos, dos pensamentos que interferem nas ações do homem. O que interessava para Antonio Lemos era a organização do espaço, para torná-lo de forma pragmática, útil e funcional para a população, sendo bastante improvável que desconhecesse os detalhes da bacia hidrográfica de Belém.

Podendo-se concluir que José Sidrim, sob os auspícios do Intendente Lemos, procurou dar à cidade a funcionalidade necessária para a mobilização e a organização do espaço urbano, de forma pragmática, com base na razão, utilizando-se do que estava disponível na época; do conhecimento geográfico, da topografia, dos valores estéticos e dos valores urbanos, por exemplo. O Romantismo já havia passado, não se pensava mais em adequar-se à Natureza, mas em dominá-la, colocá-la a serviço da existência humana, o princípio do período era o racionalismo da Modernidade e do Iluminismo.

Por fim, a planta de Belém, de 1905, não tinha a pretensão de ser uma proposta de redesenho para a cidade e, sim, estabelecer vetores para sua expansão, partindo do traçado existente e projetando-o para os subúrbios, dando forma, particularmente, aos bairros de Canudos, Guamá, Pedreira e Sacramento. Lançando mão, assim, dos modelos urbanísticos que seguiam as teorias contemporâneas, adequadas as novas expectativas geradas para as cidades do início do século XX.

No Relatório Municipal de 1905, José Sidrim firma-se como desenhista da Secção de Obras, com Antonio Lemos lhe atribuindo a responsabilidade de “toda a espécie de projectos e plantas”:

Para o bom andamento dos trabalhos technicos d’esta Secção, muito tem contribuído a assiduidade e competência do desenhista sr. José Sidrim, de cujos inúmeros serviços se destacam como de mais alta relevância os seguintes:

- Desenho completo da Cocheira modelo;
- Levantamento e desenho de um trecho da avenida Serzedello Côrrea;
- Typos de medalhas comemorativas;

²²⁷ MATOS, Emanuel. Lemos: a razão da razão. In *Antonio José de Lemos: a resignificação do mito*. [Organização de] Rosa Maria Lourenço Arraes. Belém: Prefeitura de Belém; FUMBEL; MABE, 2014. p.15.

²²⁸ GOLDMANN, Lucien. *Que é a Sociologia?* São Paulo: DIFEL, 1974. (Coleção Ciências Humanas e Filosofia).

- Modificação da praça S. José;
- Organização da planta da Capital do Estado;
- Desenhos da ponte do Pinheiro e detalhes.

Como se vê pela segunda ordem da enumeração supra, além dos desenhos executados na Secção, compreendendo numerosos detalhes de obras confiadas aos diversos empreiteiros, foram ainda as habilitações do mesmo desenhista aproveitadas no levantamento da planta de um trêcho da avenida Serzedello Corrêa, por não ser possível distrahir, com este trabalho, os engenheiros auxiliares, então cumulados de grande affluencia de serviços outros.²²⁹

A referência acima indica que a assiduidade ao trabalho parecia não ser um comportamento comum a todos os funcionários municipais, era uma qualidade que merecia ser destacada. Informa também que Sidrim não permaneceu apenas nas atribuições de desenhista, desempenhou também algumas tarefas concernentes aos engenheiros auxiliares, sugerindo um crescimento profissional. Quanto a tarefa “modificação da praça São José”, não ficou claro o que englobava esse desempenho. Foi, pois, necessário fazer uma pesquisa mais aprofundada, para dimensionar sua abrangência.

A pretensão de Lemos para aquela Praça era de revitalizá-la, tornar um lugar aprazível para a cidade, o que antes era um “verdadeiro mattagal inculto” de “aspecto monótono”. Para realização das transformações pretendidas eram necessários trabalhos de nivelamento, pavimentação, calçamento do leito da Praça com “pedras irregulares do Estado”, e posterior arborização e ajardinamento. Para tal, contratou o engenheiro Palma Muniz como empreiteiro das obras. As ações também envolveriam melhorias nas ruas circunvizinhas, para a qual autorizou “o calçamento da Avenida central com paralelepípedos de granito”, para o aperfeiçoamento do trânsito e das condições sanitárias, estendeu a mesma pavimentação para um trecho da Avenida Conselheiro Furtado. Antonio Lemos planejava que essa última Avenida passasse a iniciar no litoral do rio Guajará, e recomendou ao diretor da Secção de Obras que determinasse profissional competente para tratar de seu prolongamento²³⁰. Essa área tinha como responsabilidade intermediar dois estágios da cidade que precisavam interagir, o velho e o novo tecido urbano.

²²⁹ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1905*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1906. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1906. p. 34, 35.

²³⁰ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1905*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1906. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1906. p. 264.

Diante do quadro exposto, verificou-se duas possibilidades para o desempenho de José Sidrim: a primeira, de que poderia ter ficado com o desenvolvimento do desenho da Praça, e a segunda, com a execução do projeto do prolongamento da avenida Conselheiro Furtado e a integração das novas vias com o traçado existente. Ele possuía conhecimento e experiência para executar qualquer uma das duas tarefas, ou ainda, ter participado de ambas. Oportuno se faz destacar, que se tratou de mais um trabalho realizado em conjunto com Palma Muniz.

Ainda analisando os afazeres da Secção de Obras, desse ano de 1905, chegou-se ao apontamento da fiscalização da construção de um Orfanato²³¹, de responsabilidade do engenheiro municipal Domingos Acatauassú Nunes, cujo projeto era também do escritório dos engenheiros Joaquim Gonçalves de Lalôr e de João de Palma Muniz.²³²

No acervo do Instituto Histórico Geográfico do Pará foi encontrada uma fotografia, que registra uma visita feita por engenheiros e empreiteiros à obra do Orfanato. Apesar do Relatório Municipal não citar o envolvimento de José Sidrim com esse trabalho, ele se encontra entre os engenheiros e empreiteiros identificados na foto. (Figura 34)

Estaria ali como funcionário municipal ou contratado pelo escritório Lalôr & Muniz?

²³¹ O Orfanato foi posteriormente denominado de Antonio Lemos, e está localizado no município de Santa Isabel.

²³² BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1905*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1906. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1906. p. 309 e 310.



Figura 34: Visita de engenheiros e empreiteiros as obras do Orfanato Antonio Lemos, 1905. Identificados: Domingos Acatauassú Nunes (1), João Palma Muniz (2), J.S. Freitas (3), José Sidrim (4).

Fonte: Instituto Histórico Geográfico do Pará. ihgpFs180.

No ano seguinte, em 1906, o Relatório Municipal apresenta a rotina do desenhista, na Secção de Obras, com a mesma variedade de atribuições:

O desenhista sr. José Sidrim, além da grande copia de plantas de diversas obras fornecidas a empreiteiros e de outros detalhes da Secção, occupou-se ainda do seguinte: - planta da superestructura metallica da ponte da villa Pinheiro; planta cadastral da avenida 15 de Agosto, incluindo o necessário levantamento; projecto do alargamento, nivelamento e perfil da avenida São João; levantamento dos exgottos de Cidade. Esta planta acha-se em andamento.²³³

Predominam na referência, trabalhos ligados ao trato urbano da cidade, como a Planta dos Esgotos da Cidade, a planta cadastral da Avenida 15 de agosto (atual Avenida Presidente Vargas) e o projeto da Avenida São João (atual Avenida Senador Lemos). Nessa última, a ação executada ultrapassa o nível do desenho alcançando o estatus de projeto.

O arquiteto e historiador Carlos Lemos (1925) esclarece que a atividade de desenhista, no início do século XX, era compreendida como “projetista”, como se no ato de desenhar estivesse incluído também a participação no processo de criação, e o que atualmente se chama de desenhista era chamado de “copista”, ou seja, sua tarefa era

²³³ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1906*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1907. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1907. p. 43.

aquela de reproduzir a ideia de outrem.²³⁴ Por essa explicação, pode-se concluir, que Sidrim desempenhava na Intendência, as duas especialidades: projetista e copista.

O anseio do Intendente em sintonizar a cidade, aos novos patamares de qualidade propagados pela modernidade, acabava por assoberbar a Secção de Obras, com uma profusão de projetos, sem pessoal qualificado para sua execução. José Sidrim experimentou esta realidade, nas vezes em que precisou assumir postos, cobrindo colegas da Secção. Isso provavelmente o estimulou a prosseguir estudando, buscando novos cursos, para qualificá-lo às demandas da Intendência, como por exemplo, formar-se em Agrimensura²³⁵, o que lhe daria a competência necessária, para realizar os levantamentos cadastrais e projetos de vias, várias vezes a ele confiados.

Acompanhando o percurso de José Sidrim por meio dos Relatórios Municipais ancoramos no ano de 1907, onde as citações a ele referentes se encontram no local “das ocorrências propriamente administrativas”, na “Distribuição do serviço tecnico”:

O desenhista, sr. José Sidrim, além da grande copia de serviços de detalhes d'esta Secção, occupou-se mais da organização de uma planta, representando o exgôto da cidade – serviço que, pela necessidade palpitante de sua execução, absorveu considerável lapso de tempo áquelle profissional.²³⁶

E também sobre ele existem referências na seção “Diversos assumptos”, relatando uma atividade fora do âmbito de funcionário municipal. Com o subtítulo “Novo hipódromo”²³⁷, estava a matéria em que Antonio Lemos comunicava que o

²³⁴ LEMOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993. p.59.

²³⁵ O agrimensor é o profissional responsável pela medição e divisão de propriedade em áreas rurais e urbanas, trabalha geralmente acompanhado de um topógrafo. É uma profissão integrada à área de Engenharia. Atualmente recebe o título de Engenheiro Agrimensor, recebendo uma formação para outras competências. Disponível em: <http://www.eduvale.br/colegio/index.php?abbree=pagina&id_editoria=41&id=1001>. Acesso em: 27 mar. 2015.

²³⁶ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p.33.

²³⁷ O antigo *Hypodromo* deveria ser aquele sinalizado na Planta da Cidade de Belém, levantada pelo engenheiro Manoel Odorico Nina Ribeiro, entre as décadas de 1880 e 90, publicada no MDCCCXCIX AMAZONIA, de Arthur Caccavoni. Localizado na confluência da Estrada de São João (atual Avenida Senador Lemos) e a Travessa do Curro (atual Travessa Djalma Dutra). A concessão da exploração daquela atividade pertencia à sociedade Jockey Club Paraense, que no ano de 1888 encontrava-se estabelecida nos altos da Livraria Clássica, à Rua dos Mercadores (atual Rua Conselheiro João Alfredo), nº 29. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2016/02/24/o-hipodromo-de-sao-joao/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

capitão José Pinto Villar²³⁸, havia solicitado o direito de construir e explorar por 30 anos um novo hipódromo, em área de terreno devoluto, situado à avenida “Marquez do Herval” entre as travessas “Triumpho e Timbó”. O processo havia percorrido os trâmites legais e o parecer final autorizava o chefe do Executivo “a contractar com o requerente a aludida construção, depois de apresentado e aprovado o respectivo plano”,²³⁹ cuja autoria ficou “encarregado o profissional José Sidrim”²⁴⁰.

Este episódio além do registro que faz da autoria do projeto, indica datas prováveis à qualificação de José Sidrim como arquiteto, fornecendo um indício de que por volta de 1906 e 1907 teria concluído o curso de Arquitetura, que lhe capacitava para a execução de tal encargo. Sua apresentação ao capitão José Pinto Villar deve ter contado com a intermediação de Antonio Lemos e, possivelmente, os laços teriam se estreitado por meio das atividades na Guarda Nacional, onde os três tinham suas patentes. São apenas possibilidades que visam mapear os caminhos que levaram Sidrim até o projeto do Hipódromo, provavelmente a sua indicação tenha partido do Intendente, em decorrência da confiança que vinha demonstrando em seu desempenho como funcionário municipal.

Os trâmites para análise do projeto, como de praxe, seguiriam dentro da Secção de Obras, como registrou Antonio Lemos:

Essas plantas acham-se na Secção de Obras Municipaes, a fim de que as examine cuidadosamente, emittindo mais tarde o seu parecer o technico respectivo²⁴¹.

A publicação do projeto do “Hippódromo Municipal de Belém” só foi acontecer no Relatório de 1908:

²³⁸ Referências ao capitão José Pinto Villar foram encontradas em 1908 como funcionário da “Parochia de Sant’Anna”, como tesoureiro, na qual era integrante entre os maiores beneméritos o Senador Antonio Lemos. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/>. Acesso em: 11 de maio 2015. Outra citação no Diário Oficial da União em março de 1912, entre os nomeados para a Guarda Nacional no Estado do Pará, comarca da capital. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br/>. Acesso em: 11 maio 2015.

²³⁹ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p. 200.

²⁴⁰ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p. 200.

²⁴¹ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p. 200.

Os planos e plantas do Hippódromo Municipal de Belém, que largamente descrevi no volume precedente (*) e cuja construção e exploração se acham a cargo de José Pinto Villar, em virtude da Resolução n. 165 que votaste e foi publicada em 11 de junho de 1907, já estão devidamente aprovados pela Intendencia, depois de ouvido o parecer da Secção de Obras que se manifestou favoravelmente. Dentre em pouco espero será lavrado o respectivo contracto de cujas bases aguardo apresentação.

Intercalo aqui, reproduzindo em gravuras, as duas plantas principais do Projecto acceito.

(*) O Município de Belém, 1907, p. 200.²⁴²

Com o percurso do processo de aprovação devidamente cumprido no interior da Secção de Obras, Antonio Lemos estava apenas no aguardo das bases contratuais para o início do empreendimento. Apesar de todo empenho do Intendente em viabilizar esse empreendimento, não foi encontrado nenhum registro de sua execução. Acredita-se que a crise econômica que começava a dar sinais em Belém, nessa época, e que repercutiram nas verbas municipais, teria sido responsável para que o projeto não saísse do papel. (Figuras 35, 36 e 37)

A execução do projeto do Hipódromo por José Sidrim, à primeira vista, parecia apontar para uma estabilidade profissional também no âmbito da Intendência, no entanto, neste mesmo ano, entre os assuntos da Secção de Obras, encontra-se a comunicação de sua dispensa como funcionário municipal.

Em cumprimento ao disposto na Lei n. 503, de 4 de junho, dispensei, em detalhe de 16 de julho, o Desenhista, José Sidrim que sempre prestou bons serviços á Secção, ...²⁴³

A lei a que se refere o Intendente na citação lhe dava autorização para restringir as despesas municipais para fazer face à crise econômica²⁴⁴, e encontra-se no detalhe de 15 de julho, em vez de 16, no 10.º item da resolução: “Ficam dispensados do serviço o desenhista José Sidrim e o continuo da Secção de Obras José Baptista dos Santos Barroso.”²⁴⁵

²⁴² BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1909. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1909. p.332.

²⁴³ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1909. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1909. p. 55.

²⁴⁴ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1909. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1909. p. 134.

²⁴⁵ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1909. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1909. p. 317 e 318.



Figura 35: Planta da Cidade de Belém - José Sidrim. Demarcação na cor laranja, local da construção do Novo Hipódromo.
 Fonte: Fotografia de Oswaldo Forte – Exposição *Antonio Lemos: Resignificação do Mito*, MABE/FUMBEL, 2013.

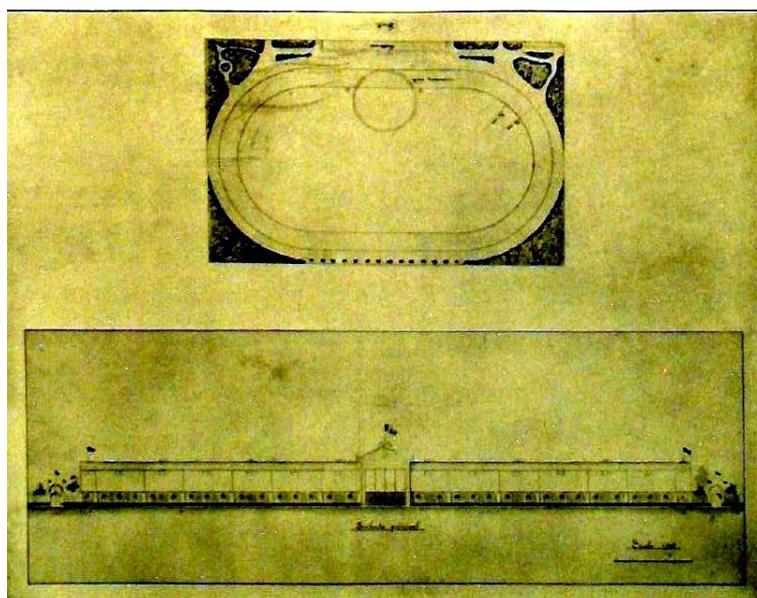


Figura 36: Planta e Secção do Hipódromo Municipal - José Sidrim.

Fonte: BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: Disponível em: UFPA 2.0 ufpa. Acesso em: 10 jun. 2015.

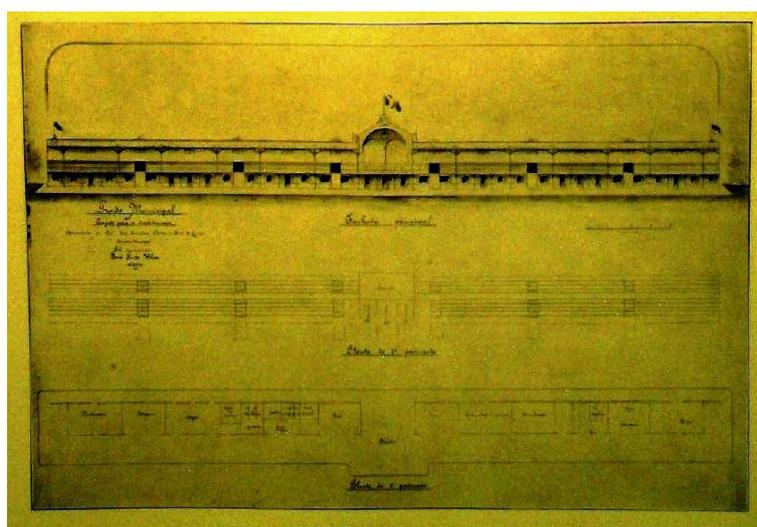


Figura 37: Planta e Elevação do Hipódromo Municipal - José Sidrim.

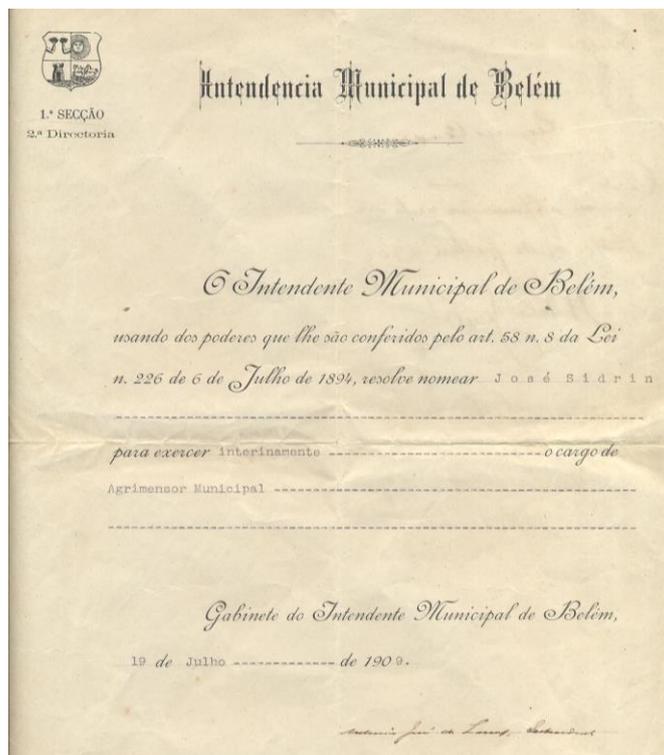
Fonte: BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: Disponível em: UFPA 2.0 ufpa. Acesso em: 10 jun. 2015.

Ao longo do Relatório de 1908, o tema da redução dos gastos públicos são uma constante, merecendo comentários contundentes do Intendente, quanto a esta situação: “Apesar das cotações da borracha terem experimentado uma promissora alta, as condições econômicas do Estado, ..., mantêm-se cheias de embaraços, ...”, ou ainda, “O mal é profundo e grave”, considerando que seria urgente o estabelecimento de medidas “Garantidoras da perfeita regularidade do organismo administrativo da

Communa”.²⁴⁶ A Receita do Município para o ano financeiro de 1908, reduziu-se em diversas verbas, em virtude da crise que atingia com maior gravidade a cidade de Belém. Foram suprimidas escolas e dispensados professores, os quadros foram reduzidos em diversas repartições, funções foram acumuladas, reduzidos vencimentos de alguns cargos e, no bojo de tantos cortes, encontrava-se José Sidrim.

Curiosamente no Almanak Laemmert, do período de 1891 a 1940²⁴⁷, o nome do tenente José Sidrim permaneceu como desenhista da Secção de Obras Municipaes, assim como nos anos 1908, 1909 e 1910.

Poderia se pensar que o Intendente sabedor que os cortes atingiriam José Sidrim, cuidou de lhe abrir novas perspectivas em seu campo de trabalho, sugerindo seu nome para o projeto do Hipódromo. Seu afastamento da Intendência Municipal durou um ano, pois foi nomeado em 1909, em caráter interino. (Figura 38)



**Figura 38: Nomeação José Sidrim (cargo interino) - Agrimensor Municipal.
Assinada por Antonio José de Lemos, em 1909.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.**

²⁴⁶ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1909. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1909. p.314 e 315.

²⁴⁷ Disponível no site da Hemeroteca Digital Brasileira, na página 501, referente ao Estado do Pará, na Lista Geral do Corpo Legislativo da Communa.

A sua contratação como agrimensor municipal vem confirmar a suposição levantada anteriormente, de que no período em que esteve contratado como Desenhista na Intendência Municipal, deu prosseguimento a sua formação profissional.

Nesta panorâmica proporcionada pelos Relatórios Municipais, focalizando os oito anos de José Sidrim como funcionário municipal, veio em relevo, o quanto o ambiente da Intendência foi fértil para o seu crescimento e amadurecimento. Desde o início, contou com o reconhecimento de Antonio Lemos, quanto a sua “competência técnica”, “dedicação ao trabalho”, “assiduidade”, entre outros adjetivos utilizados nas descrições de suas atividades. Chegando a colocá-lo responsável por tarefas que aparentemente ainda não tinha a capacitação para exercê-las, e ainda proporcionou a convivência com profissionais experientes, como João Palma Muniz e seu genro Joaquim Lalôr.

A oportunidade de frequentar o escritório de engenharia dos sócios Lalôr & Muniz, além dos laços de amizade, aquele ambiente lhe incentivou e o apoiou para que se aprofundasse no campo da construção civil, ao ponto de ganhar o anel de grau, de sua graduação em Arquitetura, de João Palma Muniz, pessoa, pelo que deixou entrever os relatórios municipais, esteve sempre próximo, possivelmente facilitando sua inserção no mercado da construção civil.

As tarefas que desempenhou vinculadas às obras de infraestrutura e do desenho da cidade, adicionaram ao desenhista/arquiteto, o viés de urbanista, complementando sua formação e preparando-o para enfrentar qualquer percurso em sua carreira profissional.

A experiência com os ingleses

A narração da chegada dos ingleses, na então província do Pará, foi feita pelo historiador e geógrafo português Antonio Ladislau Monteiro Baena, no século XIX, que atribuiu o fato como consequência da chegada da Família Real ao Brasil:

Começão a vir os Inglezes a mercadejar, e a estabelecer-se no Pará. A atividade e indústria desta gente não podia deixar de aproveitar-se da sábia e liberal política da Carta Régia de 28 de janeiro de 1808 ...²⁴⁸

²⁴⁸ BAENA, Antônio L. M. *Compêndio das eras da Província do Pará*. Reed. Belém, Universidade Federal do Pará, 1969. p. 273.

E no século XX, tem-se a análise do jurista e sociólogo Roberto Santos, do quanto a Amazônia exerceu uma atração sobre os ingleses, avaliava que os precursores haviam “... comunicado aos contemporâneos uma impressão de boas perspectivas econômicas”.²⁴⁹ Idealizou o roteiro desse processo, do pioneiro inglês que pretendia negociar com a borracha, instalava-se em Belém e “... por conta própria, ou mais provavelmente, por conta de importadores compatriotas, promove a coleta e embarque do produto”. Procedimento seguido e repetido por outros conterrâneos, provocando o aumento do número de agentes da Inglaterra e dos Estados Unidos pela região.

Os agentes vinham “... por conta de fabricantes e importadores de seu país”, ou, trabalhando “autonomamente”, porém, sempre “... portadores de recursos ou crédito no exterior”. Possuindo ao mesmo tempo “... as funções de exportador e importador”, exportadores da borracha e importadores de mercadorias do seu lugar de origem.²⁵⁰

Como desdobramento destas atividades na Amazônia, grandes firmas inglesas exportadoras, como a *Schrader, Grüner & Cia*, operaram também como estabelecimento bancário, principalmente em câmbio.²⁵¹ As aplicações dos investimentos britânicos no Pará foram bastante diversificadas, atuaram nos serviços urbanos com as *Pará Electric Railways and Lighting Co.*, *Pará Telephone Co. Ltd.*, *Municipality of Pará Improvement Ltd.*, na construção civil com *Amazonas Engineering Co., Ltd.*, e ainda na navegação com *The Amazon River Steam Navigation Co. Ltd.*, para citar alguns exemplos²⁵².

Dentro da atividade exportadora britânica, merece destaque a presença da firma escocesa *Walter Mcfarlane & C^o*.²⁵³, a mais importante fabricante de ferragens ornamentais da Europa, especializada em edifícios pré-fabricados, coretos, reservatórios de água, ornamentos arquitetônicos, que no final do século XIX e início do XX, fizeram parte da tecnologia e da estética construtiva de Belém, da qual pode-se destacar o

²⁴⁹ SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 27.

²⁵⁰ SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 124.

²⁵¹ *Álbum do Estado do Pará, oito anos de governo (1901 a 1909)*, referente a Administração do Governador Dr. Augusto Montenegro, in SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 124.

²⁵² SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*, p. 135.

²⁵³ A firma se apresentava por extenso como *Saracen Foundry/Walter MacFarlane & C^o. /Architectural Sanitary & General Iron Foundries/Inventors & Patentees*.

Pavilhão do Mercado Municipal de Carne, o gradil e o portão de ferro que cercavam o reservatório de água “Paes de Carvalho” e as luminárias da Praça do Relógio.

Os produtos da firma escocesa foram considerados como um dos exemplos da europeização da vida brasileira. Era possível dispor das novidades tecnológicas consultando detalhados catálogos, solicitando os artigos com a segurança de ter os prazos cumpridos, e com o pagamento efetivado após o recebimento da mercadoria.²⁵⁴ Adquirindo-se soluções construtivas pré-fabricadas, de padrão diferenciado, executadas dentro de critérios da mais avançada tecnologia e de estética requintada. Muito adequadas para as regiões que passavam por um desenvolvimento acelerado, como era o caso das capitais amazônicas.

A competência inglesa também marcou presença em Belém no ramo da construção civil, ficou responsável pela obra do teatro de variedades que compunha o complexo do Grande Hotel, que ocuparia o lugar do antigo teatro Polytheama,

(...) cuja construção está confiada a uma importante casa de Inglaterra e que deverá ficar pronto até o fim de 1913, obedecerá em tudo às construções no gênero adaptadas ao clima do Pará, entrando na sua feitura um misto de ferro, vidro e cimento armado. Terá uma grande platéia, frisas, uma ordem de camarotes, balcão e vasto *promenoir*, podendo acomodar em tudo para mais de 2.000 pessoas ... desligado do Grande Hotel por uma artística passagem de ferros e vitrais. O Teatro funcionará todas as noites e nele deverão trabalhar companhias de operetas, revistas, zarzuelas, ginástica, cinematógrafos, enfim, todo e qualquer gênero de variedades; tudo, porém, a preços populares.²⁵⁵

No entanto, a participação mais marcante dos ingleses no Pará foi nas obras portuárias. Ela foi intermediada pelo engenheiro americano Percival Farquhar²⁵⁶, que havia conseguido a concessão do referido empreendimento, por atender as exigências contidas no Decreto-Lei nº 5.978, de 18 de abril de 1906. As bases

²⁵⁴ CASTRO, José Liberal de. “Arquitetura do ferro no Ceará”. In DERENJI, Jussara da Silveira (Org). *Arquitetura do Ferro: memória e questionamento*. Belém: CEJUP: Universidade Federal do Pará, 1993. p. 113.

²⁵⁵ Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g43c.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

²⁵⁶ Percival Farquhar (1864-1953) nasceu nos EEUU, formou-se em engenharia pela faculdade de Yale, em 1890. Suas atividades industriais no Brasil começaram em 1904, quando, em sociedade com o engenheiro norte-americano F. S. Pearson e o advogado canadense Alexander Mackenzie, fundou no Rio de Janeiro a *Light and Powers*, responsável pelos serviços públicos de iluminação, e a *Tramways*, encarregada do transporte público realizado através de bondes. Em 1905, obteve concessão para construir e explorar o porto de Belém. Fundou a *Brazil Railway Company* em 1906, cujo projeto era construir um sistema ferroviário que unificasse a América do Sul. Entre 1907 e 1912 construiu a Ferrovia Madeira-Mamoré. Fundou a Companhia de Navegação da Amazônia. Por volta de 1914, suas indústrias entraram em falência. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colectoes/brtacervo.php?cid=52>. Acesso em: 05 maio 2015.

contratuais requisitavam a criação de um sindicato para constituições das empresas que seriam responsáveis pelas execuções dos projetos, que foram: a *Port of Pará*, a *Madeira-Mamoré* e *Amazon River*.

Em Londres, Percival Farquhar, submeteu a aprovação dos projetos das obras e melhorias do porto de Belém, a firma que havia construído os portos de Liverpool e Londres, a *S. Pearson Sons*²⁵⁷, que talvez, também tenha sugerido a relação dos profissionais, que deveriam ser contratados para atuar na Companhia *Port of Pará*.

(...) para tanto foram contratados mergulhadores ingleses; mas a maior parte da mão-de-obra era local, especialmente a não qualificada, enquanto que os profissionais especializados eram procurados através dos escritórios que a companhia mantinha em Londres, Paris e Nova York.²⁵⁸

Contrariando a afirmação de Penteado, ter-se-ia o relato dos familiares do desenhista José Sidrim, de que ele teria sido contratado pela Companhia *Port of Pará*, para junto com os ingleses, integrar a equipe responsável pelos projetos, que norteariam as obras do cais da cidade de Belém.

Na Companhia das Docas do Pará, instituição que detém toda documentação referente a construção do Porto de Belém, não foi encontrado nenhum registro ou desenho indicando a passagem de José Sidrim por esse empreendimento. Existem declarações não oficiais de que muita coisa se perdeu, enquanto não se teve a iniciativa de sistematizar as documentações remanescentes que registravam todo esse processo com os ingleses.²⁵⁹

Diante de tal impasse, não podendo ignorar as afirmativas contrárias, foram adotadas as recomendações de Paul Thompson, quando fala das possibilidades que a história oral apresenta numa situação como esta, em que informações sobre acontecimentos e processos, não se encontram registrados em algum tipo de documento,

²⁵⁷ Firma inglesa fundada por Samuel Pearson em 1844, como uma empresa de engenharia, operando em Yorkshire sob o nome de S. Pearson & Son. Em 1880, o controle passou para seu neto, Weetman Dickinson Pearson, engenheiro que a transformou em uma das maiores empresas de construção do mundo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pearson_PLC>. Acesso em: 04 maio 2015.

²⁵⁸ PENTEADO, Antonio Rocha. *O Sistema Portuário de Belém*, Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. p. 68. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

²⁵⁹ Maior aprofundamento sobre a história do Porto de Belém consultar: FURTADO, Luciana Martins. *Nas pedras do Caes: cidade, cotidiano e trabalho – Belém do Pará (1852 – 1912)*, 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

ou ainda, estando registrado, não estão disponíveis para a pesquisa, devendo-se então, buscar meios, para a produção do conhecimento histórico.²⁶⁰

No depoimento da nora de José Sidrim, Rosita Duarte Sidrim, em 1986, ao falar da chegada do sogro em Belém, contou que “havia muito trabalho aqui”, e que este “logo se colocou nas obras do Porto”. A neta Renée Sidrim Nassar ao enumerar as atividades desempenhadas por seu avô, cita aquela do cais do porto, e também narra o fato de um filho dele, que por não demonstrar interesse pelos estudos, o pai teria conseguido trabalho na *Port of Pará*. Foi presidente daquela empresa, Guilherme Paiva, para quem Sidrim, em 1926, projetou e construiu o Palacete que lhe serviu de residência na rua Dr. Moraes. São registros que acabam por apontar para a formação de relacionamentos mais estreitos, em consequência das atividades desempenhadas com os ingleses.

Foi uma experiência de grande importância, pelo que deixou transparecer a seus amigos e familiares. Os depoimentos dados sobre sua vida profissional, por essas pessoas mais próximas, invariavelmente, atribuíram como o seu primeiro trabalho em Belém, aquele com os ingleses. Porém, ao se comparar as datas dos fatos, verificou-se que o decreto que autorizou as obras do cais da cidade, era do final de 1906, e a passagem de José Sidrim pela Intendência Municipal se iniciara por volta de 1903. Levando-se para a construção da hipótese, de que tenha vindo do intendente Antonio Lemos, a indicação do desenhista para as obras do Porto, conhecedor que era do seu desempenho como funcionário municipal.

Pela percepção de Naeff Nassar, esse relacionamento interferiu bastante na formação do “velho” Sidrim, contribuindo para sua maturidade humana e profissional, potencializando suas características pessoais diante dos rigores da cultura inglesa.²⁶¹

As atividades da Companhia *Port of Pará* prosseguiram regularmente, e, em 1909, foi inaugurada a primeira fase do porto, correspondendo a um trecho de cais de 120 metros de comprimento e a construção de um armazém. A rotina das obras deixou o dia a dia da cidade, marcado pelo barulho dos pesados maquinários.

²⁶⁰ THOMPSON, Paul. A voz do passado: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.18 e 19.

²⁶¹ Entrevista realizada com *Naeff Leite Nassar* em 16 de setembro de 1986.

A quietude das noites de Belém passou a ser quebrada pelo ruído dos motores das dragas, que, diuturnamente trabalhando, iam preparando o aterro da nova faixa do cais e a futura avenida que a capital paraense ganharia da borracha.
262

O processo de desvalorização da borracha começa a provocar estragos em vários setores da economia paraense e, em 1914, atingiu a Companhia *Port of Pará*, obrigando-a fazer uma completa alteração em todo cronograma das obras, atingindo principalmente a execução da segunda seção do cais e parte da primeira seção, na qual, estavam inseridas as construções dos edifícios da Alfândega, dos Correios e Telégrafos. Esse problema atingiu seu ápice por volta de 1920, sendo necessária a intervenção do Governo Federal brasileiro, que, em 1940, assumiu por completo o controle da empresa.²⁶³

Entre os desenhos encontrados nos arquivos de Sidrim estavam as fachadas de duas edificações, uma identificada como “Correios”, localizada na Rua Conselheiro João Alfredo, entre a Travessa Frutuoso Guimarães e Travessa Campos Salles, as proximidades da Praça Barão do Rio Branco, e a outra como “Projecto para a construção de um prédio para a *Booth Line*”, com a fachada voltada para a Rua da Industria, de frente para o Porto. Não foram encontrados indícios da construção de ambos os prédios.

Como o Porto de Belém na amplitude de seu projeto, não se restringiu ao cais e aos armazéns, incluía outras edificações, para o desenvolvimento e atendimento de uma série de serviços complementares, levantou-se a possibilidade de que os dois desenhos referidos acima, assinados por “JSidrim architecto”, poderiam ter sido contratados para integrarem o complexo do Porto, pela proximidade de seus endereços, pela imponência e requinte de suas fachadas, características dos edifícios institucionais ou das grandes empresas do período.

O prédio para os Correios proposto no desenho, apresenta-se em um suntuoso prédio de três pavimentos, com detalhes na cobertura, semelhantes aos sugeridos pelos catálogos da empresa *Walter Macfarlane & Co.*²⁶⁴ O da *Booth Line*,

²⁶² PENTEADO, Antonio Rocha. *O Sistema Portuário de Belém*, Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. p.77. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

²⁶³ Museu do Porto de Belém. Disponível em: <http://www2.cdp.com.br/forms/museu_porto.aspx>. Acesso em: 4 maio 2015.

²⁶⁴ Empresa fundada em Glasgow, Escócia, por Walter Macfarlane I (1817-1885). Foi a mais importante fabricante de ferragens ornamentais, também especializada na produção de bebedouros, coretos, edifícios pré-fabricados e ornamentos arquitetônicos no final do século XIX e início do XX. Disponível em: <http://www.glasgowsculpture.com/pg_biography.php?sub=macfarlane_w-co>. Acesso em: 6 maio 2015.

também representado por um prédio de três pavimentos, com o predomínio da influência neoclássica. Estão localizados em esquinas, destacando a importância de suas funções. Deviam ser especiais para seu autor, pois foram preservados junto com outros desenhos de seu acervo pessoal²⁶⁵. (Figuras 39 e 40)

A relação de José Sidrim com os ingleses é relatada por Naeff Nassar, ao narrar o episódio da partida da equipe britânica da capital paraense rumo a um novo compromisso de trabalho, a construção de um porto ao norte da Rússia. Ao chegarem em seu destino, teriam enviado correspondência para José Sidrim convidando-o para ir trabalhar com eles na nova obra.

Naeff Nassar recordou-se de ter ouvido várias vezes a narrativa desse episódio, nas conversas das manhãs de domingo, quando o desenhista já se aproximava dos oitenta anos de idade, sempre feita com indisfarçável orgulho. Acreditava que esta carta “o seu Sidrim” deveria ter entre seus documentos, pois era um atestado “da responsabilidade e do reconhecimento profissional” do seu desempenho perante os ingleses.²⁶⁶

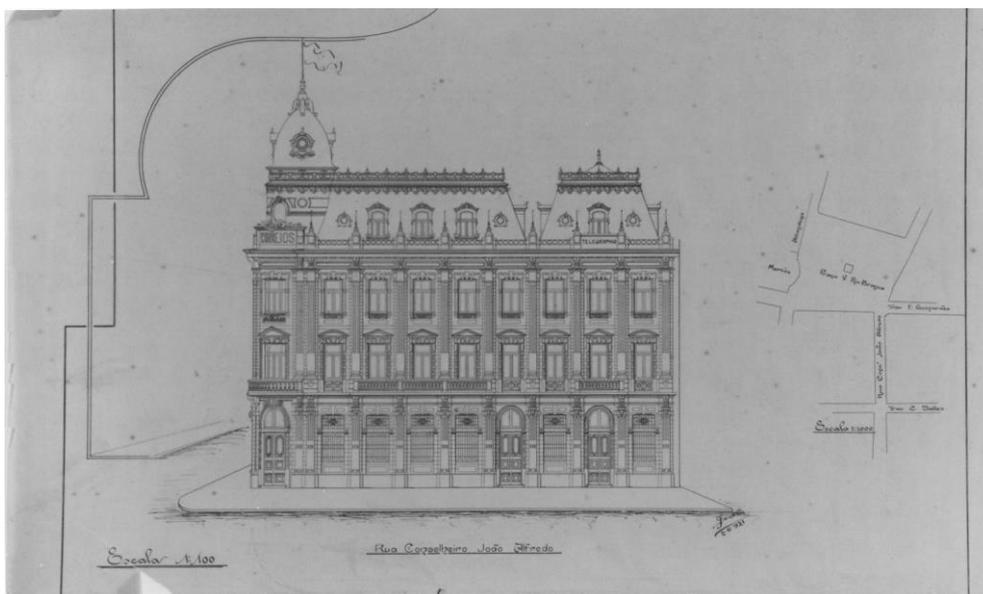


Figura 39: “Correios” - Desenho José Sidrim.

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

²⁶⁵ Estes desenhos foram guardados pelo neto Renato José Sidrim, filho de Olavo e Rosita Sidrim, com sua morte os desenhos foram repassados para Ana Léa (Sidrim) Nassar Matos, bisneta de José Sidrim.

²⁶⁶ NASSAR, Naeff Leite. *Jose Sidrim*. Belém, 16 set.1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.



Figura 40: “Projecto para a construção de um prédio para a *Booth Line*”. Desenho José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

2.2. Curso por Correspondência: “a educação à distância” de José Sidrim.

O ensino de Engenharia e Arquitetura, como de resto todo o processo educacional, na virada do século XIX para o século XX, sofreram grandes transformações, na Europa e no Brasil. Como teria se dado a formação de José Sidrim em confronto com essa realidade?

O costume das famílias abastadas era enviar seus filhos para estudarem na Europa, para se tornarem profissionais liberais, principalmente médicos e engenheiros. De acordo com as narrativas anteriores, feitas no Capítulo I, ficou bem clara a impossibilidade de Sidrim ter seguido esse roteiro.

As Academias que tradicionalmente detinham o domínio daquilo que deveria ser perpetuado pelo Tempo, como valores e verdades indiscutíveis para a formação da Humanidade, nos rincões ocidentais, tiveram sua hegemonia absoluta,

ameaçada a partir do início do século XIX, em consequência das transformações trazidas pela Revolução Industrial. Em substituição àquele formato de Ensino, surgiram os *Institut e École Polytechnique* com a formação voltada para o ensino técnico, enfraquecendo o escasso prestígio dos arquitetos e reforçando a posição dos engenheiros.²⁶⁷

(...) a Academia percebe que as polêmicas sobre o papel da razão e do sentimento na arte não são apenas discursos teóricos, mas sim signos de uma irresistível reviravolta cultural e de organização, e fecha-se, pouco a pouco, em uma defesa intransigente da “arte” contra a “ciência”.²⁶⁸

O momento histórico para os arquitetos era de severa crise, vinculada a maneira como continuavam sendo preparados, ligados aos moldes do passado, com predominância das categorias artísticas, enquanto a dos engenheiros, estava completamente focada no aprendizado de novas tecnologias. Por certo período de tempo,

(...) o ensino da arquitetura estava limitado às questões de desenho do edifício, de fachadas e plantas, e que era conformado às prescrições da arquitetura de tradição clássica. As formas da arquitetura eram consequência direta do estudo das ordens mediante sua versão mais acessível, a *Regola delli cinque ordini d'architettura*, de Vignola.²⁶⁹

No Brasil, a medida que os cursos de Arquitetura se implantavam, transplantavam conjuntamente os mesmos debates. O do Rio de Janeiro, criado em 1826, integrou a Imperial Academia de Belas Artes, por conseguinte foi mais voltado aos valores estéticos, e o de São Paulo, fundado bem mais tarde, privilegiou o estudo das Ciências Exatas, ficando em segundo plano as disciplinas humanísticas e a Arte em geral.²⁷⁰

As disciplinas obrigatórias, para a formação do arquiteto, deveriam transmitir o conhecimento de Geometria Descritiva e Aplicada, Cálculo Diferencial e Integral, Mecânica Analítica, Física Experimental, Elementos da Arquitetura e Desenho.

Em alguns países europeus o curso de Engenharia e Arquitetura, no final do século XIX, iniciava-se com um “curso preliminar das matemáticas”, uma escola

²⁶⁷ BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 38.

²⁶⁸ BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 38.

²⁶⁹ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 82. (Artistas brasileiros, 14).

²⁷⁰ LEMOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993.p. 44.

preparatória com a duração de um ano, depois passava-se pelo exame de admissão, para o curso propriamente dito, que possuía a duração de dois anos, e apresentava um enfoque totalmente voltado “... à instrução técnica e aos princípios da ciência da construção”, toda a formação se completava em três anos.²⁷¹

A avaliação do aprendizado se dava por meio de uma comissão, que indicava o tipo de edifício que o aluno deveria desenvolver em seu projeto, que com o passar do Tempo, conforme a evolução do conhecimento, se tornavam mais complexas. Os trabalhos realizados ao longo de todo o curso, constituíam uma espécie de *curriculum*, um dossiê para apresentação das habilidades profissionais no mercado de trabalho.

Qual teria sido o método de ensino, seguido por José Sidrim, para ser qualificado como engenheiro arquiteto?

Durante as pesquisas sobre sua vida, o alerta foi dado de que havia concluído sua formação superior, pela informação do Intendente Antonio Lemos, registrada no Relatório de 1907²⁷², no qual José Sidrim era o autor do projeto do Hipódromo Municipal. Ali estava sinalizado claramente que havia se formado em Arquitetura, pois, além da competência necessária para realização do projeto, era preciso que o profissional assinasse a autoria da obra, para o cumprimento dos trâmites burocráticos de sua aprovação. Essa evidência, apontou para os anos de 1904 a 1906, como provável período, dos três anos de sua qualificação como arquiteto, já que o respectivo diploma, não foi encontrado entre a sua documentação remanescente.

Foi por meio do depoimento de sua nora, Rosita Duarte Sidrim, que se chegou a alguns esclarecimentos desse processo. Ela guardava na memória, a narrativa feita por José Sidrim, de que havia se formado através de uma escola italiana, e que o particular amigo, João Palma Muniz, teria sido o intermediador de sua inscrição em um Curso de Arquitetura por correspondência, porém, não estava certa, quanto a cidade que havia sediado o programa, se fora Gênova ou Turim.

O modo de avaliar o conhecimento adquirido, se dava por meio de estudos e trabalhos, que eram enviados pelo consulado italiano de Belém. Rosita Sidrim concluiu dizendo ter ainda visto o diploma do curso, bastante deteriorado, outorgando o

²⁷¹ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 71. (Artistas Brasileiros, 14)

²⁷² BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908*. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908. p. 200.

grau de arquiteto ao seu sogro José Sidrim, dentro dos moldes que emergiam na nova dinâmica educacional.²⁷³

João Palma Muniz possuía contatos na Europa, tanto por sua condição social e intelectual, quanto por suas atividades como engenheiro civil na Intendência Municipal e no seu escritório particular Lalôr & Muniz. Esses contatos e relacionamentos são evidenciados por Antonio Lemos no Relatório Municipal de 1906, quando cita “Dr. Palma” aguardando “... do sul e da Europa diversos catálogos para serem oportunamente apresentados à apreciação do Intendente de Belém”.²⁷⁴

A ligação da cidade, no início do século XX, era mais frequente com o Velho Mundo do que com o restante do Brasil. Todos os materiais de construção eram de lá importados, por meio de catálogos. Afinal, a Revolução Industrial com as suas novas tecnologias, provocou um novo ritmo no setor produtivo, as grandes indústrias internacionais, precisavam ampliar seus mercados, para ofertar seus produtos.

No bojo dos avanços tecnológicos estava também o sistema de transportes, que teve a eficiência otimizada, com maior frequência e velocidade nos trajetos, diminuindo distâncias e aproximando os continentes, e, por consequência, um serviço de Correios mais dinâmico. Entre outras atribuições, transformou-se no veículo de divulgação da produção das indústrias europeias e norte americanas.

Impressos em catálogos bem elaborados, os artigos vinham apresentados com especificações detalhadas. Algumas empresas primavam pela aparência de seus mostruários, com edições luxuosas, como no caso da firma *Walter Macfarlane & Co*, que em função da variedade de itens, se apresentavam em vários volumes encadernados.

Os produtos estrangeiros, por sua novidade, dependiam do aprendizado da técnica, para a utilização. Talvez, a necessidade de uma qualificação, para o emprego dessas mercadorias, tenha despertado nos governantes europeus, a urgente criação de cursos à distância, com intuito de divulgar as novas tecnologias.

A assertiva dessa hipótese, pode ser comprovada por meio das estatísticas mundiais, presentes no texto que a Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro, utilizou para ofertar suas vagas de matrícula:

²⁷³ SIDRIM, Rosita Duarte. *José Sidrim*. Belém, set.1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

²⁷⁴ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1906*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1907. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1907. p. 223.

Existem mais de 72 escolas nos Estados Unidos com 100.000 estudantes por correspondência, as quaes funcionam com fundos públicos, officiaes, dilatando o campo de ensino, á distancia.

Infere-se, pois, que nos E.U.A. existe um estudante por correspondencia, de uma *escola reconhecida*, em cada mil habitantes, e sem contar as dedicadas á jurisprudência, commercio, odontologia, veterinaria e medicina. Na Argentina, a Universidade de Tucuman, oficial, acaba de abrir curso por correspondência de muitas matérias, e muitas outras não tardarão, imital-a aqui na América do Sul. Na Europa existem mais de 60 escolas por correspondência, provando ser o adiantamento mais notável que a civilização hodierna consumou em benefício da humanidade. A eficácia didactica do ensino por correspondência é um fato incontestável. No Brasil, Rio de Janeiro, existe a escola Escola Livre de Engenharia que mantem cursos estudaveis em qualquer parte, também por correspondência, bastando o alumno saber ler, escrever e contar bem, para fazer sua formação technica.²⁷⁵

A escrita concluiu, apontando o ensino por correspondência, como a única solução, para o considerável segmento da população, que necessitava de “uma preparação scientifica, segura, sem sacrificio de seus labores”.

Esta ambiência gerou as condições necessárias para que José Sidrim pudesse obter uma formação técnica mais completa, visto que não podia se ausentar nem do trabalho, nem do país, por suas responsabilidades familiares e econômicas.

Gênova ou Turim? Como resolver este impasse?

As evidências apontam para Turim. Um primeiro sinal parte de sua biblioteca particular, nela se encontravam oito publicações²⁷⁶ da Editora C. Crudo, que tinha raízes naquela cidade italiana. Seus conteúdos apresentam a arquitetura feita na Itália, no início do século XX, sintonizada com a modernidade, pertencente ao ecletismo arquitetônico.

A palavra “*moderne*”, presente na maioria dos títulos, não se refere a Arquitetura Moderna, do Movimento assim identificado nos anos 30, do século XX. Tem o significado de contemporânea, sintonizada com as novas exigências de conforto, da burguesia dominante. De conteúdo bastante didático, exibem desenhos de plantas baixas, fachadas, secções e detalhes. Em alguns casos apresentam o projeto executivo, em pranchas maiores, com todo rigor das normas técnicas. (Figuras 41 e 42)

²⁷⁵ Careta, 16 maio 1925, p. 46. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁷⁶ 1. BABINI, Luigi Federico. *Le ville moderne in Itália: Ville di Roma*. C. Crudo; 2. BIANCHI, Carlo. *Le ville moderne in Itália: Ville del lago di Como e della Lombardia*. C. Crudo; 3. *Il villino italiano* (vol. 1) Progetti completi com pianti e sezioni en scala. Casa Editrice: “L’artista Moderno”; 4. *Le costruzioni moderne in itália: Milano* (2 volumes). C. Crudo; 5. *Le costruzione moderne in itália: Torino*. C. Crudo; 6. SICHER, Giovanni. *Le ville moderne in itália: Ville del Lido a Venezia*. C. Crudo; 7. VINNACCIA, Gaetano, e TIRELLI, Guido, *Palazzine e Ville Signorili, 50 progetti in 66 tavole, e cottages: 30 tavole*. C. Crudo. As publicações não apresentam os anos de suas respectivas impressões.

Turim é a quarta maior cidade da Itália, ficando apenas atrás de Roma, Milão e Nápoles. Possuindo uma longa tradição no campo da Educação, que remonta ao ano de 1859, com a Escola de Aplicação para Engenheiros (*Regia Scuola di Applicazione per gli Ingegneri*) que veio a se transformar em 1906 no *Regio Politecnico di Torino*²⁷⁷.

*La prima, istituita nell'ambito dell'Università, apriva la ricerca e la formazione superiore agli studi tecnici; il secondo guardava più direttamente al contesto di un Paese che si affacciava alla nuova realtà industriale. Sotto differenti aspetti e con personalità complementari, illustri docenti e ricercatori seppero dare uno statuto a nuovi ambiti disciplinari, come l'Elettrotecnica e la Scienza delle Costruzioni, ed ebbero visioni anticipatrici nei confronti di una Scuola attenta ai problemi dell'uomo e della società.*²⁷⁸

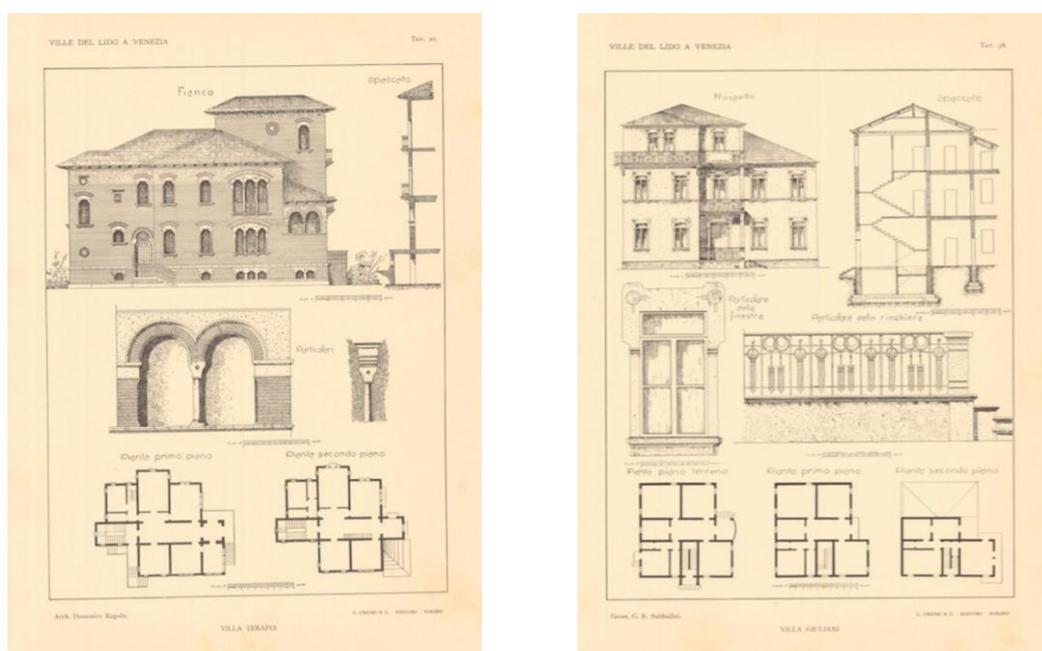


Figura 41 e 42: Le Ville Moderne In Italia - Ville del Lido a Venezia.

Autoria: Giovanni Sicher. Editora C.Crudo, Torino.

Fonte: <http://www2.comune.venezia.it/lidoliberty/biografie/sicher_g.htm>. Acesso em: 23 maio 2014.

Dentro desse contexto de busca, da cidade sede do curso por correspondência de José Sidrim, apresentou-se outra via de possível contato com a Itália. Quem sabe o arquiteto José Castro Figueiredo, famoso profissional, que ocupou o cargo correspondente na Secção de Obras, de 1904 a 1913, no mesmo período de

²⁷⁷ Disponível em: <<http://www.polito.it/ateneo/>>. Acesso em: 23 maio 2014.

²⁷⁸ A primeira [*Regia Scuola di Applicazione per gli Ingegneri*], instituída no âmbito da Universidade, abria a pesquisa e a formação superior aos estudos técnicos; o segundo [*Regio Politecnico di Torino*] levava em conta mais diretamente o contexto de um país que encarava a nova realidade industrial. Sob diferentes aspectos e com personalidades complementares, ilustres docentes e pesquisadores souberam dar um estatuto a novos âmbitos disciplinares, como a Eletrotécnica e a Ciência das Construções, e tiveram visões antecipatórias nos confrontos de uma Escola atenta aos problemas do homem e da sociedade. (Tradução livre feita por Ana Clara Matos)

Sidrim, não teria estabelecido alguns contatos? Ele possuía entre seus feitos, a publicação em 1898 da *Cartographia Escolar*, impressa em Turim, demonstrando que desenvolveu relações mais profundas com a cidade. Poderia ter morado ali por três anos, frequentando o curso de Arquitetura, já que sua formação de arquiteto se deu na Europa, e como se viu anteriormente a longa tradição de ensino, particularmente na área tecnológica, daquele lugar²⁷⁹.

Em Belém, nesse mesmo período, verificou-se que o consulado italiano apresentava oportunidades e facilidades burocráticas, para participações em eventos realizados em Turim. Como na Exposição de 1911, em que a Fábrica Palmeira, por sua participação, recebeu uma medalha de ouro, e em 1913, na Exposição Universal, o produto fabricado pela Cervejaria Paraense recebeu o Grande Prêmio.²⁸⁰

Entre os livros de Sidrim, encontra-se *O Architecto Moderno no Brasil: edifícios públicos e particulares*, do autor Luiz Olivieri²⁸¹, de “Propriedade Artística Reservada”, premiado com medalha de ouro, nas exposições do Rio de Janeiro, de 1908, e na de Turim, de 1911. Por se tratar de tiragem limitada, acredita-se que os agraciados com tal edição, foram escolhidos por algum tipo de critério seletivo ou por vínculos já existentes.

Diante do conjunto de elos identificados, poderia se afirmar que a cidade sede do Curso de Arquitetura, realizado por José Sidrim, foi Turim.²⁸²

A prática no campo da Arquitetura e da construção civil de José Sidrim, deve ter sido respaldada pelo conhecimento adquirido por meio do curso italiano. Com o passar do Tempo, as exigências para a prática profissional devem ter sido alteradas, sendo necessário o reconhecimento formal, de sua competência como engenheiro arquiteto, por instituição nacional. Fato que explicaria sua outra diplomação, obtida pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro, no ano de 1924. (Figura 43)

A Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro, foi autorizada pelo Governo Federal, pelo Decreto n. 8.659, de 5 de abril de 1911, de acordo com a

²⁷⁹ Vide no Capítulo 1, 1.2. José Sidrim e o poder local. p. 27.

²⁸⁰ SARGES, Maria de Nazaré. *A Árvore das Patacas Secou: o comércio português em Belém no primeiro quartel do século XX*. Palestra realizada no IX Seminário Internacional sobre emigração portuguesa para o Brasil. Rio de Janeiro, nov. 2013.

²⁸¹ Luiz Olivieri era italiano de Florença, chega ao Brasil formado em Arquitetura, para trabalhar como desenhista da Comissão Construtora da Cidade de Belo Horizonte. Posteriormente abre o primeiro escritório de Arquitetura, antes mesmo da inauguração da capital mineira, projetando muitos edifícios dentro da manifestação eclética.

²⁸² Em busca de parecer mais definitivo, chegou-se a realizar uma visita aquela cidade italiana, em agosto de 2015. No entanto essa data coincidiu com o período de férias gerais, tornando impossível estabelecer qualquer tipo de contato, além de que, as tentativas via *e-mail* e *facebook*, não obtiveram sucesso.

informação contida no próprio Diploma e em propagandas feitas em 1913, pelo *Correio da Manhã*.²⁸³

No início, as especialidades ofertadas para as engenharias, eram: “Estradas, Agrimensor – Agrícola e Mechanico”, diziam seguir o “systema belga” de ensino. O próprio diretor convidava para a matrícula, e os detalhes sobre os “cursos especiaes por correspondência” se encontravam na revista “A Engenharia”, à venda na Livraria Alves. A secretaria do curso ficava na “rua do Hospício, 196, sobrado, Rio”²⁸⁴. Mais tarde, por volta de 1924, foi disponibilizada também a formação para: Engenheiro Civil, Engenheiro Arquiteto, Engenheiro Industrial, Engenheiro Eletricista, Radio-Telegrafista e Engenheiro Químico, dessa forma no endereço Rua Borja Castro, 11 - RJ²⁸⁵.

O diploma nacional esclareceu de forma contundente que um novo curso à distância, ratificou a educação superior de José Sidrim. Desde que chegou ao Pará, se afastou poucas vezes do Estado, e as raras viagens realizadas, foram em sua maioria para o Ceará²⁸⁶.

²⁸³ BRASIL. Decreto n. 8.659, de 5 de abril de 1911. Aprova a Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Rio de Janeiro. O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, usando da autorização concedida pelo art. 3º, n. II, da lei n. 2.356, de 31 de dezembro de 1910, resolve aprovar, para os institutos de ensino creados pela União e actualmente dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, a Lei Organica do Ensino Superior e do Fundamental na Republica, que a este acompanha, assignada pelo ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1911, 90º da Independencia e 23º da Republica. HERMES R. DA FONSECA. Rivadavia da Cunha Corrêa

²⁸⁴ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, abril, julho e outubro de 1913. O endereço da Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro, encontra-se também, entre os “Estabelecimentos de Instrução”, na categoria Escolas, publicado pelo Anuario

Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil, para 1914, Obra de Estatística e de Consulta, fundada em 1844 por Eduardo Von Laemmert, ALMANAK LAEMMERT. As duas referências estão disponíveis na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Acesso em: 12 outubro 2016.

²⁸⁵ *Careta*, 27 dez. 1924, p. 30; 31 jan. 1925, p. 45; 16 maio 1925, p. 46. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁸⁶ Para Fortaleza, Ceará, viajou: em 1903 para tratamento de saúde e para o seu casamento; em 1935, depois da morte do filho Olavo, foi em companhia da esposa Wolitza e da filha Elda; e em 1959, depois de recuperar-se de um sério problema de saúde, novamente com Wolitza e, mais a neta Nazinha. E para o Rio de Janeiro foi quando não mais desempenhava atividades de engenharia e arquitetura, para visitar o filho Jayme que ali estava residindo.



Figura 43: Diploma de Engenheiro Arquiteto de José Sidrim.

Fonte: Acervo: Ana Léa Matos - Foto: Octávio Cardoso

As Escolas Livres, não foram vistas com bons olhos pelas tradicionais instituições de ensino, como aponta o histórico da Escola Livre de Engenharia de Pernambuco, a pioneira no Brasil, justificando que havia mudado sua denominação para Escola de Engenharia de Pernambuco, em 1925, quando “surgiu, no Rio de Janeiro, uma entidade que se intitulava também como Escola Livre de Engenharia, fornecendo diplomas profissionais mediante o simples pagamento de taxas”²⁸⁷.

Sobre o mal-estar causado pelas novas “Escolas Livres”, uma notícia encontrada no *Correio da Noite*, deixa entrever que existiam outras instituições que assim se denominavam, e não utilizavam critérios éticos, para diplomação de seus alunos. Esse jornal, ao registrar a colação de grau de um companheiro de trabalho, pela Escola Livre do Rio de Janeiro, a reconheceu como detentora de “um brilhante curso”, colocando em pauta, as diferenças entre os estabelecimentos livres de ensino. Afirmando que o novo engenheiro teria se transformado em “um intransigente inimigo” de algumas escolas, que ficaram conhecidas por cobrarem 60\$000 réis por diploma, diferente da sua, que “apesar de livre” foi “reconhecida pelo governo”. Assim como José Sidrim, o colando foi funcionário da Prefeitura, e como auxiliar técnico, adquiriu a

²⁸⁷ Disponível em: <<http://www.creape.org.br/confea-crea/breve-historico-do-curso-de-engenharia-em-pernambuco/>>. Acesso em: 18 maio 2015.

prática necessária para se sobressair em seu curso profissionalizante, conforme as palavras do diretor da instituição de ensino, que complementou a notícia²⁸⁸.

O ensino à distância apresentava-se como a novidade da virada do século XIX para o XX, ocorrência não muito presente, nos relatos históricos da Educação do Brasil nesse período. Evidenciando apenas, a rotina da formação fora do País, para os filhos das famílias abastadas. Porém, uma reviravolta acontecia no mundo industrial, a sociedade estava sendo despertada, por interesses distintos, para o segmento maior da população, que não tinha acesso a instrução “superior”. Os cursos por correspondência vêm ao encontro desta demanda, e para sua implantação era necessário ser construído um ambiente de credibilidade a nova proposta educacional. Para isso a Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro investiu em propaganda, visando a transformação das mentalidades e a diminuição dos preconceitos. Como pode-se constatar por meio das figuras 44 a, 44 b, 44c e 44 d, dos anúncios, que aproveitavam a ocasião para solicitar sem compromisso, o nome e endereço, para enviar os “prospectos do systema de ensino adoptado” pela instituição.

Retornando ao fato de José Sidrim ter recebido o diploma de “Engenheiro Architecto”, em 1924, pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro, ficou evidente tratar-se de uma mera obediência à uma formalidade legal, possível exigência dos órgãos competentes, para aprovação dos projetos e obtenção de alvará de obra. Pois, já se encontrava bastante ativo na profissão de engenheiro arquiteto, como se comprovou por meio de uma notícia publicada pelo jornal “*O Paiz*”, em 16 de dezembro de 1925.

- O “Estado do Pará” sob a epigraphe “Modernização da cidade” publica uma interessante estatística dos prédios em construção, do architecto José Sidrim. Começa dizendo que no decurso do corrente anno nota-se uma febril e invulgar atividade de remodelamento do perímetro urbano da cidade, cujas edificações em estylo moderno, collocam Belém ao nível das capitais adiantadas.²⁸⁹

A experiência de José Sidrim, no seu processo de qualificação superior, representou a vida de muitos brasileiros, que como ele, não puderam se ausentar do trabalho e se dedicar somente aos estudos em países estrangeiros, suas condições

²⁸⁸ Notícia encontrada no jornal independente *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, de terça-feira, 9 de dezembro de 1913, p. 2. Disponível na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 12 out. 2016.

²⁸⁹ O jornal “*O Paiz*”, de 16 de dezembro de 1925, reproduzindo trechos de notícias publicadas no jornal “Estado do Pará”. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

socioeconômicas não os favoreciam para tal possibilidade. No entanto, as dificuldades não foram suficientes, para impedir de buscar outros caminhos, como aquele apontado pelos cursos à distância. O conhecimento acumulado e a experiência adquirida os habilitaram a buscar o crescimento intelectual e o nivelamento aos demais profissionais.



**CURSO
DE
ENGENHARIA**

por correspondência, sistema UNIVERSITY EXTENSION, podendo ser estudado em qualquer parte do Brasil. Livros, questionários e problemas enviados por conta da Escola.

Prospectos, revista oficial da Escola e programas remetem-se pelo Correio sob pedido acompanhado de 400 rs. em sellos para porte registrado.

ESCOLA LIVRE DE ENGENHARIA DO RIO DE JANEIRO.
Rua Borja Castro 11, 1.º and.

QUALQUER PESSOA SABENDO LER, ESCRIVER E CONTAR CORRECTAMENTE, PODE ESTUDAR

Engenharia por correspondência



EM SUA PRÓPRIA CASA ESTUDARA recebendo pelo correio problemas, lições, explicações, correções, questionários, com o melhor proveito, sob a regência de professores especialistas, obterá sem dispêndio, além da mensalidade de 20\$000, livros para estudo, consultas e indicações bibliográficas.

ESCOLA LIVRE DE ENGENHARIA DO RIO DE JANEIRO

Fundada em 1911 e filiada à Oriental University
Tutelada pelo Instituto Técnico Industrial
Revista oficial da Escola: *Engenharia & Indústria*
Numero specimen: 2\$400

ESCOLA LIVRE DE ENGENHARIA
Rua Borja Castro, 11 - Rio de Janeiro

Sem obrigação alguma de minha parte, desejo receber os prospectos do systema de ensino adoptado por essa instituição técnica.

| | |
|------------------------|-------------------------|
| Engenheiro de Estradas | Engenheiro Industrial |
| Engenheiro Civil | Engenheiro Agrimensor |
| Engenheiro Mechanico | Engenheiro Electricista |
| Engenheiro Architecto | Radio-Telegraphista |
| Engenheiro Agronomo | Engenheiro Chímico |

Meu nome
Profissão
Rua e N.
Cidade
Estado

QUALQUER PESSOA SABENDO LER, ESCRIVER E CONTAR CORRECTAMENTE, PODE ESTUDAR

Engenharia por correspondência



EM SUA PRÓPRIA CASA ESTUDARA recebendo pelo correio problemas, lições, explicações, correções, questionários, com o melhor proveito sob a regência de professores especialistas, obterá sem dispêndio, além da mensalidade de 20\$000, livros para estudo, consultas e indicações bibliográficas.

Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro

Fundada em 1911 e filiada à Oriental University
Revista oficial da Escola: *Engenharia & Indústria*

ESCOLA LIVRE DE ENGENHARIA
Rua Borja Castro, 11 - Rio de Janeiro

Sem obrigação alguma de minha parte, desejo receber os prospectos do systema de ensino adoptado por essa instituição técnica.

| | |
|------------------------|-------------------------|
| Engenheiro de Estradas | Engenheiro Industrial |
| Engenheiro Civil | Engenheiro Agrimensor |
| Engenheiro Mechanico | Engenheiro Electricista |
| Engenheiro Architecto | Radio-Telegraphista |
| Engenheiro Agronomo | Engenheiro Chímico |

Meu nome
Profissão
Rua e N.
Cidade
Estado

O ESTUDO DE ENGENHARIA AO ALCANCE DE TODOS

Em todos os paizes novos existe uma oportunidade pouco commum para homens de aspirações activas desejosos por encontrar occasião de progredir, mais rapidamente pelas facilidades educativas de determinado paiz que facultem o proveito dellas. Naturalmente não é possível importar-se homens de pericia técnica de paizes longinquos para assumir cargos de responsabilidade profissional, que surjam em paizes novos.

Ora, os naturaes do paiz, dotados de intelligencia, força de vontade e aspirações só poderão evoluir, (quando não tenham educação universaria, á mercê, de ingresso facil, accessivel) — recorrendo á leitura dos melhores livros relacionados com os serviços de sua incumbencia e á de revistas técnicas que os ponham ao par do progresso. Si, porém, precisarem de uma preparação scientifica, segura, sem sacrificio de seus labores, a solução UNICA é a matricula num curso, de escolas por correspondencia. O ensino por correspondencia está se impondo em todas as partes do mundo.

Não é somente a Universidade Official de Chicago, (Norte America) que mantém cursos de extensão universitaria POR CORRESPONDENCIA.

Existem mais 72 escolas nos Estados Unidos com 100.000 estudantes por correspondencia, as quaes (funcionam com fundos publicos, officaes, dilatando o campo de ensino, á distancia.

Inferre-se, pois, que nos E. U. A. existe um estudante por correspondencia, de uma *escola reconhecida*, em cada mil habitantes, e sem costar as dedicadas á jurisprudencia, commercio, odontologia, veterinaria e medicina. Na Argentina, a Universidade de Tucuman, official, acaba de abrir curso por correspondencia de muitas materias, e muitas outras não tardarão imital-a aqui na America do Sul. Na Europa existem mais de 60 escolas por correspondencia, provando ser o adiantamento mais notavel que a civilização hedierna consumou em beneficio da humanidade. A efficacia didactica do ensino por correspondencia é um facto incontestavel. No Brasil, Rio de Janeiro, existe a escola Escola Livre de Engenharia que mantém cursos estudaiveis em qualquer parte, tambem por correspondencia, bastando o alumno saber ler, escrever e contar bem, para fazer sua formação técnica.

Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro

Fundada em 1911 e filiada à Oriental University
Cortae e envie HOJE o «coupon» abaixo:

ESCOLA LIVRE DE ENGENHARIA Rua Borja Castro, 11
Rio de Janeiro

O curso que pretendo conhecer do programma acha-se marcado com um X

Engenheiro de Estradas — Engenheiro Civil — Engenheiro Mechanico — Engenheiro Chímico — Engenheiro Industrial — Engenheiro Commercial — Engenheiro Architecto — Bacharel em sciencias commerciaes — Engenheiro Agrimensor — Engenheiro Electricista — Radio-Telegraphista — Engenheiro Rural — Engenheiro Agronomo — Engenheiro de Mina.

Meu nome
Profissão
Rua e N.
Cidade
Estado

NOTA — Desejando recebe a «Engenharia & Indústria», revista da Escola, ajuntar 2\$000 em sellos.

Figuras 44a, 44b, 44c e 44d: Revista mensal *Careta*, anos de 1924 e 1925. Prospectos da Escola Livre de Engenharia, do Rio de Janeiro. Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 12 out. 2016.

2.3. Teoria, Cultura e Técnica: as matrizes de José Sidrim.

*Há aqueles que não podem imaginar um mundo sem pássaros;
há aqueles que não podem imaginar um mundo sem água;
ao que me refere, sou incapaz de imaginar um mundo sem livros.”*
Jorge Luis Borges

O conteúdo de uma biblioteca privada vai sendo preenchido, na razão direta dos questionamentos de seu proprietário em confronto ao mundo, querendo posicionar-se dentro dele, traçando seu próprio caminho. Ele a forma ao mesmo tempo que é formado por ela. O conjunto de temas revela o perfil de seu criador. Uma fonte de pesquisa de múltiplas entradas, tal como “o espelho de cem faces” de Michel Certeau (1925-1986), quando apresenta o particular e suas diversas nuances.²⁹⁰

Pela dificuldade de encontrar fontes, o biógrafo de uma personalidade mineira do século XVIII, optou por tomar como ponto de partida, a análise de sua biblioteca, na expectativa que ali encontraria, as razões das suspeitas, do envolvimento de seu personagem, com os inconfidentes. E quanto ela teria forjado nele, “as idéias de seu tempo”²⁹¹.

Com o mesmo objetivo se mergulhou na biblioteca de José Sidrim com a esperança de captar maiores detalhes para o seu conhecimento. Embora o acervo não estivesse mais intacto, e sim, todo fragmentado. Restando apenas publicações ligadas a temas técnicos, vinculados a prática profissional do engenheiro arquiteto e professor de Desenho. Deixando no desconhecimento os outros assuntos que teriam preenchido o seu universo literário.

Depois de sua morte, em 1969, o filho Jayme, interessado na venda das estantes, onde se encontravam acomodados os livros, e querendo desocupar a casa,²⁹² resolveu se descartar daquele acervo queimando-o no fundo do quintal. Não foi possível dimensionar a perda. Era um momento delicado nas relações familiares.

O resgate dos livros do fogo só foi possível, pelo aviso dado por Felipe Martins, irmão marista, identificado na ordem por Porfírio, amigo da família pela vizinhança de suas moradias. Era seu aluno o bisneto de José Sidrim, Flávio Sidrim

²⁹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²⁹¹ ANTUNES, Álvaro de Araujo. *Espelho de cem faces: o “universo relacional” de um advogado setecentista*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2004. p. 79.

²⁹² José Sidrim faleceu em 13 de junho de 1969 em sua residência na Avenida Nazaré, localizada ao lado do Colégio Marista, entre a Avenida Generalíssimo Deodoro e Travessa Quintino Bocaiuva. Atualmente integra o conjunto daquele colégio.

Nassar, estudante do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, que recebeu a ligação telefônica, a tempo de evitar a perda total, dessa fundamental fonte de pesquisa, representativa tanto para a composição do perfil do engenheiro - arquiteto, quanto em uma projeção maior, de transportar para o século XXI, o que repercutiu no Pará, das discussões e ações em torno da arquitetura-engenharia feita na Europa e América do Norte, no início do século XX.

Sabe-se que, em sua maioria, a biblioteca era composta por livros de procedência europeia. E uma coleção de Arte havia sido vendida, por Rosita Duarte Sidrim, para a Universidade Federal do Pará.

No conjunto da biblioteca, outras fragmentações, podem ter sido proporcionadas pelo próprio dono, fazendo doações a amigos e parentes. Como foi o caso do livro *Motivi Ornamentali Moderni – Inscritti in Forme Geometriche*²⁹³, que dedicou a uma neta: “Para o gênio artístico da Renée esta lembrança do vovô. 22-3-66.” E da coleção de oito volumes da História Universal, organizada por G. Oncken, “... presenteada por José Sidrim (Dr.) para Naeff L. Nassar”, conforme registro na capa do Volume I, feito pelo novo proprietário. (Figura 45)

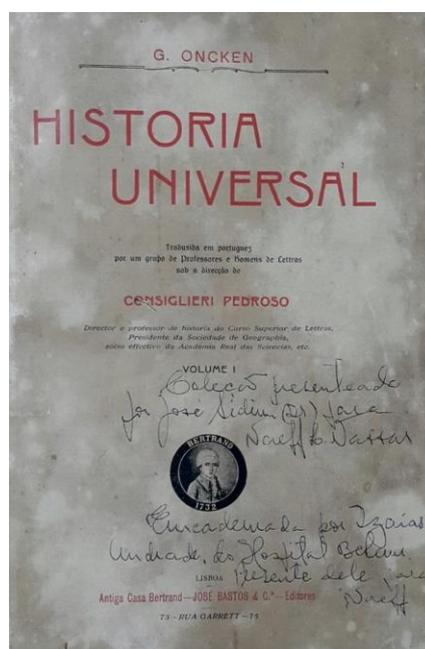


Figura 45: Volume I - coleção de História Universal, org. G. Oncken. Lisboa.

Anotações em caneta feita por Naeff Nassar.

Fonte: Acervo: Flávio Nassar.

²⁹³ Esse livro era recomendado para o uso em Escola de Desenho, Escola de Arte Aplicada, Arquitetos, Pintores, Ceramistas, Desenhistas. Contendo 24 pranchas com motivos ornamentais modernos. Autoria de A. Brunetta, Editora: C. Crudo & C. – Torino. Società Italiana di Edizioni Artistiche. Acervo: Flávio Nassar.

De alguns livros da biblioteca de José Sidrim foi possível identificar algumas procedências. Por exemplo, aqueles dedicados por João Palma Muniz (1873-1927): - *Nouvelles Annales de la Construction*²⁹⁴ (dedicatória: “Ao compadre e amigo J. L. Sidrim. 1926 ”); - três volumes da *Encyclopédie du Siécle: L’ Exposition de Paris de 1900* (dedicatória: “Ao Engenheiro e Amigo Arquiteto J. Sidrim. Lembrança da [incompreensível para leitura]. Palma Muniz”); e - *A Decoração Na Construcção Civil*²⁹⁵ (dedicatória: “Ao arqui. e eng. J. Sidrim. Palma Muniz. 1926.”). E outras duas publicações identificadas pelo carimbo do “Engenheiro Civil Joaquim Lalor”: a *Illustrated Catalogue of Macfarlane’s Castings*²⁹⁶ e o quarto volume de *Nouvelles Annales de La Construction*²⁹⁷.

Apesar da falta de vestígios de outro tipo de leitura, uma gravação doméstica, feita em 1967, revela um particular da erudição de José Sidrim, aos 86 anos, declamando de cor, os “Sonetos” de Luís Vaz de Camões.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na Terra sempre triste.

Se lá no assento Etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Roga a Deus que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

²⁹⁴ *NOUVELLES ANNALES DE LA CONSTRUCTION* - Recueil mensuel fondé en 1855 par Oppermann, Ingénieur des Ponts et Chaussées Libraire Polytechnique CH. BERANGER, Editeur.

²⁹⁵ SILVA, Francisco Liberato Telles de Castro da. *A decoração na construcção civil*. Lisboa: Topographia do Commercio, 1898. Tomo 1. A publicação contém rápidas notas sobre os principais pintores, enumera as diversas escolas de pintura, e faz uma listagem de pintores portugueses dando atributos aos bons e aos nem tanto. Maior aprofundamento sobre esta publicação consultar: <<https://almada-virtual-museum.blogspot.com.br/2014/07/liberato-teles.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

²⁹⁶ WALTER MACFARLANE & CO. *Illustrated Catalogue of Macfarlane’s Castings*. Glasgow. Sem data.

²⁹⁷ OPPERMANN, C. A. *Nouvelles annales de la construction*. Paris: Chez J. Baudry, Editeur, Libraire Polytechnique, 1879. (Série 3, t. 4). Publicação Rápida e Econômica dos Documentos mais Recentes e mais Interessantes relativos A Construção Francesa e Estrangeira, destinada aos Engenheiros, Arquitetos e alunos de Escola.

As obras resgatadas do fogo, constituíam um montante de quarenta livros, e mais uma coleção de periódicos italianos, adquiridos no período de 1912 a 1927. O intervalo dos anos demonstra que se manteve por 15 anos ininterruptos, atento ao que se passava na Europa, no seu campo profissional.

Os temas desenvolvidos nas publicações mensais, diziam respeito às tensões do fazer arquitetônico do período, quando o ecletismo arquitetônico predominava e se avizinhava o Movimento Moderno.

No processo de análise da biblioteca de José Sidrim, foi observado basicamente dois momentos: o registro dos títulos das publicações e respectivos conteúdos, e o da criação de categorias para agrupá-las por temas abordados. Considerando as matérias ligadas diretamente ao universo da formação profissional do desenhista, engenheiro e arquiteto, optou-se pela adoção dos seguintes itens: a) Tratados – compreendendo as publicações que tratam dos cânones do fazer arquitetônico e as adequações ao longo do tempo; b) Catálogos - compreendendo as publicações de divulgação e venda de produtos referentes à construção; c) Teoria, projetos e detalhes arquitetônicos - compreendendo as publicações que mesclam textos teóricos, projetos, detalhes arquitetônicos com notícias e propagandas afins; d) Desenho técnico - compreendendo publicações que tratam exclusivamente do desempenho dessa habilidade técnica; e) Arquitetura religiosa - compreendendo as publicações dedicadas ao universo religioso católico da Arquitetura: história, construções, projetos e objetos litúrgicos; f) Artes - compreendendo as publicações assim identificadas em seus títulos.

O item dos Tratados²⁹⁸ ficou contido por quatro publicações francesas. Sendo que três integram uma pequena coleção intitulada *Traité D'Architecture*, do autor M. Leonce Reynaud,²⁹⁹ editadas em 1878. A origem dessas publicações, reforçam o parecer de Leonardo Benévolo, quanto a persistente influência francesa, a balizar a formação do arquiteto desse período.³⁰⁰ O conteúdo desta coleção faz referência aos

²⁹⁸ Os títulos integrantes do item dos Tratados foram utilizados como de fonte de pesquisa para o artigo *A Obra de José Sidrim: Arquitetura pragmática do início do Século XX em Belém, Pará*, de autoria de Rafaela Verbicaro Pacheco e Claudia Pacheco Leme Nóbrega. *Oculum ens.*, Campinas, v. 10, n.1, p. 99-110, Jan. / Jun. 2013.

²⁹⁹ *Leonce Reynaud François* (1803 – 1880), era arquiteto e engenheiro francês, ocupou o cargo de diretor da *École Nationale des Ponts et Chaussées*, na França. No final de 1837 foi eleito professor de Arquitetura da *École Polytechnique* que originalmente ficava sediada em Paris. Entre 1842 e 1847 projetou a primeira *Gare du Nord*, em Paris, cuja fachada foi desmontada e reinstalada em Lille, em 1860.

³⁰⁰ Leonardo Benévolo, referindo-se ao ensino da Arquitetura, no *Ancien Régime*, afirma que competia à *Académie d'Architecture*, fundada em 1671, ser a guardiã da tradição clássica francesa e do *grand goût*, mantendo-se aberta às novas experiências e ao progresso técnico, discutindo as teorias racionalistas, e

princípios dos tratadistas Vitruvius e Alberti, recomendando suas teorias, ao mesmo tempo que indica posturas sintonizadas com as necessidades contemporâneas. A questão do conforto estava incluída entre os três aspectos fundamentais para uma edificação: a comodidade, a solidez e a beleza. Afirmado que para se alcançar a comodidade, deve-se estar atento para a função, e a partir desta, definir a forma do partido geral, as aberturas dos vãos e a distribuição dos cômodos. A solidez seria responsável pela durabilidade do edifício, permitindo que fizesse parte da memória de várias gerações. Para tal, deveria se cuidar da qualidade dos materiais empregados e da estrutura da construção. Finalmente, advertia que, para não ficar na monotonia de soluções desprovidas de graça, deveria atender as permanentes regras de proporção, harmonia, simetria e demais itens que compõem a beleza da obra arquitetônica.

O outro volume que faz parte desse item é o *Almanach d'Architecture Moderne – Collection de L'Esprit Nouveau*, de autoria de Le Corbusier³⁰¹, uma das figuras mais importantes da Arquitetura do século XX, no âmbito da Arquitetura Moderna. Foi editado em Paris, no ano de 1925. Na edição evidencia-se o empenho do autor, em divulgar o seu modo particular de olhar a Arquitetura no contexto de seu tempo. Apresentando-a na identificação das formas que os abrigos humanos tomaram ao longo da História. Desde a cabana do selvagem, das grutas dos nômades (na linguagem dos estilos arquitetônicos) até os tempos modernos, com as construções de aço e concreto armado. O formato de “*Almanach*” possibilitou ao autor, fazer a divulgação de sua recente publicação *Vers une architecture*³⁰², assim como propagandear o uso do concreto armado e de novos materiais construtivos. Le Corbusier apresenta de forma bastante didática, o uso do concreto armado, ilustrando com uma fotografia, o momento da preparação no canteiro de obra.

A prática arquitetônica de José Sidrim o enquadrava dentro da manifestação eclética, que não o impedia de mantê-lo aberto às novas ideias que

participando ativamente na vida cultural de seu tempo. BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989. p. 38.

³⁰¹ Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965), conhecido por Le Corbusier, pseudônimo utilizado tendo como inspiração o nome do avô paterno “Lecorbesier”, foi arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça, naturalizado francês.

³⁰² Título traduzido para o Português como “Por uma arquitetura”. Trata-se de uma coleção de ensaios que foram publicados na revista *L'Esprit Nouveau*, por Le Corbusier. A primeira publicação ocorreu em 1923. Expõem as teorias do arquiteto sobre a nova Arquitetura. Alertando para a necessidade de uma Arquitetura que procure a verdade da sua época, e que seja produzida com as técnicas do seu tempo, em vez de se submetê-la à ditadura dos estilos clássicos obsoletos.

anunciavam um novo ciclo na história da Arquitetura, ficando evidente que não desconhecia o movimento das mudanças naquele segmento.

No início do século XX, um procedimento comum ao ato da criação arquitetônica, era aquele de consultar os catálogos que traziam as novidades tecnológicas e estéticas. Eles eram os sinalizadores do rumo que o projeto seguiria, nas estruturas e nos ornamentos. O gosto pelo ornamento era exacerbado, enquanto o setor construtivo ainda não estava impregnado com as ideias que o movimento moderno traria para o fazer arquitetônico. Na época do ecletismo, buscava-se poder dispor de toda a gama de particularidades decorativas, empregadas ao longo dos séculos, em diversas regiões do Mundo. Utilizando-as dentro dos novos critérios do “gosto” e das possibilidades tecnológicas foram produzidas gramáticas decorativas, com a intenção de divulgar esse repertório ornamental. O ápice desse tipo de trabalho foi alcançado pelo inglês Owen Jones (1809-1874), em obra publicada no ano de 1856, em que apresenta “... uma rara coleção de mais de 2350 padrões clássicos”, fruto de pesquisa rigorosa e severa representação de formas e cores. Seu objetivo principal era “deter a infeliz tendência do nosso tempo de nos contentar com a cópia”³⁰³. Um exemplar *The Grammar of Ornament*, by Owen Jones, integrava a biblioteca de José Sidrim, e foi doada por volta dos anos 70, do século XX, por Flávio Nassar ao arquiteto João Filgueiras Lima (1932 – 2014)³⁰⁴, quando esteve em Belém, a convite do Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Pará.

O *modus operandis* de pensar e fazer Arquitetura no início do século XX, encontravam eco no acervo de Sidrim. As presenças dos catálogos entre seus títulos, reforçam esta afirmativa. Contava com edições de várias nacionalidades: escocesa, alemã, americana e paraense. O catálogo era um item fundamental na prática do arquiteto, atualizando-o das novidades e tecnologias construtivas. Uma modalidade comercial empregada a partir do século XIX.

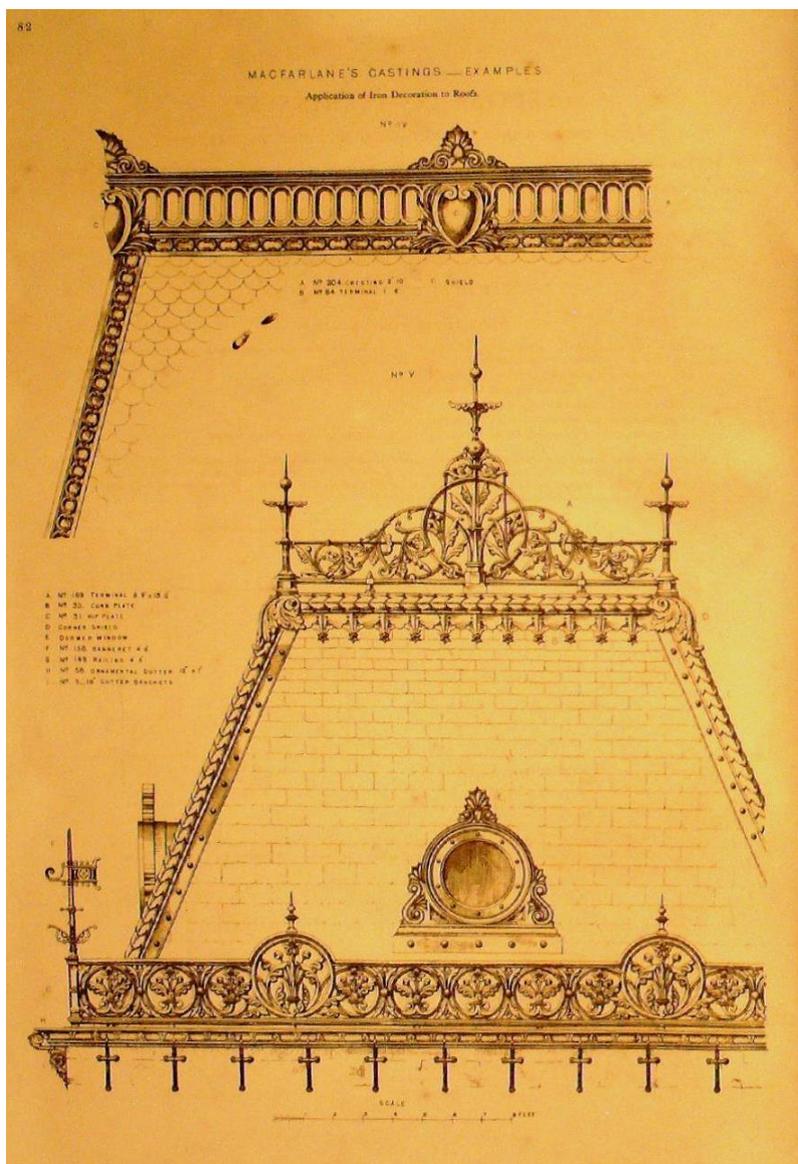
Os catálogos escoceses, na biblioteca de José Sidrim, compreendem três volumes, correspondem a exposição dos produtos em ferro da firma *Walter Macfarlane & Co.*, localizada em Glasgow. Não apresentam o ano de suas publicações.

Possivelmente, pelo fato de que, os produtos apresentados, ficavam

³⁰³ JONES, Owen. *A gramática do ornamento*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

³⁰⁴ João Filgueiras Lima (1932 – 2014), conhecido pelo apelido de Lelé, tornou-se arquiteto pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1955. Colaborador de Oscar Niemeyer na construção de Brasília. Sua experiência em Brasília, o levou a desenvolver tecnologias de construções pré-fabricadas com o emprego do concreto armado, buscando a racionalização do processo construtivo.

disponíveis por grande margem de tempo, em função do estoque e pela fabricação em série. Expunham detalhes construtivos que possibilitavam um melhor acabamento e uma nova estética às edificações. Sugeriam mobiliários e objetos para jardins, elementos de acabamentos para cumeeiras de telhados, torres, relógios, sinos, gradil, portões, janelas, portas, guarda - corpo de escadas, escadas, degraus, balcões, colunas, capitéis, canos de descida d'água, calhas, lavatórios, vasos sanitários, banheiras, pavilhões, quiosque, estábulos, entre outros. A Figura 46 apresenta as várias possibilidades de composição e acabamentos de uma cobertura: frisos, óculos e arremates.



**Figura 46: Catálogo da Macfarlane Castings, Volume I.
Opções para cobertura: frisos, óculos e arremates.**

Fonte: Acervo Flavio Nassar.

O catálogo alemão *Haupt – Katalog der Stolberger Zinkornamenten – Fabrik da Kraus, Walchenbach & Peltzer*, com edições de 1903 e de 1904, ofertava produtos semelhantes.

A publicação americana vinha no formato de revista, a *Honor Bilt Modern Homes*, de Chicago – Philadelphia, ofertando casas pré-fabricadas, com plantas baixas, preços e esboços de interiores. Além dos vários padrões e modelos, acenava com a possibilidade de escolha das esquadrias, louças sanitárias, pisos e sistema de aquecimento. As Figuras 47 a, 47 b e 47 c, apresentam uma ideia resumida de seu conteúdo.

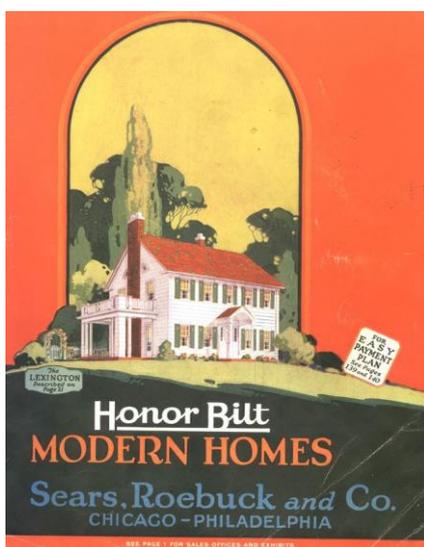


Figura 47a, 47b e 47c: Revista *Honor Bilt Modern Homes*, de Chicago – Philadelphia. Oferta de casas pré-fabricadas e sugestões de decoração de interiores.

Fonte: Disponível em: <<http://www.historicnewengland.org/collections-archives-exhibitions/collections-access/collection-object/capobject?refd=EP001.12.002.005.005>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

Finalizando o grupo dos catálogos tem aquele ofertando produtos paraenses; das *Indústria Reunidas*, pertencente a A. Pinheiro Filho & Cia, com artefatos de cimento e de marmorite, oferecendo nesse material: pisos em ladrilho hidráulico com diversas padronagens e tamanhos; e sacadas, guarda-corpos, escadarias, louças sanitárias, tampos de mesa, mausoléus, com opções de dez tonalidades de cores e desenhos personalizados.³⁰⁵ A Figura 48a, 48b e 48c apresenta a sede da Indústria na travessa Quintino Bocaiuva e modelos de produtos comercializados.

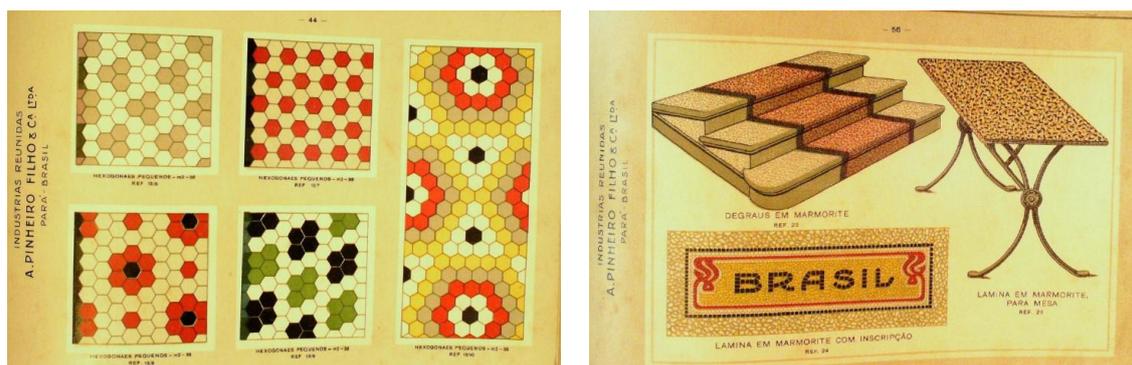


Figura 48a, 48b, 48c: Catálogo das *Indústria Reunidas - A. Pinheiro Filho & Cia.*
Fonte: Acervo Flávio Nassar.

³⁰⁵ MATOS, Ana Léa Nassar. *Eclétismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

O terceiro item, correspondente a Teoria, Projetos e Detalhes arquitetônicos, é o mais extenso de todos. Composto por 18 títulos de livros e a coleção de periódicos, podendo ser considerado o coração da biblioteca, em torno do qual os demais gravitavam. Aquele que orientou o movimento do engenheiro - arquiteto, no passo a passo do campo profissional. A presença dos periódicos expressa a forma contínua com que o conhecimento era atualizado. A aceleração das transformações tecnológicas exigia um ritmo permanente de informações. E, dessa forma, Sidrim manteve-se *aggiornato* com o que se passava “lá fora”.

Os periódicos, do tipo da revista *Scientific American Building Monthly*³⁰⁶, focalizavam a atualização dos leitores quanto as novidades tecnológicas e das representações estéticas arquitetônicas. Esse volume apresenta os pontos a serem seguidos no emprego do concreto armado, além de fotografias de fachadas e interiores residenciais.

Dentro do mesmo estilo encontra-se a revista *L'Architettura Italiana*, assinada por José Sidrim desde 1910 até 1928. Divulgava projetos, concursos e congressos de Arquitetura, apresentando um repertório de edifícios que recentemente haviam sido construídos na Itália. Acompanhados por fotografias, vinham em conjunto com o projeto arquitetônico. A editora responsável pelas publicações era a *C. Crudo & C*, localizada em Turim. Abordava também assuntos teóricos, como um artigo de Viollet-le-Duc (1814-1879)³⁰⁷ publicado em novembro/1910 e um de Camillo Boito (1836-1914)³⁰⁸ no exemplar de agosto/1914, divulgado por ocasião de sua morte, ocorrida naquele ano (Figura 49).

³⁰⁶ *SCIENTIFIC AMERICAN Building Monthly* New York: *Munn & Co.*, Jan. /1905. SciAm é uma revista popular de ciência. Reconhecida pela cuidadosa clareza de seu texto, bem como a qualidade de seus gráficos. Muitos cientistas famosos, incluindo Einstein, contribuíram com artigos nos últimos 167 anos. É a mais antiga revista mensal publicada ininterruptamente nos Estados Unidos. Foi fundada pelo inventor e editor Rufus M. Porter, em 1845, como um jornal semanal de quatro páginas. Ao longo dos primeiros anos, predominaram as publicações dos inventos que circulavam no Escritório de Patentes dos EUA. Porter vendeu o jornal para Alfred Ely Beach e Orson Desaix Munn com apenas dez meses de fundada. Até 1948 permaneceu na propriedade da *Munn & Company*. Disponível em: <<https://archive.org/details/scientific-american-1845-1909&tab=about>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

³⁰⁷ Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), arquiteto francês, ligado ao *revival* arquitetônico do século XIX, um dos primeiros teóricos da preservação do patrimônio histórico.

³⁰⁸ Camillo Boito (1836-1914), arquiteto, restaurador, historiador, professor e teórico italiano, voltado à crítica de Arte e teoria do restauro. Desenvolveu trabalhos em várias áreas do Conhecimento. Suas contribuições na área da Arquitetura e da Restauração classificaram sua obra como detentora de uma posição moderada entre Ruskin e Viollet-le-Duc. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

A revista também continha matérias apregoando novas tecnologias. Por exemplo, em dezembro/1911, apresenta o processo do cimento armado, como estava sendo empregado em diversos países, sobre os aspectos técnicos e decorativos, indicando as situações em que deveria ser utilizado. Em fevereiro/1912 volta a aprofundar o mesmo tema no artigo “O Cimento armado”.

A ênfase que vem sendo dada na abordagem deste assunto, entre as publicações do Sidrim, está em função dele ter reivindicado para si, a precursão do uso dessa tecnologia em Belém. Precisamente na construção da Escola de Aprendiz e Artífices do Estado do Pará, atualmente de propriedade da Universidade Federal do Pará, abrigando a Escola de Teatro e Dança. Foi obra de sua responsabilidade técnica com o emprego do concreto armado.

Analisando a coleção de revistas, ficou evidente, o quanto a Arquitetura italiana influenciou José Sidrim nos traços de seus projetos. O mesmo deve ter se passado com os conteúdos teóricos, divulgadores dos novos pensamentos que começavam a circular no início do século XX, levando-o a assumir posturas como arquiteto. Mesmo que o sistema de comunicações tenha passado por importantes transformações, possibilitando esse tipo de correspondência, não se pode ignorar o caráter de excepcionalidade, do acesso às notícias vindas periodicamente, diretamente do *front* dos fatos. Sidrim deveria ter suas leituras prioritárias ao receber cada exemplar. Porém, ao folheá-los por inteiro, deveria se cientificar sobre as pautas postas, nos fóruns de debates internacionais.

L'ARCHITETTURA

Periodico mensile
di Costruzione
e di Architettura pratica

PREZZO DI ABBONAMENTO ANNUO
Per l'Italia L. 25,- Per l'Estero L. 30,-

ITALIANA

SOCIETÀ ITALIANA DI EDIZIONI ARTISTICHE C. CRUDO & C. - TORINO

CAMILLO BOITO



Fotografia Varicchi e Artico - Milano.

Il 30 dello scorso giugno, a Milano, un imponente corteo accompagnava all'ultima dimora la salma di Camillo Boito, morto due giorni prima. Era una turba di colleghi, di discepoli, di amici e di ammiratori; erano i rappresentanti di più generazioni che hanno sentito a vibrare l'anima propria all'unisono con quella di lui nella sua diuturna, indefessa propaganda per il rinnovamento architettonico, che hanno da lui attinto consiglio ed incoraggiamento, che hanno seguito lo svolgimento ardito, vivace, brillante dell'opera sua; e quell'onda di simpatia, di rispetto e di rimpianto in cui erano riuniti oppugnatori, competitori ed avversari, ebbe un riflesso di solenni manifestazioni di cordoglio per tutta l'Italia.

Camillo Boito era nato a Roma nel 1836 da Silvestro Boito, bellunese, miniaturista di valore, e dalla contessa polacca Radolisky, donna di ingegno elevato e di non comune cultura. A quattordici anni entrò nell'Accademia di Belle Arti di Venezia ed a diciannove già succedeva nella cattedra di architettura, nell'Accademia stessa, al Marchese Selvatico. Ciò dimostrava la precocità dell'ingegno e l'autorità rapidamente conquistata, fatto tanto più note-

vole in quanto che egli assumeva l'incarico con tendenze sovversive, con spirito audace, col proposito di apportare nell'insegnamento una vera opera instauratrice.

Il suo temperamento naturale, determinato dalla promiscuità del sangue che scorreva nelle sue vene, la sua educazione libera, i suoi viaggi in Italia, in Germania ed in Polonia, occasionali dalle condizioni della sua famiglia, l'aprirsi conseguentemente del suo spirito osservatore ed investigatore alla più grande varietà di aspetti della natura e di manifestazione dell'arte, lo fecero insospetibile di quei vincoli fra cui si trascinava allora l'insegnamento dell'architettura infeduto allo stile pseudo-classico e tiranneggiato dalle teorie del Vignola e degli altri trattatisti.

Nel 1859 prese parte alla guerra dell'Indipendenza e lasciò la cattedra. Era naturale che questo giovane smanioso e rivoluzionario in arte come in politica cadesse in sospetto al Governo austriaco. La residenza di Venezia gli divenne mal sicura, fù l'imminente arresto e riparò a Milano.

Brillanti articoli suoi sullo *Spettatore* e sul *Crepuscolo* lo misero subito in evidenza, e quando l'architetto tedesco Federico Schmit lasciò la cattedra di architettura all'Accademia di Brera, egli, appena ventiquattrenne, fu chiamato a succedergli. Pochi anni dopo nel 1865 fu chiamato all'insegnamento dell'architettura anche al Politecnico, e per un mezzo secolo egli rimase sulla breccia educando due generazioni, talché si può dire che tutti gli architetti milanesi militanti attualmente hanno subito l'influenza del Maestro.

Influenza non tiranna, perchè nessuna formula per lui era assoluta; quella sete di libertà che fu sua caratteristica, egli infondeva negli allievi, temperandola coll'equanime analisi della produzione artistica del passato.

L'arte è un albero immortale suscettibile di sempre nuovi e vigorosi innesti. I suoi rami si sviluppano nelle più varie forme a seconda dell'ambiente e delle circostanze, ma nel vecchio tronco c'è una linfa perenne e fecondatrice di sempre nuove e svariate vegetazioni.

E però egli ha propugnato questo concetto, e mentre impartiva la sua paterna assistenza ai suoi allievi, lo divulgava in libri, in articoli, in pubblicazioni, con il fascino della sua frase arguta, colorita, incisiva, ben oltre i confini della sua scuola.

Spirito eminentemente critico, e compreso della sua missione di educatore, non assurse a grandi altezze come professionista; non ebbe occasione di maturare nella molteplicità dell'opera professionale l'ingegno suo, e gli edifici che gli furono affidati hanno castigatezza e nobiltà, ma loro manca l'impronta della genialità. Fra i più notevoli sono il Cimitero e l'Ospedale di Gallarate, il Palazzo delle *Debite* a Padova, lo scalone, l'atrio inferiore ed il vestibolo superiore del Museo di Padova, le Scuole elementari alla Loggia Carrarese ed i restauri alla Basilica del Santo, sempre a Padova. A Venezia eseguì il restauro del palazzo Franchetti (già Cavalli) a San Stefano, aggiungendovi il grandioso scalone. Ultima a sua opera fu la Casa di Riposo per i Musicisti in Milano, istituita col legato di Giuseppe Verdi.

La sua fu essenzialmente opera di apostolo. Sentì lo spirito nuovo. Toccato appena dal movimento romantico, il suo ingegno equilibrato e riflessivo partecipò alla nuova evoluzione realistica, ma ne ebbe una concezione larga ed eclettica. La sua analisi non si fermò alle opere di architettura, ma si estese a quelle di pit-

Figura 49: Revista *L'Architettura Italiana* - falecimento de Camillo Boito. Turim, 1° Agosto 1914.
Acervo: Biblioteca José Sidrim

Em julho/1912, a revista *L'Architettura Italiana* apresentou como tema principal "A Casa Popular" como um novo conceito de moradia, atendendo camadas baixas da sociedade. Em agosto/1912, expôs uma experiência já implantada "A casa econômica para o ferroviário em Palermo". Na publicação correspondente aos meses de junho/julho/agosto 1926, traz o artigo "Tipo de Casa Popular Ultra – Econômica", para a casa popular de Milão, visando a criação de um projeto *standard*. Estes artigos demonstram que a preocupação em ampliar o segmento social a ser atendido pela

Arquitetura, iniciou no Eclétismo. Não foi uma pauta proposta, apenas por volta de 1930, pela Arquitetura Moderna, na realidade seu papel foi de expandi-la ainda mais.

Em Belém, o cuidado com este o assunto surgiu por volta de 1899. O engenheiro-ajudante da Comissão de Saneamento de Belém, Olympio Chermont, foi autor do livro *Casas para proletários: breve estudo*³⁰⁹, dedicado ao intendente Antonio Lemos, inspirado na experiência dos países europeus.

Essas habitações foram pensadas para o trabalhador solteiro, para pequenas famílias de operários e para as famílias numerosas, evitando, dessa forma, a superlotação e a insalubridade local.³¹⁰

A preocupação em encontrar um protótipo para habitação operária foi consequência do pensamento socialista inicialmente formulado por Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e Robert Owen (1771-1858) no início do século XIX. Identificados como socialistas utópicos, por seus opositores marxistas (socialistas científicos), que os consideravam ingênuos, por suas ideias fantasiosas e irrealistas³¹¹.

A prática de Sidrim, com projetos habitacionais, se restringiu ao atendimento da elite e da classe média. Para a classe média, as propostas continham ambientes com áreas menores, atendendo programas de necessidades mais restritos, bem diferentes das exigências dos palacetes residenciais. Apresentavam fachadas com nítida influência dos *villinos* modernos italianos, com exceção apenas das casas geminadas, que projetou para aluguel, sem um recuo frontal e utilizando o repertório neoclássico na composição da fachada principal.

O “*villino*” é descrito pela Enciclopédia Italiana, como uma casa pequena, para uso residencial, envolvida por pequeno jardim, livre dos limites do terreno, localizada dentro do perímetro urbano, em que se pode desfrutar dos benefícios de uma moradia cidadina³¹². Não se trata da forma diminutiva de uma “Villa”, que correspondente a uma grande habitação, com muitas dependências, construída fora da

³⁰⁹ CHERMONT, Olympio Leite. *Casas para proletários: breve estudo*. Belém: Typ. da Imprensa Oficial, 1899. 35 p. Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/images/dli/gbpav/espacos/obrasraras/pdf/cov.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

³¹⁰ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos*. Belém: Paka-tatu, 2002. p.12.

³¹¹ ENGELS, Friedrich. *A Questão da Habitação*. Belo Horizonte: Aldeia Global. 1979. (Coleção Fundamentos).

³¹² Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/villino_\(Enciclopedia-Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/villino_(Enciclopedia-Italiana)/)>. Acesso em: 13 nov. 2016.

cidade, para se passar veraneios. A tipologia arquitetônica identificada por “*villino*”, tem sua origem na Itália, influenciada pelas moradias dos alpes suíços, franceses e austríacos. Encontrando-se construções similares na Inglaterra, no mesmo período, quando ali se buscava um modelo de “pequena casa” que reunisse a ideia de conforto e acolhimento. Também foram motivo de inspiração as casas rústicas mediterrâneas. Partindo-se sempre da mesma concepção esquemática, se adaptou tanto para o atendimento das necessidades básicas de famílias mais exigentes e refinadas, com maior poder aquisitivo, quanto para aquelas mais modestas.

Um desafio havia sido feito pela burguesia dominante, para os arquitetos do final do século XIX e início do XX: - identificar uma tipologia habitacional, que respondesse as novas exigências de conforto da sociedade industrial e que fosse acessível a uma camada maior da população. O formato da arquitetura residencial, denominado pelos italianos de “*villino*”, parece corresponder como uma solução, daquela provocação.

Os modelos propostos para as casas populares desses periódicos, eram bem distantes dos padrões apresentados pelos conjuntos habitacionais contemporâneos, que se caracterizaram pela disposição de mínimos e restritos espaços, para atendimento das necessidades básicas de uma moradia. (Figura 50 e 51).

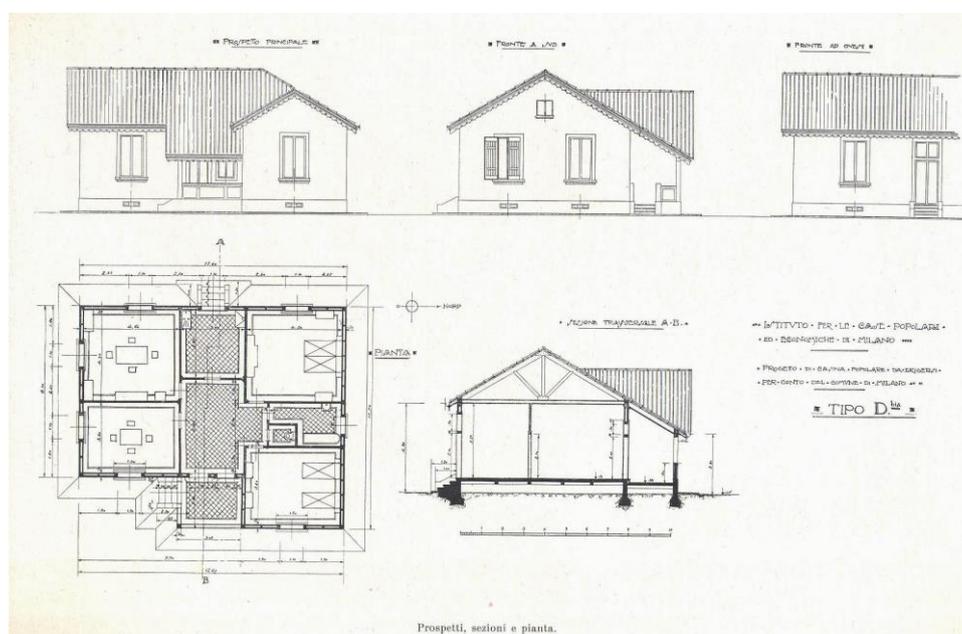
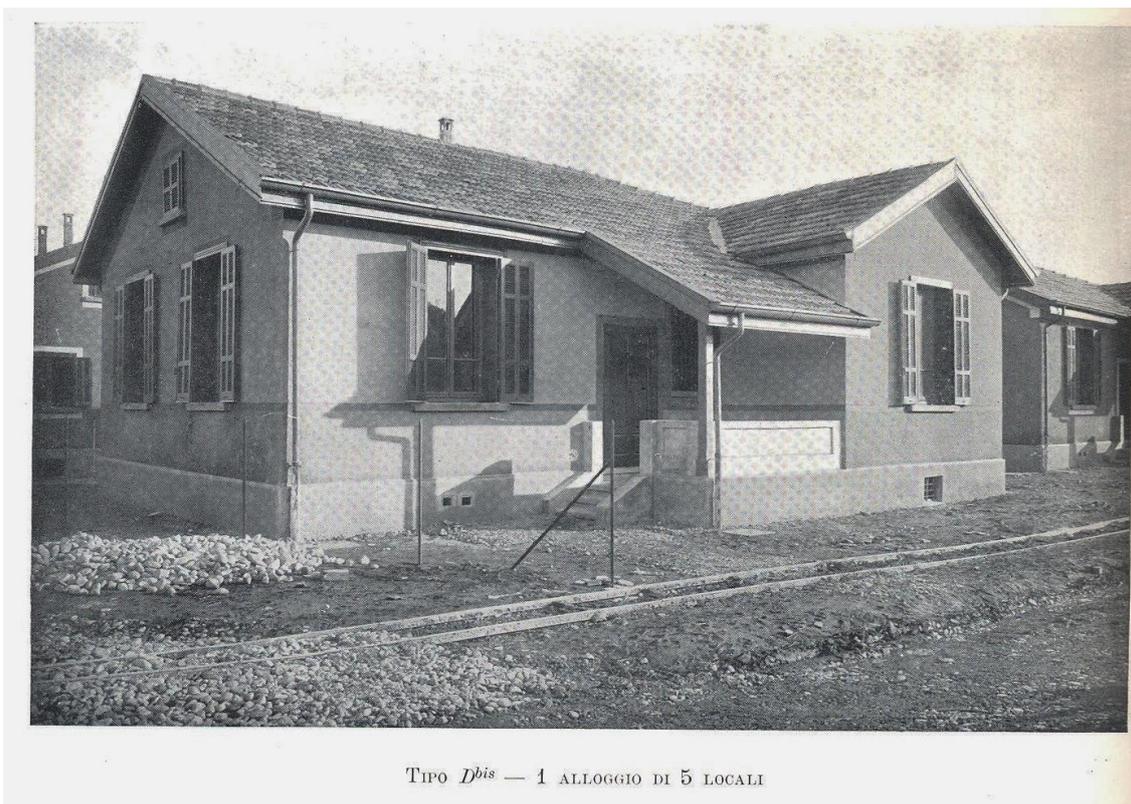


Figura 50: “As vilas de casas populares da comuna de Milão”- arquiteto Giovanni Broglio. Revista *L’Architettura Italiana*, jan. 1920. Fonte: Acervo: Biblioteca José Sidrim.



**Figura 51: Projeto executado - Arquiteto: Giovanni Broglio.
Revista *L'Architettura Italiana*, jan. 1920.
Fonte: Acervo: Biblioteca José Sidrim.**

Outro tema de vanguarda abordado pela revista *L'Architettura Italiana*, diz respeito a lançamentos de livros no campo da Arquitetura. Na publicação do mês de maio/1926, um artigo sobre “Arte Decorativa” apresentou o novo livro de Le Corbusier: “*L'Art Décoratif d'Aujourd'hui*”. Os novos pensamentos do fazer arquitetônico era um assunto que ia se tornando cada vez mais frequente. Na publicação de janeiro/1927, consta como artigo principal: “O Grupo “7” de Milão e a Arquitetura Nova”. Reportando-se a sete jovens arquitetos que proclamavam a necessidade de uma nova Arquitetura, em consideração a renovação espiritual daquele tempo. Reconheciam que existia um *Espírito Novo* pairando no ar, manifestando-se em vários países. Era urgente que uma nova linguagem fosse assumida por todas as artes, para dar conta desse clamor. Inseriram como adeptos daquele pensamento, personalidades de várias manifestações artísticas - Literatura, Pintura, Escultura, Música, Arquitetura - como: Jean Cocteau (1889-1963)³¹³, Pablo Picasso (1881-1973)³¹⁴, Igor Strawinsky (1882-

³¹³ Jean Maurice Eugene Clément Cocteau (1889-1963), poeta, romancista, cineasta, designer, dramaturgo e ator francês.

³¹⁴ Pablo Ruiz Picasso (1881-1973), pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo espanhol.

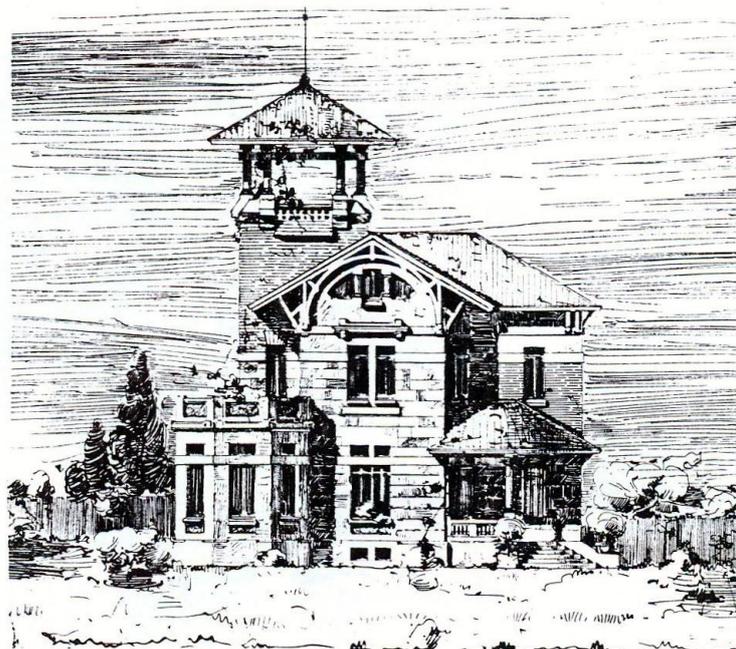
1971)³¹⁵ e Le Corbusier. Ressaltando, que em toda forma de Arte, encontrava-se “uma ressonância harmônica de simplicidade”. Esse pensamento traduzia a ebulição vivenciada no período, em que se buscava incessantemente as formas adequadas, para expressar a Arquitetura de uma nova sociedade, dos novos tempos.

Vale destacar a revista mensal *Le Case Popolari e le Città-Giardino*, que no fascículo 10-11, anno I, apresenta a matéria “*Il Villino Moderno*”. Uma edição especial, divulgando as premiações de um concurso do Comitê Promotor da Mostra Temporária em Milão, realizada em consideração à importância social e técnica do assunto. A iniciativa visou incentivar arquitetos, engenheiros, mestres de obras, e todas as atividades dedicadas a indústria da edificação. As propostas contempladas deveriam responder as exigências “mais urgentes” da vida prática moderna, de higiene, conforto, economia e funcionalidade. Foram oitenta os concorrentes. Os trabalhos se enquadravam na estética do ecletismo arquitetônico. No texto do editorial consta o esclarecimento, de que o exemplar era uma cortesia para os assinantes dos jornais “*Il Monitore tecnico*” e “*Il Cemento*”³¹⁶, referente ao ano de 1911. (Figura 52).

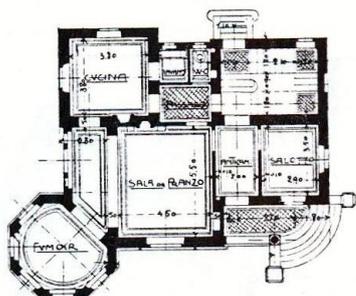
A reflexão sobre a moradia e as cidades foi um tema que iniciou no final do século XIX na Europa. Em decorrência de um novo estilo de vida buscado pela burguesia que havia ascendido ao Poder, contrapondo-se com aquele da aristocracia decaída com o final do antigo regime e com o caos que as periferias e zonas industriais de muitas cidades haviam se transformado. Entre as inúmeras soluções apresentadas, para humanização do convívio urbano, tem-se o modelo concebido pelo pré-urbanista Ebenezer Howard (1850-1928) em 1898. Em linhas bem gerais, seu livro *Garden Cities of Tomorrow*, concebe uma cidade em que se podia desfrutar ao mesmo tempo o pitoresco do campo e os serviços citadinos, onde as pessoas viveriam harmonicamente juntas com a Natureza. A publicação resultou no aparecimento de outras propostas similares classificadas como cidades-jardins.

³¹⁵ Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882- 1972), compositor, pianista e maestro russo.

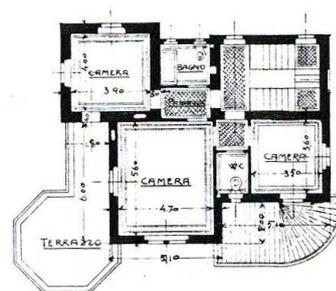
³¹⁶ Esses periódicos não foram mais encontrados no acervo remanescente de José Sidrim. O fato sugere, que ele havia mantido o contato com as editoras italianas, desde a realização do curso por correspondência.



PIANO TERRENO



PRIMO PIANO



Capomastro BOLLINI GIUSEPPE
MILANO

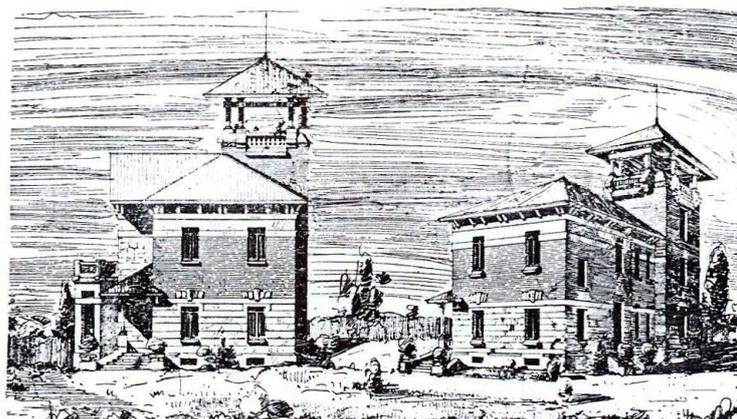


Figura 52: Proposta “capomastro” Bollini Giuseppe, de Milão - recebeu “Diploma d’onore”.
Revista mensal *Le Case Popolari e le Città – Giardino*, fasc. 10-11, anno I. Pág. 246.

Fonte: Acervo Biblioteca José Sidrim.

Muito dos temas abordados, pelos periódicos que compunham a biblioteca de José Sidrim, fazem parte do conteúdo programático, dos cursos universitários que visam a formação do arquiteto, por essa razão foram aqui destacados.

O quarto item a ser abordado é aquele correspondente ao Desenho Técnico. Nele destacaremos um título de publicação francesa; *Cours Complet de Dessin Linéaire – Gradué et Progressif*, de autoria de Louis Delaistre (1800-1871). O livro se apresenta com textos descritivos e desenhos em pranchas, visando habilitar o leitor em várias especialidades do Desenho, como arquitetura, *design* industrial e perspectiva, baseando-se nos princípios da Geometria Prática elementar e descritiva, chegando as particularidades dos traços convencionais das cartas geográficas. O seu conteúdo foi republicado diversas vezes por editoras francesas, o volume em questão foi editado pela Gauthier-Villars, em 1885³¹⁷. O seu autor também se sobressaiu nas *arts graphiques*, compondo gravuras e vinhetas para publicações de livros famosos, como os de La Fontaine, Voltaire e Rousseau. Seu nome encontra-se registrado no *Dictionnaire des artistes de l'école française au XIXe siècle: Peinture*³¹⁸.

No exemplar de José Sidrim existem marcas que indica um proprietário anterior. A assinatura do engenheiro civil Julio Braga, com data de 1887, acompanhada do carimbo da “Companhia Ferrocarril Villa da Porangaba”. Essa Companhia era integrante do serviço de bondes, à tração animal, do estado do Ceará. A vila de Porangaba era uma localidade vizinha da capital, que atualmente faz parte do perímetro urbano de Fortaleza³¹⁹. José Sidrim poderia ter conhecido o engenheiro, do tempo em que, junto com o pai, Emiliano Correia Sidrim trabalhou na Estrada de Ferro de Baturité³²⁰. Ambas atividades integravam o setor de transportes do Estado. Existe uma outra assinatura, de Raymundo Guilherme, na secção das pranchas de desenho, abrindo outra possibilidade, do seu exemplar ter sido adquirido em alguma livraria de livros usados.

³¹⁷ Primeira edição: Paris: Mallet-Bachelier de 1855, outras editoras: Paris: Carilian- Goeury e Vor Dalmont de 1862, e Paris: Gauthier-Villars com as edições de 1873, 1885, 1894 - 5ª edição, 1908 - 6ª edição. Informações disponíveis em: < <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb1>>. Acesso em 14 nov. 2016.

³¹⁸ Disponível em: < <https://books.google.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

³¹⁹ A Intendência Municipal da Villa de Porangaba, segundo a Constituição do Governo do Estado do Ceará de 1925, passa a categoria de Prefeitura e em seguida Sub-Prefeitura, subordinada a Fortaleza, permanecendo assim até 1987. Disponível em: <<http://mapa.cultura.ce.gov.br/espaco/id:211/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

³²⁰ Capítulo 1 - A Cidade Escolhida Para Viver: Belém do Pará. 1.1. A saída de Fortaleza e a chegada em Belém. p. 31.

Esta publicação parece ter sido uma das pioneiras na formação do seu acervo e que, possivelmente, trouxe em sua bagagem, quando veio do Ceará para o Pará. Deveria ser consultada com frequência. Em seu interior encontravam-se guardados dois selos comemorativos ao centenário da Independência, 1822-1922³²¹.(Figura 53) As orientações que continha sobre as convenções de traçado das cartas geográficas, com certeza basearam a confecção da Planta da Cidade de Belém e da Carta do Município de Belém, que realizou em 1907, como funcionário da Intendência Municipal.



Figura 53: Selos encontrados no livro *Cours Complet de Dessin Linéaire – Gradué et Progressif*, referentes as comemorações do Centenário da Independência, 1822 – 1922.

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Outros dois títulos completam o item. Uma publicação alemã, *Elementar – Zeichenschule*, voltada para escolas de desenho, visando à formação técnica e artísticas de artesãos e construtores profissionais, de autoria de Josef Grandauer, da editora K.K. Schulbücher, Verlag. E uma italiana, *Motivi Ornamentali Moderni – Inscritti in Forme Geometriche*, também para uso em Escola de Desenho, Escola de Arte Aplicada, Arquitetos, Pintores, Ceramistas, Desenhistas, de autoria de A. Brunetta, da editora C. Crudo & C.

³²¹ José Sidrim gostava de desenhar selos em envelopes, provocando a ilusão de que eram reais, não restou nenhum registro desse seu *hobby*. Os selos encontrados no livro referem as comemorações do Centenário da Independência, 1822 – 1922. Um deles apresenta a frase: Brasileiros! Honrae com o vosso trabalho a comemoração do Centenario da Independencia. E o outro faz a divulgação da Exposição Nacional do Centenario da Independencia de 7 de setembro a 15 de novembro 1922. Ambos de Pimenta de Mello & Cº Rio.

No item Arquitetura Religiosa foram identificados quatro títulos. Um deles denominado “A Architectura Religiosa na Edade – Média”, integrante da Coleção: Ensaio de História da Arte, editada em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1904. Tem como autor Augusto Fuschini (1846 -1911), engenheiro civil, arqueólogo e historiador de Arte. Seu índice está dividido em quatro partes: 1. Origens da architectura cristã, 2. Os estylos christãos primitivos 3. Os estylos christãos definitivos. 4. O Mosteiro de Santa Maria da Victoria. Na parte terceira, encontra-se um capítulo referente “A Sé Patriarchal de Lisboa e a sua restauração”, no qual Fuschini expôs os vetores teóricos e práticos que adotou naquele projeto de restauro. Em 1900, presidiu o Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, e, entre 1899 e 1901, através de portaria do Ministro de Obras Públicas ficou encarregado pela referida intervenção. Enquanto desempenhava essa função, publicou esse livro. (Figura 54a, 54b e 54c)

Em artigo “A Sé de Lisboa”, Lúcia Rosas³²² afirma, que a motivação de Fuschini, foi aquela de conferir dignidade arquitetônica à Catedral, que segundo ele, possuía um estilo pobre, construção ordinária, e pobreza ornamental. Preocupou-se em construir algo que estivesse de acordo com a importância eclesiástica da Sé, localizada na capital do Reino. Foi muito criticado por ignorar a imagem prístina da igreja, de estilo românico acrescido de elementos góticos, transformando um edifício religioso prestigiado, em uma criação pessoal. Lúcia Rosas considerou que os conceitos de restauros empregados tiveram franca influência, teórica e prática, de Viollet –le -Duc. Em que a restauração visava restabelecer o edifício a um estado completo estilisticamente, que poderia nunca ter existido. Fuschini morreu em 1911, antes do final da obra, deixando publicado em seu livro o projeto que havia elaborado para as fachadas da catedral da Sé de Lisboa.

³²² ROSAS, Lúcia. *A Sé de Lisboa: Augusto Fuschini e a representação da arquitetura medieval*. Idearte: Revista de Teorias e Ciências da Arte, ano 2, n. 3, p. 57 – 71, out. / 2005. Disponível em: <www.idearte.org>. Acesso em: 17 nov. 2016.

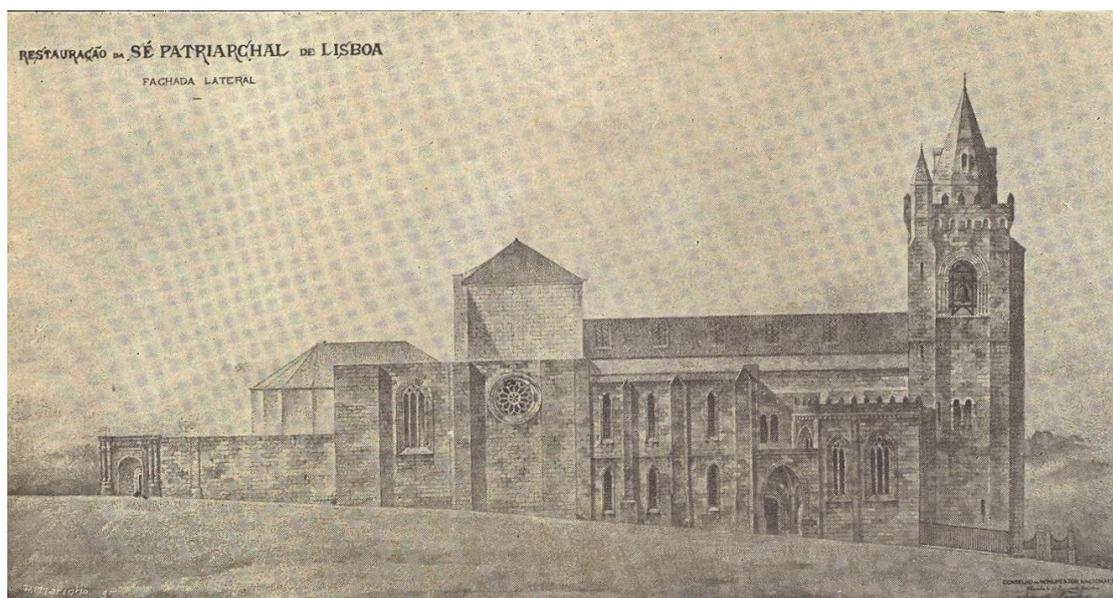
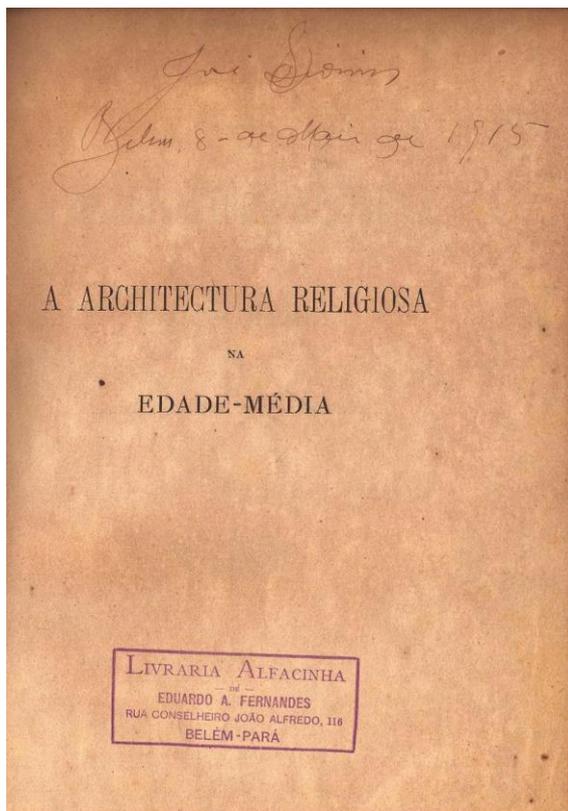


Figura 54a, 54b e 54c: A Architectura Religiosa na Edade – Média, de Augusto Fuschini. (1846 - 1911). 53a - Página com assinatura de José Sidrim, Belém 8 de Maio de 1915. 53b – Proposta restaurativa da Sé Patriarcal de Lisboa - Fachada Principal. 53c - Proposta restaurativa da Sé Patriarcal de Lisboa - Fachada lateral norte

Foto: Biblioteca José Sidrim.

O livro *Il Duomo di Milano - nella storia e nell'arte* é outro título integrante do item de Arquitetura Religiosa, uma publicação de 1908, com 327 ilustrações, impresso em Milão, pela Tipografia da Società Editrice Sonzogno. De

autoria de Carlo Romussi (1847 – 1913), jornalista e estudioso da história de Milão³²³. A Catedral de Milão foi construída ao longo de muitos séculos, iniciou no século XIV e foi concluída no final do século XIX - início do XX. O livro descreve minuciosamente todo esse percurso, do contexto da localização, as diversas manifestações artísticas que foram compondo o edifício. Ao descrever a imagem final, que determinou a fachada principal, do “*Duomo di Milano*”, concluiu que sua beleza estava justamente em evidenciar todo o seu percurso construtivo ao longo dos séculos.

A *Piccole Chiese* é outro título de origem italiana que compõe o item, de autoria do arquiteto italiano Gaetano Vinaccia, publicação da editora C. Crudo & C. de Turim, *Società Italiana di Edizioni Artistiche*, edição de 1923. Apresenta 50 pranchas com projetos de “pequenas igrejas” que participaram da Exposição de Arte Sacra de Veneza em 1921, de Milão em 1922 e na 1ª Bienal Romana em 1921. Expõe as tipologias dos templos cristãos: - a igreja, a basílica, a igreja bizantina e a abadia. Define o significado de todos os seus espaços: a abside, a cripta, o altar, o coro, o púlpito, o transepto, o átrio, o sino, o campanário, a pia de água benta, a capela e suas características. Enfim, descreve todos os ambientes que compõem uma igreja, chegando até a cerimônia do lançamento da pedra fundamental e a consagração do templo.

Concluindo o tema religioso, tem-se a publicação americana *Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition*. Ela poderia integrar tanto o item dos Catálogos, quanto o da Arquitetura Religiosa. Apresenta modelos de Altares Principais e Secundários, Púlpitos e Mesas de Comunhão. O exemplar de 1916 possui o carimbo do consulado americano, a data “Maio, 23, 1921”, o valor do custo de \$5,00, e a assinatura simplificada de JSidrim. O direito autoral é da *Daprato Statuary Company*, que atualmente disponibiliza a publicação em meio eletrônico, considerando-a de domínio público³²⁴. O “Altar”, ponto principal das celebrações religiosas católicas, precisava apresentar-se adequado e proporcional ao ambiente a ele designado, nos projetos arquitetônicos. A publicação tinha o objetivo de elucidar dúvidas, oferecendo o exemplo de modelos executados e de reconhecido valor artístico. O prefácio esclarece que não é um catálogo no sentido estrito da palavra e, sim, um volume de útil referência, que deve ser preservado por todos que estão interessados na arte das igrejas.

³²³ Maiores informações sobre Carlo Romussi estão disponíveis em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/carlo-romussi/>>. Acesso em 19 nov. 2016.

³²⁴ Disponível em: <<https://archive.org/details/CreationsInEcclesiasticalArtDaprato>>. Acesso em 19 nov. 2016.

Apresenta um altar muito semelhante ao encontrado na Igreja da Trindade, em cuja obra de conservação e atualização estilística, contou com a participação de José Sidrim, no início do século XX. (Figura 55a e 55b)

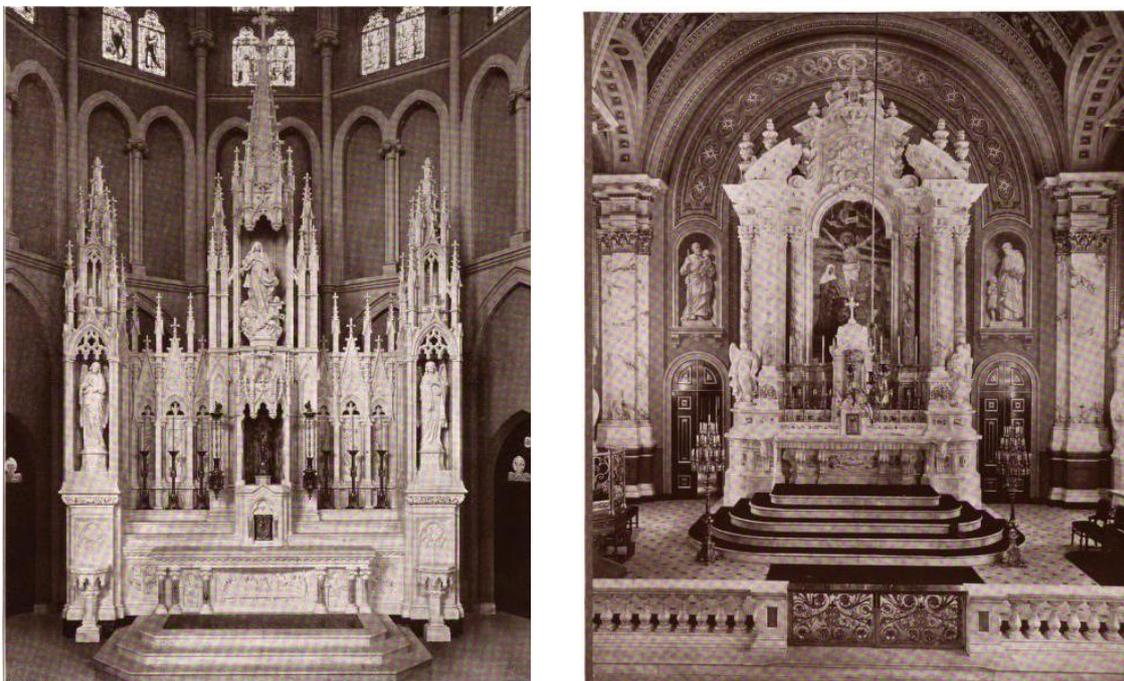


Figura 55a e 55b: Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition: Modelos de altares da publicação

Fonte: <<https://archive.org/details/CreationsInEcclesiasticalArtDaprato>>, Domínio Público.
Digitized by Google. Acesso em 27 nov. 2016.

No item referente às Artes, encontram-se duas revistas mensais. A *Per L'Arte*, edição da Società Italiana di Edizioni Artistiche – C. Crudo & C. – Torino, apresentando modelos decorativos apropriados para interiores: painéis pintados para forro, paredes revestidas com vários padrões de estilos, identificados como: setecentos, *fiammingo*, *quattrocento* modernizado, Luís XV, *tiepolesco*, renascimento, século XV. Além de ambientes decorados com a predominância do *Art Nouveau* e do *Art Decò*. E a Revista Mensal dos Museus Coleções Exposições, *Les Arts*, nº 130, de outubro de 1912, impressão das editoras Goupil & Cie e Manzi, Joyant & Cie. Com artigos referentes a acervos de museus e exposições.

Em linhas gerais, os itens abordados, procuraram fazer um painel dos títulos e temas que compunham a biblioteca de José Sidrim. No final deste capítulo

segue uma listagem detalhada com as referências de cada exemplar, seguindo como base um apêndice da Tese de Mestrado da Autora³²⁵.

Constatou-se que muitos livros que compunham a biblioteca de José Sidrim estão à venda na internet como raridades, alguns disponibilizados em PDF³²⁶, considerados de domínio público. O fato demonstra a importância de seus conteúdos e sua representatividade na formação dos engenheiros-arquitetos no início do século XX.

Em uma espécie de portal do Tempo, os livros e os periódicos permitiram mergulhar numa época de transição histórica, na qual se vivenciava uma importante revolução tecnológica e social, permitindo que José Sidrim, mesmo com os pés fincados na Amazônia, pudesse participar, com as proporções devidas, das importantes discussões e propostas desenvolvidas na Europa. A distância no tempo, permite inferir o quanto os embates travados no campo do fazer arquitetônico, colocaram o profissional arquiteto na posição de optar entre ser “moderno” ou “ecletico”. José Sidrim esteve consciente desse processo, e manteve sua arquitetura sintonizada com o Ecletismo, a manifestação arquitetônica que atravessou três séculos, do final do século XVIII até meados do século XX. Em que seus adeptos buscavam encontrar o figurino adequado, para se apresentar no cenário das grandiosas transformações pelas quais passava o período. Foram consultar a história em busca de Conhecimento, mergulhando nos estilos, formas, e ornamentos do passado, com intuito claro de encontrar respostas as exigências dos novos tempos. Quando o Movimento Moderno se impôs foi desfazendo e criticando o processo arquitetônico anterior, conferindo a tudo que lhe dizia respeito, o *status* de simples cópias do passado, de um *revival* de velhos estilos.

O acervo de José Sidrim por ter sido formado no momento em que esses fatos aconteciam, pode trazer à tona aspectos anteriormente alienados da história da manifestação eclética. Evidenciando a existência de preocupações e princípios que buscavam respostas às problemáticas habitacionais surgidas na época. Possibilitando uma outra visão do Ecletismo arquitetônico, dessa feita, engajado com os anseios

³²⁵ MATOS, Ana Léa Nassar. *Ecletismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

³²⁶PDF - *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento), um formato de arquivo criado pela empresa Adobe Systems para que qualquer documento seja visualizado, independente de qual tenha sido o programa que o originou. Definição disponível em: < <https://www.significados.com.br/pdf/>>. Acesso em 27 nov. 2016.

daquela sociedade, retirando o estigma de ser uma arquitetura volúvel a serviço de uma clientela fútil.

Foi por meio do conteúdo de sua biblioteca que José Sidrim foi formado e informado para prática profissional de engenheiro arquiteto. Seus projetos e obras mantiveram-se fiéis aquelas referências, até o final precoce de suas atividades que se deu em 1930, no limiar do predomínio da Arquitetura modernista.

| Quadro 06 - BIBLIOTECA JOSÉ SIDRIM | |
|---|---|
| Tratados: | |
| Título: | <i>TRAITÉ D'ARCHITECTURE Premier Partie</i> |
| Autor: | M. Leonice Reynaud Inspetor Geral de Pontes e Estradas, antigo professor de Arquitetura e da Escola Politécnica. |
| Editora: | Paris: <i>Typographie Lahure</i> Quarta Edição (nova tiragem) |
| Ano: | |
| Conteúdo: | Apresentado em textos e pranchas. Arte de Construir Estudos sobre os materiais de construção e os elementos dos edifícios |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>TRAITÉ D'ARCHITECTURE Deuxième Partie</i> |
| Autor: | M. Leonice Reynaud Inspetor Geral de Pontes e Estradas, antigo professor de Arquitetura e da Escola Politécnica. |
| Editora: | Paris: <i>Dunod, Editeur</i> Quarta Edição |
| Ano: | 1878 |
| Conteúdo: | Composição dos Edifícios. Estudos sobre a estética, a história e as condições atuais dos edifícios. No mesmo volume estão inseridos o conteúdo de três livros. Primeiro Livro: Princípios Gerais de Composição: a comodidade, a solidez e a beleza. Primeiro Capítulo: A COMODIDADE. As formas, as aberturas de acordo com a função. A salubridade e as condições locais. A disposição das diversas partes que compõe o edifício. Segundo Capítulo: A SOLIDEZ. Fundações estáveis, materiais de construção de boa qualidade. Elementos estruturais bem dimensionados e posicionados Terceiro Capítulo: A BELEZA. O bom é o fundamento essencial da beleza, das formas de Arte. Variedades da simetria. Atender a todos os requisitos para um bom projeto, porém sem monotonia nas soluções. |

| | |
|-------------|---|
| | <p>1. Proporções: “A proporção exerce grande influência sobre a beleza”. a) a destinação e a característica do objeto; b) a harmonia das formas. As proporções harmoniosas. Teoria dos Arquitetos Modernos. Três proporções a serem consideradas: aritmética 1/1, 3/2, 4/5; geométrica 2/1, 9/4, 16/9 e harmônica. 3/1, 8/3, 4/1. As proporções dentro dos monumentos antigos (largura da base, altura das colunas, altura até o entablamento): Parthenon, Temple de Minerve. Proporções Modulares (Vitruvius). Módulo dos Templos Gregos. Proporção dentro das outras artes. Considerações Fisiológicas.</p> <p>DECORAÇÃO: Características. Símbolos e Atributos. Alegorias. Inscrições. Princípios relativos à policromia. Policromia dos edifícios religiosos. ESTILO.</p> <p>Segundo Livro: Primeiro Capítulo: Principais partes do edifício: 1. Pórticos, 2. Porches (pórticos pequenos), 3. Vestíbulo, 4. Escadas, 5. Salas. Segundo Capítulo: 1. Pátios, 2. Parques e jardins, 3. Fontes.</p> <p>Terceiro Livro: Edifícios, Edifícios religiosos, Templos antigos, Igrejas (nos estilos: bizantino, lombardo, romano, ogival, renascimento, moderno), Templos Protestantes. Monumentos Honoríficos (Arco de Triunfo, Colunas e Estátuas). Edifícios de instrução pública (Escolas, Bibliotecas e Museus). Edifício de divertimento público (Teatros, Anfiteatros, Circos). Edifício de utilidade pública (Câmara Municipal, Palácio da Justiça, Prisões, Hospital, Termas). Habitações. Disposições relativas a salubridade dos edifícios.</p> |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>TRAITÉ D'ARCHITECTURE</i> <i>Deuxième Partie</i> |
| Autor: | M. Leonice Reynaud Inspetor Geral de Pontes e Estradas, antigo professor de Arquitetura e da Escola Politécnica. |
| Editora: | Paris: <i>Typographie Lahure</i> . Quarta Edição (nova tiragem) |
| Ano: | |
| Conteúdo: | Apresentado em textos e pranchas. Composição dos Edifícios. Estudos sobre a estética, a história e as condições atuais dos edifícios. Apresenta fotografias e comentários dos seguintes monumentos: Praça da Concórdia – Paris, Planta dos Palácios do Louvre e das Tulherias, Igreja de Santa Sofia em Constantinopla, Igreja de São Marco em Veneza, São Pedro em Roma, Palácio de Luxemburg – Paris, entre outros. |
| Observação: | Esta publicação parece dar continuidade ao volume citado anteriormente. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |

| | |
|-------------------|--|
| Titulo: | <i>ALMANACH D'ARCHITECTURE MODERNE</i> <i>Collection de L'Esprit Nouveau</i> |
| Autor: | LE CORBUSIER |
| Editora: | Paris: |
| Ano: | 1925 |
| Conteúdo: | A arquitetura feita ao longo da história. As formas dos abrigos humanos: a cabana do selvagem, as grutas nômades, a lona de um circo, os templos: egípcios, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, góticos (monastérios), renascença, os tempos modernos (o aço e o cimento armado). A evolução da casa. Novas tecnologias construtivas. Conferência realizada na Sorbonne em 12 de junho de 1924. Exposição do <i>Art Déco</i> , realizada em 1925. Conferência realizada em março de 1924 sobre a construção em série. “As casas, os sítios, as culturas são uma coisa só, como a cabeça e o corpo”. Artigo datado de Julho/1924: Pequena contribuição ao estudo de uma janela moderna. Tapetes decorativos. Uma Vila Contemporânea de três milhões de habitantes. Propagandas de produtos construtivos: concreto armado, a casa isotérmica de Raoul Decourt (engenheiro e construtor), alvenarias, fechaduras, ciclo-moto, piano. Propaganda de publicações: “Ver uma arquitetura”, “Urbanismo”, “A arte decorativa de hoje” e “A pintura moderna”. |
| Observação: | |
| Acervo: | Flávio Nassar |
| Catálogos: | |
| Titulo: | <i>HAUPT – KATALOG der Stolberger Zinkornamenten Fabrik</i> |
| Autor: | Kraus, Walchenbach & Peltzer |
| Editora: | <i>Düsseldorf: Stolberg, Rheinland. 10. Auflage.</i> |
| Ano: | 1903 |
| Conteúdo: | Produtos ofertados: mansardas, janelas de sótãos, cobertura, torres, arremates, túmulos, estátuas, vasos, balaustradas, frisos (<i>snowboards</i> – anteparo para neve), cortina para janela (<i>window draperies</i>), lambrequins, bandeiras de janela, cornijas, forros, acabamento para cantos de forro e telhado (<i>roof-corners</i>), janelas de ferro, rosetas, ventiladores, acrotérios, arremates, capitéis, consoles, escudos, gárgulas, dragões, cabeças, aves, animais diversos, emblemas. Ornamentos Sacros. Estátuas. Fontes: fontes, ornamentos e esculturas. Aparatos para água quente / chuveiros, torneiras, banheiras. |
| Observação: | Dentro deste livro encontrava-se uma prancha impressa em papel manteiga do Projeto de uma Fábrica de Barricas, com a capacidade de produzir até 50 barricas por hora. |
| Acervo: | Flávio Nassar. |
| Titulo: | <i>BAUORNAMENTE UND FIGUREN in. Zink, Kupfer und Blei.</i> <i>Stolberger Zinkornamenten – Fabrik.</i> |
| Autor: | <i>Kraus, Walchenbach & Peltzer</i> |
| Editora: | Taschen, 11ª edição. |
| Ano: | 1904 |
| Conteúdo: | Livro sobre técnicas de obras e figuras em zinco, cobre e chumbo. Fotos |

| | |
|--|--|
| | da Fábrica com seus equipamentos. Catálogo apresentando a variedade de produtos: molduras para janelas, óculos (em vários modelos, formatos e estilos, do clássico ou <i>art nouveau</i>), mansardas, balcão, cobertura, torres, arremates, bolas, vasos, balaustradas, frisos (<i>snowboards</i> – anteparo para neve), cortina para janela (<i>window draperies</i>), lambrequim, bandeiras de janela, cornijas, forros acabamento para cantos de forro e telhado (<i>roof-corners</i>), janelas, rosetas, ventiladores, acrotérios, arremates, capitéis, consoles, escudos, gárgulas, dragões, cabeças, aves, animais diversos, emblemas. Vasos. Ornamentos Sacros. Estátuas. Fontes: fontes, ornamentos e esculturas. Aparatos para água quente / chuveiros, torneiras, banheiras. |
| Observação: | |
| Acervo: | Flávio Nassar |
| Título: | INDUSTRIAS REUNIDAS |
| Autor: | A. Pinheiro Filho & Cia. Ltda. Secção de Artefactos de Cimento. |
| Editora: | Belém - Pará – Brasil. |
| Ano: | |
| Conteúdo: | Catálogo apresentando os seguintes produtos: pisos com diversas padronagens, com dimensões e referências, telhas de cimento, sacada de janela, escadaria, mausoléu, banheiras, lavatórios, tina, <i>bidet</i> , degraus, tampo de mesa de bar c/ monogramas e desenhos personalizados, pastilhas hexagonais pequenas, em marmorite. Com dez tonalidades de cores como opção. |
| Observação: | O Marmorite é composto pelo mármore triturado e cimento branco, impermeabilizado e compactado sobre pressão hidráulica. Algumas padronagens de pisos em ladrilho hidráulico e degraus/patamares de marmorite, deste catálogo, se assemelham com a escada e com alguns ambientes da antiga Escola Industrial, atual Escola de Teatro e Dança da UFPa, obra de José Sidrim. |
| Acervo: | Flávio Nassar. |
| Título: | HONOR BILT MODERN HOMES |
| Autor: | |
| Editora: | <i>Chicago, Philadelphia: Sears, Roebuck and Co.</i> |
| Ano: | Sem data |
| Conteúdo: | Revista ofertando projeto e construção de casas pré-fabricadas, vários modelos e padrões. Opção de escolha das esquadrias, sistema de aquecimento, louças sanitárias, pisos, etc. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Teoria, Projetos e Detalhes arquitetônicos: | |
| Título: | ÁLBUM / LEMBRANÇA DA EXPOSIÇÃO NACIONAL - 1908, Rio de Janeiro. |
| Autor: | |
| Editora: | Rio de Janeiro: <i>Chromo Typo – Art Nouveau</i> – Rua Hospício 318. |
| Ano: | 1908 |
| Conteúdo: | Foto dos Pavilhões que representavam os estados brasileiros, |

| | |
|-------------|--|
| | individualmente e em conjunto na referida exposição. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | O ARCHITECTO MODERNO NO BRASIL: Edifícios Públicos e Particulares |
| Autor: | Luiz Olivieri Arquiteto premiado com Medalhas de ouro nas Exposições do Rio de Janeiro (1908) e em Turim (1911). |
| Editora: | (?) Propriedade Artística Reservada |
| Ano: | |
| Conteúdo: | Vários desenhos de fachadas, dentro do estilo eclético. Alguns ornamentos em <i>Art Nouveau</i> . |
| Observação: | O livro foi ofertado ao José Sidrim em 1917. O nome do doador encontra-se ilegível. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LE VILLE MODERNE IN ITALIA – VILLE DEL LIDO A VENEZIA: Facciate, Particolare, Sezione, Piante.</i> |
| Autor: | Giovanni Sicher, engenheiro, responsável pela publicação. |
| Editora: | Torino: C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche.</i> |
| Ano: | Sem data. |
| Conteúdo: | Fachadas, detalhes, secções e plantas. 25 pranchas de fotografias e projetos de residências com identificação dos autores, engenheiro ou arquiteto. Casas de três pavimentos com grande dinâmica volumétrica. Banheiros abrindo para dentro de quarto com várias portas de acesso. Utilização de trifóras e bifóras nos vãos de janelas, típicas da arquitetura veneziana. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LE VILLE MODERNE IN ITALIA – VILLE DI ROMA: Facciate – Particolari – Piante</i> |
| Autor: | Luigi – Federico Babini, arquiteto, responsável pela publicação. |
| Editora: | Torino: C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11.</i> |
| Ano: | Sem data. |
| Conteúdo: | Fachadas, detalhes e plantas. 50 pranchas de fotografias e projetos de residências com identificação dos autores, engenheiro ou arquiteto. Edificações mais imponentes e suntuosas que a publicação anterior. Plantas compactas, com muitos compartimentos, salas e antessalas. Algumas coberturas aparentes e outras com platibandas. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LE VILLE MODERNE IN ITALIA – VILLE DEL LAGO DI COMO E DELLA LOMBARDIA: Facciate – Particolari – Sezioni - Piante</i> |
| Autor: | Carlo Bianchi, engenheiro, responsável pela publicação. |
| Editora: | Torino: C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche.</i> |
| Ano: | Sem data. |

| | |
|-------------|---|
| Conteúdo: | Fachadas, detalhes, secções e plantas. 50 pranchas de fotografias e projetos de residências com identificação dos autores, engenheiro ou arquiteto. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LE COSTRUZIONE MODERNE IN ITALIA – TORINO: Facciate de Edifici in Stile Moderno</i> |
| Autor: | |
| Editora: | Torino: C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11.</i> |
| Ano: | Sem data. |
| Conteúdo: | Fachadas de edifícios em estilo Moderno. 60 pranchas de fotografias de fachadas bastante ornamentadas. Alguns detalhes lembram as obras do Bolonha. Ornamentos em <i>Art Nouveau</i> , gradis e pinturas parietais |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LE COSTRUZIONE MODERNE IN ITALIA – MILANO vol. I Facciate de Edifici in Stile Moderno</i> |
| Autor: | |
| Editora: | Torino: C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11.</i> |
| Ano: | Sem data. |
| Conteúdo: | 60 pranchas de fotografias de fachadas bastante ornamentadas. O excesso de ornamentos das fachadas sugere que o “estilo moderno” presente no título quer dizer contemporâneo. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LE COSTRUZIONE MODERNE IN ITALIA – MILANO vol. II Facciate de Edifici in Stile Moderno</i> |
| Autor: | |
| Editora: | Torino: C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11.</i> |
| Ano: | Sem data. |
| Conteúdo: | 60 pranchas de fotografias de fachadas bastante ornamentadas. Muitos detalhes em <i>Art Nouveau</i> . O excesso de ornamentos das fachadas sugere que o “estilo moderno” presente no título quer dizer contemporâneo. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>IL VILLINO ITALIANO</i> Projetos Completos com plantas em escala métrica dos melhores Engenheiros e Arquitetos Modernos. |
| Autor: | R. Carlucci |
| Editora: | Torino: Casa Editrice L'Artista Moderno |
| Ano: | Sem data |

| | |
|-------------|--|
| Conteúdo: | |
| Observação: | Tem a assinatura de José Sidrim e na contracapa está escrito “Recordação do amigo Frederico”. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>NOUVELLES ANNALES DE LA CONSTRUCTION</i> |
| Autor: | C. A. Oppermann, engenheiro de Pontes e Estradas, responsável pela publicação. |
| Editora: | Paris: <i>Chez J. Baudry, Editeur, Libraire Polytechnique</i> . 3° série, Tome IV. |
| Ano: | 1879 |
| Conteúdo: | Publicação rápida e econômica, dos documentos recentes e interessantes, relativos a construção francesa e estrangeira, destinada aos engenheiros, arquitetos e estudantes. Artigo sobre a Exposição Universal de 1878. Estudos sobre as Condições de Higiene. Artigo: Os Ginásios, Universidades e Institutos e Escolas da Alemanha (em anexo os projetos), Projetos e Proposições – Desenvolvimento Industrial, Agrícola e Comercial das Colônias Francesas. Cálculo de resistências. Desenhos de estruturas de ferro com fundações e detalhes dos perfis e cotas da estrutura. Projeto Estrutural de um Teatro, Tesouras metálicas e devida amarração nas alvenarias, fundações. Detalhe instalações de banheiros, Box, lavatório, banheira. Detalhes de monta-carga, Postes de iluminação, Torneiras, Cobertura com placas de Zinco em losangos e escamas. Projetos de um Hospício, Hotel, Cassino, Pontes. Detalhe carteira escolar. |
| Observação: | São vários fascículos mensais de 1879 encadernados. Carimbo: Engenheiro Civil Joaquim Lalor. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>NOUVELLES ANNALES DE LA CONSTRUCTION</i> |
| Autor: | C. A. Oppermann, engenheiro de Pontes e Estradas, responsável pela publicação. |
| Editora: | Paris: <i>Chez J. Baudry, Editeur, Libraire Polytechnique</i> 5° série – Tome VIII – |
| Ano: | 1901 |
| Conteúdo: | Publicação rápida e econômica, dos documentos recentes e interessantes, relativos a construção francesa e estrangeira, destinada aos engenheiros, arquitetos e estudantes. Alguns dos temas tratados: Água Potável na alimentação de Paris, Ponte Alexandre III (metálica), Igreja Sainte-Clotilde, Reims, Hospital de Crianças. |
| Observação: | Contém uma dedicatória de Palma Muniz, doando o livro ao compadre e amigo José Sidrim, em 1926. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LA VIE HEUREUSE [A vida feliz]</i> <i>Constructions Modernes & Economiques.</i> |
| Autor: | Nenhum registro |
| Editora: | Nenhum registro |

| | |
|-------------|--|
| Ano: | Nenhum registro |
| Conteúdo: | Apresentação em pranchas, dobradas em quatro partes. Contendo desenhos de: Fachada (dentro de um cenário com vegetação, as vezes animais e pessoas), Plantas Baixas, Detalhe, Secção e Legenda. Projetos de vários temas: Escola Comunitária, Cocheira e dormitório, reservatório d'água, pequena casa rural, pequena casa burguesa, etc. |
| Observação: | Entre as pranchas foi encontrado um pedaço de papel com desenho a lápis de uma fachada com entrada lateral, de casas geminadas, semelhante a fachadas existentes na Av. Magalhães Barata. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>CONSTRUCTIONS EN BRIQUES: la brique ordinaire au point de vue décoratif</i> |
| Autor: | J. Lacroux e C. Detain |
| Editora: | Paris: Ducher |
| Ano: | 1878 |
| Conteúdo: | Construções em tijolos: o tijolo comum utilizado de modo decorativo, ornamental. Aplicações práticas: hotéis, casas de campo, vivendas e dependências. |
| Observação: | |
| Acervo: | Flávio Nassar. |
| Título: | <i>DAS MODERNE LANDHAUS UND SEINE INNERE AUSSTATTUNG</i> (A casa de campo moderna e suas características interiores: 320 imagens de casas de campo modernas da Alemanha, Áustria, Inglaterra e Finlândia) |
| Autor: | Hermann Muthesius (1861-1927) Alemão, arquiteto prussiano e oficial de construção. Influente teórico da "arquitetura moderna", especialista dos "desenhos industriais", crítico da <i>Art Nouveau</i> e co-fundador do <i>Deutscher Werkbund</i> . Autor da obra "A casa inglesa", desenvolvida em três volumes, sobre a arquitetura inglesa, publicada em 1904 e 1905. Considerado um livro essencial por arquitetos da época. Primeiro volume: Desenvolvimento da arquitetura inglesa - do século XI até o presente. Segundo volume: A construção e o equipamento da casa de campo inglesa e as restrições culturais. Terceiro volume: O design dos interiores e as inovações que o movimento das artes e ofícios trouxeram de volta (decoração de interiores). |
| Editora: | <i>German: München Verlagsanstalt F. Bruckmann A. – G.</i> |
| Ano: | 1905 |
| Conteúdo: | Fotos das fachadas e croquis de plantas baixas de residências projetadas por arquitetos importantes do período, como: Peter Behrens, Charles Rennie Mackintosh, Josef Olbrich, Josef Hoffmann, entre muitos outros. Movimentados telhados correspondendo a uma volumetria das alvenarias, torres, mansardas, marcações na empena de alguns chalés, emprego de diversos materiais como tijolinho, madeira e pedra. Interiores com escadas com detalhes decorativos <i>art nouveau</i> , paredes revestidas de lambri, luminária <i>art decò</i> , dormitórios, cozinhas, jardins. |

| | |
|-------------|--|
| | Exemplos de casas inglesas, escocesas e americanas seguindo a mesma tendência estilística. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>ARCHITEKTONISCHE MONATSHEFTE</i> (VII. Jargang 1901) |
| Autor: | |
| Editora: | <i>Leipzig/Viena: Wolfrum</i> |
| Ano: | 1901 |
| Conteúdo: | Desenhos e fotografias de diversos edifícios e de vários autores como Otto Wagner e Karl Lichmann. O gosto eclético predominante, manifestado em construções de diversos estilos, dos simplificados aos rebuscados. Desenhos de edifícios representados de noite, emoldurados por um céu negro, nos estilos <i>Art Nouveau</i> e <i>Decò</i> . Edificações em Paris semelhantes ao <i>Art Nouveau</i> da obra de Gaudi. |
| Observação: | A volumetria e telhado do projeto de Karl Lichmann apresentado na página 11, assemelham-se a do Palacete Passarinho. Em outra página, a platibanda com detalhes decorativos em formato de leques, e o vão da porta principal se assemelham ao desenho de uma fachada identificada como “Lithografia”, de autoria de José Sidrim. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>LANDHÄUSER IM SCHWEIZERSTIL UND IN ÄHNLICHEN STILARTEN. EINE SAMMLUNG BILLIG ZU ERBAUENDER FAMILIENHÄUSER. Architekten, Baugewerksmeister, Bauunternehmer und Bauschüler.</i> |
| Autor: | Ludwig Klasen, arquiteto em Wien. |
| Editora: | <i>Leipzig – Verlag Von Bernhard Friedrich Voigt</i> <i>Genève: Librairie Genevoise – A. Eggimann & Cia – Corrairie 3 & Rue Centrale 1.</i> |
| Ano: | 1899 |
| Conteúdo: | Casas de campo no estilo suíço e em estilos semelhantes: um conjunto de casas baratas, para uma ou duas famílias morarem. A publicação tem como público alvo arquitetos, escolas para formação de trabalhadores para a construção civil, empreiteiros e estudantes de Arquitetura. Apresenta o desenvolvimento de projetos de residências familiares: plantas baixa, cobertura, localização, fachadas, secção, detalhes, com cotas e escala. |
| Observação: | Alguns telhados se assemelham as soluções empregadas por José Sidrim; torres, volumetria, as marcações estruturais de madeira aparentes, a base do baldrame com pedras desaparelhadas, em cimento. |
| Acervo | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>ENCYCLOPÉDIE DU SIÈCLE – L'EXPOSITION DE PARIS DE 1900</i> (Três volumes - 320 páginas.) |
| Autor: | |
| Editora: | Paris: <i>Montgrédien et Cie</i> |
| Ano: | 1900 |
| Conteúdo: | Toda história e montagem dos pavilhões que fizeram parte da Exposição de Paris de 1900. Contendo um artigo sobre “A pintura francesa” na |

| | |
|---|--|
| | p.127. |
| Observação: | Em dois volumes contém dedicatória de Palma Muniz doando a publicação ao Eng. Arq. José Sidrim, em Agosto de 1926. |
| Acervo: | Flávio Nassar |
| Título: | <i>CARPINTERIA ARTISTICA: Recopilación de los mejores modelos de carpintería clásica y moderna de autores nacionales y extranjeros.</i> |
| Autor: | Andres Audet y Puig, arquitecto. |
| Editora: | Barcelona: Miguel Sequi |
| Ano: | |
| Conteúdo: | 200 lâminas com os melhores modelos de carpintaria, clássica e moderna, de autores catalães e estrangeiros. |
| Observação: | |
| Acervo: | Flávio Nassar |
| Teoria, Projetos e Detalhes arquitetônicos: periódicos | |
| Título: | <i>SCIENTIFIC AMERICAN Building Monthly</i> (Ciência Americana Revista da Construção) |
| Autor: | |
| Editora: | <i>Munn & Co., Publishers New York</i> |
| Ano: | 1905 / Janeiro |
| Conteúdo: | Fotografias de fachadas e interiores de casas com a planta baixa. Na secção de propaganda tem um esquema da malha de ferro sobre vigas para receber concreto. Propaganda do Simplex Concrete Pile. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>SCIENTIFIC AMERICAN Building Monthly</i> (Ciência Americana Revista da Construção) |
| Autor: | |
| Editora: | <i>Munn & Co., Publishers New York</i> |
| Ano: | 1904/ Junho |
| Conteúdo: | A publicação preocupa-se em apresentar interiores caprichosamente decorados com uma variedade de objetos: tapetes, quadros, candelabros, bandejas, papel de parede, objetos decorativos, tendo ao lado a propaganda de <i>HARTMANN BROTHERS MFG. CO. Mount Vernon, N. Y. USA</i> . Apresenta a possibilidade da composição personalizada de capitéis e colunas. Ao lado desta oferta está escrito a lápis “catalogo] 12 julho 1904”. |
| Observação: | Foi encontrado dentro desta revista um recorte de jornal procedente de Pernambuco com a notícia: A Fachada do Hospital Centenário e o architecto Palumbo. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>IL VILLINO MODERNO</i> <i>Raccolta dei progetti presentati al conorso “il villino moderno” indetto dal comitato promotore delle mostre temporanee.</i> |
| Autor: | REVISTA MENSAL |
| Editora: | |

| | |
|-------------|--|
| Ano: | |
| Conteúdo: | Oitenta projetos apresentados para um concurso. Vários tipos de casas (villini) que respondessem aos conceitos de higiene, de conforto e da economia, que fosse útil e prática contribuindo para resolução dos problemas urgentes da vida prática moderna. |
| Observação: | Existe um esclarecimento na publicação, que aquele exemplar estava sendo dado para os assinantes dos jornais “ <i>Il Monitore técnico</i> ” e “ <i>Il Cemento</i> ” referente ao ano de 1911. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>L'ARCHITETTURA ITALIANA</i> |
| Autor: | Periódico Mensal de Construção e de Arquitetura Prática |
| Editora: | C. Crudo & C. – Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11. Torino. |
| Ano: | VI (1910 – 1911) |
| Conteúdo: | Novembro 1910 – Artigo: Viollet-le-Duc (1814-1879). Fevereiro 1911 – Cottage Garrone a Coassolo Turim. Março 1911 – Grande Hotel Miramare em Genova. Setembro/Outubro/Novembro 1911 – Artigo: A Arquitetura Nacional I. Autor G. Lavini. Dezembro 1911 - Artigo: A Arquitetura Nacional II. Autor G. Lavini. IX Congresso Internacional dos Arquitetos em Roma. Tema 1: O cimento armado, seu emprego nos diferentes países, oportunidade de sua aplicação nas construções artísticas sobre o ponto de vista técnico e decorativo. Tema 2: Direitos e deveres do arquiteto verso o seu cliente. Tema 3: Educação técnica do artista e diploma de arquiteto. Exercício da profissão fora da pátria do arquiteto. |
| Observação: | Fevereiro 1911 – apresenta um projeto residencial c/ volumetria, telhados, terraços sextavados semelhantes aos projetos de Sidrim. Março 1911 – apresenta uma sala de bilhar, com forro de madeira e paredes revestidas por lambris, acabamentos semelhantes ao da sala de jogos do Palacete Passarinho, de José Sidrim. p. 70. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>L'ARCHITETTURA ITALIANA</i> |
| Autor: | Periódico Mensal de Construção e de Arquitetura Prática |
| Editora: | C. Crudo & C. – Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11. Torino. |
| Ano: | XXI (1912-1916) |
| Conteúdo: | Janeiro 1912 – Artigo – A Arquitetura Nacional. Sepulcro da Família Squadrelli no Cemitério Monumental de Milão. Fevereiro 1912 – Artigo – O Cimento armado, projeto <i>villino</i> da Senhora Bozzini – Luzzato in Gorizia, na planta registro das lajes de cimento armado, Capela sepulcral da família Cechetti em Campo Verano – Roma, Bibliografia – O Barroco em Roma, arquiteto Giulio Magni, Concursos – Porta menor em Bronze Del Duomo, Monumento ao imperador Alessandro. Março 1912 – Palácio da União Cooperativa, Milão, Concurso para o Plano regulador da antiga Praça das Armas, Turim. Bibliografia – A |

casa sã, econômica e popular da Comuna de Veneza.
 Abril 1912 – Edifício escolástico para a cidade de Fossano, Ampliação da Igreja de Capizzone, Magazine em Turim.
 Maio 1912 – Projeto Palácio Instituto Romano Beni Stabili, Grande Hotel Roma, Ossário, Villa Bignardi, Milão – escada em cimento armado com guarda-corpo ferro *art nouveau*. Folheto publicitário ofertando a novidade *Ville e Villette*.
 Junho 1912 – Artigo: Os programas dos concursos. Projeto para uma portada de Cemitério.
 Junho 1912 – Artigo: A Perspectiva (Reporta ao prejuízo visual que a falta do uso da perspectiva causou no ato de projetar, somente os que cursaram as escolas de belas artes mantiveram este recurso), Edícula do Cemitério de Voghera, projeto da *villa* Senhoril.
 Julho 1912 – Artigo: A Casa Popular.
 Agosto 1912 – Artigo: A casa econômica para o ferroviário em Palermo.
 Setembro 1912 – Aquilo que deve ensinar um Concurso.
 Outubro 1912 – Nova igreja paroquial de Careno, Bergamo.
 Novembro 1912 – Novo Teatro de Pordenone, Mercado coberto de Netuno, Roma, (em ferro)
 Dezembro 1912 - Projeto de Liceu-ginásio para a cidade de Messina, Túmulo Cavalieri, cemitério israelita de Ferrara. Bibliografia: Lições práticas de perspectiva linear, Noelli Agide.
 Janeiro 1913 – Artigo: A Escala (Um edifício reveste o caráter artístico quando tem um conteúdo simbólico, e cada parte desse será homogênea e deve expressar de forma simples e clara sua função orgânica, no seu conjunto. A escala é um dos aspectos mais significativos. A sua posição, a sua forma, as proporções...), projeto do Templo crematório de Lugano. Bibliografia – A arquitetura sacra da idade média em Pisa, Concursos.
 Fevereiro 1913 – Asilo infantil de Zogno, Policlínica para a cidade de Buenos Ayres, Pia de Água Benta, Veneza. Concurso para projeto de igreja.
 Março 1913 – Sub-estação Elétrica de Conversão e escritório da *Azienda* Elétrica Municipal da cidade de Turim. Quiosque Angular. Monumento no cemitério de Veneza (com explicação do significado simbólico das alegorias).
 Abril 1913 - Um artigo comentando um decreto lei que instituiu na Itália a Escola Superior dos Arquitetos ligada a Academia e aos Institutos de Belas Artes, e que os arquitetos não foram consultados e nem tampouco protestaram ...
 Maio 1913 – Artigo: A casa de habitação (O artigo chama atenção para que a casa seja adequada a mudança de estilo de vida das pessoas, idade, sexo, clima...). Apresenta o projeto de um hospício e o projeto do Palácio de Justiça para a cidade de Sofia.
 Junho 1913 – Artigo: A Arquitetura e os Arquitetos,
 Julho 1913 - Casa dos Ferroviários em Brescia, projeto a ser executado sobre uma área de 20x60, de um prédio com três pavimentos, com cem apartamentos, de um e dois quartos, no qual o ferroviário era o inquilino. Proposta semelhante ao Falanstério de Fourier e o Familistério de Godin. Capela Funerária da Família Cerreti,

Agosto 1913 – Manifesto: Pela eficácia prática dos votos dos Congressos de Arquitetos e Engenheiros.

Setembro 1913 – Igreja dos PP. *Cappuccini di Fiume* (desenhos coloridos).

Novembro 1913 - Dezembro 1913

Janeiro 1914 – Artigo – Construindo o Hospital Policlínico de Pavia, projeto completo do hospital [uma cidade].

Fevereiro 1914 – Projeto do Palácio da Sociedade d’Assicurazione – “Imobiliária de Buenos Aires”, concurso internacional para a construção da *Ville al Lido*, capela cemitério de Trespiano, Florença.

Março 1914 – Artigo – A tradição e a vida moderna. Igreja de São Lourenço de Brindisi em Roma, Capela Guarnieri do Cemitério Comunitário de Florença.

Abril 1914 - Artigo – O concurso para o Palácio da casa de Risparmio de Verona. Capela Funerária, notas de vários concursos para projetos.

Mai 1914 – Artigo: *L’albo* judiciário dos Engenheiros, Arquitetos e Peritos Agrimensores. Casa de habitação civil – Livio Massetani, Florença. Sugestão de Bibliografia – Estilo de Arquitetura, Manual Hoepli. Prof. R. Canella. “O novo manual representa um ótimo compêndio da História da Arquitetura e da origem e formação lógica e cronológica dos estilos e de suas características. Ele vai dar uma preparação elementar e sintética ao que diz respeito ao estudo da arquitetura...”

Julho 1914 – Projeto de Palazzina Stern sobre o Canal Grande – Veneza. *Capella* Gianotti, Cemitério de Trespiano, Florença.

Agosto 1914 – Artigo: Camillo Boito (sua morte). *Ville dei Signori* (parecido com volumetria de Sidrim).

Setembro 1914 – Artigo: A proporção. Estudo para uma *Loggia*. Nova sede da filial do Banco Austro-Húngaro em Gorizia. A fachada do *Duomo* de Arezzo. Projeto do Teatro para o *Reggio* Calábria.

Outubro 1914 – Artigo: O Projeto Nava para a instituição da Escola Superior de Arquitetura.

Dezembro 1914.

Janeiro 1915. Fevereiro 1915. Março 1915. Abril 1915 – Artigo: A bússola e a estrela (uma referência a ciência e a arte). Autor: G. Lavini.

Mai 1915 – Artigo: A agitação em torno a nova Escola de Arquitetura.

Junho 1915 - Artigo: Arte e Ciência. Autor: G. Lavini.

Julho 1915 - Artigo: A educação do arquiteto moderno I.

Agosto 1915 – Artigo: A educação do arquiteto moderno II.

Setembro 1915 – Artigo: A Janela.

Outubro 1915 – Artigo: A Arte de “depois da guerra”. Concurso para o projeto do Instituto Técnico de Novara.

Novembro 1915 – Artigo com o título “*Il Bow-window*” o uso do concreto armado facilita o emprego deste elemento arquitetônico que tem sua origem no oriente. A mulher oriental, prisioneira em casa por força do regime religioso, encontra o seu passatempo no espetáculo da rua, o qual pode assistir sem ser vista através da malha do *moucharaby*.

Dezembro 1915 – Edifício Ferroviário, Concurso para nova sede da Câmara de Comércio e Indústria em Salerno.

Janeiro 1916 – Notícia de ações desenvolvidas para a proteção do

| | |
|-------------|--|
| | <p><i>Palazzo Ducale</i> e Basílica de S. Marco em Veneza. Moderna – Projetos com fachadas e plantas, 80 pranchas.</p> <p>Fevereiro 1916 – projetos de “<i>villinos</i>” todos com base representando pedra desaparelhada.</p> <p>Março 1916 – Artigo Pro “<i>disegno</i>” (O artigo faz a defesa, em favor do prévio conhecimento do desenho geométrico e ornamental para os alunos que pretendem cursar engenharia. A ideia surgiu em pronunciamento de diversas faculdades italianas...), Edital do concurso para o projeto de um palácio para Exposições de Belas Artes, Projeto do Banco de Hong Kong e Shanghai.</p> <p>Junho 1916 – Artigo sobre o papel da Porta no edifício. Projeto nova igreja paroquial <i>Salsomaggiore, Magazine Old England</i> – Roma.</p> <p>Julho 1916 – Artigo técnico sobre Estrada, Concurso para o Palácio de Exposição de Belas Artes em Genova, capela funerária.</p> |
| Observação: | <p>Janeiro 1912 – Na capa está escrito a lápis ESCOLAS e estão faltando páginas, no índice não consta projeto de escola.</p> <p>Fevereiro 1912 – O projeto <i>villino</i> da Senhora Bozzini – Luzzato em Gorizia apresenta uma volumetria semelhante ao do Palacete Guilherme Paiva, só que não possui porão.</p> <p>Agosto 1914 – A <i>Ville dei Signori</i> apresenta volumetria semelhante as empregadas por José Sidrim.</p> |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>L'ARCHITETTURA ITALIANA</i> |
| Autor: | Periódico Mensal de Construção e de Arquitetura Prática |
| Editora: | C. Crudo & C. – <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche. Via S. Francesco da Paola, 11. Torino.</i> |
| Ano: | 1920-1928 |
| Conteúdo: | <p>Janeiro 1920 - As vilas de casas populares da comuna de Milão – arch. Giovanni Broglio (casinhas isoladas ou geminadas semelhantes as proposta pelas Companhias de Habitação - COHAB – plantas, secções, fachadas).</p> <p>Fevereiro/Março/Abril/Maio 1920 – Artigo: A Planta, autor: G. Lavini.</p> <p>Junho 1920 – Artigo: Para o concurso (regulamentos).</p> <p>Julho/Agosto 1920 – O Palácio “Aclamação” residência dos Governadores e Palácio do Governo em São Salvador (estado da Bahia – Brasil) Engenheiro Filinto Santoro. Kursaal-Baiano (sala de espetáculos para cinema e números de arte com todos os requisitos de higiene e estética).</p> <p>Setembro 1920 – Cinema – Variedades para construir em Trieste (Projeto com linhas <i>art déco</i>).</p> <p>Novembro 1920 – Projeto de Café-Restaurante para Jardim Público (semelhante ao Núcleo de Arte da Praça da República). Projeto de Casas para empregados e operários (semelhante aos familistérios). Dezembro 1920.</p> <p>Janeiro/Fevereiro/Março/Abril 1926 – Artigo: As Escolas Superiores de Arquitetura</p> <p>Mai 1926 – Artigo: Arte Decorativa. O articulista Armando Melis comenta um novo livro de Le Corbusier depois de <i>Vers une</i></p> |

| | |
|-------------------------|---|
| | <p><i>Architecture</i> o livro <i>L'Art Décoratif d'Aujourd'hui</i>. Junho/Julho/Agosto 1926 – Artigo: Tipo de Casa Popular Ultra – econômica / Instituto para a Casa Popular de Milão / A propósito da Estandardização. Setembro/Outubro/Novembro 1926 – Artigo: A Escola Superior de Arquitetura Turim. Dezembro 1926. Janeiro 1927 – Projeto para a nova sede do Régio Instituto Industrial “Quitino Sella” e da anexa Escola Operária de Aviamento em Biella.(possui programa de necessidade). Fevereiro 1927 – Artigo: O Grupo “ 7” de Milão e a Arquitetura Nova, autor Pietro Betta (Sete jovens arquitetos: Ubaldo Castagnoli, Luigi Figini, Guido Frette, ...proclamaram nas páginas da <i>Rassegna Italiana</i> uma proposta de renovação da arquitetura fundados sobre a renovação espiritual daquele tempo: o <i>Espírito Novo</i> paira no ar “como uma forma de arte existe uma ressonância harmônica de simplicidade ...), Projeto de restauro para a fachada da Igreja de S. Francisco e Justina em Rovigo (Construída em 1400 em estilo românico-gótico. Um restauro radical executado no século XIX cobriu completamente a antiga expressão estética deixando no lugar uma decoração neoclássica.... O projeto que publicamos visa um restauro radical conciliando as necessidades construtivas e a disponibilidade financeira ...). Casinha econômica da Comuna de Salsomaggiore Março 1927. Junho 1928</p> |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>INNEN – DEKORATION</i> Alexander Koch |
| Autor: | |
| Editora: | <i>Darmstadt – Verlagsanstalt</i> Alexander Koch |
| Ano: | 1926 Meses: Maio /Março / Junho / Julho. |
| Conteúdo: | Decoração de interiores. Propaganda de adereços para decoração (tapetes, mobílias). Projetos: Fachada e Interiores – detalhes de decoração e mobílias. Projeto do arquiteto Harry Rosenthal de Berlim. Móveis com desenhos modernos, <i>art deco</i> . Professor Heinrich Straumer – Berlim, arquiteto Franz Kuhn – Wien. Projetos de Jardins. Tem vários projetos de Barry Parker executado em São Paulo “Parque Paulista”-residência de dois andares com corredor em cima e embaixo, quatro quartos sem banheiro dentro, casa de padrão alto. |
| Observação: | Em uma página tem escrito a lápis a tradução de um título: “Lista dos nomes dos autores artísticos” nome-cidade. Embaixo de toda página, cada qual em uma língua diferente, está escrita a seguinte frase: Vos pedimos de referir-se sempre a “ <i>Innen-Dekoration</i> ” (alemão, francês, inglês, italiano) |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Desenho Técnico: | |
| Título: | <i>COURS COMPLET DE DESSIN LINÉAIRE</i> |

| | |
|-------------------------------|---|
| | <i>Gradué et Progressif</i> |
| Autor: | Louis Delaistre |
| Editora: | <i>Gauthier – Villars, Imprimeur – Libraire, Paris.</i> |
| Ano: | 1885 |
| Conteúdo: | Apresentado em textos e pranchas. A geometria prática elementar e descritiva. Os traços e convenções das cartas geográficas. Noções de arquitetura, de desenho industrial; a perspectiva linear e aérea. |
| Observação: | Contém assinatura de Julio Braga Eng ° Civil - 1887. Carimbo COMPANHIA FERROCARRIL VILLA DA PORANGABA. Na secção de Planches tem a assinatura de Raymundo Guilherme. Tinham dois selos de 1922 de comemoração do centenário da Independência. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | ELEMENTAR – ZEICHENSCHULE Desenho Técnico |
| Autor: | Josef Grandauer |
| Editora: | <i>Wien: K.K. Schulbücher, Verlag.</i> |
| Ano: | |
| Conteúdo: | Publicação voltada para escolas de desenho, visando à formação técnica e artísticas de artesãos e construtores profissionais. Apresenta várias composições de desenhos formados por linhas que se cruzam resultando em motivos que podem inspirar desenhos para piso em parquet e tacos de madeira. |
| Observação: | Algumas composições se assemelham a pisos do Palacete Passarinho, projeto de José Sidrim. |
| Acervo: | Flávio Nassar. |
| Título: | <i>MOTIVI ORNAMENTALI MODERNI – Inscritti in Forme Geometriche.</i> |
| Autor: | A. Brunetta |
| Editora: | <i>C. Crudo & C. – Torino. Società Italiana di Edizioni Artistiche.</i> |
| Ano: | |
| Conteúdo: | Para uso em Escola de Desenho, Escola de Arte Aplicada, Arquitetos, Pintores, Ceramistas, Desenhistas. Contém 24 pranchas com motivos ornamentais modernos. |
| Observação: | Dedicatória de José Sidrim para a neta Renée Sidrim Nassar: “Para o gênio artístico da Renée esta lembrança do vovô. 22 – 3 – 66.” |
| Acervo: | Flávio Nassar. |
| Arquitetura Religiosa: | |
| Título: | A ARCHITECTURA RELIGIOSA NA EDADE – MÉDIA. Ensaio de História da Arte. |
| Autor: | Augusto Fuschini |
| Editora: | Lisboa: Imprensa Nacional. |
| Ano: | 1904 |
| Conteúdo: | Cap. 1- Origem da Architectura Christã. A luta entre o Paganismo e o Cristianismo. Cap.2 – Os 3 primeiros séculos do cristianismo. Cap. 3 – As invasões dos bárbaros. Segunda Parte – Os estilos cristãos |

| | |
|--------------------------|---|
| | primitivos. Século V ao Século X. Cap. 1 – Espírito e caracteres do estilo latino. Cap. 2 - Espírito e caracteres do estilo bizantino. Cap. 3 – Ação recíproca dos 2 estilos cristãos primitivos. Terceira parte – Os estilos cristãos definitivos séculos XI ao XV. Cap. 1 – Síntese social dos sécs. XI e XII. Cap. 2 – Espírito e Caracteres do estilo românico. Cap. 3 – A Sé Patriarcal de Lisboa e a sua Restauração. Cap. 4 – Síntese social do século XIII. Cap. 5 – Espírito e Caracteres do estilo ogival. Cap. 6 – O espírito ogival entre nós. Quarta parte – O Mosteiro de Santa Maria da Victoria na Batalha. Cap. 1 – Origens e construção do Mosteiro. Cap. 2 – O estilo arquitetónico do Mosteiro. |
| Observação: | Tem assinatura, local e data: José Sidrim – Belém 8 de maio de 1915. |
| Acervo: | Ana Léa Nassar Matos |
| Título: | <i>CREATIONS IN ECCLESIASTICAL ART Special Altar Edition</i> |
| Autor: | |
| Editora: | <i>Copyright - DAPRATO STATUARY COMPANY Studios: Chicago ill., and Pietrasanta, Itália.</i> |
| Ano: | 1916. |
| Conteúdo: | Altars Principais e Secundários, Púlpitos, Mesas de Comunhão com portão |
| Observação: | Alguns altares são semelhantes ao da Igreja da Trindade e mesa de Comunhão semelhante ao antigo da Basílica de Nazaré. Carimbo do Consulado Americano, Maio, 23, 1921- preço \$5,00. Tem assinatura JSidrim. |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | <i>PICCOLE CHIESE</i> |
| Autor: | Arch. Gaetano Vinaccia |
| Editora: | C. Crudo & C. – Torino. <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche.</i> |
| Ano: | 1923. |
| Conteúdo: | 50 pranchas de Projetos de “pequenas” igrejas que participaram da Exposição de Arte Sacra de Veneza (1921), Milão (1922) e a 1 Bienal Romana (1921). Títulos: A igreja, A basílica, Evolução da Igreja (A basílica, A igreja bizantina, A abadia), Denominação das igrejas – privilégio das Basílicas, A capela – etimologia / características. Como surge uma Igreja (cerimônia da primeira pedra e da consagração), A abside, A cripta, O altar, O coro, O púlpito, O transepto, o átrio, o sino, o campanário, a pia de água benta. Os símbolos iconográficos de S. João, S. Lucas, S. Marcos e S. Matheus. |
| Observação: | |
| Acervo: | Flávio Nassar |
| Artes: periódicos | |
| Título: | <i>PER L'ARTE</i> |
| Autor: | Revista Mensal |
| Editora: | <i>Società Italiana di Edizioni Artistiche – C. Crudo & C. – Torino.</i> |
| Ano: | Anno I. |

| | |
|-------------|--|
| Conteúdo: | Arte Decorativa Moderna. Modelos de motivos decorativos, painéis pintados para forro, paredes em vários estilos (setecentos, flammingo, quatrocento modernizado, Luís XV, Tiepolesco, Renascimento, século XV) ambientes internos decorados alguns com traços do <i>Art Nouveau</i> outros do <i>Art Decò</i> . Trabalho de alunos com premiação. |
| Observação: | |
| Acervo: | Flávio Nassar |
| Título: | <i>LES ARTS</i> |
| Autor: | Revista Mensal dos Museus Coleções Exposições |
| Editora: | <i>Goupil & Cie: Editeurs, Imprimeurs. Manzi, Joyant & Cie: Éditeurs, Imprimeurs</i> |
| Ano: | 1912, outubro, nº130. |
| Conteúdo: | Retrato de <i>Lady Eyre / G. ROMNEY, Maisons-Lafitte</i> , O Louvre invisível. Jean Baptiste Carpeaux – Exposição Retrospectiva. |
| Observação: | |
| Acervo: | Biblioteca José Sidrim |
| Título: | A DECORAÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL – Tomo I |
| Autor: | Francisco Liberato Telles de Castro da Silva conductor de 1º classe do quadro auxiliar do corpo d'engenharia civil. |
| Editora: | Lisboa – Topographia do Commercio, |
| Ano: | 1898. |
| Conteúdo: | Contém rápidas notas dos principais pintores como Leonardo da Vinci. Enumera as diversas escolas de pintura. Faz uma listagem de pintores portugueses dando atributos aos bons e aos nem tanto. |
| Observação: | Dedicatória “Ao arqui. e eng. J. Sidrim. Palma Muniz. 1926.” |
| Acervo: | Flávio Nassar |

CAPÍTULO 3



José Sidrim: Desenhos para morar, rezar e trabalhar.

- 3.1. O caso do Grande Hotel
- 3.2. Desenhos para rezar
- 3.3. Desenhos para morar
- 3.4. Desenhos para trabalhar

AS CASAS NOS HABITAM

Emanuel Matos

Por ser a casa útero
Sair é exílio involuntário
Daí ter-se que morar
Em todos os lugares
Seja ele de rezar ou de trabalho.
E se não cabe o sonho no concreto
Das pedras e cimento amalgamados
Pule, então, para a mesa o desenho
E se tenha por artifícios do esquadro
O paradoxo de pela casa ser habitado
Senão resolvido, explicado.

CAPÍTULO 3

José Sidrim: Desenhos para morar, rezar e trabalhar.

Era uma pessoa muito retraída, não gostava de conversar, a não ser sobre a arte dele. Ele era muito extenso, conhecia muito, mas sobre esta conversa diária ele preferia estar só, no gabinete dele.³²⁷

Após deixar a Intendência Municipal, José Sidrim permaneceu como professor de Desenho do Instituto Lauro Sodré³²⁸ e passou a atuar com mais intensidade como profissional liberal, no campo da construção civil, como engenheiro arquiteto. O seu gabinete ficava na própria casa e contava com a ajuda da esposa para manter a organização do espaço. Ela cuidava para que ele tivesse a tranquilidade necessária para o desenvolvimento de seus projetos.

No canteiro de obra contava com operários qualificados para cada função, com os quais já estava acostumado a lidar. Rosita Sidrim lembrava os nomes de alguns deles:

Eram vários, tinha aquele especialista só em escada, este eu me lembro muito, Manoel do Carmo. Tinha o seu Raimundo, era especialista em janelas e forros, que também trabalhou na casa do Jayme. Ele tinha seus operários especializados.³²⁹

José Sidrim fazia questão de pessoalmente selecioná-los, quando o procuravam em busca de serviço. Escolhia os melhores e os aperfeiçoava para o seu jeito de trabalhar. Em certos estágios das construções chegava praticamente a se mudar para o canteiro de obra, numa dedicação total. Era comum estar envolvido simultaneamente com várias obras, lembrava Rosita Sidrim.

Sua clientela pertencia à elite da sociedade belenense da época.

3.1. O caso do Grande Hotel

O primeiro registro de suas habilidades arquitetônicas foi encontrado em uma notícia d' *A Província do Pará* em 1911, ano em que ainda figurava como desenhista da Secção de Obras, da Intendência Municipal. Dela, deduz-se que havia

³²⁷ SIDRIM, Rosita Duarte. *José Sidrim*. Belém, set, 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

³²⁸ O último registro de José Sidrim integrando o corpo docente do Instituto Lauro Sodré, Escola Profissional do Estado, como professor adjunto de Desenho foi encontrado no Almanak Laemmert, edição de 1931. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/> >. Acesso em: 12 out. 2016.

³²⁹ SIDRIM, Rosita Duarte. *José Sidrim*. Belém, set, 1986. Entrevista concedida à Ana Léa Nassar Matos.

participado de uma concorrência pública e saído vencedor com a melhor proposta para a construção de um hotel. O texto foi acompanhado da fotografia do projeto e da legenda esclarecendo que se tratava do “Plano do Grande Hotel a ser construído em Belém – Projecto do desenhista e agrimensor José Sidrim” (Figura 56). A seguir a íntegra da publicação:

Illustramos a nossa edição de hoje com um novo e magnífico trabalho do hábil desenhista que é o sr. José Sidrim. Reproduz elle o plano traçado para o importante estabelecimento em projecto *Grande Hotel*, a ser construído no terreno onde funcçionam actualmente o Alhambra e o Polytheama, á praça República, de propriedade dos srs. Teixeira Martins & C.^a e arrendado pelos srs. Figueira & C.^a.

Serão alli montados um bello theatro, cinematographo, restaurante, bar e hotel, dispondo este de luxuosos commodos para hospedagem.

O plano de José Sidrim foi o preferido pelos constructores do Grande Hotel, havendo concorrido também um profissional estrangeiro, cujo o modelo, apesar de vasto e elegante, não correspondeu, como o do nosso talentoso patricio, ás exigências dos srs. Figueira & C.^a.³³⁰

A notícia chama atenção de que se tratava de “um novo e magnifico trabalho” de José Sidrim. No Capítulo 2, fez-se a referência de que nos anos 1907 e 1908 ele elaborou o projeto para o “Hippódromo Municipal de Belém”³³¹, dando sinais de que desde ali já se encontrava na prática do ofício de arquiteto. A nota, integrante da coluna “As Nossas Gravuras”, descreve em linhas gerais o projeto, fala dos proprietários, da localização privilegiada do empreendimento e finaliza falando do autor do plano, “preferido pelos constructores”, do “nosso talentoso patricio” que desbancou o outro concorrente, “um profissional estrangeiro”.

Quem seria o citado profissional estrangeiro? Seria o português Salvador Mesquita ou o arquiteto da sua firma, Dionísio de Castro Sá Menezes, formado pela Escola do Porto³³²? A notícia não deixou margens de dúvida, de que se tratava do famoso Grande Hotel, que marcou época a partir da segunda década do século XX, no cenário da vida cultural e social de Belém.

³³⁰ AS NOSSAS gravuras. *A Província do Pará*, Belém, p. 1, 21 set. 1911.

³³¹ Ver Capítulo 2, p. 131-134.

³³² NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. Belém: ABIH-PA, 2016. p. 32.

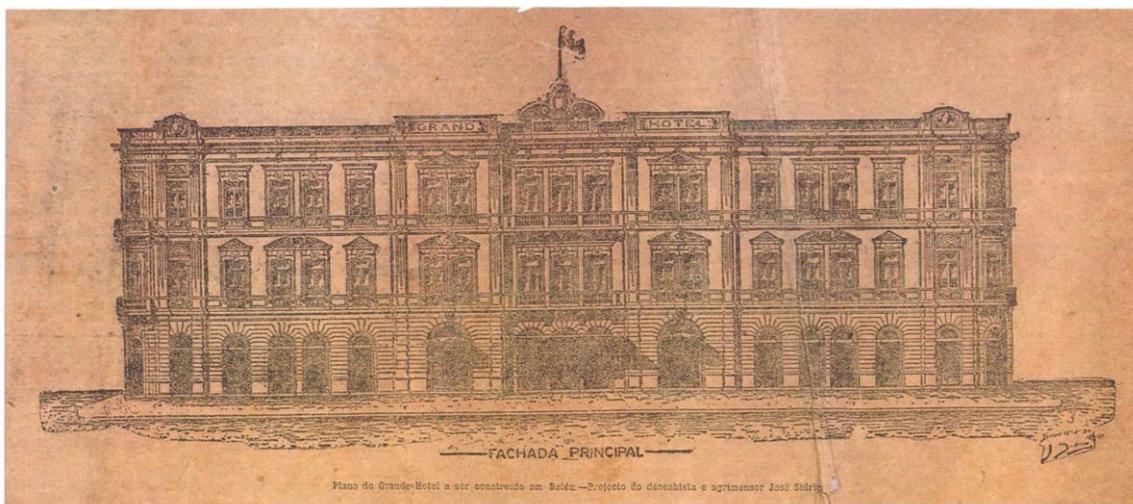


Figura 56: Grande Hotel, desenho da fachada, autoria José Sidrim.
Fonte: AS NOSSAS GRAVURAS, *Província do Pará*, 21 set. 1911. p.1.

O Grande Hotel foi um empreendimento das empresas Teixeira Martins & C.^a e Figueira & C.³³³, que, já sendo responsáveis pela instalação de centros de diversões na cidade de Belém, como os três melhores cinematógrafos – o *Olympia*, o *Odeon* e o *Rio Branco*, resolveram ampliar ainda mais seus investimentos, com a construção de “um hotel luxuoso e moderno, digno dos progressos e da riqueza da cidade”, o qual os proprietários pretendiam transformar em “ponto alto” da sociedade paraense.³³⁴

O acontecimento também repercutiu no estado do Amazonas, onde o *Jornal do Commercio* se manifestou sobre o assunto:

A firma Figueira & Companhia vae fazer construir um hotel à praça da Republica no terreno onde funcçionam actualmente os theatros Alhambra e Polytheama. Essa confortável casa de hospedagem que se denominará Grande Hotel, será dotada de um bello theatro cinematographo, restaurante, bar e outras diversões. O plano é do desenhista José Sidrim.³³⁵

Algo ocorreu entre o período em que essas publicações foram feitas e os acertos finais que definiram a construção do Grande Hotel. Em julho de 1913, o

³³³ As empresas Teixeira Martins & Cia. e Figueira & Cia. encontram-se posicionadas na publicação *Impressões do Brazil no Seculo Vinte*, entre as firmas comerciais a que se deve “a opulenta e progressista capital paraense”, no aspecto dos “melhoramentos materiais da cidade e instalação de centros de diversões”. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

³³⁴ A publicação *Impressões do Brazil no Seculo Vinte* possui informações sobre as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial, editada em 1913, impressa na Inglaterra por *Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd.*, com 1.080 páginas, mantida no Arquivo Histórico de Cubatão/SP. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

³³⁵ *Jornal do Commercio*, Manáos, 2 out. 1911. p.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

empreendimento em questão entrou em funcionamento, e o edifício que foi construído, pela firma Salvador Mesquita & C^a³³⁶, não correspondia ao projeto que fora divulgado como sendo de José Sidrim³³⁷. (Figura 57)

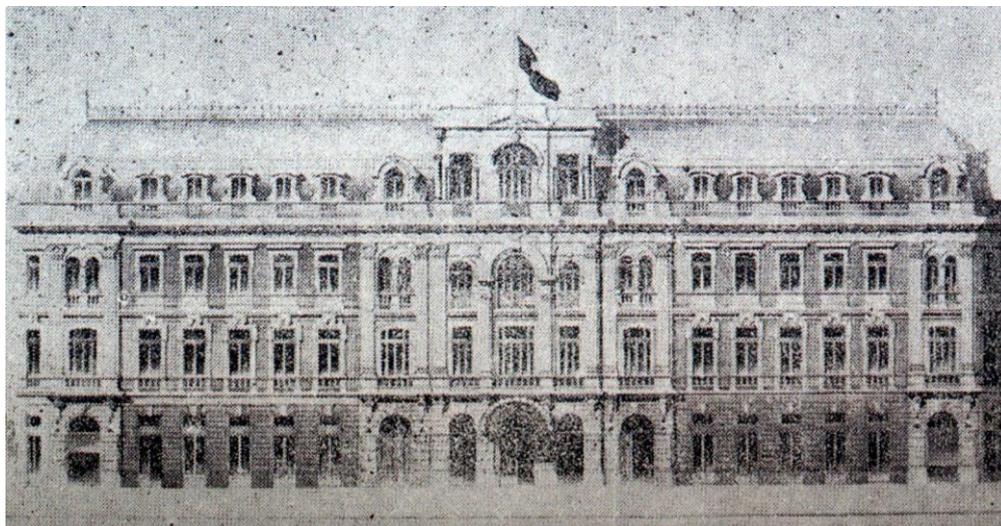


Figura 57: Grande Hotel, elevação principal, execução Salvador Mesquita & C^a.

Fonte: NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. p. 34.

Provavelmente, as cláusulas do concurso referido anteriormente deveriam esclarecer que o projeto vencedor seria remunerado e os direitos autorais passariam para as empresas patrocinadoras, Teixeira Martins & C.^a e Figueira & C.^a, que teriam plenos poderes em sua utilização e/ou alterações que julgassem necessárias.

Era impossível o desenvolvimento, em tão curto espaço de tempo, de outro projeto multifuncional daquele porte, abrigando além de hotel, outras atividades como teatro, cinema, restaurante, bar. A não ser que os patrocinadores tenham optado pela proposta “do estrangeiro” que já estaria pronta. Ou ainda, tenham utilizado o plano de José Sidrim como base e, em cima dele, feito alterações para melhor atender as pretensões do empreendimento, como por exemplo, o aumento das unidades habitacionais, buscando disfarçar as linhas do projeto original. Semelhanças

³³⁶ A construtora Salvador Mesquita & Cia prestava também serviços de carpintaria, marcenaria a vapor, funilaria, serralharia, encanações, e no ramo de ferragens. Suas instalações ficavam na travessa São Francisco nº 8 a 14. Suas construções de maior destaque, além do Grande Hotel, foram o cinema Olímpia, o Banco do Pará e o Paris n’América. Ver SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2010.

³³⁷ O Grande Hotel teve a primeira etapa da construção entregue no início de 1913, com disponibilidade de 50 quartos, e a conclusão final prevista para março de 1914, com capacidade de 100 quartos. Para maiores informações sobre o assunto consultar: NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. Belém: ABIH-PA, 2016.

significativas podem ser identificadas analisando estruturalmente as duas elevações principais: o mesmo partido geral chanfrado nas esquinas, ocupando as divisas do lote, e a continuidade das linhas de composição das elevações. (Figura 58)

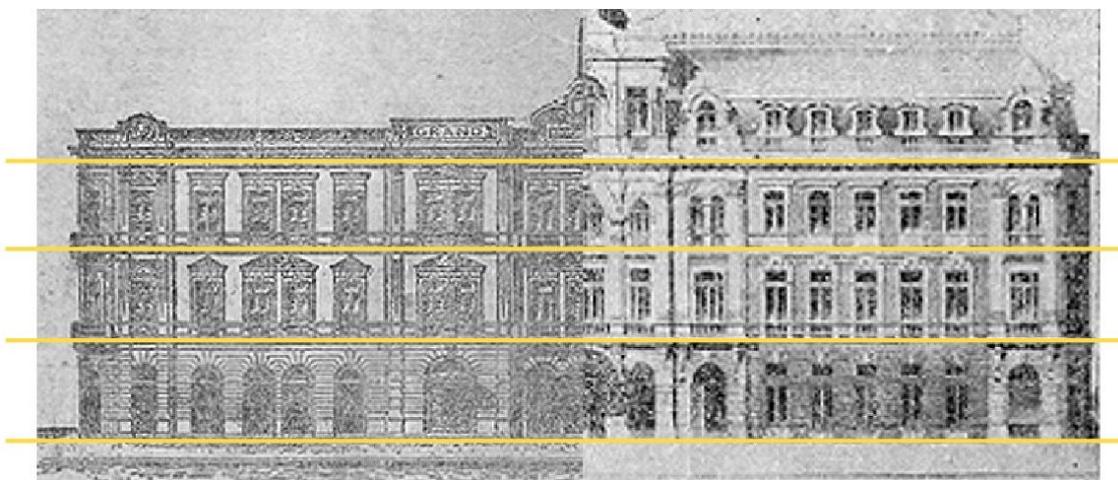


Figura 58: Montagem de duas fachadas: de José Sidrim e a de Salvador Mesquita.

Fonte: *A Província do Pará*, 21 set. 1911 e NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. p. 34.
Execução da montagem: Mateus Nunes.

Na Figura 58, observa-se do lado esquerdo, a fachada de José Sidrim para o Grande Hotel, do lado direito, a fachada edificada pela Salvador Mesquita & C^a, e as linhas horizontais demarcando as continuidades das duas elevações.

As semelhanças ficam mais evidentes ao se abstrair a cobertura com mansardas, que afrancesou o edifício construído. Nas duas fachadas foi usado o recurso de painéis salientes, para quebrar a monotonia da sequência das aberturas dos vãos. Na proposta de Sidrim os painéis centrais são mais largos, e, nas duas propostas, os laterais apresentam a mesma dimensão. (Figura 59)

São coincidências que reforçam a hipótese de que foi tomado como referência o plano de José Sidrim e, sobre ele, feitos ajustes, como a inclusão de mais uma abertura em cada lado de cada pavimento, justificando a redução das dimensões entre os vãos de janelas e portas, no edifício construído por Salvador Mesquita. Na base de cada elevação foi feita uma linha desenhando a silhueta frontal da planta baixa de cada uma delas, demarcando as esquinas chanfradas, os painéis salientes e os corpos centrais, para compreensão dos aspectos descritos.

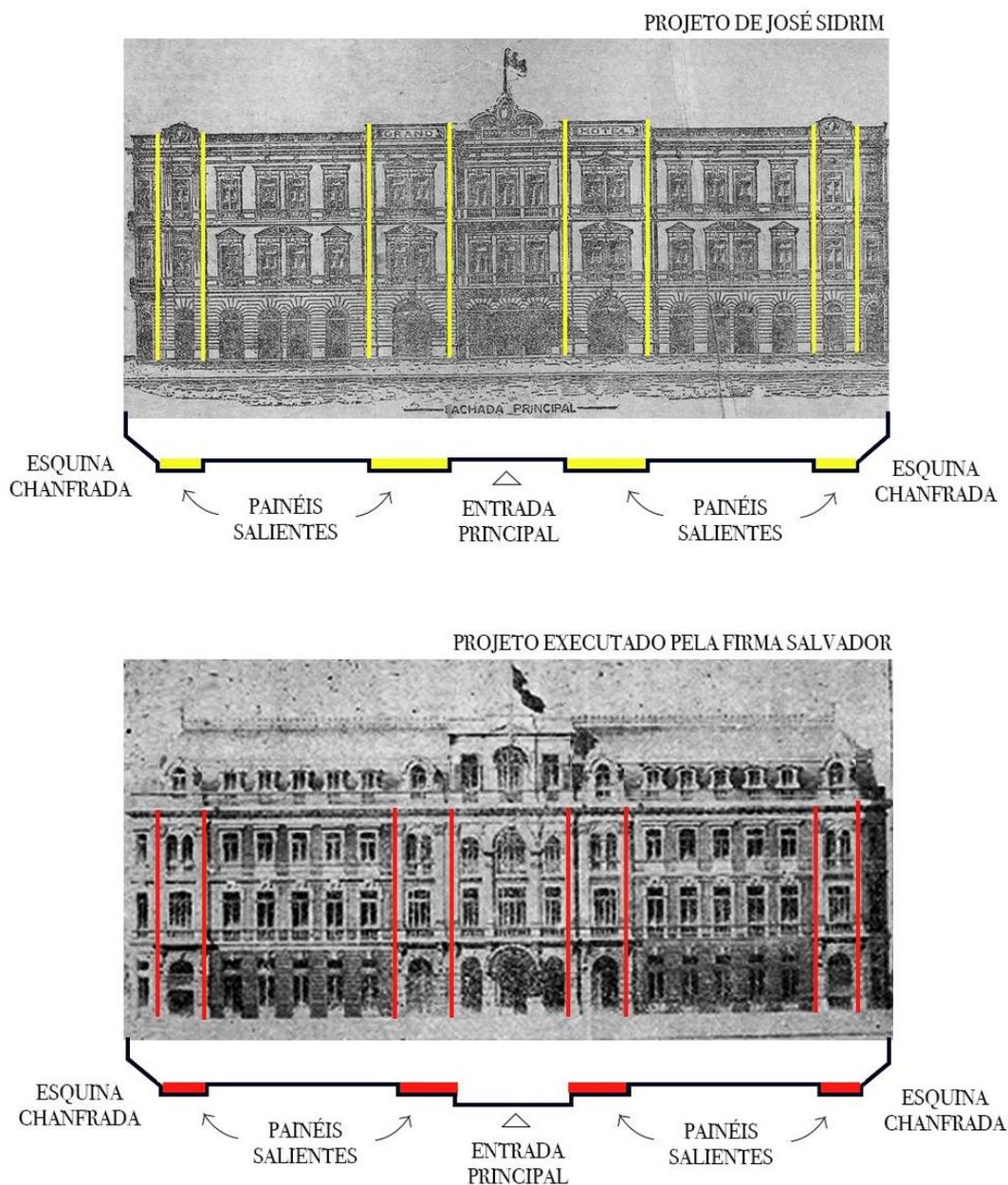


Figura 59: Comparação detalhes das fachadas: de José Sidrim e de Salvador Mesquita.
 Fonte: *Jornal A Província do Pará*, 21 set. 1911, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. p. 34. Execução da montagem: Mateus Nunes

Em cima a fachada de José Sidrim, e abaixo a fachada edificada, nesta ordem estão representadas na Figura 59. As marcações verticais demarcam os painéis que se salientam nas elevações. Na base de cada elevação um esquema demonstra as silhuetas frontais das plantas baixas, no qual se visualizam também as esquinas chanfradas.

A proposta de José Sidrim segue o rigor dos cânones da Arquitetura clássica, assemelhando-se aos palácios renascentistas italianos em seus ornamentos e

proporções. A influência de Andrea Palladio (1508-1580)³³⁸ pode ser identificada no desenho das aberturas do primeiro e segundo pavimentos e no pórtico de entrada, que segue o modelo da arcada serliana³³⁹ rusticada, com três arcos, característica das casas *palladianas* (Figura 60). Esta solução era utilizada para destacar o centro da fachada do térreo,³⁴⁰ imprimindo *status* ao local da entrada principal, recurso empregado no Ecletismo, nos projetos em que a linguagem clássica era predominante.

O tratamento dado por José Sidrim aos vãos da fachada é idêntico ao utilizado pelo arquiteto inglês Inigo Jones (1573 -1652) no edifício *Casa de Banquetes* (1622)³⁴¹, no qual utilizou no primeiro pavimento as chamadas janelas com frontispícios e no segundo o vão coroado por segmento de cornija retilíneo. O referido edifício é considerado por dicionários de Arquitetura como um exemplar da “arquitetura italiana renascentista”.³⁴² (Figura 61)

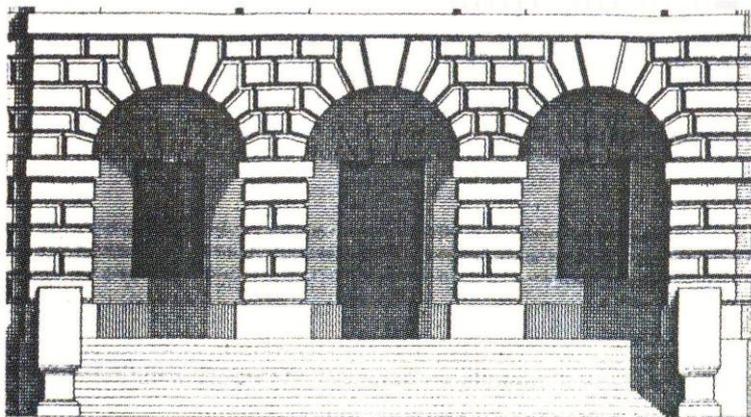


Figura 60: Arcada rusticada, limitada em três arcos, característica das casas *palladianas*, revestiam de importância a entrada do edifício.

Fonte: *La Gramática de la Arquitectura*. Espanha: Emily Cole Editora general, 2004. p. 272 e 275.

³³⁸ Andrea Palladio (1508-1580), nasceu em Pádua (Itália) e morreu em Vicenza (Itália). É considerado um dos maiores arquitetos do século XVI. Executou projetos de palácios e *villas* residenciais que se tornaram referências da Arquitetura renascentista italiana. Sua obra mais famosa foi a *Villa Rotonda* (1550-1551). Escreveu o tratado *I quattro libri dell'architettura* (Os quatro livros de Arquitetura), em 1570, que o transformou em uma das figuras mais influentes da arquitetura ocidental. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Andrea-Palladio>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

³³⁹ Sebastiano Serlio (1475- 1554), arquiteto, pintor e teórico italiano, autor do tratado "*I sette libri dell'architettura*", entre outros méritos ajudou a consolidar as Ordens Arquitetônicas, exercendo grande influência em toda a Europa, particularmente na França, Holanda e Inglaterra. Considerado o primeiro manual de arquitetura a tratar com maior ênfase os aspectos práticos em detrimento dos teóricos, e apresentar ilustrações, no caso com os desenhos de Peruzzi, Bramante e os próprios. Seu tratado era considerado um manual prático do estilo greco-romano clássico. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Sebastiano-Serlio>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

³⁴⁰ *La Gramática de la Arquitectura*. Espanha: Emily Cole Editora general, 2004.

³⁴¹ Edifício “Casa de Banquetes” (1622), do arquiteto inglês Inigo Jones, construção que servia o Palácio de *Whitehall*, residência principal dos Reis da Inglaterra, em Londres, entre 1530 e 1698.

³⁴² *La Gramática de la Arquitectura*. Espanha: Emily Cole Editora general, 2004. p. 254.

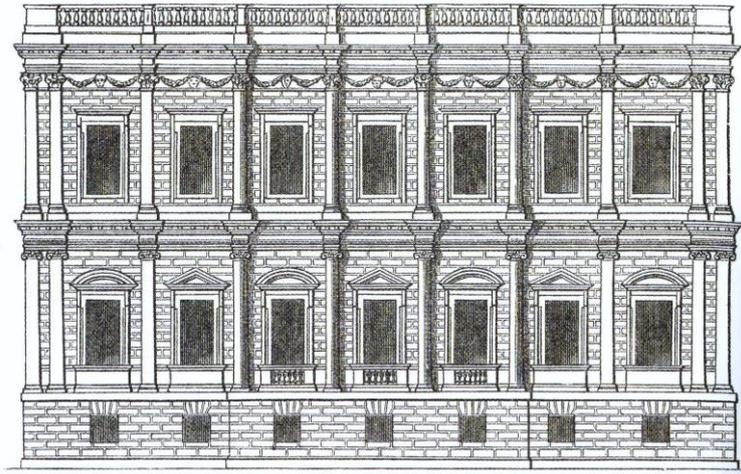


Figura 61: Recursos do *palladianismo* usados por José Sidrim no *Grande Hotel*: os detalhes das molduras das janelas.

Fonte: *La Gramática de la Arquitectura*. Espanha: Emily Cole Editora general, 2004. p. 272 e 275.

Entre as obras de Andrea Palladio, encontra-se o *Palazzo Schio*, construção de 1560, localizada em Vicenza, Itália, que apresenta na fachada, soluções que José Sidrim adaptou para compor o desenho do Grande Hotel, manifestando as influências italianas de sua formação profissional. (Figura 62)

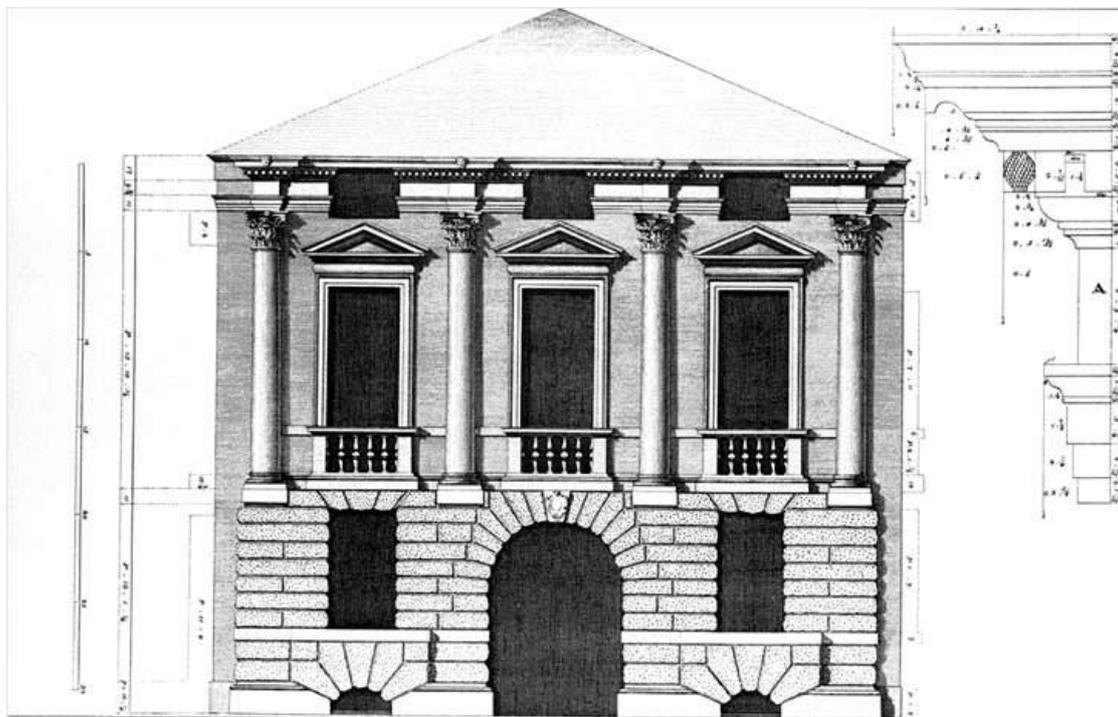


Figura 62: Desenho do *Palazzo Schio* (1560) por Andrea Palladio, construído em Vicenza, Itália.

Fonte: Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

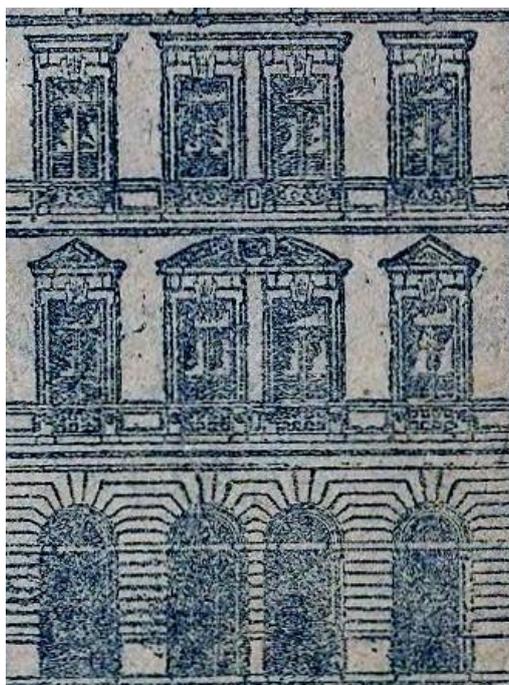


Figura 63: *Grande Hotel*, segmento da fachada do desenho de José Sidrim.

Fonte: Recorte feito por Ana Léa Matos da fotografia d' *A Província do Pará*, 21 set. 1911.

O segmento da fachada, exibido na Figura 63, desenho de José Sidrim para o Grande Hotel, apresenta nítida influência da Arquitetura italiana renascentista de Andrea Palladio. Solução semelhante à de Inigo Jones apresentada na Figura 61.

No período compreendido entre o concurso (setembro/1911) até a inauguração (julho/1913) do Grande Hotel, a cidade de Belém vivia um clima de grandes tensões em função do declínio político do intendente Antonio Lemos, que perdia o Poder para o seu principal rival, Lauro Sodré, político paraense com prestígio nacional³⁴³.

O desenlace desse episódio foi narrado em outro Capítulo³⁴⁴, e foi resgatado nesse momento da narrativa com a finalidade de encontrar alguma justificativa ao fato de ter sido desconsiderado o plano de José Sidrim para o Grande Hotel. Esta é uma possibilidade.

José Sidrim estava no restrito grupo que acompanhou Antonio Lemos até o cais do Porto, que ouviu todo tipo de insulto e impropérios, no momento em que o político foi expulso da cidade. No Capítulo anterior ficou evidenciado quanto a trajetória profissional do desenhista, engenheiro e arquiteto foi impulsionada pelo

³⁴³ Maior aprofundamento desse episódio consultar: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos*. Belém: Paka-tatu, 2002.

³⁴⁴ Capítulo 1, 1.2.3. O impacto da queda de Antonio Lemos, p. 59.

Intendente, com manifestações no Relatório Municipal de reconhecimento e incentivo ao seu talento e competência, portanto o vínculo profissional e fraternal existente entre eles era público. Os amigos e compadres Joaquim Lalôr e João Palma Muniz foram alvos dos insufladores do ódio na cidade, que buscavam estabelecer lados na crise política, quem estava com quem. Era evidente qual o lado de José Sidrim.

A implantação de um empreendimento do porte do Grande Hotel não deveria demonstrar nenhum vínculo com o Intendente destituído, a lembrar do seu espírito empreendedor. Existia um movimento articulado por seus opositores, visando a exterminação de sua presença na memória coletiva da sociedade, perceptível no conteúdo dos panfletos espalhados pela cidade:

O povo paraense

Considerando que Antonio José de Lemos cometeu (...)

Resolve:

1º - Declarar infame a Antonio José de Lemos, e nefando o seu nome;

2º - Que esse nome seja apagado e expungido de todas as povoações, praças, ruas e monumentos públicos deste município e de todo o Estado, para que dele não fique memória;

3º - Que esse nome seja substituído pelo de O RÉPROBO, quando por desgraça, tenha de ser pronunciado ou escrito, nas relações sociais.

Belém, Pará, 21 de junho de 1911

O Povo Paraense³⁴⁵

O contexto não estava propício aos correligionários e amigos se sobressaírem em suas atividades, não podendo passar despercebido que o primeiro jornal a divulgar a construção do Grande Hotel foi *A Província do Pará*, de propriedade de Antonio Lemos. Pode ser que todo esse imbróglgio tenha sido a razão de José Sidrim não falar sobre o assunto. Seus familiares quando entrevistados nunca relacionaram esta entre suas obras. Se não fosse o recorte do jornal, amarelecido entre seus guardados, permaneceria desconhecido um importante episódio de sua trajetória profissional.

³⁴⁵ Instituto Histórico Geográfico do Pará, Arquivo “Palma Muniz”. Coleção Palma Muniz. Boletins impressos. In SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos*. Belém: Paka-tatu, 2002. p.76.

3.2. Desenhos para rezar

De grande representatividade são os projetos de templos religiosos na carreira do engenheiro arquiteto José Sidrim. Esteve muito ligado à Ordem dos Franciscanos em Belém, sendo responsável pelo projeto de uma capela em honra de Santa Clara e um Santuário para São Francisco, reformou a igreja da Trindade, projetou igrejas no interior do Pará (uma em Baião e outra em Cachoeira do Arari)³⁴⁶, existindo ainda a possibilidade de ter sido o arquiteto que projetou o primeiro templo protestante de Belém, a Assembleia de Deus³⁴⁷.

No final de 1912, no jornal *Estado do Pará*³⁴⁸, entre as comunicações feitas pelo Definitório dos Irmãos Terceiros³⁴⁹, estava a autorização da construção de uma nova capela para o cemitério da Ordem Terceira, e a feitura do projeto estava “sendo trabalhada pelo desenhista José Sidrim”.

Identificou-se entre os integrantes do Definitório o irmão Pinto Villar, a mesma pessoa que havia contratado o projeto arquitetônico do “Hippódromo Municipal de Belém” com José Sidrim, episódio narrado no Capítulo 2,³⁵⁰ constatando-se que os vínculos profissionais criados, provavelmente com a mediação de Antonio Lemos, ainda permaneciam.

No ano seguinte, em 27 de março de 1913, o mesmo jornal comunica:

Uma comissão da Venerável Ordem Terceira de São Francisco esteve hontem, no palácio archiepiscopal, a fim de convidar o sr. arcebispo para, no domingo próximo, lançar a benção á primeira pedra que tem de servir de base á capella a ser edificada no cemitério da mesma. Será uma capella de construção moderna, em forma gothica, cujo desenho foi organizado pelo sr. José Sidrim.

³⁴⁶ Baião e Cachoeira do Arari, atualmente, são municípios do Pará localizados no Baixo Tocantins e no Arquipélago do Marajó, respectivamente.

³⁴⁷ Localizado na Travessa 14 de Março esquina da avenida Governador José Malcher, já demolido.

³⁴⁸ O jornal *Estado do Pará* possuía entre seus diretores o ex-lemista Virgílio Mendonça.

³⁴⁹ Glossário Franciscano: Definitório - Conjunto dos Definidores e Provincial que nomeavam os Comissários, Guardiães, Presidentes, Porteiros, Pregadores, Confessores, Leitores, Mestre, e todos os lugares da Província. Definidores – Conselheiros do Provincial que, com o Ministro Provincial governavam colegialmente a Província. In: AMORIM, Maria Adelina. *Os Franciscanos no Maranhão e Grão Pará: missão e cultura na primeira metade de seiscentos*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa Palma de Cima, 2005.

³⁵⁰ Capítulo 2 – José Sidrim: Desenhista, Engenheiro e Arquiteto. 2.1. O Desenhista da Intendência Municipal e a experiência com os ingleses. p. 131-134.

Passados dois anos e três meses, em 1915, a obra foi inaugurada, desta feita com grande notícia de primeira e segunda página do *Estado do Pará*. O acontecimento contou com a presença do Arcebispo do Pará, Dom Santino Coutinho, com integrantes do Definitório da Venerável Ordem Terceira, de famílias, da Imprensa e muitas autoridades. Entre as quais destacamos aquelas com quem José Sidrim estabeleceu algum tipo de relacionamento ao longo de sua vida, como Alvaro Adolfo da Silveira, Domingos Acatauassú Nunes, Guilherme Paiva, Rita Nunes Bezerra e Francisco Bolonha.

A capela foi dedicada à “Bem-aventurada Santa Clara” e suas características foram detalhadamente descritas:

A capella foi construida toda de alvenaria, sob planta do hábil architecto sr. José Sidrin e está dividida em três partes: capella, onde se acha erguido o altar, todo de marmore, e a peça para colocação dos corpos; sachristia e secretaria, com rico e luxuoso mobiliário. Da parte principal do cemiterio á da capella foi construida uma avenida, toda de mosaicos, erguendo-se no centro artistico cruzeiro de 3,m5 de altura, sobre um pequeno monte tosco. O cemiterio foi completamente reedificado, recebendo caiação e pintura geraes. Ao fundo da capella há 77 carreiras para deposito de ossadas, feito de accôrdo com o plano do sr. Sidrin, pelo empreiteiro sr. Antônio Pita.³⁵¹

A inauguração foi em um domingo, às oito horas da manhã. A cerimônia iniciou com a bênção da imagem de Santa Clara e do novo edifício, feitas pelo arcebispo, que na ocasião dirigiu algumas palavras aos presentes, “... enaltecendo o fim altruístico e nobre da Ordem e congratulando-se com o Definitório por haver levado a efeito uma obra que, de há muito se tornava necessário”. Em seguida, foi celebrada a primeira Missa, pelo cônego Irineu Rebouças, e abençoado o Cruzeiro em frente ao templo.

Santa Clara (1193 – 1253) a quem foi dedicada a capela, nasceu em Assis, Itália, no seio de uma família de nobres. Conheceu São Francisco (1186-1226) enquanto este fazia uma pregação, decidindo-se a segui-lo na mesma vocação, transformando-se em sua discípula. Em 1212, cumpriu todas as exigências impostas por seu mentor para seguir a vida religiosa, cortou os cabelos e vendeu tudo que era seu, inclusive o dote do casamento, distribuindo entre os pobres. Em seguida foi encaminhada para o Mosteiro das Beneditinas. Mais tarde, ainda orientada por São

³⁵¹ *Estado do Pará*, Belém, ano 5, n. 1834, 4 out. 1915. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2015/10/25/capela-do-cemiterio-da-ordem-3a-de-sao-francisco-por-jose-sidrim/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

Francisco, fundou a Ordem das Clarissas, seguindo o modelo da Ordem Franciscana, com a espiritualidade voltada para pobreza, a oração e a ajuda aos pobres. Tinha uma saúde frágil, no entanto nunca abandonou seu Mosteiro. A ela foi atribuído um milagre no período em que Assis foi invadida pelo exército sarraceno de Frederico II (1194-1250), monarca do Império Romano–Germânico e opositor dos reinos cristãos. Quando tentaram entrar em seu Convento para saqueá-lo, Santa Clara teria mostrado o Ostensório com o Santíssimo Sacramento aos invasores, dizendo que Cristo era mais forte que toda aquela esquadra. Inexplicavelmente, foram tomados de grande medo, e partiram em retirada sem fazer nenhum mal. Ela morreu aos 60 anos de idade, em Assis. O Papa Inocêncio IV (1195-1254) mandou enterrá-la, no mesmo lugar onde estava enterrado São Francisco, na Igreja de São Jorge. Sua canonização foi oficializada pelo Papa Alexandre IV (1199-1261), no ano de 1255, dois anos após sua morte³⁵². Suas imagens costumam ser representadas com o hábito das franciscanas, segurando um crucifixo ou um lírio, ou ainda uma lâmpada a óleo³⁵³. É importante esta referência, embora esta Tese não seja hagiográfica, para entender a razão da escolha do nome da referida Santa para a homenagem.

O cemitério da Venerável Ordem Terceira, em que se encontra edificada a Capela, situa-se na avenida José Bonifácio, esquina da Rua dos Caripunas, em frente ao Cemitério Santa Isabel, em Belém, Pará.



Figura 64: Localização do Cemitério da Ordem Terceira (contornado de amarelo), avenida José Bonifácio esquina com a Rua dos Caripunas. Belém-Pará.

³⁵² Maior aprofundamento sobre a vida de Santa Clara encontra-se disponível em: <<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-clara/>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

³⁵³ DES GRAVIERS, B. e JACOMET, T. *Os Santos e seus Símbolos*. Barcelona: Folio, S.A., 2008. (Coleção Grandes Livros da Religião) p.166.

O estilo empregado por José Sidrim no projeto da Capela correspondia, dentro do Ecletismo³⁵⁴, à tendência neogótica. Consistia na reprodução, em um edifício, de formas imitativas, coerentes e corretas, que no passado haviam pertencido a único estilo arquitetônico, ou seja, o neogótico reproduziu o repertório do estilo gótico em edifícios contemporâneos. Luciano Patetta (1935)³⁵⁵ identificou esta prática como *composição estilística*, também classificou de *historicismo tipológico*, quando a escolha do estilo se dava de acordo com a sua finalidade. Por exemplo, deveria se buscar “na Idade Média, os traços místicos e a religiosidade para as novas igrejas: na Renascença, as características áulicas elegantes para os edifícios públicos, ...”³⁵⁶. Enfim, o projeto do pequeno templo enquadrado-se nas duas correntes citadas: o estilo gótico, recomendado no período, como mais apropriado para o culto católico; e a unidade da composição estilística observada externa e internamente na capela.

O dicionário de Arquitetura esclarece que Capela³⁵⁷ é uma igreja de pequenas dimensões, com um só altar e única imagem religiosa. Não é sede de paróquia, não possui padre que lhe dê assistência permanente, podendo estar integrada a

³⁵⁴ Pequeno resumo do pensamento do arquiteto, professor e escritor Luciano Patetta, do qual este trabalho compartilha, retirado do capítulo “Considerações sobre o ecletismo na Europa”, no livro organizado por Annateresa Fabris, publicado em 1987, sob o título *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. Patetta, considera como Ecletismo a manifestação arquitetônica ocorrida do final do século XIX ao início do século XX, perfazendo 150 anos de história. Não foi um período homogêneo, nem linear, apresentando diferentes manifestações, como poucas ocasiões no passado, e em direções divergentes (frequentemente contraditórias), testemunhos de uma constante inquietude intelectual, um período fragmentário. Todavia, uma série de fenômenos une esses fragmentos de história: “uma linha contínua” percorre toda a trajetória da arquitetura burguesa, desde os anos do Iluminismo, na França, e do paladianismo inglês dos *country-gentlemen*, até os anos da Rainha Vitória, do Segundo Império francês, do colonialismo triunfante e da *Belle époque*.

³⁵⁵ Luciano Patetta nasceu em Milão em 1935. É arquiteto e professor emérito de História da Arquitetura junto ao Politécnico de Milão, no Departamento de Projeto da Arquitetura. Dirige a revista *Il disegno dell'architettura*. Ocupa-se de diversas áreas da Arquitetura, mas em especial do Ecletismo, do *Quattrocento* em Milão e da Arquitetura Moderna. Publicou cerca de quarenta títulos e, no Brasil, tornou-se referência no estudo do ecletismo com a publicação em Português do capítulo “Considerações sobre o ecletismo na Europa” no livro organizado por Annateresa Fabris publicado em 1987, sob o título *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. A partir dos anos 90, Luciano Patetta se destacou também como escritor de obras narrativas de grande valor entre as quais *Gli angeli e l'architetto* (1995) e *Purgatório* (2000). Também de grande interesse para a América Latina foi a publicação de 2002, organizada pelo próprio Patetta, *Architetti e ingegneri italiani in Argentina, Uruguay e Paraguay*. Em 2004, Patetta fez a apresentação da publicação *Italianos en la Arquitectura Argentina*, livro organizado por Ramón Gutiérrez, no Cedodal. Disponível em: <<http://www.iau.usp.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

³⁵⁶ FABRIS, Annateresa (Org). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987. p. 14.

³⁵⁷ A origem da palavra vem do Latim *cappa* que significa capa. Termo proveniente da capa de São Martinho de Tours, que era conservada no Palácio Real de Paris, num lugar destinado às orações e chamado simplesmente “Capela”. Em seguida, passa a denominar pequenos recintos cristãos, independentes, dedicados à oração (batistério, capela mortuária, ossuário). In: KOCH, Wilfried. *Dicionário dos Estilos Arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 119.

um conjunto arquitetônico religioso³⁵⁸. A descrição enquadra totalmente o edifício analisado, integrado ao cemitério da Ordem Terceira.

A Capela de Santa Clara possui uma composição simétrica, ao se passar um eixo imaginário pelo meio da porta principal, verifica-se que os detalhes construtivos se rebatem perfeitamente de um lado para outro. Em primeiro plano, tem-se o volume correspondente à nave principal e em segundo plano, os volumes correspondentes aos braços do transepto³⁵⁹, evidenciando o formato da cruz latina (*crux immissa*)³⁶⁰ do seu partido geral, tipologia predominante na Arquitetura religiosa ocidental da Idade Média. No arremate das paredes uma cornija simples e denticulada delimita a base dos frontões triangulares, e toma a forma de semicírculo quando serve de moldura à parte superior do óculo³⁶¹ localizado em cada tímpano³⁶². Os frontões, por sua vez, coroam as fachadas nos pontos correspondentes às extremidades da cruz latina,

Todos os cantos do edifício estão demarcados por pilastras³⁶³, com formas bastante estilizadas. Sua base possui continuidade com o embasamento³⁶⁴ do edifício, seus fustes encontram-se parcialmente estriados³⁶⁵, e correspondendo ao capitel

³⁵⁸ LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, v.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 122.

³⁵⁹ TRANSEPTO – parte de um edifício de uma ou mais naves que atravessa perpendicularmente o seu corpo principal. In: KOCH, Wilfried. *Dicionário dos Estilos Arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 223.

³⁶⁰ Cruz latina é um símbolo da igreja católica, e seu formato possui o elemento vertical 1/3 mais comprido que o braço horizontal, que por sua vez tem como dimensão 2/3 do primeiro. Por sua simbologia sua forma é utilizada nas plantas baixas das igrejas.

³⁶¹ ÓCULO – abertura ou pequena janela, geralmente na forma circular, oval ou arredondada, disposta nas paredes externas ou em frontões, para ventilar e às vezes iluminar os desvãos dos telhados. Foi comum o uso nos frontões das igrejas antigas. O pequeno óculo circular é também chamado de olho de boi. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.2, verbetes da letra J até Z. São Paulo: ProEditores, 1998. p. 470.

³⁶² TÍMPANO – superfície central do frontão, limitada pela base horizontal (cimalha) e os lados inclinados (empenas). In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 620.

³⁶³ PILASTRAS – elemento decorativo, com a forma de um pilar, frequentemente de seção retangular ou quadrada, semi-embutido no paramento da parede. Em geral é utilizado nas fachadas, dividindo-as em panos verticais. Em construções antigas é usualmente dividida em base, fuste e capitel, muitas vezes acompanhando uma ordem arquitetônica. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.2, verbetes da letra J até Z. São Paulo: ProEditores, 1998. p. 470.

³⁶⁴ EMBASAMENTO – parte inferior da construção, situada ao nível do chão, formando uma base, tem como função básica a proteção das alvenarias. É feito de material resistente ou revestido por material resistente. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 211.

³⁶⁵ ESTRIA (estriado) nos fustes de colunas e pilastras, sulco com seção em arco ou círculo, escavado no sentido vertical, para efeito decorativo. Também chamada canelura, acanaladura, ... A coluna ou pilastra que possuam estrias são chamadas de caneladas ou estriadas. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 242.

estão os símbolos franciscanos³⁶⁶ ou ornamentos emoldurados. Um detalhe que não existe mais e que está representado na fotografia de 1915 são as imagens de Santos (acrotérios) apoiadas em pequenos pedestais (poial), ora acima das pilastras, ora nos frontões das elevações laterais.

Do ângulo da fotografia da Figura 65, vislumbra-se parcialmente a forma de cruz latina do partido geral da Capela e o desenvolvimento de sua cobertura. No alto das pilastras que ladeiam a fachada principal e nos frontões das elevações laterais, estão dispostas imagens de Santos (acrotérios) apoiadas em pequenos pedestais (poial). Acima do frontão principal, um crucifixo. Os vãos da porta e das estreitas janelas são arrematados por arco apontado, característico das igrejas neogóticas. As janelas, por apresentarem uma abertura estreita, podem ser chamadas de seteiras, parecendo ser de folha fixa, formada por caixilho e vidro coloridos, dando o efeito de vitrais. A porta em madeira é complementada com bandeira em ferro trabalhado. Acima dela o óculo, situado no tímpano do frontão triangular, com as funções de ornamentar, iluminar ou ventilar o ambiente interno, participa da composição da fachada.



Figura 65: Inauguração da Capela de Santa Clara.

Fonte: *Jornal Estado do Pará*, 4 out. 1915. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2015/10/25/capela-do-cemiterio-da-ordem-3a-de-sao-francisco-por-jose-sidrim/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

³⁶⁶ O símbolo franciscano é aquele em que os braços de Cristo e o de São Francisco se encontram cruzados com a cruz ao fundo, e as mãos estigmatizadas, expressando o ideal do Santo de seguir o Cristo pobre e crucificado.



Figura 66: Capela de Santa Clara, estado atual. Vista geral do Cemitério.
Fonte: Fotografias de Flávio Nassar, em julho 2015.



Figura 67: Capela de Santa Clara, estado atual. Fachada Frontal.
Fonte: Foto Flávio Nassar, jul. 2015.



Figura 68: Capela de Santa Clara, estado atual. Fachada do transepto sul.
Fonte: Foto Flávio Nassar, jul. 2015.



Figura 69: Capela de Santa Clara, estado atual. Fachada Posterior.
Fonte: Foto Flávio Nassar, jul. 2015.

A ordem arquitetônica jônica, que direcionou a linha dos ornamentos da Capela, foi detalhada por Vitruvius (século I d.C.)³⁶⁷ em seus tratados, que a comparava à “esbelteza feminina”. E Sebastiano Serlio (1475 – 1552), tratadista da Alta Renascença, sugeria que a escolha da Ordem, deveria combinar com a personalidade de quem se prestaria o tributo. No caso da jônica, era apropriada “para santos tranquilos – nem muito fortes nem muito suaves – e também para homens de Saber”³⁶⁸, indicações correspondentes às características de Santa Clara.

A planta baixa divide-se em três ambientes: a capela, a sacristia e a secretaria. A tipologia da Capela é semelhante às soluções adotadas por Antonio Landi em alguns de seus projetos, como por exemplo, da Capela dos Palácios dos Governadores, da Capela Pombo e no salão dos Pontificais da Igreja da Sé, em que o retábulo do altar é ladeado por duas aberturas³⁶⁹.

No interior, o que se destaca é o retábulo do altar. Ele se encontra assente em um piso de pedra mármore e, sobre esta, outra base de pedra, em formato de “u”, suporta os quatro pequenos pilares jônicos que sustentam a mesa do altar. Abaixo dele, uma placa retangular, destaca o círculo que envolve o símbolo franciscano. Acima, no centro da composição, um arco semicircular envolve o nicho onde deveria ficar a imagem de Santa Clara, ladeado por duas pilastras jônicas com fustes estriados e capitéis com volutas³⁷⁰. Os dois painéis acima do nicho, estão unidos por florão³⁷¹, e ornamentados com palmetas e fitas em estuque em forma de laços. (Figura 70)

³⁶⁷ Vitruvius (século I d.C.) foi um arquiteto de alguma importância durante o reinado de Augusto, escreveu um tratado em dez livros, *De Architectura*, dedicado ao Imperador. No gênero, este é o único tratado da Antiguidade que sobreviveu e, por essa razão, tem sido objeto de enorme veneração. Vitruvius não tinha grande gênio nem talento literário e nem, ao que se saiba, talento arquitetônico. Mas, seu tratado reúne e preserva para nós uma imensa quantidade de conhecimentos tradicionais sobre construção – é o manual prático do arquiteto romano do século I d.C., enriquecido com exemplos e anotações históricas. In: SUMMERSON, John. *A Linguagem Clássica da Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 6.

³⁶⁸ SUMMERSON, John. *A Linguagem Clássica da Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 11.

³⁶⁹ OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. *Capela Pombo. Belém PA: interpretação e perspectivas (1)*. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.109/48>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

³⁷⁰ CAPITEL é a parte superior de colunas ou pilastras. O capitel jônico possui duas volutas (ornato de forma espiralada) ligadas por uma moldura, encimadas por estreito ábaco. LIMA, Cecília Modesto et al. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p.123

³⁷¹ FLORÃO – ornato em geral circular feito de flores. Em antigas edificações foi muito usado no centro de painéis, tetos e abóbadas. Em igrejas, na volta do arco cruzeiro e no coroamento de retábulos. In: LIMA, Cecília Modesto et al. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 263.

O altar³⁷² está voltado para o leste, no sentido do nascente, obedecendo o sentido simbólico vinculado à ressurreição de Jesus Cristo.

No centro da Capela e diante do altar, ainda se encontra a base que sustentava o esquife durante as cerimônias que antecediam o sepultamento dos falecidos da Ordem Terceira de São Francisco. Nos fundos se localizavam a sacristia e a secretaria, que segundo o noticiário possuía um “rico e luxuoso mobiliário”.

A construção da Capela, conforme a notícia do jornal, ficou por conta do sr. Antônio Pita, talvez porque Sidrim no momento ainda não se encontrava no ramo da construção. Existiam em Belém empreiteiros italianos, possivelmente o construtor fosse um deles. São conhecidos daquele período os “mestres Luigi Bisi e Antonio Vita”³⁷³ com muitas obras na cidade. Talvez, Antonio Pita e Antonio Vita seriam as mesmas pessoas, com um erro de grafia em um dos dois registros.

O piso da capela é em mármore na área do altar, em marmorite onde se encontra a pedra fundamental, demarcando o início e o final da obra, e no restante, em ladrilho hidráulico.



Figura 70: Capela de Santa Clara, estado atual. Retábulo do altar.

Fonte: Fotografias de Flávio Nassar, em 2015.

³⁷² O Altar simboliza o sacrifício, a morte e ressurreição de Cristo. Sua forma tumular relembra a mortalidade, enquanto a localização no extremo oeste da igreja, virado para o Sol, significa renascimento. Os materiais de madeira e pedra utilizados em sua construção representam a cruz e o Calvário, os panos de linho que o cobrem referem-se ao lençol com que Cristo foi sepultado. Deve ser posicionado em um nível superior a assembleia significando a Ascensão. É o local da transformação da hóstia e do vinho em Corpo e Sangue do Cristo, referindo-se a Última Ceia. TANDEN Verlag GmbH; ULMANN H.F., *Sinais e Símbolos: origem, história e significado*. Lisboa: Edição portuguesa, 2008.

³⁷³ DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998. p. 123.

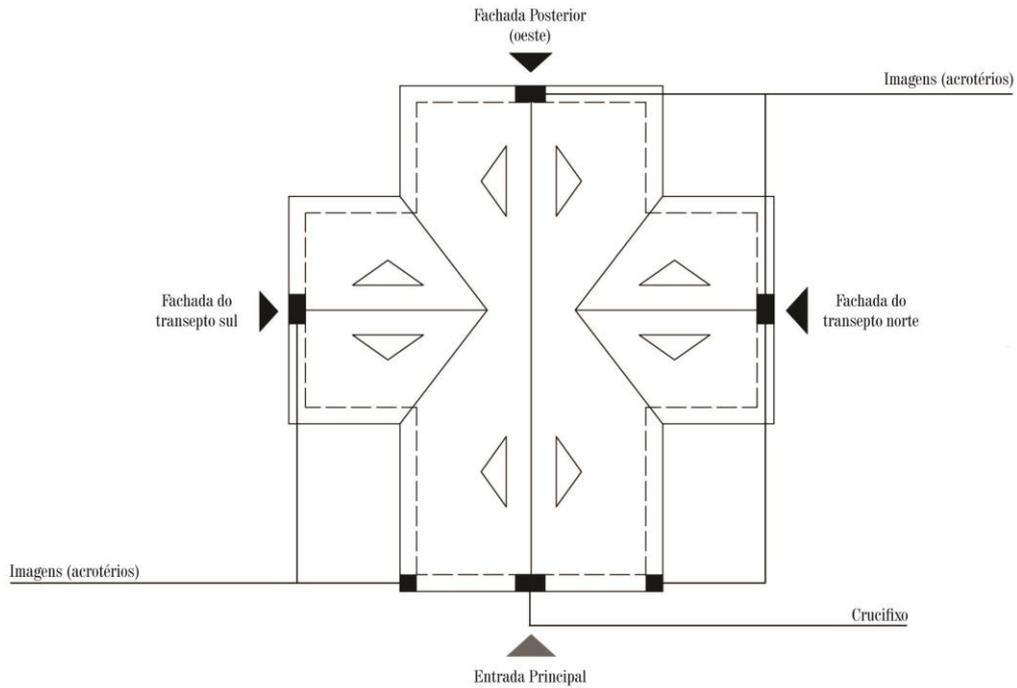


Figura 71: Capela de Santa Clara – Planta de cobertura.
Desenho: Mateus Nunes.

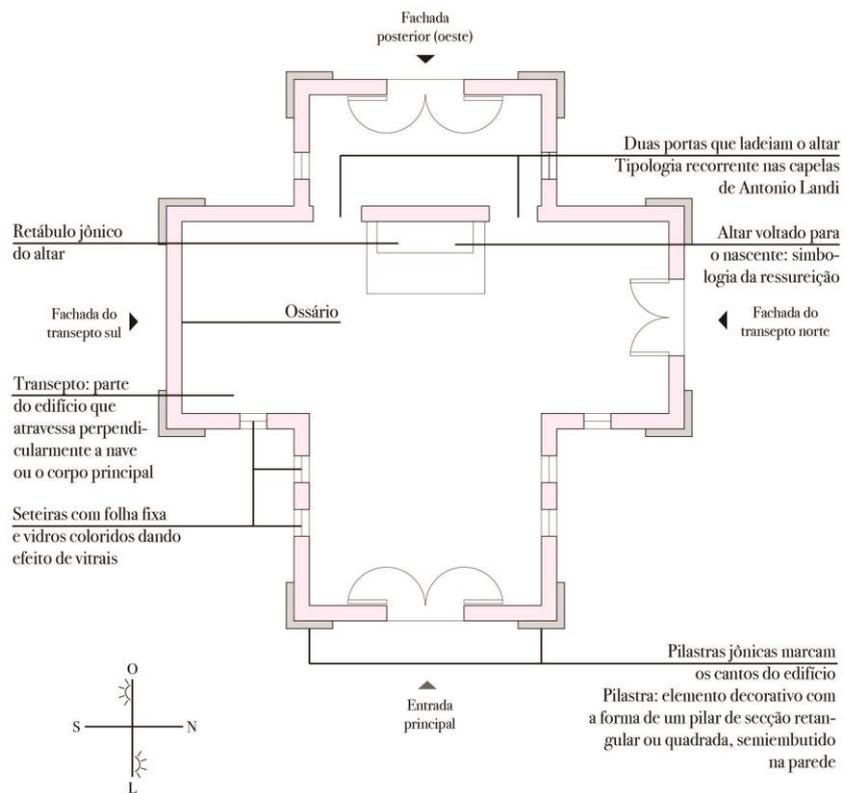


Figura 72: Capela de Santa Clara – Croqui da Planta baixa.
Elaboração do croqui: Ana Léa Matos. Desenho: Mateus Nunes.

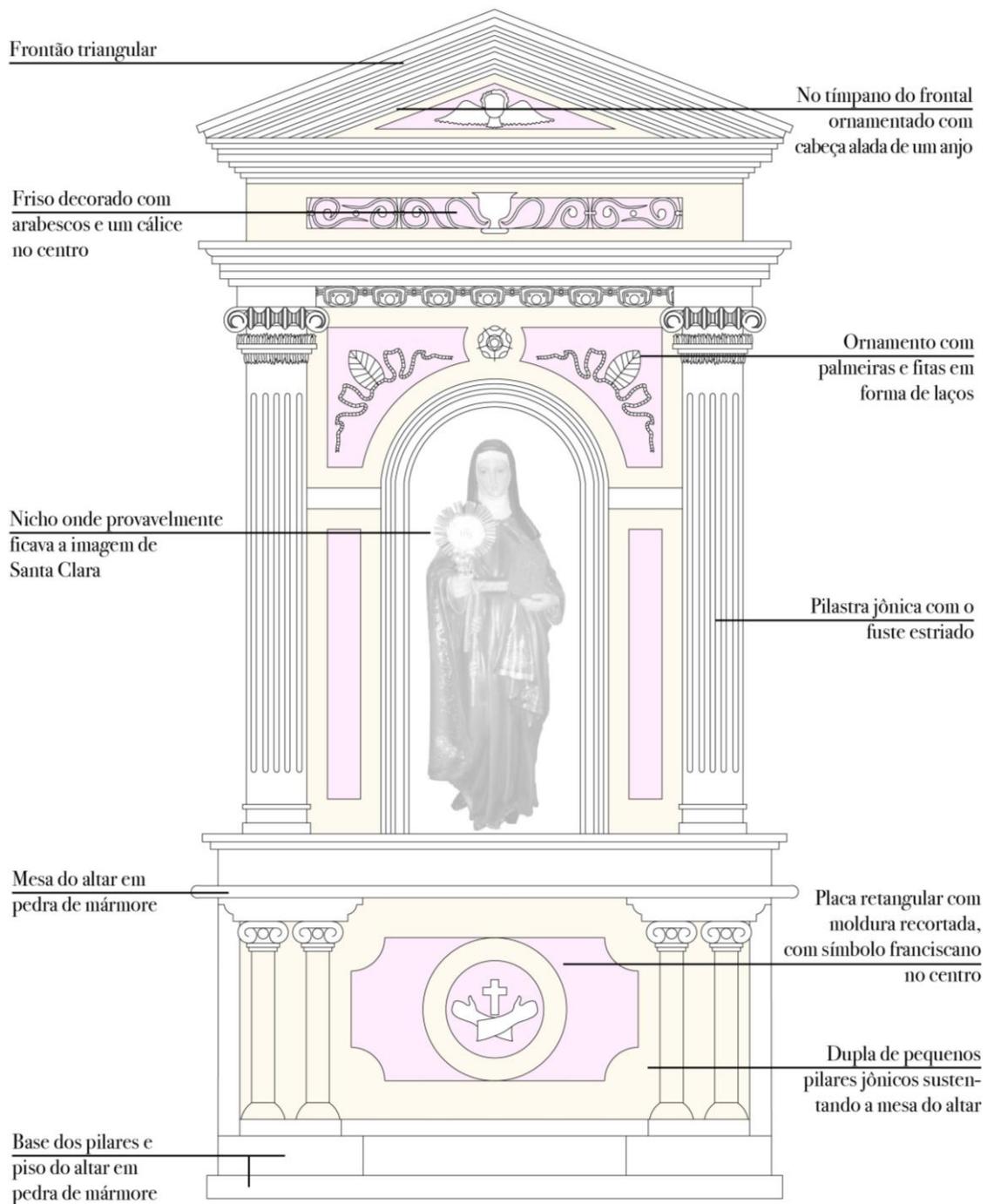


Figura 73: Capela de Santa Clara – Retábulo do altar.
 Elaboração do croqui: Ana Léa Matos. Desenho: Mateus Nunes.

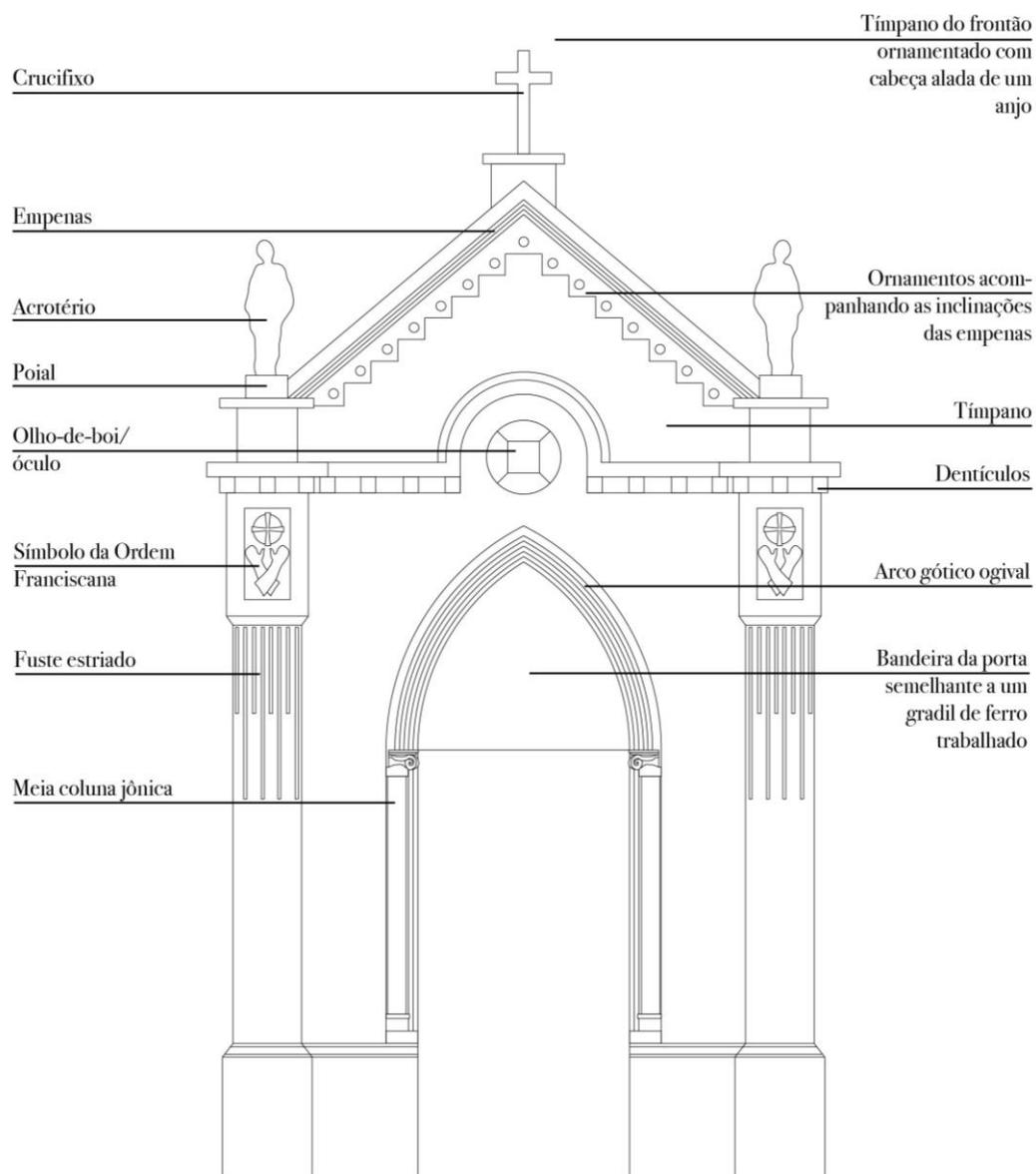


Figura 74: Capela de Santa Clara – Fachada principal.
Desenho: Mateus Nunes.

Dentro da temática de arquitetura mortuária, existe outra edificação sobre a qual especulou-se ser de autoria de Sidrim, desta vez no Cemitério de Santa Isabel, localizado na José Bonifácio, em frente ao da Ordem Terceira. Seria o jazigo da família de Artur Kós, considerado por Derenji como o mais significativo projeto de José Sidrim na linha *art-decô*, “com elementos geométricos e estilizados, decoração em tons vivos e dourados”³⁷⁴. Os descendentes da família, no entanto, não souberam confirmar tal

³⁷⁴ DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998. p. 220.

afirmativa, lembrando-se apenas que todos os materiais vieram da Europa e que foi montado em Belém. (Figura 75)

Alguns projetos de Sidrim tiveram ornamentos e detalhes *art-decô*, não sendo um universo formal por ele desconhecido.



Figura 75: Jazigo da Família A. Kós - Cemitério Santa Isabel.
Fonte: Foto: Flávio Nassar, em 2015.

Santuário de São Francisco de Assis

Dando continuidade à análise dos projetos de José Sidrim, no âmbito da arquitetura religiosa, chega-se ao Santuário de São Francisco de Assis³⁷⁵, outro projeto para a Ordem Franciscana, desta vez de maior complexidade e tamanho, localizado na

³⁷⁵ São Francisco de Assis (1186-1226), o santo a quem foi consagrado o Santuário, tem muitos devotos. Antes de dedicar sua vida aos pobres, levou uma vida libertina. Enquanto esteve no cativeiro, refletindo sobre seu comportamento, sentiu o desejo de mudar e viver a serviço de Deus. Doou seus bens aos pobres e começou a se comportar como um ermitão. Logo pessoas aderiram a seu estilo de vida e tornaram-se seus discípulos. Deste modo nasceu a Ordem dos Franciscanos. Na estatuária, ele é sempre representado com um hábito de monge, com túnica de estamena e um cinto de corda com três nós, em lembrança aos votos feitos. Também com os estigmas das chagas de Cristo, em outros tipos de imagens, aparece ao lado de um lobo que havia domesticado, com pássaros e peixes, para os quais fazia pregações. Ver em: DES GRAVIERS, B. e JACOMET, T. *Os Santos e seus Símbolos*. Barcelona: Folio, 2008. (Coleção Grandes Livros da Religião)

travessa Castelo Branco esquina com a avenida Conselheiro Furtado, fazendo conjunto com o Convento dos Frades.



Figura 76: Localização do Santuário de São Francisco de Assis.

Fonte: Google Maps < <https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso em 02 fev. 2017

A Ordem dos Franciscanos era uma ordem medicante. Seus integrantes “prestavam juramento de pobreza e, em consequência, não tinham dinheiro, suas igrejas eram em geral construídas para eles pelos cidadãos”, nas quais as formas pomposas eram rejeitadas³⁷⁶.

A Missão dos Capuchinhos Lombardos do Norte do Brasil foi fundada por Frei Carlos de Martinho Olearo e por Frei Daniel de Saramate (1876-1924), todos provenientes da Lombardia³⁷⁷, uma região da Itália setentrional, cuja capital é Milão.

O início oficial da construção do Santuário, ocorreu com o lançamento da pedra fundamental em 2 de outubro de 1910, três anos antes da Capela de Santa Clara. No entanto as obras só começaram em 1919 e foram concluídas em 1922. José Sidrim foi o autor do projeto e ficou à frente da construção junto com o engenheiro João Palma Muniz.

A relação de Sidrim com os franciscanos era antiga, conforme visto no Capítulo 1³⁷⁸, foram vizinhos na época em que moraram na Travessa 14 de abril, e a

³⁷⁶ CHING, Francis D. K.; JARZOMBK, Mark, PRAKASH Vikramaditya. *História global da arquitetura*. Tradução de Antônio de Oliveira Sete-Câmara, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes; SENAC São Paulo, 2016. p.423.

³⁷⁷ A Lombardia, região da Itália setentrional cuja capital é Milão. É composta das províncias: Bérnago, Bréscia, Como, Cremona, Lecco, Lodi, Mântua, Monza, Brianza, Milão, Pavia e Sondrio.

esposa, Wolitza Sidrim, frequentava as missas diariamente e integrava a diretoria da “Comissão de Senhoras”.

Com o intuito de angariar donativos e esmolas para levar avante os trabalhos da construção da igreja, foi organizada a “Comissão de Senhoras”, auxiliadora das obras do Santuário e constituída pela maneira seguinte: Directoria: donas Olivia de Lemos Lalor, Wolitza Sidrim, Hilda Lemos, Anna Eulalia Gurjão e Anna Coimbra. Auxiliares: donas Belmira Veiga dos Santos, Lelôsa Sampaio, Ludovina Veiga, Maria Cassia, Laura da Silva Macedo, Maria Amelia Bezerra, Corina Maranhão Costa, Yáyázinha Cunha, Marina Chermont, Dijalma Lima Gurjão, Evangelina Lemos, Clarita Albuquerque, Ernestina Paglianichi, Cleonice Ferreira, Aline Angelim, Honorina Nunes Direito, Helena Nobre, Nêê Ferreira, Iracema Gurjão, Brazia Gurjão e Iñezina Lemos.³⁷⁹

Junto a senhoras da sociedade pertencentes a elite da cidade e frequentadoras da paróquia, Wolitza Sidrim desenvolvia o trabalho de arrecadar dinheiro para a construção da igreja. Acredita-se que a demora da construção ficou em função da expectativa dos donativos.

A finalidade doutrinária e a necessidade de um espaço apropriado para as orações fizeram com que as edificações franciscanas recorressem muitas vezes à austeridade da Arquitetura românica e à simplificação das formas góticas. O estilo românico se desenvolveu no século X, recorrendo aos princípios das arquiteturas romanas e cristãs primitivas³⁸⁰, como o uso das plantas baixas em forma de cruz e o sistema basilical de um corpo com uma nave central e naves laterais³⁸¹. Estas soluções foram empregadas no Santuário de São Francisco em Belém.

Os capuchinhos sugeriram um estilo para ser adotado no projeto da igreja, por eles denominado de “gothico-lombardo”, usando como exemplo a igreja de *Santa Maria del Carmine*, em Pavia, Itália, considerado o melhor exemplo da Arquitetura gótica da Lombardia. (Figura 77)

³⁷⁸ Capítulo 1 – Belém: Pasárgada de José Sidrim. 1.3. Raízes novas. 1.3.1. Formação da família e amizades. p. 69

³⁷⁹ *Estado do Pará*, Belém, ano 9, n. 2.954, 15 jun. 1919.

³⁸⁰ A manifestação conjunta da arquitetura romana com a cristã primitiva (ou paleocristã) é também reconhecida como estilo romano-bizantino.

³⁸¹ *Dicionário Visual da Arquitectura*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1993. p. 20.



Figura 77: Igreja Santa Maria Del Carmine, Pavia, Lombardia, norte da Itália.
Fonte: Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Santa_Maria_del_Carmine,_Pavia>.
Acesso em: 24 jan. 2017.

As características da referida igreja enquadram-se com as do citado estilo românico. No período medieval, algumas igrejas mesclavam no mesmo edifício manifestações do Gótico e do Românico.

O jornal o *Estado do Pará* publicou grande matéria quando de fato as obras da igreja haviam sido iniciadas, primeiramente com fotografias do projeto e com o andamento da obra, sob a manchete: *A Obra dos Capuchinhos – Um novo templo em Belém – O santuario de S. Francisco*. Alguns dias depois, foi posta uma longa e detalhada notícia fruto da visita do jornal ao canteiro da obra:

Convidados para visitar as obras em andamento, sob a fiscalização e direção técnica do engenheiro Palma Muniz e do architecto José Sidrim que projetaram o novo templo, tivemos a oportunidade de observar um desenvolver de trabalho minucioso em todos os seus detalhes, desde o trançado das argamassas até o tecimento das abóbadas.

Na nossa visita fomos acompanhados por frei Miguel de Origgio, superior dos capuchinhos no Pará, pelos srs. dr. Palma Muniz e architecto José Sidrim, responsáveis technicos da construção, e Abilio Rodriguez, encarregado do provimento do pessoal operário e do fornecimento de materiaes.³⁸²

³⁸² *Estado do Pará*, Belém, ano 9, n. 2.954, 15 jun. 1919.

A notícia prossegue descrevendo minuciosamente “o projecto completo do santuario” e conclui avisando que este encontra-se “exposto na Livraria Universal dos srs. Tavares Cardoso³⁸³, à rua Conselheiro João Alfredo”.

A matéria repercutiu na Itália, nos Anais Franciscanos da Ordem, com o seguinte destaque:

Os nossos capuchinhos do Pará estão para presentear a Missão de uma joia (*gioiello*) da arte religiosa, um novo templo se encontra em construção, tornou-se objeto de deslumbramento dos jornais brasileiros. Retiramos deles os detalhes da nova construção.

O projeto é obra do engenheiro Palma Muniz e do arquiteto José Sidrim (Giuseppe Sidrim) duas ótimas pessoas e valentes profissionais, os quais quiseram neste seu trabalho demonstrar as suas devoções a São Francisco. O mérito de haver suscitado tanto zelo de piedade e arte é do nosso P. G. Pietro da Sesto, substituído agora por P. Michele da Origgio, superior atual dos Capuchinhos do Pará.³⁸⁴

Em relação aos custos das obras, o engenheiro dr. João Palma Muniz esclareceu ao jornalista do *Estado do Pará*, que o primeiro orçamento tinha ficado defasado, em função de algumas isenções inicialmente concedidas para a compra de materiais, como o cimento, que foram depois suspensas. Informou ainda que, até aquele momento, “em número redondo, já se despenderam na construção 153.000\$ e estamos ainda em menos da metade da obra”.

O Santuário de São Francisco, descrito pelos Anais da Ordem dos capuchinhos, como um *gioiello* da arte religiosa, é na realidade uma versão reduzida da grandiosidade dos templos europeus que lhe serviram de inspiração.

A fachada originalmente desenhada por Sidrim apresentava alguns ornamentos que foram subtraídos na hora da execução, como os frisos ornamentados com arcos cegos de volta redonda, que acompanhavam a inclinação do frontão e ornamentavam as paredes acima das portas laterais. Os acrotérios de canto, localizados nas extremidades do frontão, atualmente foram substituídos por pináculos torreta, iguais aos já existentes no alto das pilastras jônicas que limitam a elevação principal. Há ainda a ausência da moldura em forma de arco ogival que coroava o arco redondo dos vitrais

³⁸³ Inicialmente identificada por Livraria Tavares Cardoso & Irmão, a sociedade entre os irmãos Avelino e Eduardo Tavares Cardoso, que aportaram em Belém na década de 1860, seguindo o caminho do tio Henrique d’Araujo Godinho Tavares que já trabalhava no negócio de livros com a firma Godinho Tavares & Cia. Posteriormente passou a ser enunciada nos jornais como Livraria Universal de Tavares Cardoso & Irmão por comercializar textos da Literatura Mundial. A expansão da livraria possibilitou a edição e impressão de algumas obras e a publicação e divulgação de traduções de peças e adaptações de romances para o teatro. In: GARCIA, Izenete Nobre. *A circulação transatlântica de obras literárias entre Belém e Lisboa: o caso da livraria e editora de Tavares Cardoso & Irmão*. CAPES/UNICAMP.

³⁸⁴ ANAIS FRANCISCANOS. Milão, nº 18, 16 set. 1919.

laterais. Alguns itens podem nem ter saído do papel, pela necessidade do barateamento das obras, ou ainda, podem ter se deteriorado com o tempo e pelas intempéries.

A fachada atual demonstra mais claramente a influência da arquitetura românica, apresentando painéis de alvenaria lisos, e pelas pilastras revestidas por pedras rústicas, semelhantes aquelas da região lombarda.

As fachadas laterais evidenciam os volumes das capelas secundárias, que internamente formam a cruz latina da planta baixa do templo. Pilastras jônicas demarcam os painéis de alvenaria, onde ficam os vãos das janelas com os vitrais representativos da vida de São Francisco, não são revestidas de pedras rústicas como na fachada, e, sim, com o acabamento de reboco liso pintado.

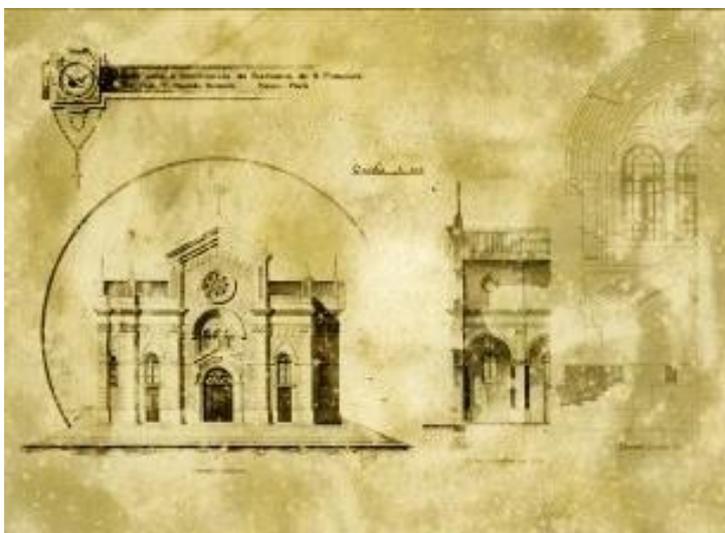


Figura 78: Santuário de São Francisco. Modificação do projeto primitivo, 1919 – Arquiteto J. Sidrim.

Fonte: Cessão de imagem do Instituto Histórico Geográfico Pará – ihgpFs210.

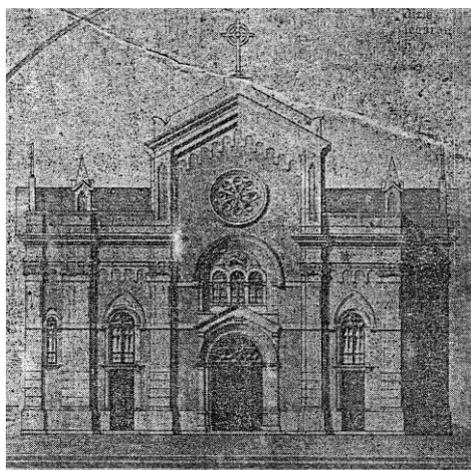


Figura 79: Santuário São Francisco de Assis, fachada publicada no jornal.

Fonte: Estado do Pará, 15 jun. 1919.

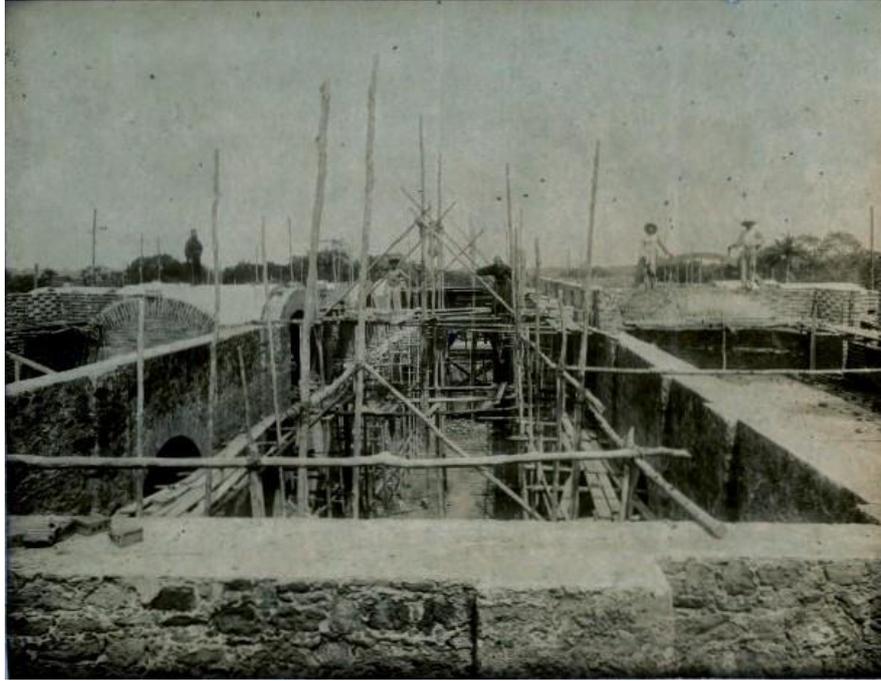


Figura 80: Santuário de São Francisco de Assis, fotografia da obra.
Fonte: Cessão de imagem Instituto Histórico Geográfico Pará – ihgpFi398.



Figura 81: Santuário de São Francisco de Assis, fachada atual.
Foto: Mateus Nunes, em 2017.

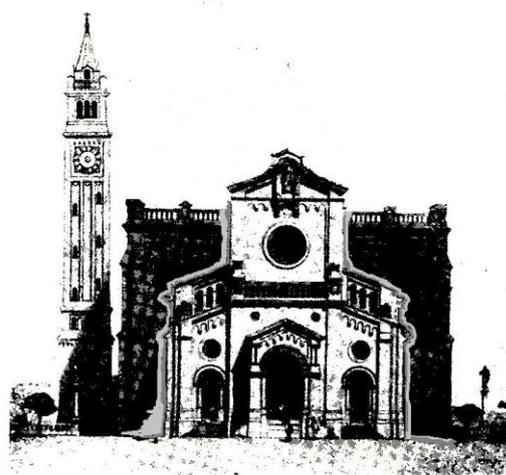
Comparando as duas imagens, Figuras 79 e 81, percebe-se diferenças ornamentais. O desenho apresenta uma fachada com frisos simples e em forma de arcos de volta redonda, que diminuem a sensação de verticalidade; molduras ogivais nos vitrais laterais que acentuavam as características góticas; e uma moldura de arco

redondo situada abaixo do frontão, demarcando a entrada. A fotografia demonstra uma austeridade maior na fachada, aproximando-a mais do estilo românico e com a sensação de verticalidade aumentada, ainda mais pela presença dos pináculos torreta que substituíram os acrotérios de canto representados no desenho.

Poderia ter servido de referência para José Sidrim no ato da concepção do projeto para o santuário, a matéria apresentada na revista *L'Architettura Italiana*, sobre o Santuário di N.S. “Ta Pinu”, localizado em Gozo, próximo à ilha de Malta, na Itália, de autoria do arquiteto Edwin Vassalo. A semelhança entre as duas propostas se evidencia ao se destacar o plano da fachada dos planos posteriores do edifício (Figura 82 e 83). Ambas compõem suas fachadas em três partes, com pilastras demarcando cada uma delas, com pórtico de entrada, óculo central e frisos ornamentados com arcos cegos de volta redonda, além das semelhanças nos formatos das plantas baixas. (Figuras 84 e 85)



Facciata.



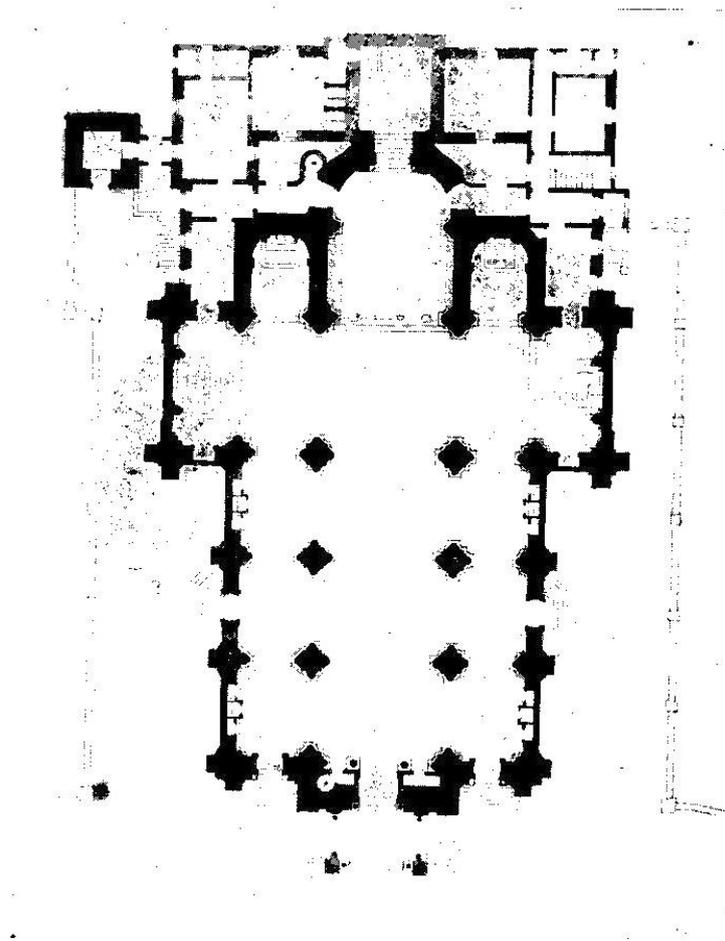
Facciata.

Figura 82: Santuário di N.S. “Ta Pinu”,Gozo – Itália, Arquiteto Edwin Vassalo. Fachada de acordo com a publicação da revista *Architettura Italiana*.
Figura 83: Santuário di N.S. “Ta Pinu”,Gozo – Itália, Arquiteto Edwin Vassalo. Intervenção na fachada destacando-a da cúpula e do plano posterior do Santuário.
Fonte: Biblioteca José Sidrim

A planta baixa do Santuário de São Francisco de Assis, tomando como referência a descrição da matéria do jornal³⁸⁵, que provavelmente foi subsidiada pelas palavras dos construtores, apresenta um templo com três naves, a principal e as secundárias. A nave central, incluindo a capela-mor, mede 50 metros de comprimento,

³⁸⁵ *Estado do Pará*, Belém, ano 9, n. 2.954, 15 jun. 1919.

encontra-se coberta com uma abóbada de berço³⁸⁶, e na parte acima dos frisos que envolvem todo o perímetro desse corredor principal, óculos vasam a alvenaria. Inicialmente com a função de iluminar e ventilar o espaço interno, estes posteriormente foram vedados por vitrais coloridos, representando os apóstolos de Cristo. As naves laterais, cobertas com abóbadas de aresta³⁸⁷, acompanham o desenvolvimento longitudinal da igreja até a linha inicial da capela-mor. (Figura 85)



Pianta.

Figura 84: Santuário di N.S. "Ta Pinu", Gozo – Itália. Arquiteto Edwin Vassalo: Planta Baixa.

Fonte: Biblioteca José Sidrim.

³⁸⁶ ABÓBADA DE BERÇO - cobertura côncava na forma de um semicilindro. É a mais utilizada nas construções. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 4 e 5.

³⁸⁷ ABÓBADAS DE ARESTAS – abóbada formada pela interseção em ângulo reto de duas abóbadas de berço na mesma altura. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 4.

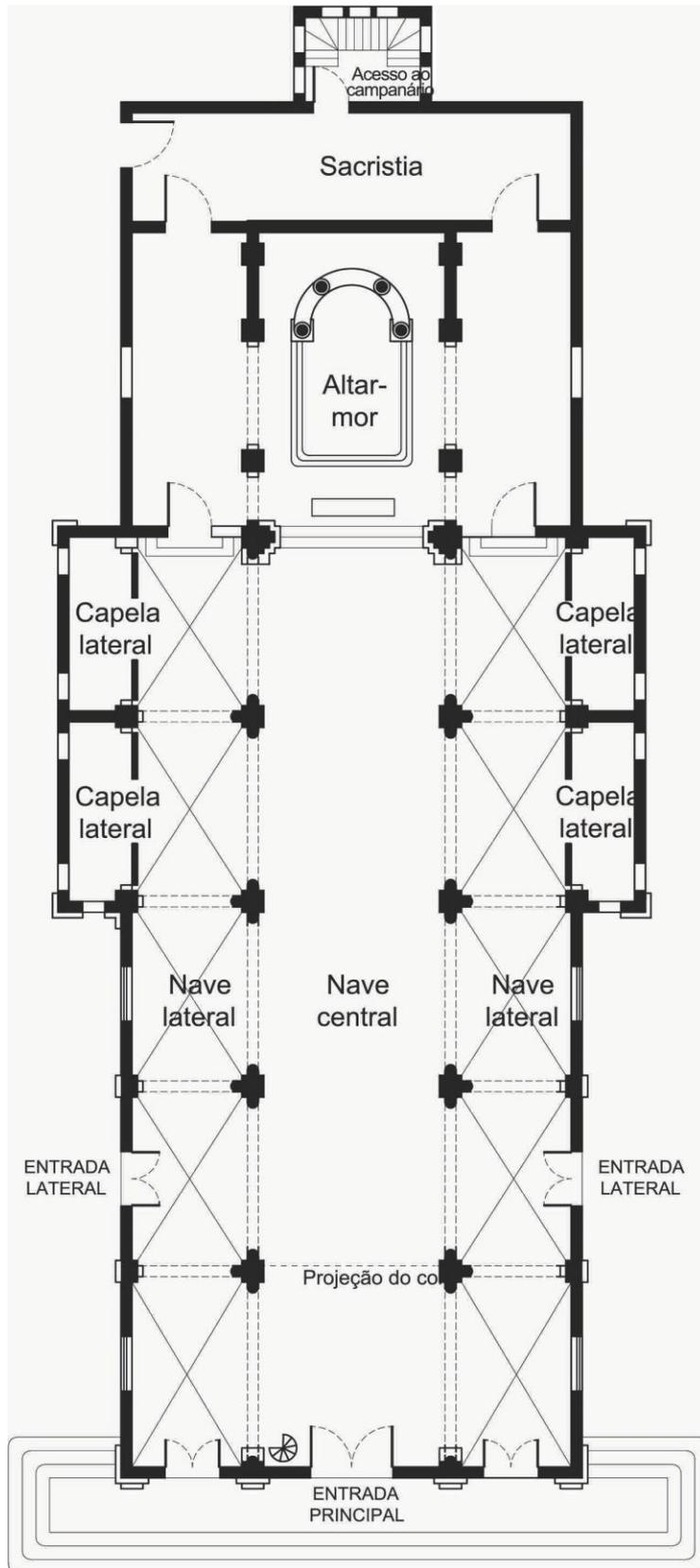


Figura 85: Santuário São Francisco de Assis: Planta Baixa.
 Croqui: Ana Léa Matos - Desenho: Mateus Nunes

O campanário, com planta retangular, situa-se adossado à fachada posterior da igreja, apresentando detalhes diferenciados para cada nível de seu desenvolvimento. Em um dos níveis, fica o relógio, com marcadores de hora exibidos nas quatro faces do seu volume. Existem relatos de que altura original era superior à atual, porém após um raio que atingiu sua torre, optou-se na reconstituição por reduzir sua altitude. (Figura 86)

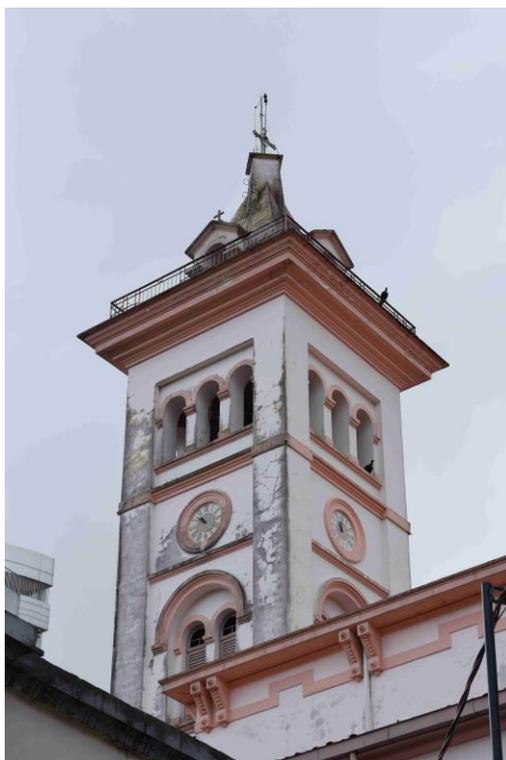


Figura 86: Santuário de São Francisco de Assis: Torre do Campanário.
Fonte: Foto Mateus Nunes, em 2017.

A torre do campanário está localizada na parte posterior da igreja, com fachadas iguais em todas as suas faces. No nível localizado após a cobertura da igreja estão as janelas duplas, envolvidas por moldura de arco redondo, acima o relógio com marcadores de hora, no andar dos carrilhões estão triplos vãos com arcos perfeitos para arejar e iluminar a escadaria da torre. Os topos das alvenarias estão arrematados por cornijas. A cobertura, em forma de pirâmide, apresenta-se com mansardas.

No interior do edifício, evidencia-se o domínio da ordem jônica com detalhes mais estilizados.

O coro fica situado acima da entrada principal, sobre a nave central, com piso de laje, revestido de ladrilho hidráulico. (Figura 87)

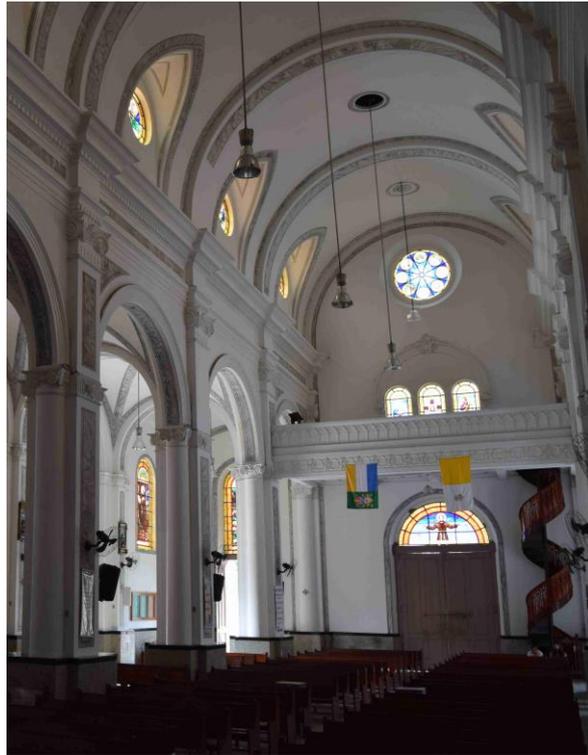


Figura 87: Santuário de São Francisco de Assis – Coro.
Foto: Mateus Nunes. Jan. 2017.

Na Figura 87, tem-se a visão interna da fachada principal, com a porta de entrada tendo como bandeira um vitral de São Francisco com os pássaros. No lado direito, uma escada de caracol em madeira dá acesso ao coro. Este possui um parapeito ornamentado com frisos: em cima com arabescos e embaixo com pequenos arcos cegos, decorados com trifólios. Iluminando e ornamentando estão os vitrais triplos com as figuras de Maria, do Menino Jesus e de São José. Acima de toda a composição, o óculo com o vitral, com os sete Sacramentos da Igreja Católica.

O piso da igreja é todo pavimentado por ladrilho hidráulico, com padronagens distintas, harmoniosamente combinadas. Do alto do coro se pode distinguir bem o tapete composto por cada uma delas: o trecho da circulação dos fiéis pelas naves laterais e principal; o local onde ficam os bancos; e entre as colunas, como se fossem soleiras, com molduras distinguindo cada composição. (Figura 88)

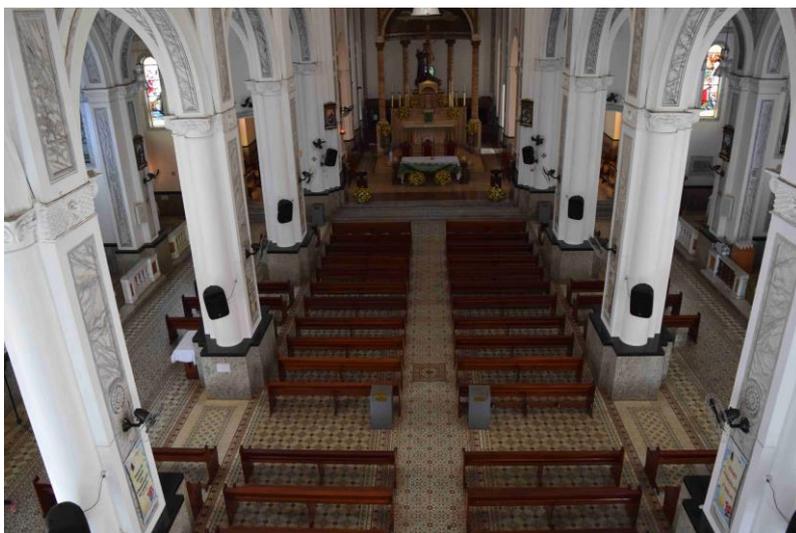


Figura 88: Santuário de São Francisco de Assis: Piso: Tapetes de ladrilho hidráulico.

Fonte: Foto: Mateus Nunes, 2017.

O altar-mor, situado em dois patamares mais elevados, fica no final da nave central, representando a Ascensão de Jesus. Cada arranque, com três degraus, simboliza a Trindade. São detalhes construtivos, permeados de valores simbólicos, por ser o local da consagração eucarística³⁸⁸. Antigamente, as orientações normativas das construções religiosas sugeriam o altar posicionado no lado oeste da igreja, voltado para o nascente. No caso, em função da situação do lote em que foi construído o Santuário, ficou voltado para o poente. Encontra-se no centro de uma estrutura formada por quatro colunas jônicas, formando um semicírculo, que suporta uma meia cúpula, em cima da qual se apoia um frontão triangular que arremata o conjunto. O arranjo desse todo, completamente destacado das paredes laterais e posterior, corresponde à abside³⁸⁹, denominação dada nos templos antigos ao espaço do altar e do coro. Apresenta um acabamento mais suntuoso que o restante da igreja, com figuras simbólicas pintadas em sua cúpula e frontão, como o Cordeiro de Deus³⁹⁰, a Pomba³⁹¹ e o símbolo franciscano. (Figura 89)

³⁸⁸ TANDEN Verlag GmbH; ULMANN H.F. *Sinais e Símbolos: origem, história e significado*. Lisboa: Edição portuguesa, 2008. p. 40.

³⁸⁹ ABSIDE – A terminação em semicírculo ou poligonal de uma parte do edifício, como as naves laterais ou o coro de uma igreja. In: COLE, Emily (ed.). *La Gramática de la Arquitectura*. Espanha: Lisma Ediciones, 2004. p.332.

³⁹⁰ CORDEIRO DE DEUS – simboliza a inocência, a delicadeza e a pureza. Na Antiguidade, o cordeiro era oferecido como sacrifício e, na simbologia cristã representa o sofrimento de Cristo na Cruz em nome dos pecados no mundo. Apresenta-se com um halo, uma cruz e uma bandeira, e significa, assim, a crucificação e a ressurreição. In: TANDEN Verlag GmbH; ULMANN H.F. *Sinais e Símbolos: origem, história e significado*. Lisboa: Edição portuguesa, 2008.p. 40.

³⁹¹ POMBA – simboliza o reencontro com a Paz no episódio de Noé. O mais comum é que represente o Espírito Santo, conforme é representado no Batizado de Jesus. In: DES GRAVIERS, B. e JACOMET, T.



Figura 89: Santuário de São Francisco de Assis: Altar-Mor.

Foto: Mateus Nunes, 2017.

A Figura 89, apresenta a visão do altar-mor a partir do transepto. À direita e à esquerda, percebem-se os arcos cegos do final das naves laterais, abrigando as portas que conduzem à sacristia. No limite do arco cruzeiro verifica-se o primeiro arranque de três degraus para a área das celebrações. Desse ponto peculiar pode-se ver os elementos que trabalham no sistema estrutural do edifício. A abóbada de berço da nave central distribui os esforços para as abóbadas de aresta das naves laterais, que por sua vez são suportados pelos pilares compostos, multifacetados, situados no limite das naves e também adossados as paredes externas.

Os esforços estruturais estão divididos entre as três naves que compõem a igreja. A abóbada de berço da nave central distribui os esforços para as abóbadas de aresta das naves laterais, que, por sua vez, são suportadas pelos pilares compostos, multifacetados, situados no limite das naves e também adossados às paredes externas. Trata-se de um sistema estrutural muito semelhante aos utilizados pelas igrejas românicas. (Figura 90)

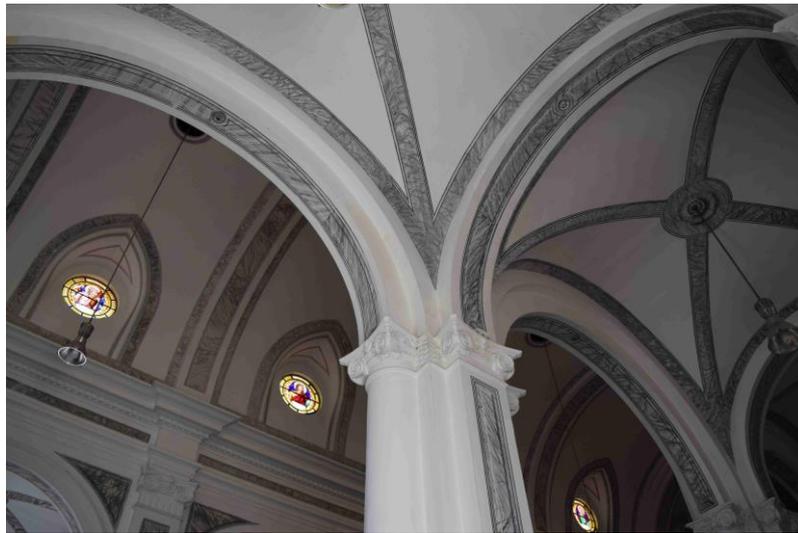


Figura 90: Santuário de São Francisco de Assis: Abóbadas: de Aresta e de berço.
Foto: Mateus Nunes, 2017.

Por não possuir cúpula, sua cobertura é bastante simples, os telhados da nave central e das capelas laterais se apresentam com caimentos em duas águas, e os das naves laterais apenas com uma. As águas pluviais são recolhidas por sistema de calhas e drenadas por condutores verticais.

Merece destaque a presença dos inúmeros vitrais que ornamentam e iluminam a igreja, com a finalidade doutrinária própria da Ordem dos Capuchinhos. Em uma análise superficial, verificou-se que eles parecem estar distribuídos por temas. Nas paredes externas, frontal e lateral, no primeiro nível, encontram-se aqueles que representam episódios da vida de São Francisco; nas capelas laterais, estão relacionados com a vida do Santo que ocupa o altar; e, nos óculos que cortam a abóbada central, apresentam os apóstolos. “A luminosidade dos vitrais das igrejas define-se como símbolo da transparência e luz divina que ilumina os fiéis”, como uma forma de veneração a Deus³⁹². (Figuras 91 e 92)

³⁹² GMBH, Tanden Verlag; ULMANN, H.F. *Sinais e Símbolos: origem, história e significado*. Edição portuguesa, 2008. p. 41.



Figura 91: Santuário de São Francisco de Assis: Detalhes do Altar – Mor.
Foto: Mateus Nunes, 2017.

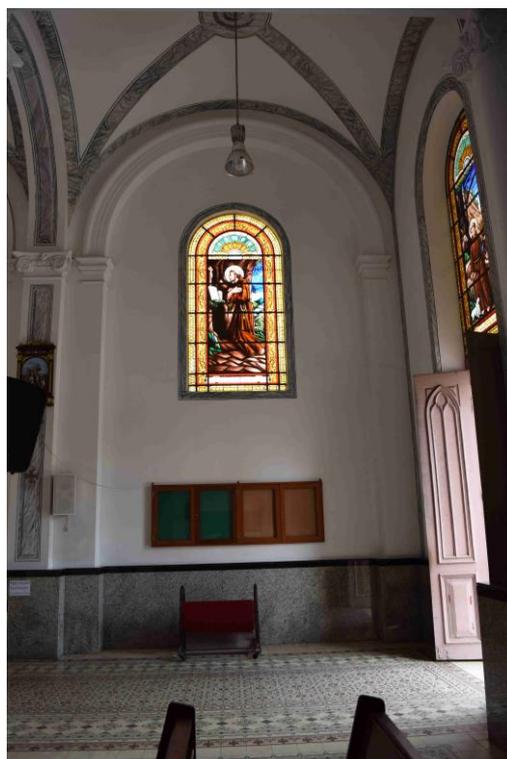


Figura 92: Santuário de São Francisco de Assis: Vitrais.
Foto: Mateus Nunes, 2017.

Na Figura 91, percebe-se o altar mor inserido em um conjunto formado por quatro colunas, meia cúpula e frontão, totalmente destacado das paredes do espaço em que está contido, apresentando ornamentos mais refinados que o restante da igreja. E na Figura 92, uma entrada secundária da fachada principal, em que estão dispostos dois vitrais, um na parede lateral e o outro acima da porta. Merecem destaque os detalhes da folha da porta aberta, em que molduras e frisos imitam motivos góticos.

Com certeza não foram esgotados todos os aspectos do Santuário de São Francisco de Assis, merecendo um aprofundamento posterior em outra pesquisa. No entanto, do que foi apresentado, deixa entrever quanto de conhecimento histórico e arquitetônico é preciso para se projetar um edifício dentro dos *revivals* do Ecletismo, e quanto a riqueza deste período arquitetônico continua desconhecida.

... o movimento estético e arquitetural conhecido como *gothic revival* (revivalismo gótico) foi um dos mais pujantes em termos de debates estéticos e morais que alinhou e paradoxalmente, considerado um dos momentos mais empobrecidos da história da Arquitetura segundo as análises posteriores, em especial as fundamentadas nos princípios do movimento moderno. Opções estéticas, religiosas e sociais pertencentes ao *revival* foram assim descartadas como um equívoco – ingênuo ou intencional – de uma época que não criou o novo e sonhou recuperar uma ordem medieval já não mais existente.³⁹³

É necessário dizer, o quanto deve ter sido desafiador para Sidrim mergulhar no estudo da Arquitetura de temporalidade medieval. Deve ter estudado com profundidade a Arquitetura medieval, para poder em seus projetos fazer uso daqueles princípios, mesmo que em proporções reduzidas, manter as proporções harmoniosas e a unidade estilística. Pode-se tomar como exemplo a Igreja de *San Zeno*, construída em 1140, em Verona, Itália, que com suas proporções monumentais possui os mesmos elementos decorativos e estruturais que serviram de inspiração para José Sidrim elaborar o seu projeto para o Santuário de São Francisco de Assis. (Figura 93)

³⁹³ MENEGUELLO, Cristina. *Da Ruína ao Edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra Vitoriana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. p. 96.



Figura 93: Igreja de San Zeno, Verona - Itália

Fonte: Disponível em: <slideplayer.es/slide/2988937>. Acesso em: 28 jan. 2017.

Igreja da Trindade, Cachoeira do Arari e Baião

Mais três igrejas no estilo neogótico passaram pela prancheta de José Sidrim: a igreja da Trindade e duas igrejas no interior do estado, em Cachoeira do Arari e Baião.

A participação de José Sidrim na igreja da Trindade, provavelmente, foi na reforma que a reabriu ao público em 14 de setembro de 1942, com “benção solene concedida pelo monsenhor António Cunha”³⁹⁴.

Nas buscas pelos arquivos da igreja, nenhum registro foi encontrado sobre a participação de José Sidrim. Entre os documentos guardados sobre a vida do engenheiro arquiteto, existe um papel escrito a mão por Renée Sidrim Nassar, listando as obras que Rosita Duarte Sidrim lembrava de serem de autoria de José Sidrim³⁹⁵. E lá se encontrava a “reforma da Igreja da Trindade e construção da Igreja dos Capuchinhos”. Como a grande maioria das informações ali contidas foram comprovadas por outras fontes, considerou-se aquele registro verídico e merecedor de confiabilidade.

Igreja da Trindade

³⁹⁴ *Igreja da Santíssima Trindade, rumo aos 200 anos.* Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

³⁹⁵ Pertencente ao acervo de Ana Léa Matos.

A história da igreja da Trindade remonta aos anos de 1755 e 1759, quando iniciaram a migração de famílias e homens solteiros do arquipélago dos Açores, precisamente da ilha da Angra do Heroísmo, para povoarem a Vila de Sousa do Caeté, Bragança, Pará. Entre os migrantes, encontravam-se quatro órfãos sob a responsabilidade do irmão mais velho, José António Abranches. Chegaram no mesmo ano em que partia o governador Francisco Xavier de Mendonça, que antes lhes havia concedido a permissão de permanecerem em Belém, trabalhando na lavoura. Para tal, foram concedidas pelo Senado da Câmara, terras situadas “aquém do lago do Piry”.³⁹⁶

Três anos depois, já contavam com plantações de hortaliças, criação de porcos, aves e um pomar farto. Em torno a eles, juntaram-se outras famílias, surgindo um novo bairro, denominado Aldeia. Os Abranches negociavam seus produtos junto aos barcos da Companhia de Comércio do Grão-Pará, levando-os a acumular considerável soma em “patacas”.

Eram católicos fervorosos e devotos da Santíssima Trindade. No início do século XIX, quando José Abranches estava com 58 anos de idade, sentiu o desejo de construir uma Igreja em honra à Santíssima Trindade e, para concretizá-lo, foi até o bispo, em 1802, para solicitar a permissão. Com a autorização dada, fundou a Irmandade da Santíssima Trindade, que logo contou com o ingresso de famílias ricas que ajudaram nas obras da igreja. A família Abranches foi que instituiu a devoção à Santíssima Trindade em Belém e no Pará. José Abranches morreu em 1804, aos 62 anos de idade, e foi enterrado ao lado da igreja, que só foi concluída em 1813, com apenas o altar-mor e com a delimitação nas paredes laterais de onde deveriam ser construídos mais quatro altares. Para a inauguração, em 1814, a Irmandade mandou buscar em Lisboa uma pintura a óleo do famoso artista Antonio Leonardo, indicativa da devoção da igreja à Santíssima Trindade, e objetos para o culto, em ouro e prata.³⁹⁷ O pintor já estivera em Belém integrando o séquito que acompanhava o Conde dos Arcos³⁹⁸. A igreja foi elevada à categoria de Freguezia por meio da Lei Provincial de 4 de setembro de 1840, assinada pelo presidente da Província do Pará, efetivada em 1843. Passados muitos anos, por volta de 1894, o templo entrou em ruínas, momento em que foi

³⁹⁶ *Igreja da Santíssima Trindade, rumo aos 200 anos*. Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

³⁹⁷ *Igreja da Santíssima Trindade, rumo aos 200 anos*. Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

³⁹⁸ Marcos José de Noronha e Brito (1712 - 1768), 6.º Conde dos Arcos. Em 1755, foi nomeado Vice-Rei do Brasil. Durante seu governo deu cumprimento às determinações do Marquês de Pombal. Ajudou na reconstrução de Lisboa após o terremoto (1755), enviando para isso três milhões de cruzados da municipalidade da Bahia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

fechado e a paróquia foi transferida para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Em outubro do mesmo ano, o monsenhor José Gregório Coelho benzeu e colocou a primeira pedra da capela-mor da Igreja da Trindade.³⁹⁹

Por volta de 1867, o edifício religioso foi desenhado por J. L. Righini (1820 –1884)⁴⁰⁰ e, em 1905, retratado numa fotografia da Praça da Trindade, publicada no Relatório Municipal de Antonio Lemos, cuja legenda “Quadrilátero em frente a igreja em reconstrução” acaba por esclarecer a real situação do templo⁴⁰¹. Nas duas representações, aparentemente, estão mantidos os mesmos traços arquitetônicos. (Figura 94 e 95)



Figura 94: Litografia de J. L. Righini - Igreja da Trindade e seus arredores.

Do álbum *Panorama do Pará em Doze Vistas*. (1897). Editado por Conrad Wiegandt.

Fonte: Litografias do Centro de Memória da Amazônia, doadas pelo acervo da Biblioteca Guita e José Midlin. <<http://www.ufpa.br/cma/imagens.html>>. <<https://artepapaxibe.files.wordpress.com/2011/06/06-largo-da-trindade.jpg>>

³⁹⁹ As informações contidas neste pequeno histórico estão disponíveis em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/>>, <<http://servaltar-sstrindade.blogspot.com.br/2010/03/>>, CRUZ, Ernesto. *Igrejas de Belém*. Edição Comemorativa do Sexto Congresso Eucarístico Nacional. Belém – Pará, 1953.

⁴⁰⁰ Joseph Léon Righini (Turim, Itália 1820 – Belém, Pará 1884). Pintor, desenhista, gravador, fotógrafo, cenógrafo, professor. Estudou na Academia de Belas Artes de Turim. Chega ao Brasil por volta de 1856 e fixa-se no Maranhão e no Pará. Em 1867 foi publicado por Conrad Wiegandt a série de litografias *Panorama do Pará em Doze Vistas*. Desenhadas por J. L. Righini. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/cma/imagens.html>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

⁴⁰¹ BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1905*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1906. [Belém]: Archivo da Intendência Municipal, 1906. p. 217.



Figura 95: Largo da Trindade, 1905.

Fonte: Disponível em: <parasquimonline.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 jan. 2017.

No artigo *Igreja da Santíssima Trindade, rumo aos 200 anos*, anteriormente citado, o autor afirma que a edificação atual corresponde a intervenções feitas em 1942. Cabendo ao padre Miguel Inácio “iniciar os trabalhos de restauração da secular igreja”, reaberta ao culto naquele mesmo ano. Depois da reinauguração, a primeira Missa celebrada ali foi pela alma do senador Cipriano Santos (1872-1919), grande colaborador daquelas obras.

A conclusão definitiva da participação de José Sidrim na reforma de 1942 precisa de pesquisa mais aprofundada. Não se obteve sucesso na busca de documentos na administração da Igreja.

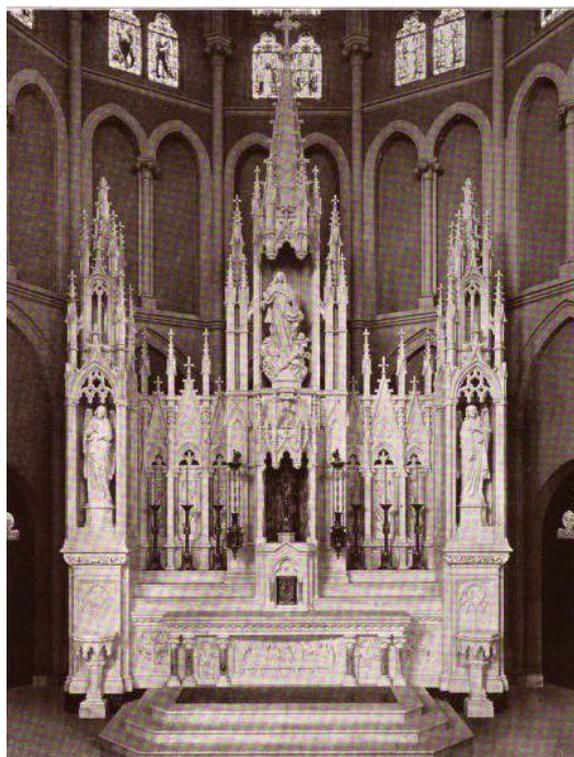
Como já foi visto no Capítulo 1⁴⁰², José Sidrim teria abandonado a construção civil na década de 1930 e a reforma da igreja se deu em 1942, diante disso, pode-se construir a hipótese de que a sua participação se restringiu a elaboração e doação do projeto arquitetônico, sem assumir a obra, justificando a ausência de registros ou documentos de sua participação ou autoria.

Na biblioteca remanescente de José Sidrim encontra-se a publicação americana *Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition*, citada no Capítulo 2, p. 72., apresentando modelos góticos de altares, semelhantes ao altar da Igreja da Trindade. (Figuras 96 e 97)

⁴⁰² Capítulo I. 1.4. O autoexílio em Benfica. p. 110.



Figura 96: Altar da Igreja da Trindade.
Foto: Mateus Nunes, 2017.



Figuras 97: Altar da publicação *Creations In Ecclesiastical Art – Special Altar Edition*.
Fonte: Disponível em: <<https://archive.org/details/CreationsInEcclesiasticalArtDaprato>>.
Domínio Público - Digitized by Google. Acesso em: 1 fev. 2017.

Os detalhes dos ornamentos do altar se repetem em vários outros elementos da igreja, como nos nichos de mármore, onde ficam os santos de devoção, nas molduras dos vitrais, nas fachadas e no campanário. (Figuras 98, 99, 100 e 101)

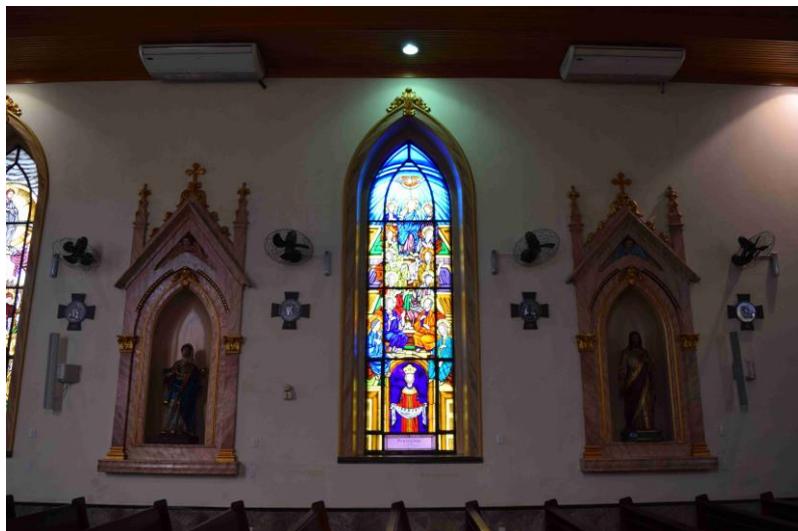


Figura 98: Igreja da Trindade: Vitral e nichos.
Foto: Mateus Nunes, 2017.

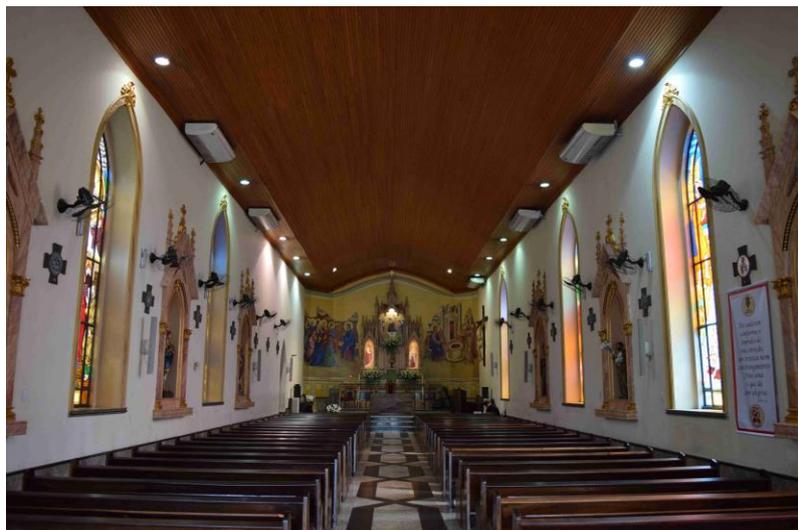


Figura 99: Igreja da Trindade: Interior.
Foto: Mateus Nunes, 2017.



Figura 100: Igreja da Trindade: Fachada principal.
Foto: Mateus Nunes, 2017.

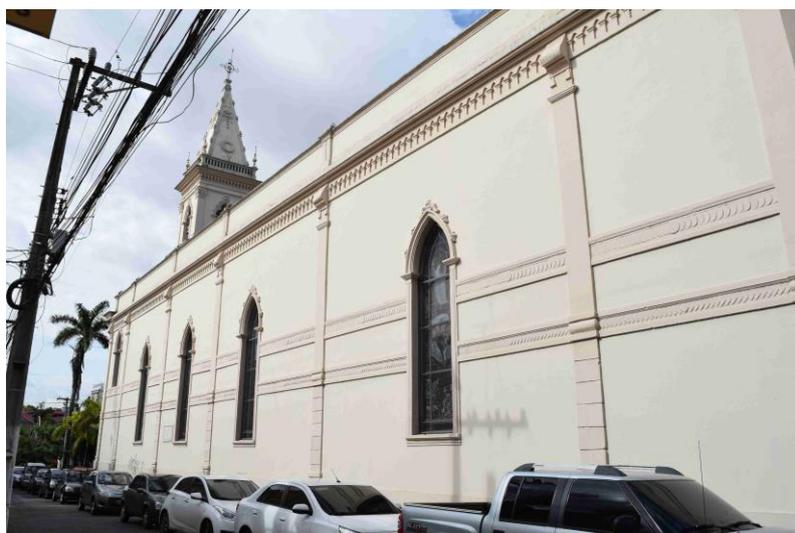
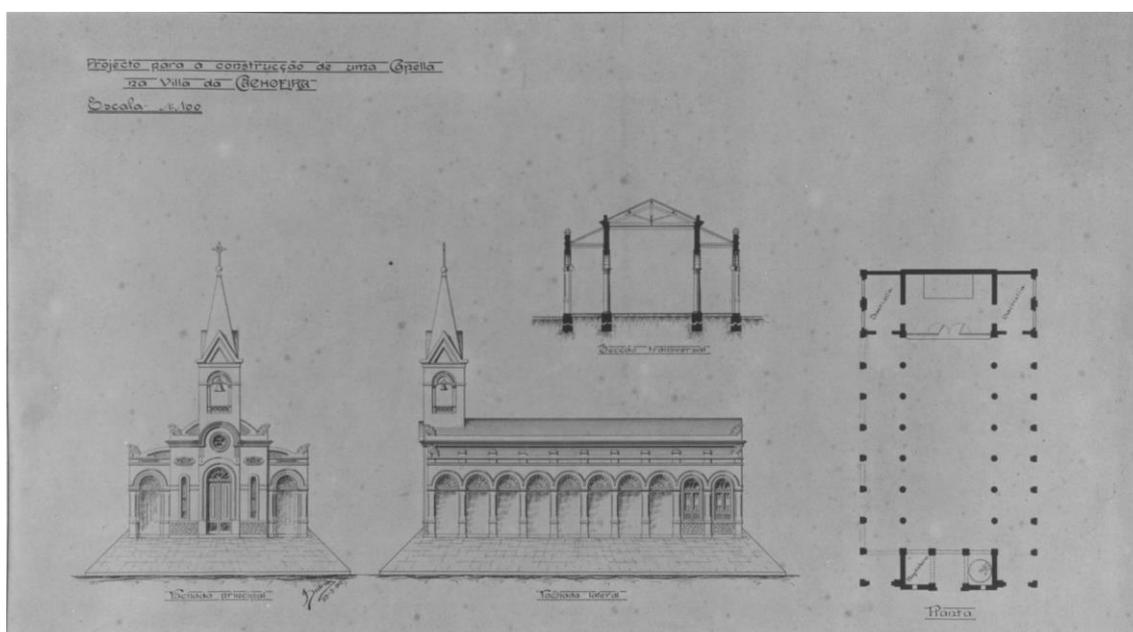


Figura 101: Igreja da Trindade: Fachada lateral.
Foto: Mateus Nunes, 2017.

Capela para a Vila de Cachoeira do Arari e Igreja de Baião.

Finalizando o roteiro das construções religiosas de José Sidrim estão as pequenas capelas projetadas para o interior do Estado:

a “Capela para a Villa da Cachoeira” e a “Igreja de Baião”. Da primeira, ainda se tem o desenho em papel manteiga, apresentando as propostas para as fachadas bem detalhadas, em um trabalho primoroso datado (29.5.917) e assinado. A planta baixa, num traço mais esquemático, bem estruturada, apresenta as laterais externas da Capela todas vazadas, limitadas com arcadas paralelas, que conduzem às sacristias. – Estas, completamente fechadas com alvenarias, portas e janelas. O altar ficou demarcado pelas sacristias e pela mesa de Comunhão. Na parte da frente, dois arcos emoldurados e com bandeira de ferro encontram-se vazados para acessos secundários. No centro, está o vão da entrada principal, ladeado pelo Batistério e pela escada de caracol, que conduz ao coro e ao campanário. A secção transversal demonstra o sistema estrutural com as fundações e os pilares que suportam os arcos e o telhado. (Figura 102)



**Figura 102: “Projecto para a construção de uma Capella na Villa da Cachoeira.”
Fachada principal e lateral, secção e planta baixa na escala 1/100. Arquitecto José Sidrim.**

Fonte: Acervo Ana Léa Matos – Foto: Octávio Cardoso.

A capela de Baião parece ser de maior porte, encontra-se identificada como igreja no pequeno cartão em que foi impressa sua imagem. A gráfica, provavelmente, complementou a informação de que se encontrava “em construção”. A impressão talvez tenha sido feita visando donativos para conclusão das obras.

Ao se colocar os dois desenhos lado a lado, verifica-se o quanto são parecidos, precisando de um olhar apurado para identificar as diferenças entre os detalhes da ornamentação da fachada.

A Igreja de Baião apresenta uma sugestão de maior recolhimento, os vãos de acessos laterais e principal estão fechados por esquadrias de madeira. A data do desenho ficou encoberta pela tinta nanquim, porém, na ampliação do desenho teve-se a impressão de que teria sido feito na década de 1920.



Figura 103: Elevação Principal da Capela localizada na “Villa da Cachoeira”
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.



Figura 104: Elevação Principal da Igreja de Baião.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Ainda não se teve a oportunidade de fazer a verificação se os edifícios religiosos foram construídos. Em pesquisa pela Internet, chegou-se a uma imagem da Igreja de São João Batista, em Bujaru, no município de Cachoeira do Arari, no Pará, que apresenta muitas semelhanças com o desenho de José Sidrim para “Capella na Villa da Cachoeira”. (Figura 105)

Conclui-se assim o segmento da arquitetura religiosa, com a certeza das existências de campos virgens e férteis a serem cultivados e percorridos em pesquisas futuras.



Figura 105: Igreja de São João Batista, em Bujaru, Município de Cachoeira do Arari, no Pará.
Fonte: Disponível em: <[mw2google.com/mw-panoramio/photos/medium/79962132](https://www.google.com/maps/panoramio/photos/medium/79962132)>.
Acesso em: 28 jan.2017.

3.3. Desenhos para morar

Os edifícios predominantes foram os projetos residenciais. Sua produção na década de 1920 foi tão grande, que chegou a figurar em uma reportagem no jornal *Estado do Pará*, no ano de 1925. A matéria responsabilizava Sidrim pelo aspecto “moderno” dos edifícios da cidade e ao autor da matéria, o arquiteto confirmou este como sendo seu objetivo:

Convém por fim ao tipo de construção arcaica; Belém é uma grande cidade e não desejo que fique em plano inferior ao de outras cidades, contribuindo com todo o meu esforço, com todo o meu carinho para o embelezamento da construção civil, ousando em estilo architectonico moderno, como se faz no Rio e em outras capitais adeantadas.⁴⁰³

Apesar de poucas vezes ter se ausentado de Belém, não se descuidou em ficar atento ao movimento arquitetônico do País.

As construções mais recentes foram apresentadas na reportagem, pelo nome de seus proprietários. Eram pessoas muito bem situadas na sociedade paraense da época, como: Rita Nunes Bezerra, Guilherme Paiva, Orlando Lima, “o capitalista coronel” José Leite Chermont, Benedicto Passarinho e Palma Muniz. O jornal carioca *O Paiz* repercutiu o assunto, ressaltando a “interessante estatística dos prédios em construção, do architecto José Sidrim”, e o responsabilizando de fazer parte da “febril e invulgar actividade de remodelamento do perímetro urbano da cidade”, com edificações “em estylo moderno”.⁴⁰⁴

A revista *Belém Nova*⁴⁰⁵, que na época circulava pela cidade, publicou em seus volumes 2 e 3, desenhos de projetos de Sidrim, que estavam relacionados na matéria do jornal. (Figuras 106, 107 e 108)

⁴⁰³ A MODERNIZAÇÃO da Cidade. *O Estado do Pará*, Belém, 9 set. 1925.

⁴⁰⁴ Trecho de notícia publicada no jornal “*O Paiz*”, de 16 de dezembro de 1925, citada no Capítulo 2, 2.2. Curso por Correspondência: “a educação a distância” de José Sidrim. p. 46.

⁴⁰⁵ As revistas pertencem ao acervo Clóvis Moraes, projeto Moronguetá, Memorial do Livro – coordenado por Flávio Nassar. Disponível na biblioteca do Fórum Landi - UFPA.

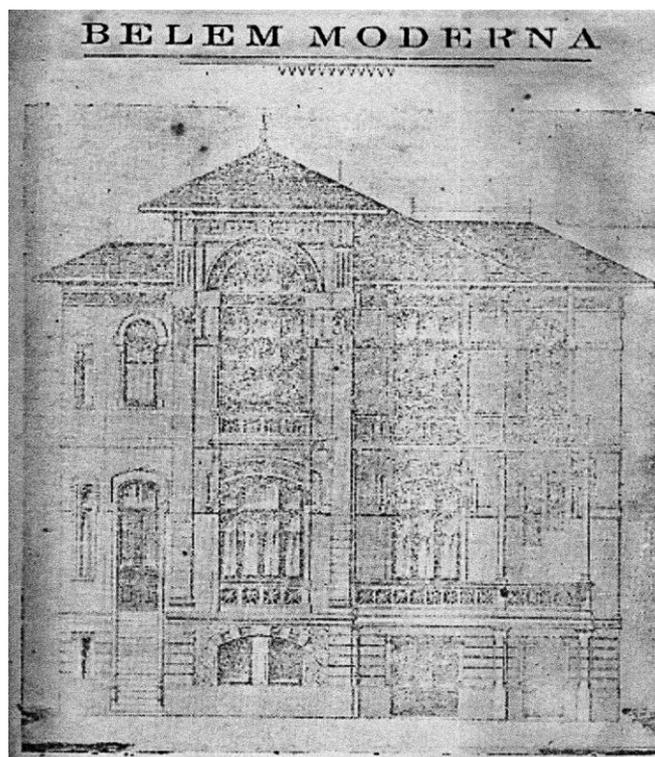
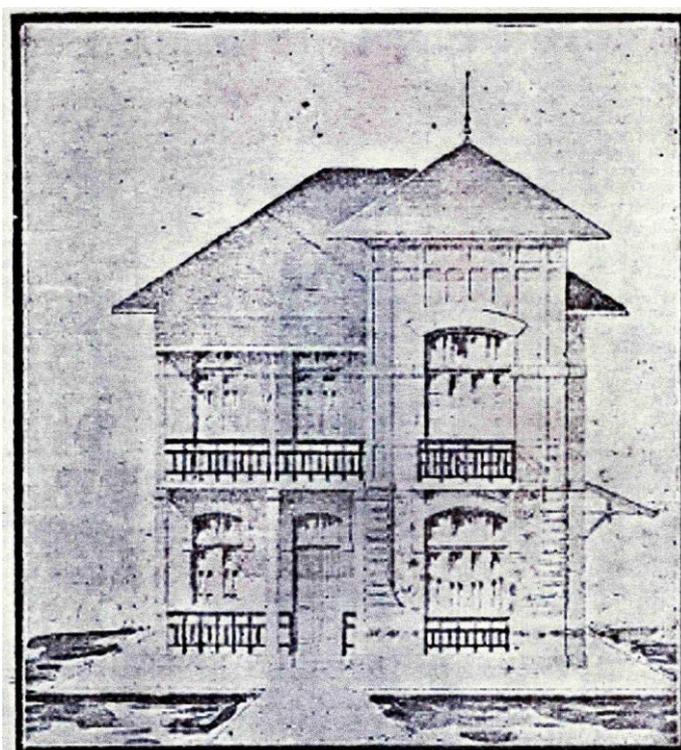
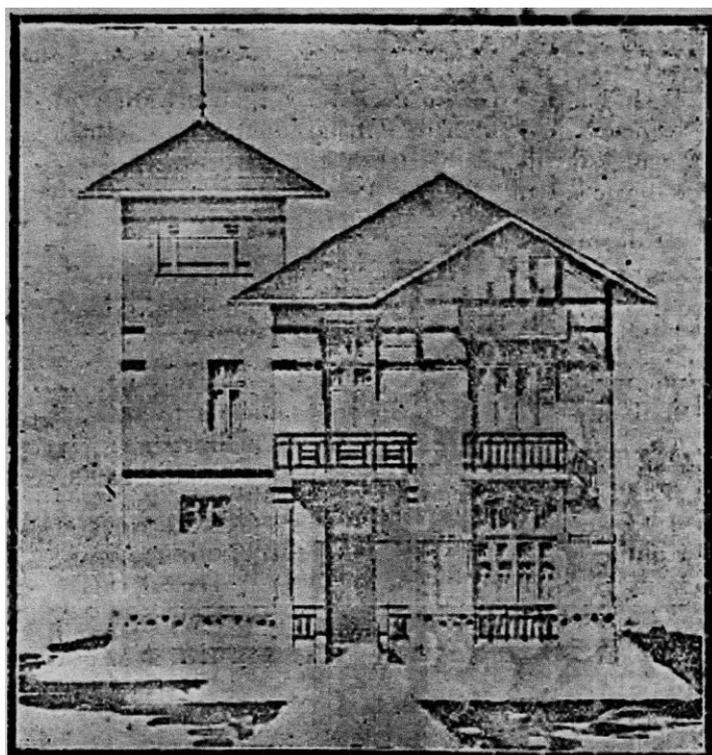


Figura 106: Palacete pertencente ao Dr. Guilherme Paiva, gerente da *Port of Pará*, localizado na trav. Dr. Moraes, projetado por José Sidrim. (Legenda da revista)
Fonte: Belém Nova, 1925, p. 17.



Figuras 107: *Bungalow* de José Leite Chermont, localizado na av. Cipriano Santos, projetado por José Sidrim. (Legenda da revista)
Fonte: Belém Nova, 1925, p. 39.



Figuras 108: Outro *Bungalow* de propriedade José Leite Chermont, também localizado na av. Cipriano Santos, projetado por José Sidrim. (Legenda da revista)

Fonte: Belém Nova, 1925, p. 45.

Em 1977, Augusto Meira Filho (1915 – 1980)⁴⁰⁶ escreveu um artigo sobre José Sidrim, “Galeria dos Esquecidos”, no qual recorda o seu desempenho na construção da cidade, segundo ele, “Belém ficou muito a dever ao labor incessante de José Sidrim” e ao papel inovador de seus projetos, “seus desenhos, sua criação arquitetural sobrepôs-se à mediocridade reinante” nas primeiras décadas do século XX. Meira Filho enumera os edifícios criados pelos seus traços:

(...) podemos destacar: a atual residência do Comandante da 8ª Região Militar: antiga propriedade do dr. Guilherme Paiva à Rua Dr. Moraes; nessa mesma artéria, o prédio do dr. Orlando Lima, aonde, hoje, funciona uma Clínica; a edificação (dois prédios) à av. Independência (Magalhães Barata) propriedade da primitiva, companhia “Pará Telefone” e moradia de seus diretores; a sede do “Liceu Industrial” à Rua Romualdo de Seixas, agora dependência do MEC; a fachada da “Palmeira” após o incêndio; a velha residência de d. Rita Bezerra, por ele reformada, integralmente, infelizmente, demolida; a casa residencial do dr. Palma Muniz, depois adquirida por Leão Alvarez de Castro, temporariamente ocupada pela “Alliance Française” agora, uma série de edifícios, na av. Magalhães Barata; e a principal de suas obras, o palacete Passarinho à mesma artéria. (...)

⁴⁰⁶ Augusto Meira Filho (1915-1980) graduou-se em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Pará, sendo aluno de Francisco Bolonha. Foi engenheiro auxiliar da Diretoria de Obras do Estado do Pará e Diretor do Serviço de Águas do Pará. Atuou no jornalismo (1950-1960) na Província do Pará. Foi vereador de Belém. Um defensor do patrimônio cultural e ambiental da cidade.

Era a sua construção preferida. E merecia!
Sidrim desenhou edifícios públicos para os governos estaduais, desde a gestão de Montenegro e muito colaborou com o destacado engenheiro Francisco Bolonha⁴⁰⁷.

É importante registrar que são palacetes pertencentes a pessoas abastadas e com prestígio da cidade, como por exemplo, Guilherme Paiva, que era gerente da *Port of Pará*, companhia de navegação de capital inglês, e José Leite Chermont, capitalista, pertencente a uma rica família pecuarista. São informações que contextualizam a sua clientela e ainda revelam detalhes desconhecidos, como a relação com o engenheiro Francisco Bolonha, e por fim, confirma as fontes familiares. Refere-se a Sidrim como “querido mestre”, reconhecendo que em Belém não era um estrangeiro cearense, pois possuía “uma larga experiência da vida paraense”⁴⁰⁸.

O contexto em que foram feitos os “Desenhos de morar” de José Sidrim era pleno de influências europeias, como a ideia do *Home Sweet Home* (Lar Doce Lar) trazida pelos ingleses para o Brasil, impregnada do desejo da casa própria, com ambientes agradáveis e aconchegantes, citados por Del Priore.⁴⁰⁹

O mundo sofreu transformações radicais em consequência das revoluções tecnológicas e culturais que repercutiram profundamente nos modos e costumes sociais. No Brasil, Gilberto Freyre (1900-1987) foi quem primeiro alertou para as mudanças proporcionadas naquela época para a vida privada e sua intimidade⁴¹⁰.

Como consequência os espaços internos passaram a ser profusamente decorados. Del Priore afirma que é na segunda metade dos oitocentos que a casa começa a se apresentar “como espaço de aparência burguesa, e por isso, os objetos passaram a assumir um papel de gosto, *status* ou moda”. O local de moradia designava pela qualidade e quantidade de seus artefatos a posição social de seus moradores. “Nela, tudo deveria divertir o olhar.”⁴¹¹

A disposição dos móveis e ornamentos deveriam seguir a orientação das enciclopédias visuais. “Os guias de decoração de origem inglesa começaram a circular no Brasil a partir da década de 1860”⁴¹² e Sidrim possuía em sua biblioteca alguns exemplares que visavam essa finalidade didática.

⁴⁰⁷ A *Província do Pará*, Belém, 6 nov. 1977.

⁴⁰⁸ A *Província do Pará*, Belém, 6 nov. 1977.

⁴⁰⁹ DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira*: v. 2: Império. São Paulo: LeYa, 2016. p. 241.

⁴¹⁰ DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira*: v. 2: Império. São Paulo: LeYa, 2016. p. 241.

⁴¹¹ DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira*: v. 2: Império. São Paulo: LeYa, 2016. p. 243.

⁴¹² DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira*: volume 2: Império. São Paulo: Le Ya, 2016. p. 243.

A distribuição de tantos objetos, com variadas funcionalidades, precisava de espaços específicos. Como consequência, os programas de necessidades aumentaram, para atender às moradias mais abastadas. No palacete paulistano, descrito por Maria Cecília Homem, eram necessários três pavimentos: porão, térreo e primeiro andar, para acolher as novidades do bem viver. No porão, as dependências dos empregados, os folgedos infantis, adega e o depósito. No térreo, o vestíbulo, gabinete, sala de visita, salão, sala de jantar, sala de música e jogos, dormitório, sala de almoço e sala do governante (a). No primeiro andar, o *w.c.*, dependências do governante (a), banho, dormitório, dormitório casal, quarto/*toilette* e banho. A virada do século XIX para o XX foi o período em que, no Brasil, a mentalidade escravagista e a modernidade sintetizaram “um novo tipo de residência - o palacete - em substituição ao sobrado geminado e à casa suburbana das chácaras”⁴¹³.

Em certas residências projetadas por José Sidrim, é possível identificar essas mudanças advindas com a República e com introdução das modas burguesas europeias, principalmente aquelas francesas. Carlos Lemos⁴¹⁴ identifica o palacete como a arte de morar à francesa, em que os setores de dormir, estar e serviços funcionam com total independência.

Entremos então nas residências projetadas por Sidrim. Elas estarão sempre identificadas pelos nomes dos proprietários que contrataram o projeto e reformas com o arquiteto. São eles: Rita Bezerra, Guilherme Paiva, Orlando Lima, Manoel Dacier Lobato, José Leite Chermont, Aurélia Passarinho, João Palma Muniz, Innocêncio Bentes e a empresa Pará Telefones.

Palacete Rita Bezerra

O palacete Rita Bezerra foi a primeira casa reformada por José Sidrim, servindo como seu cartão de apresentação como arquiteto na alta sociedade de Belém. Sua localização ficava na av. Nazaré, nº 81. (Figura 109)

⁴¹³ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 1.

⁴¹⁴ LEMOS, Carlos A. C. Lemos. *A República Ensina a Morar (Melhor)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.



Figura 109: Palacete Rita Bezerra, projeto de reforma, autoria José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Com um partido retangular, dois pavimentos e um porão baixo, o palacete ficava totalmente isolado, no centro do terreno. Com frente para a av. Nazaré e os fundos para a Av. Governador José Malcher (antiga São Jerônimo).

A proposta feita para a fachada apoiou-se em princípios clássicos, dividida em três módulos iguais, delimitados por pilastras decoradas com ornatos e estriados. O dinamismo da composição ficava por conta do ligeiro recuo do trecho central, correspondendo no pavimento térreo, ao vestíbulo de entrada, e, no primeiro pavimento, a um pequeno terraço descoberto. (Figura 110 e 111)



Figura 110: Palacete Rita Bezerra, fase dos telhados com platibandas. Reforma de José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.



Figura 111: Palacete Rita Bezerra: ornato das pilastras.

Foto: Flávio Nassar.

O Palacete, depois de servir de residência para Rita Bezerra, foi utilizado para diversos fins, como prolongamento das atividades do Colégio Nazaré e como sede da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - repartição SPVEA⁴¹⁵.

Palacete Guilherme Paiva

Guilherme Paiva era engenheiro civil, formado em Paris. Na época da construção de sua casa, ocupava o cargo de gerente da companhia *Port of Pará*.⁴¹⁶ Sua casa foi descrita na matéria “A Modernização da Cidade”, do jornal *Estado do Pará*, como um “villino” do estilo moderno italiano. Provavelmente, esta descrição partiu de Sidrim. No Capítulo 2 desta tese, enquanto se falava das matrizes intelectuais do arquiteto, foi transcrita uma definição de *villino*⁴¹⁷ feita por uma Enciclopédia Italiana. Refere-se a uma casa de pequenas proporções, cercada por jardins, no perímetro urbano, porém, distante dos burburinhos da cidade, concebida sob a diretriz do conforto e do

⁴¹⁵ A SPVEA foi substituída pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

⁴¹⁶ Companhia inglesa que trabalhou nas obras do porto de Belém.

⁴¹⁷ Capítulo 2, 2.3. As matrizes intelectuais e técnicas de José Sidrim, p.154.

aconchego, com uma concepção esquemática possível de ser adaptada para o atendimento das necessidades de famílias com maior poder aquisitivo e também para as mais modestas.

A concepção do projeto da residência de Guilherme Paiva veio demarcada por esta influência italiana, percebida na volumetria das fachadas e nas inclinações da cobertura. (Figura 112).

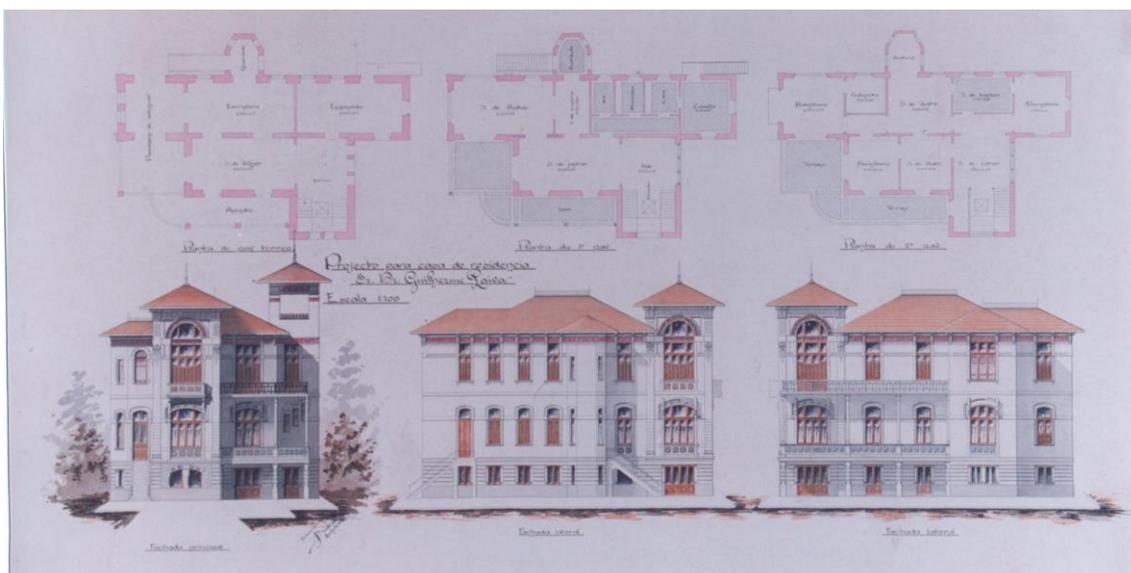


Figura 112: Palacete Guilherme Paiva - Desenho de José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos

Dentro da mesma linha conceptiva, encontrou-se um projeto do arquiteto Valle Provino para a *Vila Leoncini*, em Udine, na Itália, no exemplar de julho de 1912 da coleção de revistas *L'Architettura Italiana*, de posse do acervo de José Sidrim. Fora as semelhanças, pode ser constatada a qualidade superior do desenho executado pelo arquiteto paraense. (Figura 113)

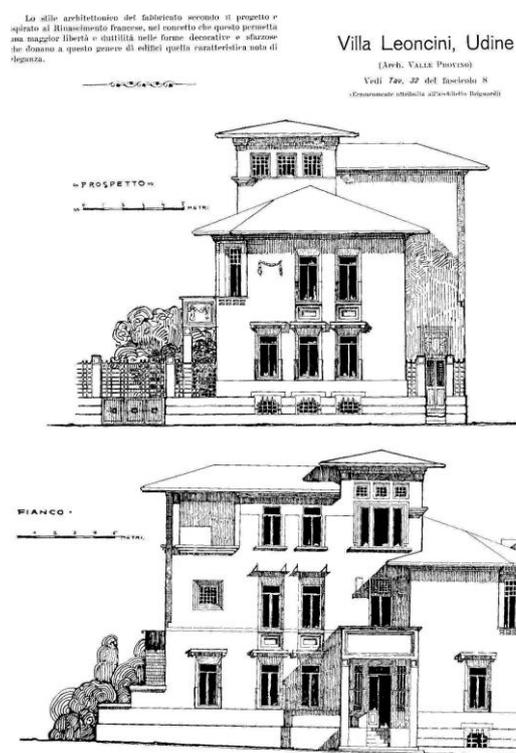


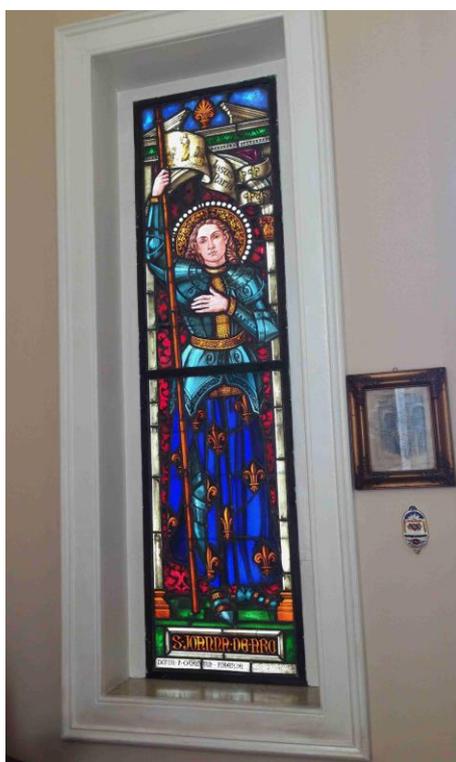
Figura 113: Projeto da Villa Leoncini - Udine/Itália, arquiteto Valle Provino.
Fonte: Revista *L'Architettura Italiana*, de julho de 1912. Acervo José Sidrim

O palacete, muito bem conservado, construído em 1924, encontra-se situado na avenida Dr. Moraes, entre as avenidas Nazaré e Governador José Malcher, e, atualmente, é de propriedade do Exército brasileiro, sendo sede do Comando da 8ª Região Militar. Localizado no centro do lote, está numa posição que favorece a privacidade, a ventilação cruzada e a contemplação dos jardins, característica do espírito pitoresco do Romantismo. No entanto, por estar apartado das divisas do terreno, exigiu de Sidrim o desenvolvimento das quatro fachadas, todas compostas com o mesmo esmero e unidade dos ornamentos. O volume da escada acentua o predomínio vertical da composição e as molduras ornamentais que percorrem todo o perímetro do edifício estabelecem o contraponto horizontal. A característica eclética de dispor de vários materiais no arranjo das elevações, ou somente representá-lo, está presente neste projeto de Sidrim, que combinou marmorite, vidros lisos e coloridos, madeira e condutores metálicos, alcançando um resultado harmonioso.

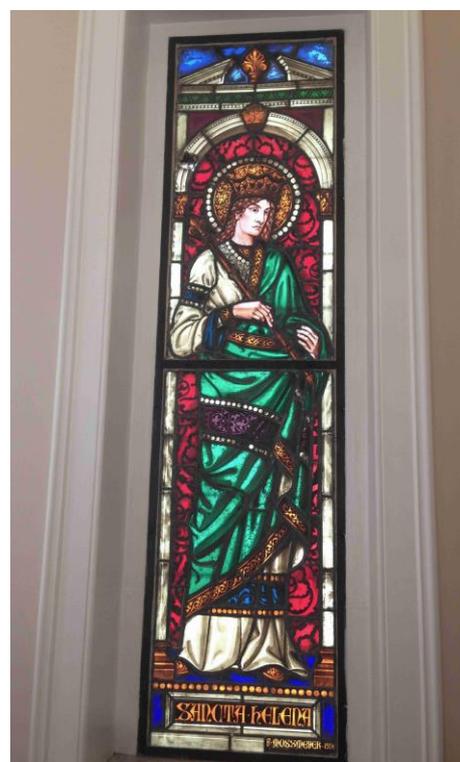
O programa de necessidade atendido é compatível com o apresentado pelo palacete paulistano, correspondendo ao estilo francês de morar, distribuído em três pavimentos. No térreo (uso social e serviço), localizam-se a passagem de automóvel, sala de bilhar, escritório, hall da escada e sala de engomados. Neste pavimento, o dono

da casa predomina com ambientes para trabalhar e receber amigos. No desenho desta planta, existe a previsão de futura instalação de elevador, no espaço central da escada. No primeiro pavimento (uso social e serviço) há vestíbulo, sala de espera, sala de visitas, sala de jantar, varanda, *loggia*, *hall*, *w.c.*, despensa e copa-cozinha. Na denominação dos ambientes, percebe-se as influências inglesa e italiana. A sala de espera sinaliza a proteção da privacidade da família. A novidade é do *hall*, que por concentrar circulações, suprimiu a presença de longos corredores. No segundo pavimento (uso íntimo) estão o dormitório do casal, dois dormitórios, sala de vestir, sala de banhos, gabinete, oratório, terraço e sala de estar. Percebem-se no setor íntimo espaços para o desempenho de atividades múltiplas: descanso, vestir, trabalho, higiene e orações. O posicionamento dos banheiros, próximos aos dormitórios, foi uma novidade relativamente recente, trazida pelo Ecletismo, para dar mais conforto à clientela burguesa, que também não gostava da sobreposição de atividades.

O ambiente do oratório merece ser destacado pela beleza de seus vitrais, em homenagem a Santa Joana d’Arc e Santa Helena, devoção dos donos da casa. (Figuras 114 e 115)



Figuras 114: Palacete Guilherme Paiva - Vitrail de Santa Joana d’Arc.
Fonte: Foto: Ana Léa Matos, 2015



Figuras 115: Palacete Guilherme Paiva - Vitrail de Santa Helena. Fonte: Foto: Ana Léa Matos, 2015.

Outro elemento muito característico nos projetos de Sidrim são as escadas, muito bem detalhadas, calculadas e executadas com acabamento primoroso. Dispõem de volume destacado na fachada, em lugar estratégico, a fim de distribuir os fluxos para cada setor: social, íntimo e serviço. Conveniente lembrar da observação de sua nora Rosita, quando disse que tinha um operário exclusivo para fazer as escadas. Esse aspecto era observado em todas as obras, inclusive nas igrejas. Na residência de Guilherme Paiva não foi diferente. (Figuras 116, 117, 118 e 119)



Figuras 116: Palacete Guilherme Paiva: Escada.

Fonte: Foto: Ana Léa Matos, 1988.



Figura 117: Palacete Guilherme Paiva: Outro ângulo da escada.

Fonte: Foto: Ana Léa Matos, 2015.

Na Figura 116, vê-se o arranque da escada do primeiro pavimento, indo em direção ao segundo pavimento. E na Figura 117, a visão dela a partir da escada de caracol que dá acesso ao mirante. Nos dois registros, percebem-se os detalhes do assoalho, que se diferenciam em cada pavimento.



Figura 118: Palacete Guilherme Paiva: Escada de caracol que dá acesso ao mirante.
Fonte: Foto: Ana Léa Matos. Em 2015.



Figura 119: Palacete Guilherme Paiva: Detalhe do guarda-corpo do *belvedere*.
Fonte: Foto: Ana Léa Matos. Em 1988.

Os vários modelos de esquadrias externas e internas presentes nos detalhamentos do edifício deixam entrever as soluções preferidas por Sidrim, como os arranjos com vidros coloridos e a meia porta dividindo ambientes. (Figura 120 a, b, c, d)



Figura 120a: Palacete Guilherme Paiva: Esquadria interna – sala de visita.
Fonte: Foto Ana Léa Matos. Em 1988.



Figura 120b: Palacete Guilherme Paiva: Esquadria externa – varanda superior.
Fonte: Foto Ana Léa Matos. Em 1988.



**Figura 120c: Palacete Guilherme Paiva:
Esquadria externa – porta principal.**
Fonte: Foto Ana Léa Matos. Em 1988.



**Figura 120d: Palacete Guilherme Paiva:
Esquadria interna – oratório.**
Fonte: Foto Ana Léa Matos. Em 1988.

Da época da entrega da casa, existem fotografias que permitem ver como alguns ambientes foram mobiliados pelos proprietários, como a varanda do primeiro pavimento, a sala de jantar, o estar masculino e o dormitório. (Figuras 121, 122, 123, 124)



Figura 121: Residência Guilherme Paiva: Varanda.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos



Figura 122: Palacete Guilherme Paiva: Sala de jantar e sala de música.
Acervo Ana Léa Matos



Figura 123: Palacete Guilherme Paiva: Sala de estar e de jogos.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos



Figura 124: Palacete Guilherme Paiva: um dos dormitórios da residência.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.



Figura 125: Palacete Guilherme Paiva: Fachada principal vista da casa vizinha.
Foto: Ana Léa Matos, em 2015.

Com a obra entregue, a satisfação do cliente veio expressa em uma carta de agradecimento a José Sidrim, que teve o cuidado de guardá-la entre seus pertences. (Figura 126)

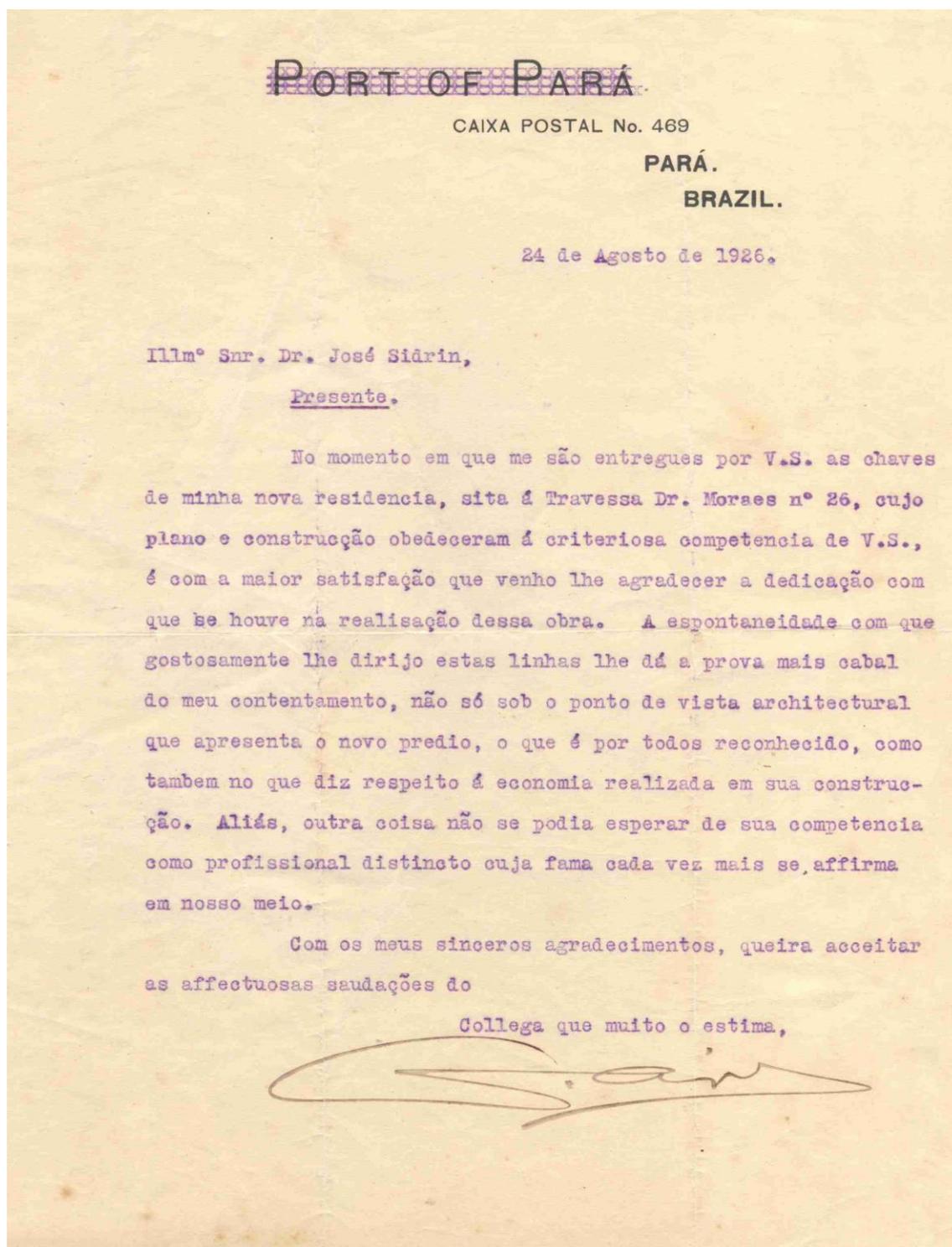


Figura 126: Carta de Guilherme Paiva enviada a José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Palacete Orlando Lima

O primeiro proprietário da residência a ser analisada foi Argemiro Orlando Pereira Lima, médico, formado na Alemanha como Cirurgião Geral, com especialidade em Ginecologia - Obstetrícia. Membro da Academia Nacional de Medicina e das Academias Paraense e Amazonense de Letras. Ocupou o cargo de Diretor da Santa Casa de Misericórdia, sendo o responsável por diversas melhorias naquela casa de Saúde. Por esta ocasião, chamou José Sidrim para fazer o projeto e a construção da Maternidade e do Hospital Infantil. Neste trabalho, o relacionamento foi aprofundado e em consequência da seriedade e competência com que a obra ia sendo realizada, veio o convite para que Sidrim elaborasse o projeto da residência do diretor (Figura 127).



Figura 127: Argemiro Orlando Pereira Lima.
Fonte: Acervo família Lima Barreto.

A edificação foi implantada na rua Dr. Moraes, entre av. Nazaré e av. Governador José Malcher, no terreno vizinho ao de Guilherme Paiva, ficando presa à lateral esquerda do lote, com a sala de visita e um dormitório abrindo direto para o passeio público. A escada mais recuada dava acesso, através de um pátio lateral, ao

interior da residência, e a garagem integrada ao corpo do edifício, uma novidade para época.

Esta forma com que o edifício foi implantado representou uma fase do Ecletismo, quando, paulatinamente, as construções foram se libertando dos limites do terreno. A partir daí, foram necessários terrenos bem maiores em atendimento às novas noções de conforto, higiene e funcionalidade.

O programa de necessidade da família Lima ficou dividido entre o pavimento térreo (porão habitável) e o primeiro pavimento. No térreo: garagem, biblioteca, sala de bilhar, quarto, quarto com banheiro / w.c., salão, engomados e lavanderia. No primeiro pavimento: varanda, entrada, sala de visitas, dormitório com sala de vestir, sala de banho, dormitório (2), sala de jantar, oratório, despensa, sala de almoço, copa, cozinha e alpendre. (Figura 128)

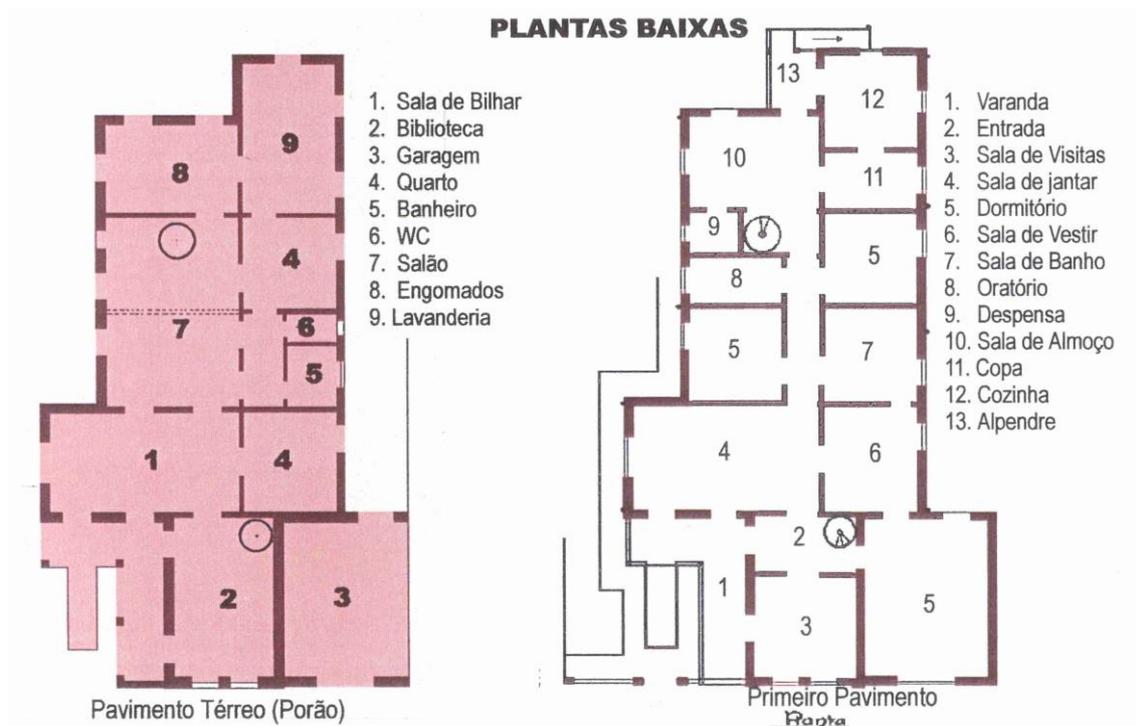


Figura 128: Palacete Orlando Lima: Plantas Baixas: térreo e primeiro pavimento.

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Foram feitas duas propostas para a elevação principal, uma de composição simétrica, em que os telhados ficaram encobertos por platibandas⁴¹⁸, e a

⁴¹⁸ PLATIBANDA - Elemento vazado ou cheio disposto no alto de fachadas, coroando a parede externa do prédio, formando uma espécie de mureta que esconde as águas dos telhados e eventualmente serve de proteção em terraços. Em geral, é utilizada para dar acabamento decorativo à fachada da construção. In:

outra, em que a percepção assimétrica vem justamente pelo tratamento da cobertura, ora aparente, ora escondida. A planta baixa utilizada nas duas opções foi a mesma, no entanto, os resultados trouxeram caracteres distintos ao edifício. A última tentativa foi a construída. (Figura 129)

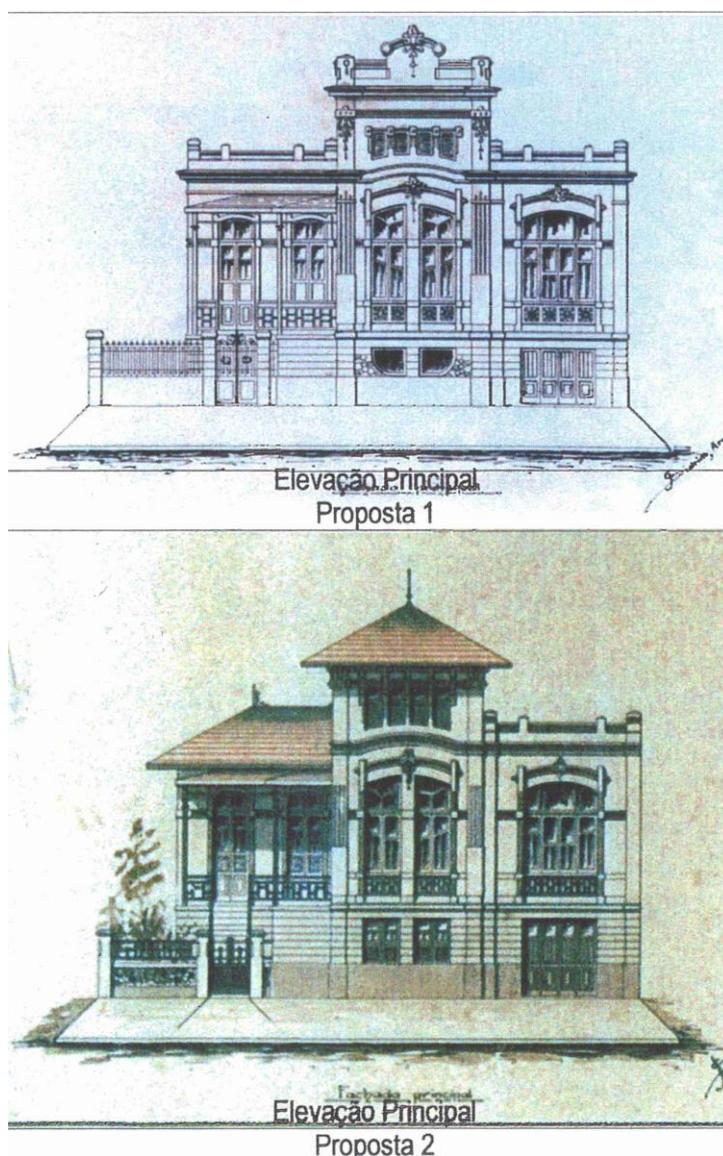


Figura 129: Palacete Orlando Lima: Propostas de fachadas.
Acervo Ana Léa Matos.

Os traços peculiares das composições arquitetônicas de José Sidrim eram identificados como um “estilo moderno”, transmitindo ideia de progresso da cidade. A revista Belém Nova assim se manifestou sobre o palacete:

LIMA, Cecília Modesto *et alle*. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 1998. p.485.

O elegante e confortável palacete, propriedade do conceituado médico dr. Orlando Lima, director da Maternidade da Santa Casa, edificado á travessa dr. Moraes. Planta do conhecido engenheiro José Sidrim, o architecto que vem dotando a nossa *urbs* de belos e magníficos edifícios, o palacete Orlando Lima, pela sua construção artística e hygienica representa a graça a elegância das habitações, dando á Cidade foros de incontestável progresso e modernismo.⁴¹⁹

Atualmente, o edifício é de propriedade de Mendonça & Demachki Advogados Associados, está desocupado, no entanto, com as características originais preservadas. (Figura 130)



Figura 130: Palacete Orlando Lima: Características originais preservadas.
Fonte: Foto: Dulcília Corrêa, em 2013.

⁴¹⁹ *Belém Nova*, ano II, nº 4, 1 ago. 1925. Acervo Dulcília Corrêa.



Figura 131: Palacete Orlando Lima: Vista lateral.

Fonte: Foto: Ana Léa Matos, em 2016.

A cobertura, mesmo não estando visível, como da residência Guilherme Paiva, não foi descuidada, possui um desenvolvimento em várias águas. Os telhados movimentados são marcas registradas das obras de José Sidrim, predominância da influência italiana, reforçada por sua coleção de revistas de Arquitetura (Figuras 132, 133 e 134)



Figura 132: Palacete Orlando Lima: Visão aérea da cobertura.

Fonte: Foto: Dulcília Corrêa, em 2013.



Figura 133: Palacetes Orlando Lima e Guilherme Paiva: coberturas.
Foto: Ana Léa Matos, em 2015.



Figura 134: Villa Bignardi – Milano.
Fonte: Revista *L'Architettura Italiana*, mai. 1912. Biblioteca José Sidrim.

A solução dos telhados com mirante destacado é recorrente nas obras de José Sidrim, como se observou nos Palacetes Guilherme Paiva e Orlando Lima.

Os moradores na casa dão o sentido aos espaços, preenchendo-os e personalizando os ambientes. Quando estão abandonadas, provocam sentimento de melancolia e curiosidade pelo tempo ali vivido. Nem sempre é possível conciliar a

descrição arquitetônica com os personagens protagonistas daquele espaço. Com o Palacete Orlando Lima, foi possível reviver essas memórias com as fotografias antigas da família, e descobrir, por exemplo, que a varanda de entrada era o lugar preferido para os registros familiares. (Figuras 135, 136 e 137)



Figura 135: Filha de Orlando Lima, Isabel Lima Barretto, na varanda de entrada.
Fonte: Acervo família Lima Barretto.



Figura 136: Família Orlando Lima na varanda de entrada do Palacete. Na foto, da esquerda para direita: Isabel Lima Barretto (filha), Geraldo Pereira Lima (filho) e Noêmia Travassos de Souza Lima (esposa)

Fonte: Acervo família Lima Barretto.

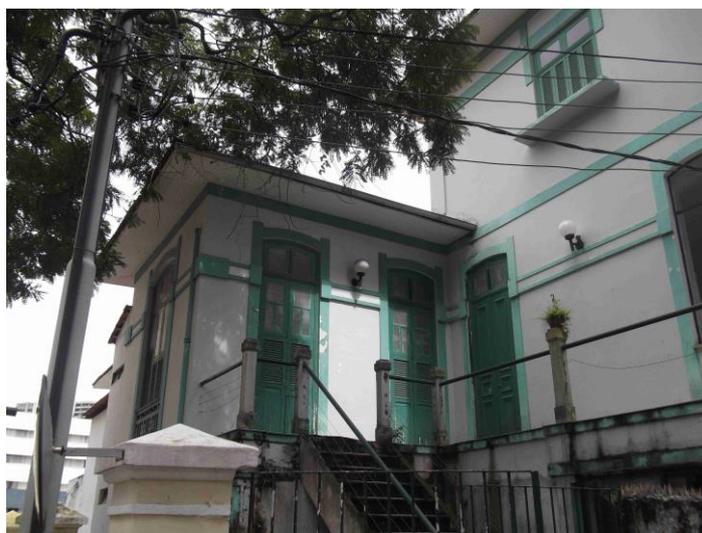


Figura 137: Palacete Orlando Lima: Vista da varanda de entrada.
Foto: Dulcília Corrêa, em 2013.

O cuidado com os detalhes de acabamento da casa ainda pode ser conferido nas diversas padronagens do revestimento do piso, em ladrilho hidráulico, de alguns ambientes. E nas pinturas, no alto das paredes do dormitório da filha (ambiente 5 – primeiro pavimento), que por longo período estiveram encobertas pelos forros rebaixados quando ali funcionou uma clínica, representando as quatro estações do ano, sem referência de autoria.



Figura 138a, 138b, 138c, 138d: Padronagens dos ladrilhos hidráulicos do Palacete Orlando Lima.
Fonte: Acervo Dulcília Corrêa.



Figura 139: Palacete Orlando Lima: Trecho da pintura das paredes do oratório.
Foto: Ana Léa Matos, em 2015.

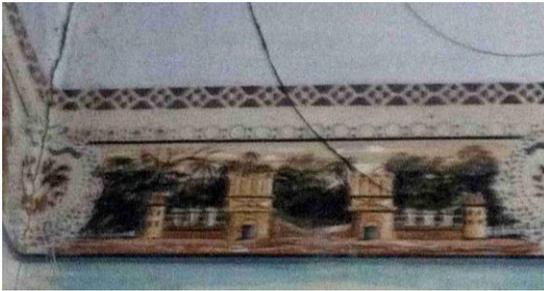


Figura 140a e 140b: Palacete Orlando Lima: Detalhes das pinturas do dormitório.
Foto: Ana Léa Matos, em 2015.

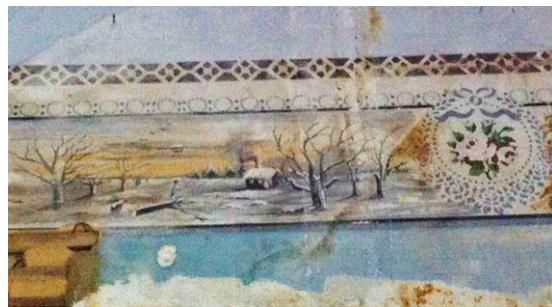


Figura 140c e 140d: Palacete Orlando Lima: Detalhes das pinturas do dormitório.
Foto: Ana Léa Matos, em 2015.

O resultado do trabalho levou Orlando Lima a escrever uma carta em agradecimento a José Sidrim, reconhecendo a “Rapidez, cuidado, competência, escrupulo, delicadeza” na forma com que tudo foi conduzido no andamento da obra. (Figura 141)

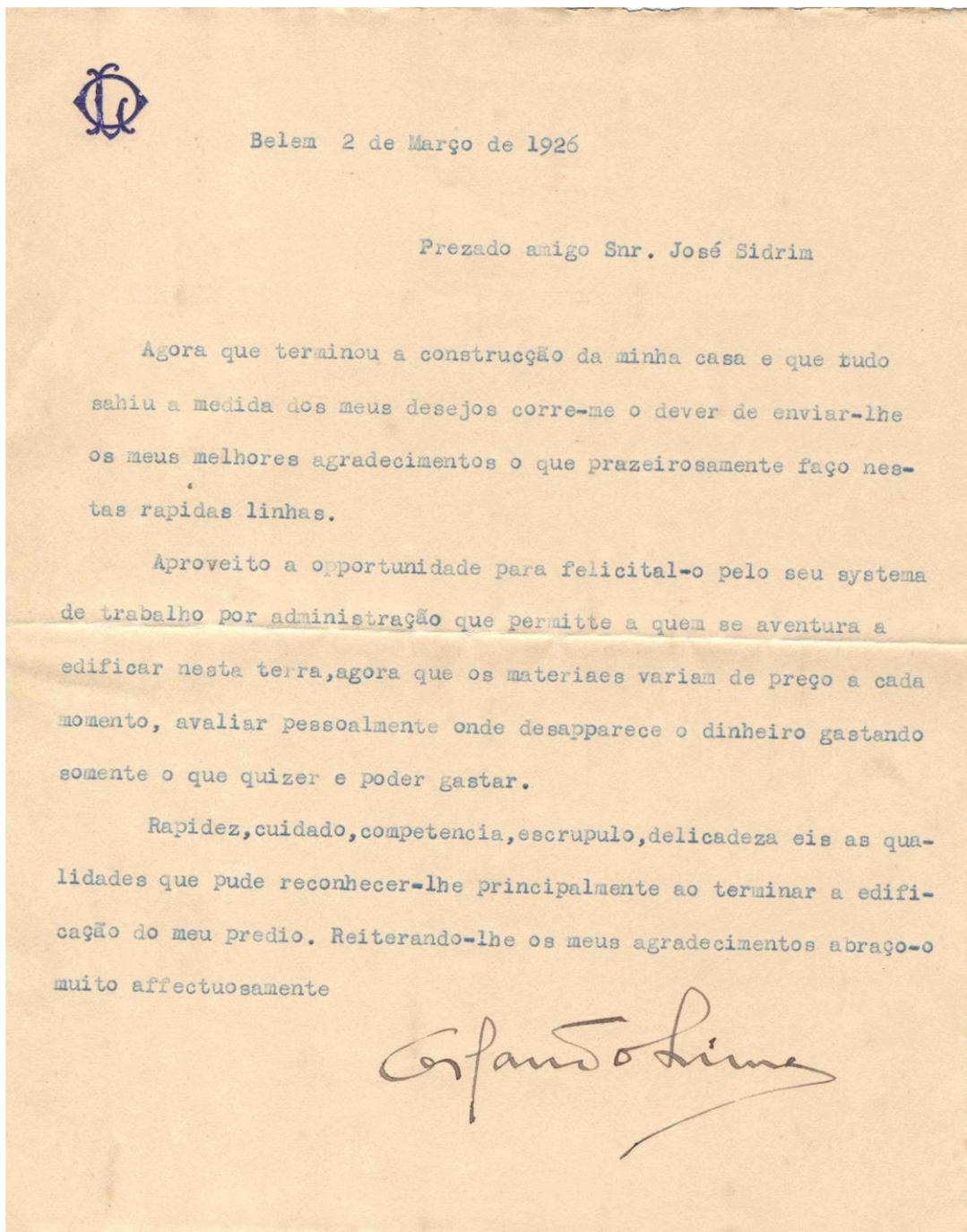


Figura 141: Carta de Orlando Lima a José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Residência Manoel Dacier Lobato

Outro destaque na “galeria” de obras de Sidrim é a residência Manoel Dacier Lobato. Não foi uma concepção integral do arquiteto, mas, uma reforma, para adequar as necessidades deste novo proprietário a casa. Localizada na trav. Quintino Bocaiúva, 131, esquina com a av. Nazaré, no largo da Memória, atual Largo Lopo de Castro.

A edificação para morar foi construída por Childerico Fernandes que, posteriormente, vendeu para Pedro Gusmão, por volta de 1910, ocasião em que foi feito um cartão-postal, editado em Milão, Itália, registrando o prédio em sua originalidade⁴²⁰. (Figura 142)



Figura 142: Cartão-postal da residência e propriedade do Dr. Pedro Gusmão.

Fonte: NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850 – 1950*. Belém: ABIH-PA, 2016.

Manoel Dacier Lobato era filho de Gregória Lobato, grande proprietária de fazendas no Marajó, e tornou-se pecuarista em função da herança e da tradição familiar. Pediu em casamento Waldomira Frade, que aceitou, com a condição de que deveria aguardar após a realização de um curso superior. Partiu então para a França, cursando por cinco anos Direito. Ao voltar de viagem, comprou a casa de Pedro Gusmão, para presentear a noiva no dia do casamento. Ali foram morar depois de

⁴²⁰ NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850 – 1950*. Belém: ABIH-PA, 2016. p. 81.

casados e tiveram duas filhas: Conceição e Mercedes.⁴²¹ Foi então que Lobato contratou José Sidrim para reformar a casa, provavelmente, entre os anos 1924 e 1925. As principais intervenções foram feitas na fachada lateral, voltada para o Largo do Redondo: a instalação de um *belvedere* e uma escada de mármore, dando acesso pela avenida Nazaré. Internamente, o ponto alto ficou por conta dos vitrais colocados para ornamentar e iluminar a casa. Os vitrais e a escada de mármore se originaram do mesmo fabricante que forneceu aqueles produtos para as obras da Basílica de Nazaré.⁴²²

Enquanto as obras se desenvolviam, Dacier Lobato, com problemas de saúde, foi fazer o tratamento na França. Ao retornar de navio para Belém, recebeu a notícia do falecimento da esposa, a qual não viu a conclusão das obras. A filha, Conceição, estava com apenas seis anos de idade. Passados três anos, faleceu Manoel Dacier Lobato.

As ferragens e as plantas dos móveis foram adquiridas na França e a execução foi feita com madeiras da Amazônia pelo fabricante J.S. de Freitas & C^a. Depois de prontos ficaram expostos por três meses no Grande Hotel.⁴²³

A inserção do belvedere⁴²⁴ na composição da fachada quebrou a horizontalidade que predominava anteriormente. A busca de um contato maior com a Natureza e de ter à disposição do olhar uma bela paisagem foi a moda trazida pelo espírito romântico para dentro das edificações ecléticas. Os dois palacetes anteriormente descritos também possuíam um mirante. (Figura 143)

⁴²¹ CASTRO JÚNIOR, Lopo. *Manoel Dacier Lobato*. Belém, out. 2012. Entrevista concedida à Dulcília Maneschy Côrrea.

⁴²² Manoel Dacier Lobato fez doações de vitrais e das escadas (retiradas) dos púlpitos à Basílica de Nazaré. In: CASTRO JÚNIOR, Lopo. *Manoel Dacier Lobato*, Belém, out. 2012. Entrevista concedida à Dulcília Maneschy Côrrea.

⁴²³ CASTRO JÚNIOR, Lopo. *Manoel Dacier Lobato*, Belém, fev. 2017. Entrevista concedida à Dulcília Maneschy Côrrea.

⁴²⁴ *BELVEDERE* – palavra italiana que significa bela vista e que designa os mirantes construídos em locais de onde se descortinam bonitos panoramas. MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de Termos Artísticos*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1998. p. 39.



Figura 143: Residência Manuel Dacier Lobato - *belvedere* de José Sidrim.
Foto: Flávio Nassar, em 2003.

Após o falecimento de Manuel Dacier Lobato, o imóvel foi transferido como herança à sua filha Conceição Lobato de Castro. Ela, depois de casar com Lopo de Castro, residiu por um período na casa. A seguir fizeram um contrato de locação com Garés & C.^a, e o prédio foi adequado para uso de hotel, Hotel Madame Garès⁴²⁵, com restaurante atendendo para almoço, jantar e recepções.⁴²⁶ Depois disso ainda voltaram a morar lá. Atualmente é um estabelecimento bancário.

Residência cel. José Leite Chermont

A residência do cel. José Leite Chermont ficava vizinha ao Palacete de Rita Bezerra, na av. Nazaré, nº 83, identificada no desenho de 18 de junho de 1927, executado por José Sidrim, como um “*bungalow*”⁴²⁷.

O tratamento da elevação principal enquadra o edifício na manifestação neocolonial, ocorrida no Brasil na década de 1920. Os ornamentos barrocos na fachada se conjugam na mesma tendência da planta baixa, com a antiga solução de um longo corredor unindo os compartimentos. Em São Paulo foram encontrados espécimes

⁴²⁵ A família Garés foi citada no Capítulo 1 – A Cidade Escolhida Para Viver: Belém do Pará. 1.4. O exílio em Benfica. p. 105 e 106.

⁴²⁶ NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850 – 1950. Belém: ABIH-PA, 2016. p. 81.

⁴²⁷ Definição dada para casa de um pavimento com varanda e telhados de pouca inclinação e aparentes.

arquitetônicos com o mesmo detalhamento na elevação principal, conforme observou Carlos Lemos⁴²⁸. Comparando os dois edifícios percebe-se o largo conhecimento arquitetônico de José Sidrim, apresentando uma composição de proporções harmoniosas que conferem ao edifício a ideia de solidez exigida pelos tratados de Arquitetura. O elemento que faz referência ao período colonial brasileiro se insinua entre os telhados, de forma elegante. A solução da cobertura remete a composições italianas. Três arcos plenos delimitam o alpendre, que dá acesso à edificação. Embaixo, na direção do patamar da escada, uma fonte ornada com singelas conchas e volutas completa o conjunto de evocações barrocas. Sidrim, com esta edificação, participa do espírito nacionalista, que invadiu a produção arquitetônica da época. (Figuras 144, 145 e 146)

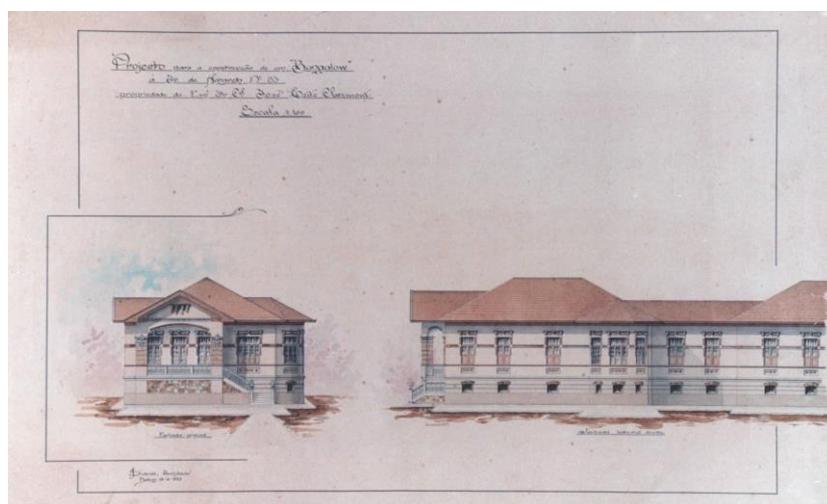


Figura 144: Residência José Leite Chermont: Fachada e elevação lateral.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.



Figura 145: Residência José Leite Chermont: Estudo de fachada.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.



Figura 146: Exemplos da arquitetura neocolonial – São Paulo.
Fonte: LEMOS, Carlos A. C. *Republica Ensina a Morar (Melhor)*. p. 80.

⁴²⁸ LEMOS, Carlos A. C. *Republica Ensina a Morar (Melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 80.

A Figura 145 apresenta a concepção da fachada de José Sidrim, marcada pela influência neocolonial, e a Figura 146 exhibe uma casa com a mesma referência histórica, em São Paulo, na década de 1920.

O imóvel atualmente é tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura do Estado do Pará, através da Lei Estadual nº 5.629 de 20.12.90. Passou por várias adaptações para adequar-se à função de repartição pública, comprometendo, em alguns aspectos, a leitura original da edificação planejada para o uso habitacional. Porém, em seu conjunto encontra-se bom estado de preservação.

Casas Para Alugar – José Leite Chermont



Figura 147: Registro do momento da demolição das “Casas para Alugar”
Fonte: *A Província do Pará*, Belém, ano 111, n. 30.035, 11 jan. 1988.

Também de propriedade de José Leite Chermont são as “Casas para Alugar” projetadas por José Sidrim. Correspondem, no artigo do jornal, às edificações caracterizadas como “Dois prédios estylo americano, à av. Cypriano Santos⁴²⁹, propriedade do capitalista coronel José Leite Chermont”,⁴³⁰ construídas em 1925, atualmente av. Gov. Magalhães Barata 139.

Suas concepções arquitetônicas partem da tipologia dos *villinos*, citada anteriormente, correspondendo a uma versão reduzida dos palacetes, no desenho dos

⁴²⁹ A av. Cypriano Santos posteriormente foi denominada de av. Independência, atualmente av. Gov. Magalhães Barata.

⁴³⁰ A MODERNIZAÇÃO da Cidade. *Estado do Pará*, Belém, 9 set. 1925.

partidos, das coberturas e das estéticas, totalmente destacados do lote, com pequenos afastamentos laterais, recuos frontais e grandes quintais.

Foram demolidas em janeiro de 1988 (Figura 147) e este fato transformou-se em um marco da organização das pessoas em torno da defesa do patrimônio histórico de Belém. O levantamento das fachadas e plantas baixas havia sido feito por alunos da disciplina Arquitetura Brasileira, da professora Elna Trindade, na Universidade Federal do Pará, em um período bem próximo à demolição, em função dos boatos que corriam na cidade.

As casas apresentavam um programa de necessidade mais modesto, em um padrão de classe média, porém, com as atividades setorizadas. No pavimento térreo: vestíbulo, hall da escada, sala de visitas, sala de jantar, quarto, banheiro, copa, cozinha e alpendre. No primeiro pavimento: dormitórios (3), sala de estar, gabinete, sala de banho e hall da escada/ acesso ao belvedere. As plantas e fachadas não eram idênticas, no entanto, o tratamento dado às elevações principais, ornamentos e coberturas teve como resultado um conjunto harmônico.



Figura 148: Casas para Alugar – José Leite Chermont: Planta baixa.

Fonte: Desenho feito pelos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPA, em torno de 1987.

No térreo, o *hall* da escada faz o papel do vestíbulo francês, proporcionando o acesso direto a vários setores e também ao pavimento superior. A escada tem seu volume próprio destacado na fachada e, para dar acesso ao *belvedere*, assume o formato de caracol. Os corredores foram abolidos e a distribuição dos fluxos concentra-se nos ambientes centrais.

Os ambientes de maior permanência, salas e quartos, ficavam voltados para a direção da ventilação predominante em Belém.

Os traços das vilas italianas estavam novamente perceptíveis nas fachadas. Na publicação *Novità Ville e Villete Moderne*⁴³¹, da biblioteca de José Sidrim, encontra-se um projeto que remete às características das “Casas para Alugar”. (Figura 149)

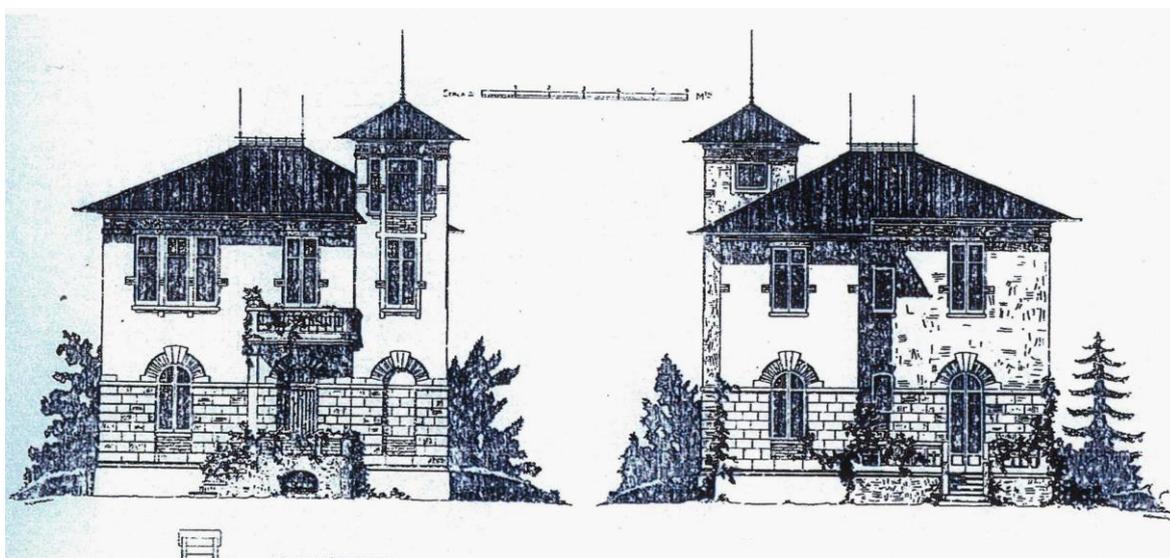


Figura 149: *Novità Ville e Villete Modern.*
Bolletino Novità – Opere D’Arte Applicata Alle Industrie. Nº 24, 1912.
Fonte: Acervo José Sidrim.

As fachadas das “Casas para Alugar” foram publicadas na revista *Belém Nova*⁴³² e ali caracterizadas como “*Bungalow*” (Figuras 107 e 108). As tipologias residenciais utilizadas por José Sidrim encontram-se identificadas nos livros de história da Arquitetura como Casa de Campo. São edificações de partidos e composições volumétricas dinâmicas, telhados movimentados e bem elaborados.

⁴³¹ *Novità Ville e Villete Moderne.* Bolletino Novità – Opere D’Arte Applicata Alle Industrie. Publicação Trimestral nº 24 – maio 1912.

⁴³² *Belém Nova*, 1925, p. 39 e 45)

Constata-se uma certa homogeneidade nas soluções residenciais apresentadas por vários países, no final do século XIX, início do XX, como França, Itália, Alemanha, Estados Unidos e Brasil, numa lógica própria de um estilo, a linguagem coletiva e sistema universal de formas que transcendem as singularidades e individualidades expressivas.

Palacete Aurélia Passarinho

O Palacete Passarinho é o projeto de José Sidrim mais conhecido em Belém, o mais estudado. Augusto Meira Filho considerava sua obra principal, dizendo ser o projeto predileto do arquiteto⁴³³. Em 2000, foi dada a entrada em seu processo de tombamento, na Secretaria de Cultura Executiva do Estado do Pará, no Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, atualmente concluído, integrando a relação dos bens tombados pelo Estado.

Entre os familiares, era chamado de Palacete Aurélia Passarinho, razão pela qual, passa-se assim a identificá-lo.

Benedicto Cesar Santos Passarinho, esposo de Aurélia, foi farmacêutico, elaborava e vendia fórmulas medicinais em sua Farmácia e Drogaria Cesar Santos, fundada em 1882. A empresa era possuidora de um grande e variado estoque, oriundo da Europa e América do Norte, ao mesmo tempo em que dispunha de drogas, ali manipuladas, para o atendimento das doenças típicas da Amazônia. O seu comércio atendia a cidade e o interior do estado do Pará. Para o mercado externo europeu, enviava “grande quantidade de ervas medicinais” encontradas no “vale do Amazonas”.⁴³⁴ Na realidade, era Farmácia, Drogaria e Indústria. A indústria ficava responsável em exportar os remédios manipulados por Benedicto Passarinho, entre eles o Regulador Gesteira⁴³⁵, Ventre Livre e Dipamirol. A empresa anualmente imprimia um Almanaque ofertando suas produções e mercadorias.

⁴³³ *A Província do Pará*, Belém, 6 nov. 1977. Jornal Dominical – Galeria dos Esquecidos

⁴³⁴ Sobre a Farmácia e Drogaria Cesar Santos encontrou-se informações disponíveis em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

⁴³⁵ O Regulador Gesteira ficou assim registrado, em função de uma pessoa, com aquele nome, amigo de Benedicto Passarinho. Provavelmente, o financiador da pesquisa feita pelo farmacêutico.

Aurélia Cesar Santos Passarinho, vinha da família Lambert Pereira, proprietária do Bom Marché, localizado em frente ao Paris N'América. Era uma grande loja que só vendia artigos franceses.

A família de Aurélia Passarinho tinha muitos recursos, no entanto, quem financiou a obra do Palacete, com intuito de lhe dar de presente, foi o seu marido.⁴³⁶

O desejo de construir uma nova moradia surgiu de Benedicto e Aurélia em uma de suas viagens à Europa. Suas filhas, Zaíra e Lygia, estudavam no *College Feminin de Bouffemont* e não demonstravam nenhuma intenção de retornar para o Brasil. (Figura 150)



Figura 150: Cena de uma atividade escolar no *College Feminin de Bouffemont*.

Fonte: Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 7 fev. 2017.

Surgiu então a ideia de construir, em um terreno que a esposa possuía na av. Independência n° 60⁴³⁷, uma bela moradia, para atrair as filhas de volta a Belém: o Palacete Aurélia Passarinho.

Chegaram ao Brasil com uma fotografia de uma casa, com características da arquitetura da região da Normandia⁴³⁸, no noroeste da França, e foram à procura do

⁴³⁶ BARRETO, Pietra Castro Paes. *Cartografias de uma cidade invisível*: relatório técnico-científico: abr.2015/mar.2016. Belém, 2016. Relatório apresentado ao Programa Jovens Talentos para a Ciência/Capes, Itec-Fau, Universidade Federal do Pará, 2016. Projeto Cartografias de uma Cidade Invisível sob a orientação de Jorge Leal Eiró da Silva.

⁴³⁷ Avenida Independência é atualmente denominada de avenida Magalhães Barata.

engenheiro-arquiteto José Sidrim. Teriam trazido da viagem grande parte do material que foi empregado na construção da casa, escolhido pessoalmente por Aurélia Passarinho. Zaíra e Lygia permaneceram estudando na França por quase dez anos, depois retornaram a Belém para usufruírem do conforto e da beleza do palacete, a tempo de realizar-se a festa de 15 anos de Zaíra no novo endereço.⁴³⁹

Na entrega da obra, álbuns de fotografias foram feitos, registrando a arquitetura e a decoração dos interiores, e José Sidrim entregou para a dona da casa a chave de ouro do *Home Sweet Home*. (Figura 151)



Figura 151: Palacete Aurélia Passarinho: gravações na chave de ouro.

Foto: Ana Léa Matos, em 2012.

Em setembro de 1933, o palacete foi preparado para receber ilustres visitantes: o Chefe do Governo Provisório brasileiro, Getúlio Vargas, e sua comitiva. Para adequar a residência àquela nova funcionalidade, foram disponibilizadas “uma sala telegraphica, com installações Morse e de rádio; uma sala para serviços de imprensa e vários gabinetes para trabalho”, além de dezoito telefones, foi decidido que o espaço

⁴³⁸ São casas que exibem na fachada o enxaimel, estruturas e esquadrias de madeira aparente e pintada, característico da casa do colono alemão, e das antigas edificações em estilo normando. In: LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, vol.1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998. p. 223.

⁴³⁹ BARRETO, Pietra Castro Paes. *Cartografias de uma cidade invisível: relatório técnico-científico*: abr.2015/mar.2016. Belém, 2016. Relatório apresentado ao Programa Jovens Talentos para a Ciência/Capes, Itec-Fau, Universidade Federal do Pará, 2016. Projeto Cartografias de uma Cidade Invisível sob a orientação de Jorge Leal Eiró da Silva.

externo seria “profusamente iluminado”.⁴⁴⁰ Getúlio Vargas, no desempenho de sua missão, recebeu muitas autoridades para confabulações e o Palacete Passarinho foi o cenário deste momento histórico.

A construção do palacete foi iniciada em 1925, com o edifício localizado no centro do terreno, em meio a jardins franceses, que proporcionavam a relação com a Natureza e preservavam a intimidade familiar. (Figura 152)



Figura 152: Palacete Aurélia Passarinho: aquarela do pintor Antônio Coutinho.
Acervo da Família Passarinho.

O programa de necessidade deveria satisfazer os costumes e desejos de uma família composta por um casal e duas filhas, servida por dois empregados domésticos e um motorista, dentro de padrões da classe alta.

A proposta arquitetônica acomodou as atividades solicitadas em dois pavimentos e no sótão. No pavimento térreo: varanda, *hall*, sala de visitas, sala de música, sala de bilhar, sala de fumar, sala de jantar, *hall* da escada, sala de almoço, sala de estudo, lavabo e *w.c.*, copa, cozinha e quarto. Neste piso há o predomínio de espaços para a convivência social. No primeiro pavimento: terraço, dormitório e quarto de toailete do casal, sala de banho, vestíbulo, dormitório e quarto de toailete das filhas,

⁴⁴⁰ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 set. 1933. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2016/08/05/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

varanda, dormitório, gabinete, *hall* da escada, sala de banho conjugada ao lavabo e rouparia. Um pavimento apenas para os ambientes da intimidade familiar. No sótão: quarto (2), engomados, *w.c.* e *belvedere*. (Figuras 153)

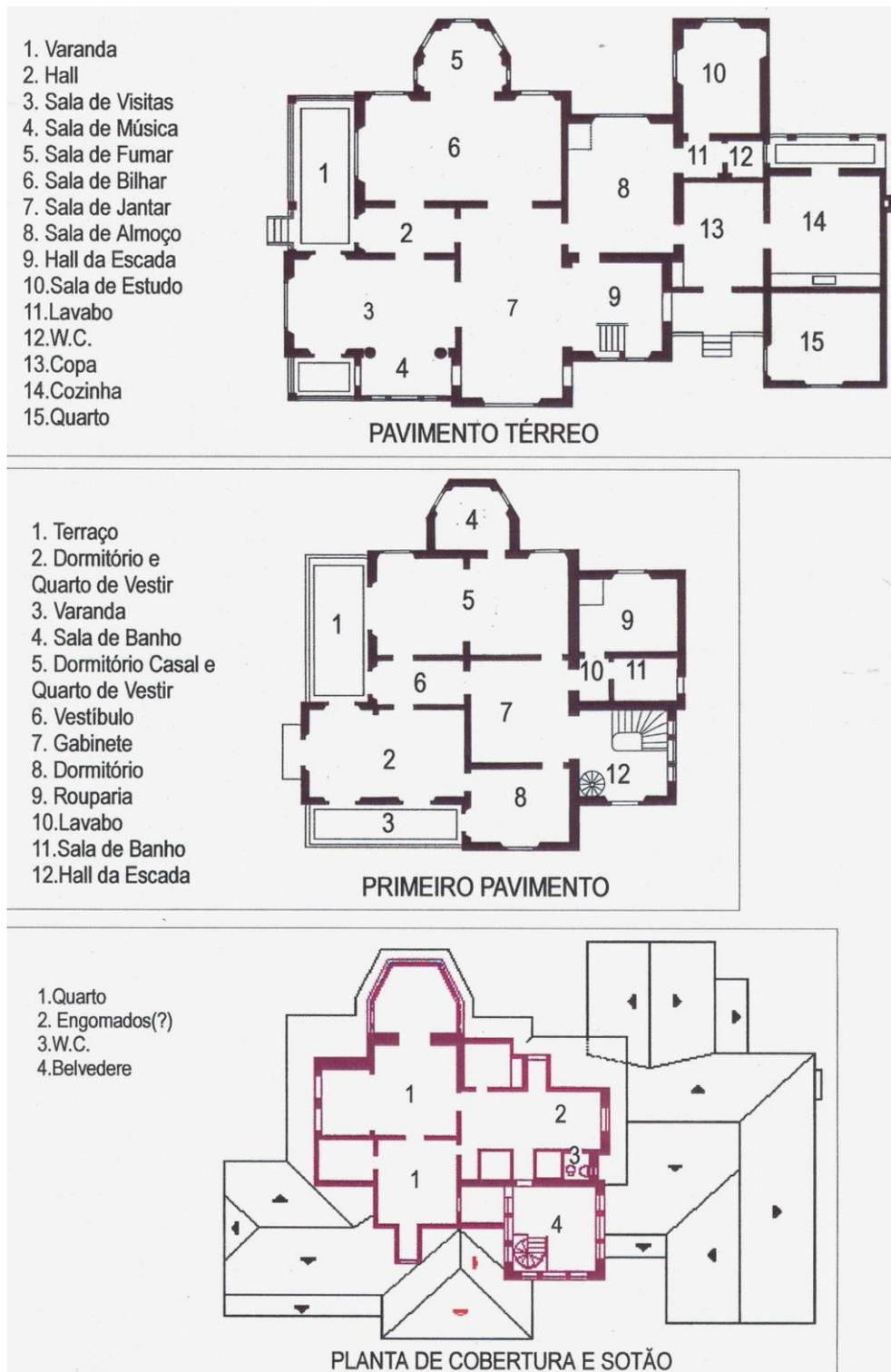


Figura 153: Palacete Aurélia Passarinho: Plantas Baixas.
 Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

As casas ecléticas procuraram reunir em um mesmo edifício a sensação de morar no campo e na cidade, buscaram agrupar em único projeto aspectos das chácaras e dos sobrados, formando uma nova tipologia residencial – o palacete.

Um pouco desta atmosfera deveria ser experimentada na propriedade da família Passarinho, localizada em uma área mais periférica ao centro da cidade, vizinha ao bairro de Nazaré, numa zona que ainda dispunha de grandes terrenos, que permitiam fazer construções soltas em meio a jardins e pomares, permitindo a experiência conjunta da vida cidade/campo, sem sair do espaço urbano. A avenida Independência fazia a ligação dos bairros mais tradicionais com o bairro de São Braz, onde se encontrava a estação férrea de Belém.



Figura 154: Desenho do Palacete Aurélia Passarinho.

Fonte: Acervo família Passarinho

A edificação completamente solta no lote exige um tratamento igual a todas as fachadas, ainda mais pela localização em esquina. As caminhadas pelos jardins acabavam por incluir o palacete na paisagem, e o arquiteto, consciente dessa visibilidade, deu tratamento uniforme em cada uma delas.

A volumetria resultante do conjunto do projeto apresenta semelhanças com um desenho do arquiteto Karl Liehman, na publicação alemã *Architektonische*

Monatsefte, e com projetos apresentados na publicação francesa *Constructions en Briques*,⁴⁴¹ integrantes da biblioteca de Sidrim. (Figuras 155 e 156)



Figura 155: Desenho francês com volumetria semelhante ao do Palacete Aurélia Passarinho.
Fonte: Publicação francesa: LACROUX, J. *Constructions en Briques: la brique ordinaire au point de vue décoratif*.



Figura 156: Desenho alemão com volumetria semelhante ao do Palacete Aurélia Passarinho.
Fonte: Publicação alemã: *Architektonische Monatsefte*, desenho do arquiteto Karl Liehman. Biblioteca José Sidrim.

⁴⁴¹ LACROUX, J. *Constructions en Briques: la brique ordinaire au point de vue décoratif* [19--]. v.2: applications pratiques: hotels privés, maisons de campagne, villas, dépendances.

O formato dos vãos das janelas e portas é diferente em cada pavimento, no térreo predomina o arco abatido e no pavimento superior, a verga reta. A verticalidade prevalece na composição. Nos trechos em que o telhado exhibe suas empenas, as molduras descrevem desenhos semelhantes ao enxaimel, encontrado nas construções alemãs e no estilo normando.

Livros especializados em orientar as decorações residenciais existiam desde 1898. A grande referência era a publicação *O lar doméstico: conselhos práticos sobre a boa direção de uma casa*, de Vera Cleser, que ensina que tipo de acessórios deveriam compor uma residência burguesa de porte médio, como se desempenhar nas atividades sociais do lar, no ato de receber amigos e parentes, e também o ritual das simples refeições diárias. Os ambientes deveriam estar associados às ideias de elegância, durabilidade e utilidade. A mobília deveria ser “sólida e de bom gosto”. Para alegrar as paredes, quadros, painéis e pratos de louça antiga. A sala de visita precisava exibir uma decoração à altura do poder aquisitivo familiar, em “perfeita harmonia com a fortuna e a posição social”. Os que podiam, encomendavam o seu mobiliário europeu através de catálogos. Havia firmas de importadores especializados neste ramo, como a Casa Alemã, a Casa Garraux ou O Financeiro, em São Paulo, que traziam “móveis de estilo”, reproduções do que se usava na Europa⁴⁴².

Marize Malta, analisando o espaço interior das residências deste período, evidencia a importância do mobiliário, por favorecer a permanência das pessoas nos ambientes, proporcionando bem-estar. Os móveis seduziam as pessoas a entrar e os espaços cumpriam assim seu papel funcional. A decoração criava lugares, compondo verdadeiras paisagens particulares. As salas vazias não tinham o mesmo apelo, acabavam reduzidas a espaços de passagem. Malta destaca o que disse Machado de Assis, que em poucas palavras traduziu o papel da moradia: “Dize-me como moras, dir-te-ei quem és”.⁴⁴³

A seguir, a carta de agradecimento de Benedicto Cesar Santos Passarinho para José Sidrim e uma sequência de fotos, integrantes do álbum do Palacete Aurélia Passarinho.

⁴⁴² DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira*: volume 2: Império. São Paulo: LeYa, 2016. p. 246.

⁴⁴³ MALTA, Marize. *O Olhar Decorativo ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p. 15.

Amigo Dr. José Sidrim

Ao receber ultimada a casa No 60 á Avenida Independencia, cujo projecto e construção confiei ao vosso criterio e responsabilidade profissionaes, tenho o prazer de trazer-vos meus agradecimentos e louvores que mal podem estas linhas traduzir e que resultam do integral e optimo desempenho do vosso compromisso.

Desde a sala ao ultimo desvão do predio não encontrei um só defeito, uma só falha, um só peccado. A robustez dos alicerces, a exatidão estereotomica dos travejamentos, o equilibrio rigorosamente geometrico do arcabouço, a impecavel inflexibilidade das arestas, as rígidas junções, as minucias dos remates perfectos; a disposição divisional attendendo as exigencias da Hygiene e do conforto pertinentes ao nosso clima, traduzem o tecnico rigoroso.

O traçado do aspecto geral, da flexão á base, a graça das proporções, a elegante singeleza das linhas ornamentaes, os motivos decorativos, as subtilizas dos minimos promenores, conjuncto em que haveis aproveitado todos os elementos expressivos da harmonia architectonica, - caracterizam o artista.

Vê-se em tudo, - mais ainda - sente-se o meticuloso e paciente esmero o perseverante esforço, o carinho que tendes pela vossa arte, o anseio pelo melhor, o amor pela perfeição, a tortura da pesquisa dos rhythmos da belleza - cunho dos vossos trabalhos assignalados de espiritualidade.

Estou plenamente satisfeito e assim, estas palavras que ahí ficam, não representam uma formula banal de cortezia mas caracterizam-se pela sinceridade devida por sobejas razões.

Minha esposa, pede para que vos signifique igualmente o seu contentamento e os seus elogios.

Com os meus melhores cumprimentos,

Compatriota e amigo

Belem, 16/4/27

Benedicto Cesar Santos Passarinho.

Figura 157: Carta de Benedicto Passarinho enviada a José Sidrim.

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.



Figura 158: Palacete Aurélia Passarinho, cruzamento da avenida Magalhães Barata com a travessa 3 de Maio.

Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 159: Palacete Aurélia Passarinho, visão da fachada lateral esquerda.

Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 160: Palacete Aurélia Passarinho, visão da fachada lateral direita, tendo como destaque o torreão do *belvedere*.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 161: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – hall de entrada.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 162: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – sala de visita e sala de música.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 163: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – sala de jogos.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 164: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – *fumoir* (sala de fumar).
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 165: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – sala de jantar.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 166: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – sala de almoço.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 167: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – *hall* da escada.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 168: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – sala de estudo.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 169: Palacete Aurélia Passarinho, pavimento térreo – cozinha.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 170: Palacete Aurélia Passarinho, primeiro pavimento – quarto das meninas.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 171: Palacete Aurélia Passarinho, primeiro pavimento – quarto do casal.
Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.



Figura 172: Palacete Aurélia Passarinho, primeiro pavimento – sala de banho do casal.

Fonte: Photo Studio Arthur Frazão, 1927. Reprodução: Otávio Cardoso, 2002.

Residência João Palma Muniz

O cliente deste projeto residencial era um grande amigo de José Sidrim, orientou-o nos rumos que deveria seguir em sua formação profissional. Trabalharam juntos em muitas obras, institucionais e particulares, construindo uma sólida amizade.

João Palma Muniz casado com Delfina de Palma Muniz, nasceu em Vigia em 1873 e faleceu em Belém, em 1927. Formado em Engenharia civil, foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e diretor da Biblioteca e Arquivo Público do Pará.

O estudo feito por Sidrim para esta residência traz o ano de 1924. A notícia do *Estado do Pará*, bastante citada anteriormente, de 1925, refere-se a uma “residência, estilo moderno americano, propriedade do Palma Muniz, à av. Cypriano Santos” que ainda ia ser construída. Analisando estas datas, em conjunto com o ano de sua morte, cogita-se a possibilidade de nunca a ter habitado.

A confirmação de sua construção foi feita por Meira Filho, que, ao relacionar as obras feitas por Sidrim, fala do “prédio residencial do Dr. Palma Muniz na Av. Independência, posteriormente, do Dr. Leão Alvarez de Castro” e complementa dizendo que no local se encontra “agora uma série de edifícios...”⁴⁴⁴. A casa passou a

⁴⁴⁴ MEIRA FILHO, Augusto. *Mosqueiro: Ilhas e Vilas*. Belém: Grafisa, 1978. p.123.

ser moradia da família Leão Alvarez de Silva Castro, que, ao se mudar para o Rio de Janeiro, deixou alugada para a Aliança Francesa⁴⁴⁵. Depois disso, foi vendida e demolida, e no local foram construídos os edifícios que compõem o Condomínio do Conjunto residencial Jardim Socilar, na avenida Magalhães Barata, entre a travessas 14 de Abril e a Castelo Branco. Foram retirados e preservados, pela família Silva Castro, detalhes ornamentais que compunham a fachada. (Figura 173)



Figura 173: Capitéis e ornamentos residência do Dr. Palma Muniz.

Fonte: Foto: Leão Castro, em fev. 2017.

No terreno em que está desenhada a casa, a escala sugere uma testada em torno de 20 metros. Foram feitas duas opções para a edificação. Na primeira, um trecho da fachada frontal e lateral direita ficavam presas nas respectivas divisas do terreno, com o restante do corpo da casa destacado, solução usual na arquitetura brasileira por volta de 1850 e 1900⁴⁴⁶, semelhante à configuração empregada no Palacete Orlando Lima, com os telhados encobertos por uma delicada platibanda, parecendo uma cornija arrematando as alvenarias das paredes. (Figura 174)

⁴⁴⁵ Informações prestadas por Laís Farah, esposa de Liberato de Castro, a Dulcília Maneschy Córrea, em 9 de fevereiro de 2017.

⁴⁴⁶ REIS FILHO, Nestor. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Debates, 18)

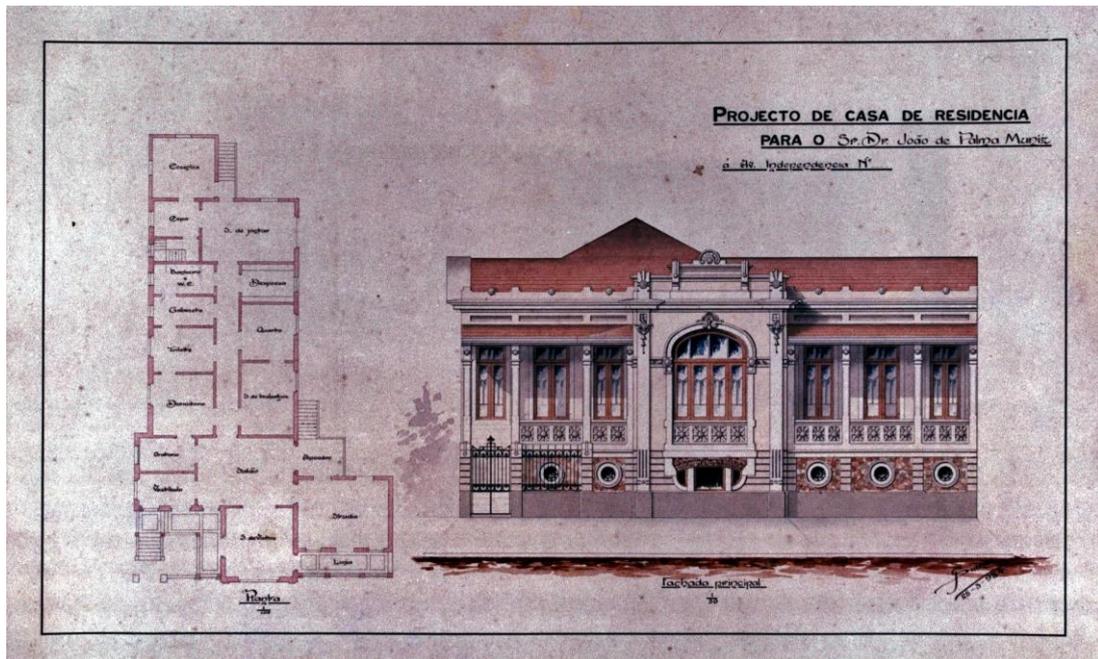


Figura 174: Residência João Palma Muniz: uma proposta para fachada.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos

Na outra proposta, as laterais estão totalmente liberadas do terreno e, no limite frontal, apenas a sala de visita permanece no alinhamento da rua. Resquícios do comportamento colonial, que empregava o princípio de que, quanto mais próximo o ambiente da rua, maior o seu *status* perante os demais cômodos da casa.

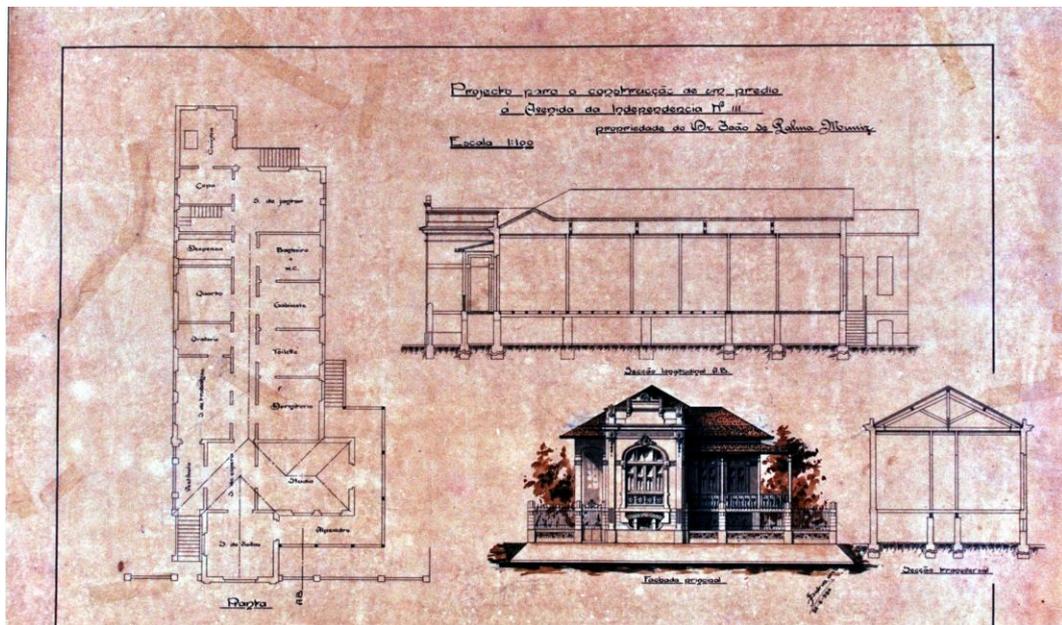


Figura 175: Residência João Palma Muniz: outra proposta para fachada.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos

Os programas de necessidades deduzidos das duas propostas apresentam pequenas diferenças, correspondendo aos padrões de vida das classes média alta e alta, com os seguintes ambientes: alpendre, *loggia*, vestíbulo, sala de espera, salão, sala de visitas, *studio*, gabinete, sala de trabalhos, sala de jantar, oratório, dormitório, quarto, quarto de *toilette*, banheiro e *wc*, copa, cozinha e despensa.

A sala de espera da proposta 2 ligava-se ao *studio*, sugerindo o exercício de atividade profissional em casa. O alpendre, presente nos dois programas, aparece vinculado aos ambientes de maior permanência e estabelecendo contato com o jardim. A sala de jantar, localizada na parte posterior da residência, está ligada à copa. Este último ambiente começou a figurar entre as necessidades domésticas a partir do século XIX.

Os ambientes de dormir estão identificados como dormitório e quarto. No dicionário não existe diferença de significados. Tem-se a impressão de que as áreas dos dormitórios são superiores àquelas dos quartos, a mesma situação foi identificada nos programas de necessidades anteriormente descritos.

A descrição feita por Maria Cecília Homem do quarto de *toilette* de uma Baronesa de Piracicaba dá uma visão do que se passava nesses ambientes, elencados em programas de necessidades, para atender os costumes desse período.

No quarto de *toilette*, a Baronesa mantinha mesa vestida de gorgorão florido, espelho veneziano ladeado por castiçais de opalina roxa, lavatório, guarda-vestidos, cadeiras, cadeirinha gôndola, *chaise-longue* e armário pequeno para remédios e artigos de perfumaria. Sobre o lavatório, um jogo francês completo de *toilette*, personalizado pelas iniciais BP gravadas em ouro e azul, compunha-se de panela de água, cuba, caixa de escovas, um sabão, urinol [...] ⁴⁴⁷

Portanto, o quarto de *toilette* não dispunha de vaso sanitário em seu interior, era uma mistura de quarto de vestir com lavabo. O *Dicionário Aurélio* define toailete como “*compartimento com lavatório e espelho, para as senhoras recomporem o penteado, a pintura, etc., e que, em geral, tem anexo um gabinete sanitário*”, advindo daí a disposição do novo ambiente, assim identificado.

A primeira alternativa de fachada encontra-se bastante presa às soluções clássicas, baseando-se em composições simétricas. Seu corpo central corresponde à sala

⁴⁴⁷ HOMEM, Maria Cecília. *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 96.

de visitas e ostenta um coroamento de platibanda escalonada que se destaca no conjunto, com ornamentos “de um classicismo simplificado” semelhante às soluções adotadas pelo *Art Decó*. O telhado, de telhas de barro, parece querer se libertar desta pequena retenção que é a platibanda. Nas alvenarias da fachada foram empregados diversos materiais com texturas distintas, distribuindo-se em várias faixas: na base, a barra de proteção é formada por um rusticado horizontal, interrompido pelas aberturas do porão; os parapeitos são em marmorite, formando composições geométricas; as esquadrias em madeira e vidro; e, finalmente, a platibanda e os telhados. A horizontalidade deste arranjo somente é interrompida pelo emprego de pilastras e pilares que modulam a fachada.

Na outra proposta, a fachada apresenta uma composição assimétrica com os telhados aparentes predominando sobre a pequena platibanda.

A seguir, serão citadas algumas residências cujo conhecimento ficou restrito às informações contidas nos desenhos deixados por José Sidrim.

Residência Engenheiro Innocêncio Bentes

O desenho indica que é um “Projeto para a construção de um prédio à avenida Generalíssimo Deodoro n° de propriedade do Eng^o Innocencio Bentes, ” em 25 – 2 – 1917, assinado por José Sidrim. (Figura 176)

Apresenta uma planta baixa localizada dentro dos limites frontais do terreno e uma fachada bastante detalhada.

O posicionamento da edificação ocupa trechos dos limites frontais e laterais do terreno, liberando, a partir do setor social, o restante do corpo da casa.

A fachada mescla elementos do Neoclássico e do *Art Nouveau*, situando-se dentro do Eclétismo. Dois volumes dominam a composição. Um mais robusto, correspondente à sala de visita, posicionado na divisa do lote; o outro é um torreão com mansardas, abrigando o escritório, que se projeta acima dos demais telhados.

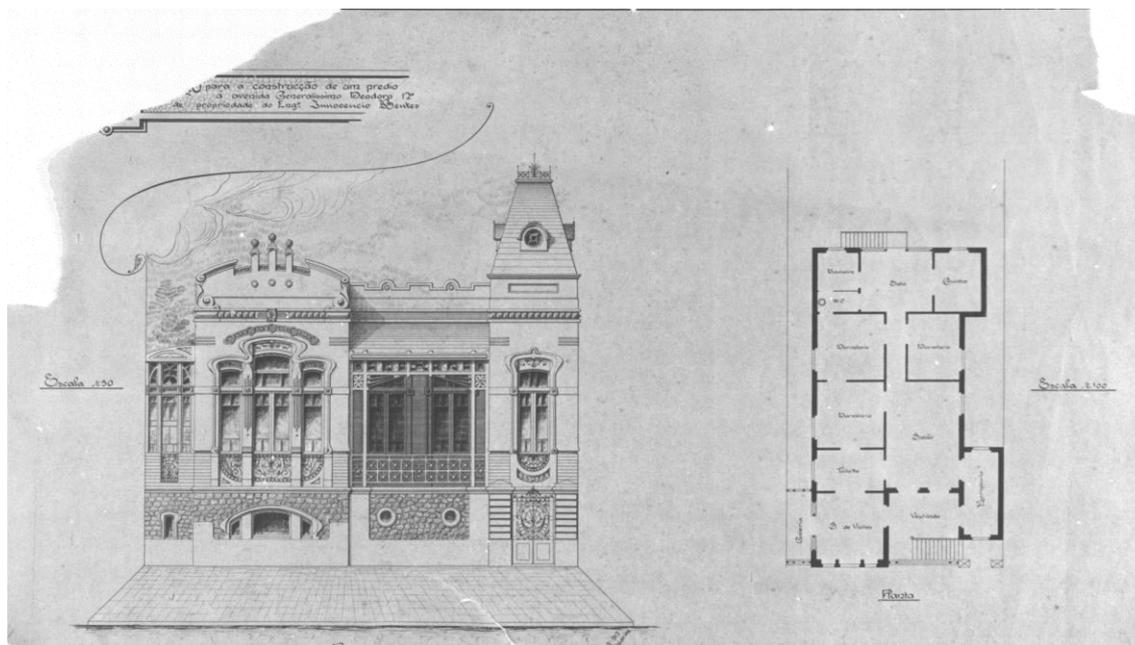


Figura 176: Residência Engenheiro Innocencio Bentes – autoria José Sidrim.
Acervo Ana Léa Matos

Os ambientes discriminados na planta baixa são: vestíbulo, sala de visitas, galeria, escritório, salão, quarto de *toilette*, dormitório, *w.c.*, banheiro, sala de almoço e cozinha. Os setores social, íntimo e serviço estão bem delimitados.

Não foram localizadas referências para identificar o proprietário do imóvel e nem registros sobre a sua construção.

Residências conjugadas – Pará Telefones

As residências conjugadas estão localizadas na av. Magalhães Barata, 139 e foram descobertas por acaso. Ao passar de carro por aquela avenida, a Autora desta Tese, identificou semelhanças com um desenho de duas residências, traçadas a lápis, em um pedaço de papel cartão, feito por Sidrim. Neste único registro, não constava endereço, proprietário, ano e nem sequer a sua assinatura. (Figura 177). Meira Filho se refere a elas como “as residências conjugadas”, originalmente de propriedade da companhia “Pará Telefone”, servindo como moradia dos diretores da empresa.⁴⁴⁸

São edificações de linhas sóbrias, que, num primeiro golpe de vista, aparentam ser apenas uma. Ocupam toda a testada do terreno, de aproximadamente

⁴⁴⁸ *A Província do Pará*, Belém, 6 nov. 1977. *Jornal Dominical*

15,00 metros, e não apresentam afastamentos laterais. A casa da direita limita-se com uma vila residencial.

As fachadas apresentam platibandas, compostas por painéis lisos de alvenaria, emolduradas com frisos. Possuem um pavimento e o porão alto com aberturas de iluminação e ventilação. Os painéis das paredes estão delimitados por pilastras, estriadas e coroadas com simplificados capitéis jônicos. As esquadrias das janelas, incluindo as bandeiras, aparentam estar vedadas por generosas vidraças. Os telhados são contínuos.

Atualmente, os vãos do primeiro pavimento, estão totalmente vedados com alvenaria e concreto. As fachadas, pintadas de cor escura, encobrem os detalhamentos descritos anulando sua imagem da paisagem urbana.



Figura 177: Desenho das Residências Conjugadas em papel - cartão.

Fonte: Acervo: Ana Léa Matos.

Os desenhos de morar encerram com a fotografia da residência Lobato de Abreu⁴⁴⁹ e com o desenho de duas residências, com traçados primorosos, com efeitos de luz e sombras que dão a ilusão de duas dimensões. Uma identifica-se como um “Projecto para a construção de um prédio de residência a Av. de Nazareth”, assinada

⁴⁴⁹ É uma das edificações de José Sidrim que não possui um estudo mais aprofundado sobre ela. A propriedade era da família Lobato de Abreu, para qual foi feito o projeto residencial, atualmente serve de moradia aos padres da igreja Santo Antonio de Lisboa, na praça Batista Campos. Considerou-se importante deixar o seu registro.

JSidrim, Arch, sem data. A outra, apenas sinaliza o desenho: Fachada Principal, JSidrim. Presume-se que estes desenhos tenham sido bem do início de sua carreira, pois as formas de assinar variam e são diferentes daquela que prevaleceu no final. (Figuras 178, 179 e 180.)



Figura 178: Residência família Lobato de Abreu, atualmente dos franciscanos.
Fonte: *Diário do Pará*, Belém, 15 jan. 1989, p. 11.

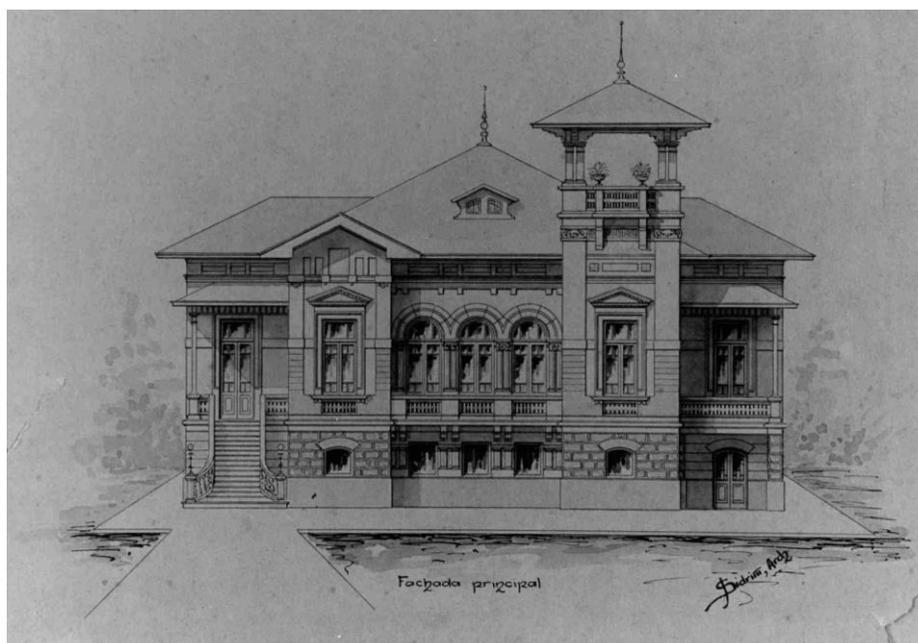


Figura 179: Projeto para a construção de uma residência na avenida de Nazaré.
Fonte: Acervo: Ana Léa Matos

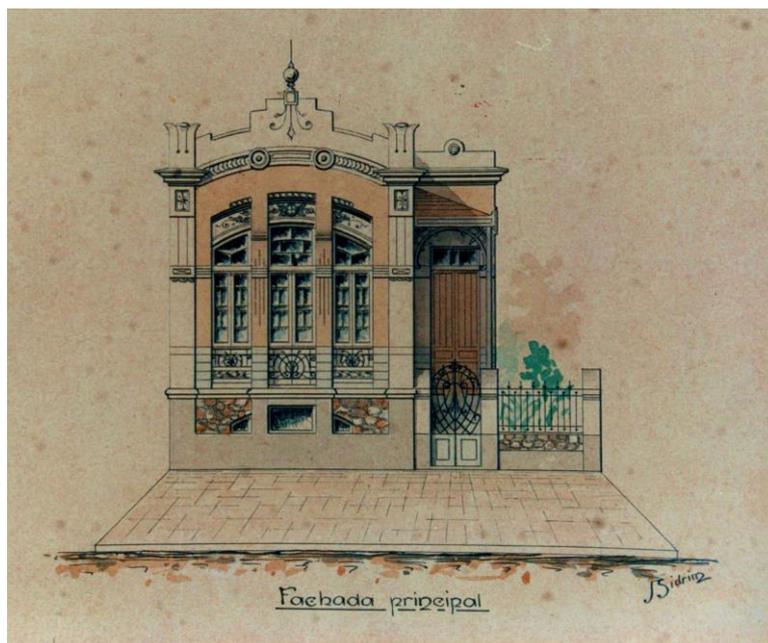


Figura 180: Desenho identificado como “Fachada Principal, JSidrim”.

Fonte: Acervo: Ana Léa Matos

3.4. Desenhos para trabalhar

Fábricas:

Fábrica Palmeira

A Fábrica Palmeira foi um edifício marcante para cidade de Belém, seja por seus produtos, seja por sua arquitetura.

Identificada inicialmente como Real Fábrica Palmeira, foi fundada em 1842, com um sofisticado parque industrial de panificação, de propriedade dos srs. Jorge Corrêa & Cia. (Figura 181) O acesso do público se dava pela rua Paes de Carvalho⁴⁵⁰. Seu terreno ocupava toda a quadra, ficando definido pelas ruas Lauro Sodré⁴⁵¹, Padre Prudêncio e travessa Primeiro de Março. Produzia produtos de primeira qualidade: pães, chocolates, biscoitos, massas alimentícias, caramelos e doces finos, preparados mecanicamente.⁴⁵²

Também dispunha de instalações para moagem de feijão, ervilha e arroz, torrefação e moagem de café, e refinação de açúcar, chegando a produzir anualmente

⁴⁵⁰ Atual rua Senador Manoel Barata.

⁴⁵¹ Atual rua Ó de Almeida.

⁴⁵² Álbum Belém da Saudade. Belém: SECULT, 1996. p.218.

10.000 latas de bolacha *Maria*, 150.000 quilos de massas alimentícias, 40 toneladas de chocolate, além de confeitos, bombons e dropes. Comercializava bebidas finíssimas, como os vinhos do Porto: *Bar Paraense*, *Santelmo*, *Palmeira* e *Jorge Velho*.⁴⁵³

Em 1924, a Fábrica foi vitimada por um grandioso incêndio, que lhe provocou muitos danos.⁴⁵⁴

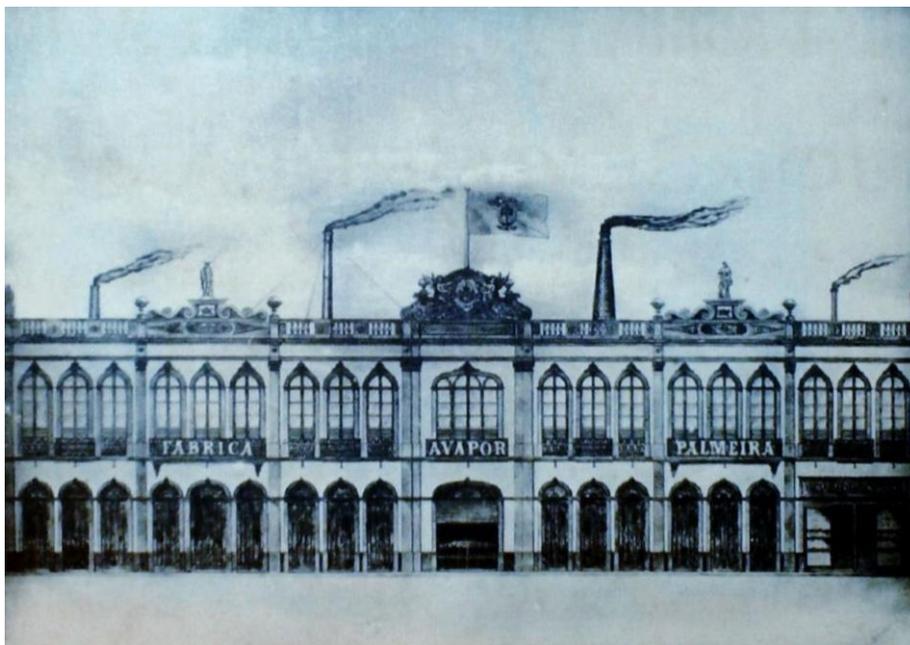


Figura 181: Real Fábrica Palmeira antes do incêndio de 1924.

Fonte: Indicador Ilustrado do Estado do Pará. Rio de Janeiro: Courier & Billiter, 1910.

José Sidrim foi o autor do projeto após o incêndio, acrescido de mais um pavimento. No andar térreo, ficava o atendimento ao público, com mais dois pavimentos administrativos. Um volume se destacava no centro da composição e, no arremate da cumeeira, em ferro trabalhado, o nome do estabelecimento: “Fábrica Palmeira”. Sobre as vitrinas de exposição, que ladeavam a entrada principal, as datas da fundação (1822) e da reabertura (1929). No ato da inauguração das novas instalações, entre as autoridades presentes encontrava-se o engenheiro arquiteto. (Figuras 182, 183, 184, 185.)

⁴⁵³ Informação Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

⁴⁵⁴ Revista “A Semana”, nº 321 de 14 – 6 – 1924.

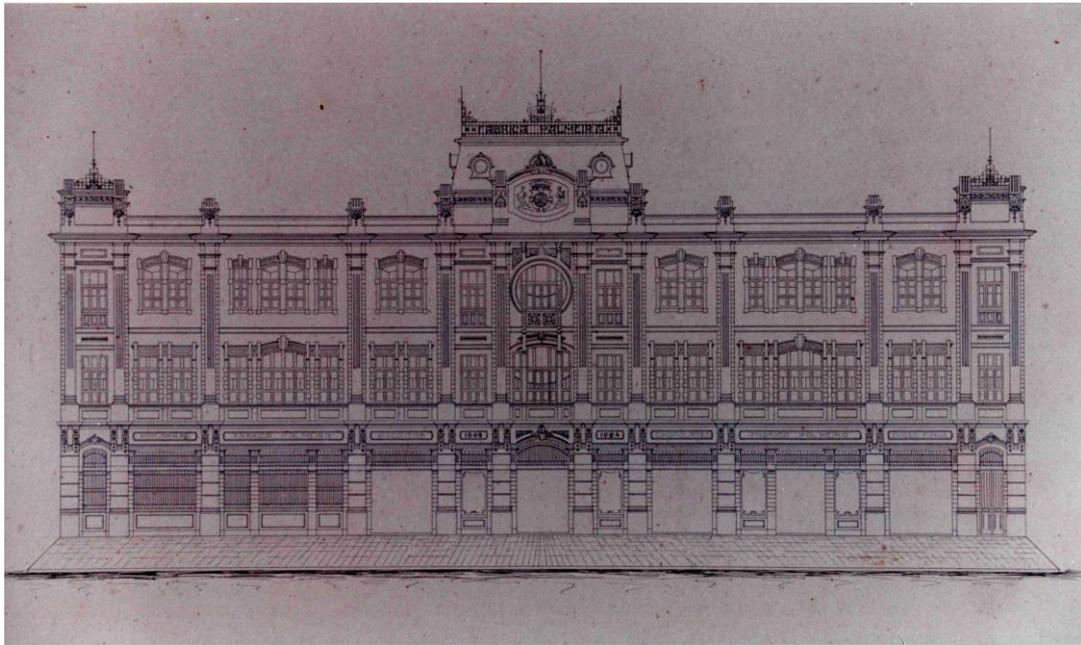


Figura 182: Fábrika Palmeira – autoria de José Sidrim.
Fonte: Acervo: Ana Léa Matos



Figura 183: Inauguração da Fábrika Palmeira, entre os presentes José Sidrim (JS)
Fonte: Disponível em: haroldobaleixe.blogspot.com.br. Acesso em: 17 fev. 2017.



Figura 184: Cartão-Postal com a nova Fábrica Palmeira.

Fonte: Álbum Belém da Saudade. Belém: SECULT, 1996.



Figura 185: Fábrica Palmeira: balcão de venda a varejo.

Fonte: Disponível em: <portalmatsunaga.xpg.uol.com.br/BelemSaudade2.html>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

Fábrica Diana

A Fábrica Diana é outra edificação do tipo que compõe o grupo “Desenhos para trabalhar” e a única referência que se tem são as especificações contidas no desenho de José Sidrim. Tratava-se de um acréscimo. A construção existente estava voltada para a avenida 16 de Novembro e a elevação da ampliação, para a rua D. Ribeiro (atual rua Joaquim Távora). No Almanak Laemert, encontra-se este endereço vinculado ao grupo Fonseca Martins & Cia, importadores e exportadores.⁴⁵⁵ (Figura 186)

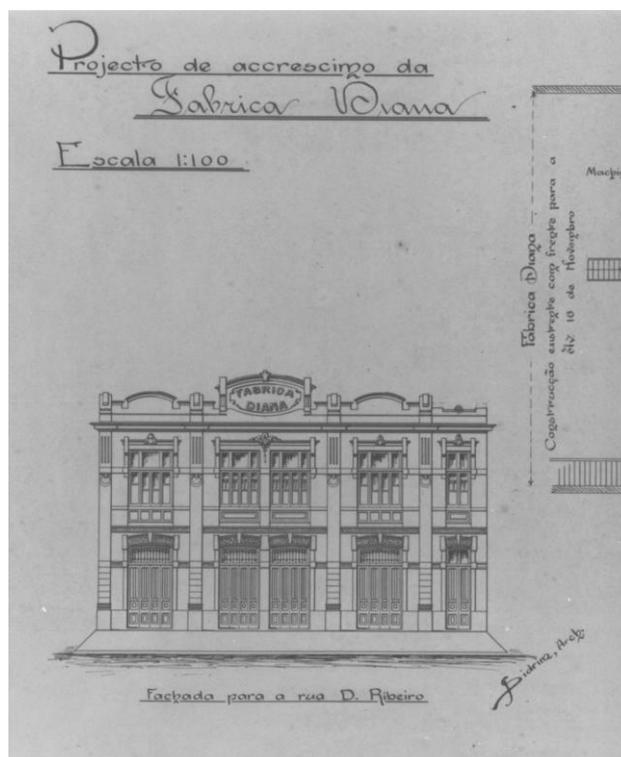


Figura 186: Fábrica Diana: Fachada principal, autoria José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Hospitais:

Hospital da Santa Casa de Misericórdia

No campo dos edifícios hospitalares, José Sidrim fez algumas incursões. Uma no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, onde fez a Maternidade e o Hospital Infantil, e a outra foi o projeto completo da Casa de Saúde Marítima.

⁴⁵⁵ Almanak Laemmert (RJ), 1891 -1940. Disponível em: <memoria.bn.br.>. Acesso em: 11 fev. 2017.

A história da Santa Casa remonta a 1650. Em 1890, no governo de Justo Chermont (1857-1926), por meio de decreto ocorreu a 1ª intervenção do Estado junto à Irmandade da Santa Casa, reformando estatutos regimentais. A partir daí, passou a se chamar Associação Civil de Caridade Santa Casa de Misericórdia do Pará, diminuindo a influência da Igreja Católica e aumentando a do Estado. Em 1900, em ato solene presidido pelo Governador José Paes de Carvalho, com as presenças do Intendente Antônio Lemos, do Bispo Diocesano D. Castilho Brandão e outras autoridades foi inaugurado o novo Hospital de Caridade, à rua Oliveira Belo, bairro do Umarizal, Belém. O projeto do Hospital de Caridade foi atribuído ao Engenheiro Odorico Nina Ribeiro.⁴⁵⁶

Em 1920, foi designado Chefe do Serviço de Obstetrícia da Santa Casa de Misericórdia o Dr. Orlando Lima, que, demonstrando dinamismo e capacidade administrativa, congregou sócios ativos em um Conselho para empreender grandes reformas e ampliação no hospital.⁴⁵⁷

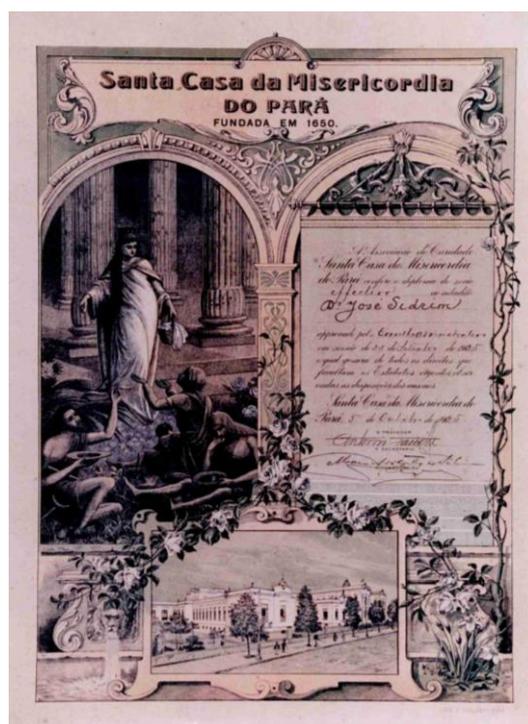


Figura 187: Diploma de sócio efetivo. Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Fonte: Acervo: Ana Léa Matos

⁴⁵⁶ Histórico disponível em: <<http://www.santacasa.pa.gov.br/sobre/historia/>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

⁴⁵⁷ Corrêa, Dulcília Maneschky; Corrêa, Larissa Acatauassu. Histórico da edificação: Palacete Orlando Lima. In: _____. *Projeto de restauração do Palacete Orlando Lima*. Belém, 2015.

Dentre os profissionais chamados para as obras estava José Sidrim, nascendo daí a amizade entre os dois. O arquiteto recebeu da Associação de Caridade Santa Casa de Misericórdia do Pará um diploma de sócio efetivo, “cidadão Dr. José Sidrim”, aprovado pelo Conselho Administrativo na sessão de 25 de setembro de 1925. (Figura 187) Foi assinado pelo provedor Antonio Almeida Faciola (1865-1936), cuja provedoria foi profícua, como demonstra o Relatório de 1927, apresentado à Assembleia Geral da Associação, em janeiro de 1928.

A Folha do Norte fez uma matéria de página inteira, repercutindo as melhorias no hospital, particularmente sobre a Maternidade da Santa Casa de Misericórdia. Entre as fotos publicadas, encontra-se a da fachada executada por José Sidrim. (Figura 188)



Figura 188: Noticiário da Folha do Norte - construção da Maternidade.
Fonte: *Folha do Norte*, 1 de janeiro de 1923, p. 9.

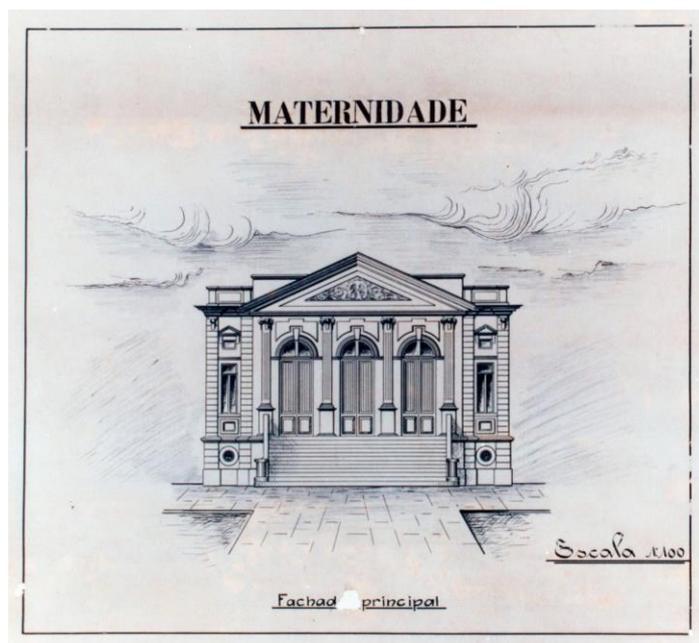


Figura 189: Maternidade da Santa Casa de Misericórdia, autoria José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos



Figura 190: Cartão-postal: Santa Casa de Misericórdia, cruzamento da av. Generalíssimo Deodoro com a rua Oliveira Belo.
Fonte: Álbum Belém da Saudade. Belém: SECULT, 1996.

O Hospital para Crianças ficava anexo à Santa Casa de Misericórdia do Pará e a proposta de José Sidrim, feita em 1926, seguia a mesma linha estilística do restante do complexo. (Figura 191)

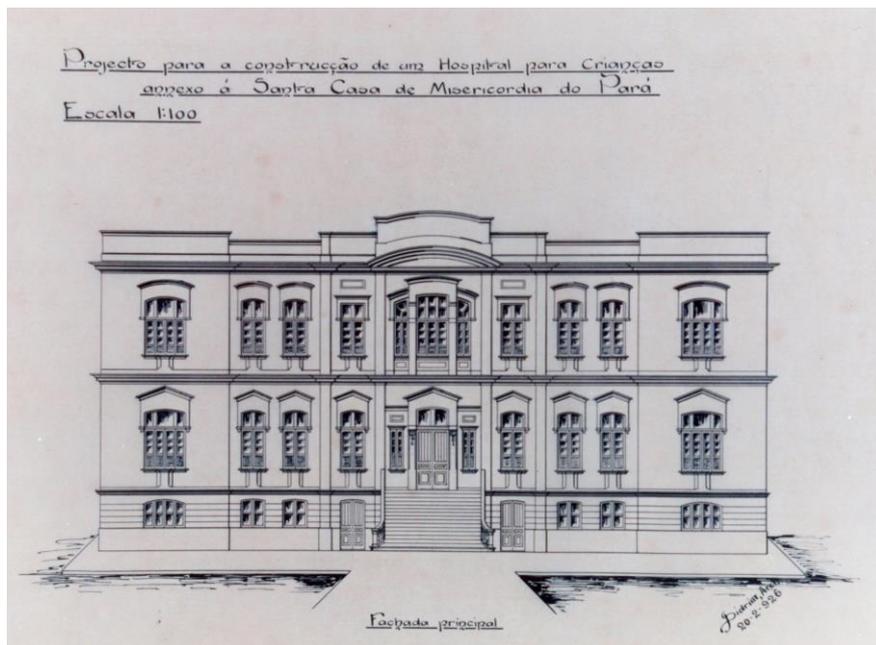


Figura 191: Hospital para Crianças - Santa Casa de Misericórdia do Pará.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Casa de Saúde Marítima

A ideia da construção da Casa de Saúde Marítima se deu em função do progresso, cada vez maior, da navegação fluvial no estado do Pará. A classe dos marítimos contava com mais de cinquenta mil homens, vulneráveis às doenças das regiões por onde passavam com suas embarcações e, conseqüentemente, com dificuldades para o tratamento de saúde. Na tentativa de minimizar aquela situação, a classe marítima da Amazônia se organizou e fundou em Belém, em 24 de fevereiro de 1920, a Casa de Saúde Marítima do Pará. A partir daí, foram em busca de doações no comércio local para a construção do hospital, e enquanto isso, funcionavam em um prédio alugado, na praça Batista Campos, n. 19. A princípio, as contribuições recolhidas não foram suficientes. A Federação Marítima continuou buscando seu objetivo, de construir um prédio hospitalar próprio, adequado às necessidades regionais. Finalmente, conseguiu adquirir um terreno em Belém, na travessa 22 de junho, atual av. Alcindo Cacela, iniciando a construção de apenas um pavilhão, por insuficiência de recursos.

José Sidrim foi o autor do projeto global, que envolvia três pavilhões. Seu plano foi considerado “bem delineado” e dotado “de todos os requisitos exigidos pela hygiene hospitalar moderna”⁴⁵⁸.

O custo total da obra estava orçado em torno de 400:000\$, muito aquém das posses da Federação Marítima. A meta colocada foi de concluir um pavilhão com capacidade de atendimento para 36 doentes, com enfermaria para os indigentes, quatro quartos para pensionistas, com salas de curativos, imunização, esterilização e operatória. Na presidência da diretoria da Casa de Saúde estava o comandante Alberto Autran.

No desenho de José Sidrim, o edifício apresenta-se situado em grande terreno, com a entrada voltada para a avenida Alcindo Cacela. A influência Neoclássica é percebida no formato simétrico de seu partido geral, nas proporções e ritmo dos volumes e aberturas, bastante simplificado nos seus ornamentos. A platibanda é composta por painéis de alvenaria escalonados, numa tendência estética do *Art Decò*. O sombreado utilizado no desenho possibilita a percepção do movimento da fachada e do seu partido. (Figura 192)

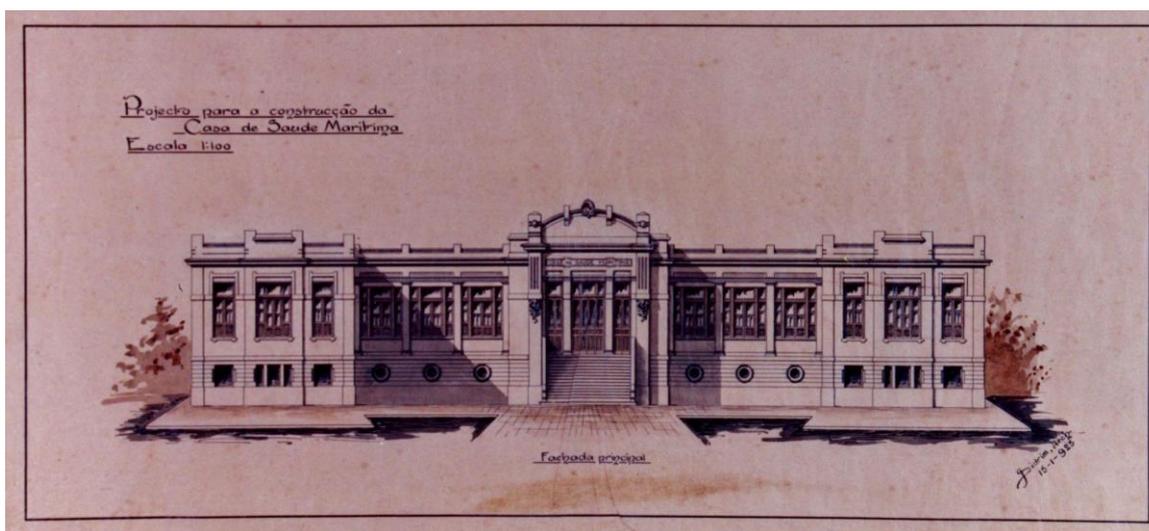


Figura 192: Casa de Saúde Marítima, autoria José Sidrim.
Acervo Ana Léa Matos

⁴⁵⁸ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1927. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

Escolas:

Escola Industrial – Escola de Aprendizes Artífices

A Escola Industrial ou Escola de Aprendizes Artífices foi a última construção de José Sidrim de que se tem notícia, situada na avenida Cônego Jerônimo Pimentel, esquina com a travessa Dom Romualdo de Seixas. Tratava-se de um projeto enviado pelo Ministério da Agricultura, pelo gabinete de Remodelagem do Ensino Técnico-Profissional, em 1929.

Sidrim ganhou a concorrência para a execução da obra, em que disputavam outras quatro firmas: Empresa Geral de Obras Públicas e Particulares, J. S. Freitas e Cia Ltda. e Albuquerque e Filhos. Eram tempos difíceis, a matéria-prima era escassa em todo o Estado. O prédio foi inaugurado em 23 de outubro de 1930.

O programa de necessidades da Escola era atendido em três edificações: o prédio principal, o refeitório, com a moradia do porteiro, e o pavilhão de oficinas. No pavimento térreo do prédio principal, ficavam: espera, diretoria, almoxarifado, sala de artes gráficas, sala tecnologia, oficina de calçados, vestiário e sanitários (2). No primeiro pavimento: gabinete médico, gabinete dentário, secretaria, sala de aula (3), sala de desenho, sanitários (2), e pátios externos (2). No sótão: arquivo, biblioteca, sala de aula (2).

Por suas características, o complexo das edificações deve ter passado por ajustes estéticos e funcionais. Os detalhamentos e os acabamentos denunciam a autoria do arquiteto Sidrim. A Escola Industrial tornou-se uma referência na história da Engenharia paraense e no *curriculum-vitae* de seu autor. Nela, foi empregada pela primeira vez a tecnologia do concreto armado no Pará. E sua localização privilegiada lhe torna um marco visual na cidade.



Figura 193: Escola de Aprendizes Artífices: obra de José Sidrim.

Foto: Ana Léa Matos, em 1996.



Figura 194: Escola de Aprendizes Artífices: equilíbrio de formas e volumes.

Foto: Ana Léa Matos, em 1996.

A simetria é uma característica que se evidencia na composição das fachadas, na distribuição em planta e na cobertura. Um predomínio da manifestação neoclássica, também percebido nas pilastras que modulam e dão ritmo a todas as elevações externas.



Figura 195: Escola de Aprendizes Artífices: a cobertura.
Foto: Ana Léa Matos, em 1996.

A cobertura divide-se entre duas abordagens formais. Externamente, foi contida atrás das cimalthas de concreto armado, que ocultam as calhas que recolhem as águas pluviais. Internamente, ficou totalmente aparente, dando visibilidade à movimentação dos telhados. (Figura 196)



Figura 196: Escola de Aprendizes Artífices: as trapeiras dos telhados.
Foto: Ana Léa Matos, em 1996.

No piso, tapetes de ladrilho hidráulico, com padrões setorizados por atividades. (Figura 197)



Figura 197: Escola de Aprendizes Artífices: Piso.

Foto: Ana Léa Matos, em 1996.

A escada é toda em marmorite, com guarda-corpo de ferro trabalhado e os patamares são revestidos por ladrilho hidráulico. (Figura 198)



Figura 198: Escola de Aprendizes Artífices: Escada.

Foto: Ana Léa Matos, em 1996.



Figura 199: Escola de Aprendizes Artífices: obra em fase de acabamento.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Outra experiência no ramo educacional foi com uma reforma no Colégio Nazaré (Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré). O que se tem são os depoimentos familiares, sem maior esclarecimento quanto ao porte da intervenção, ficando o tema previsto agendado para pesquisas futuras.

Diversos usos:

Sede social da Assembleia Paraense

Entre os desenhos de José Sidrim, encontra-se, sem data, a fachada principal para o “Projecto de reforma do prédio da Assembleia Paraense”. (Figura 200)

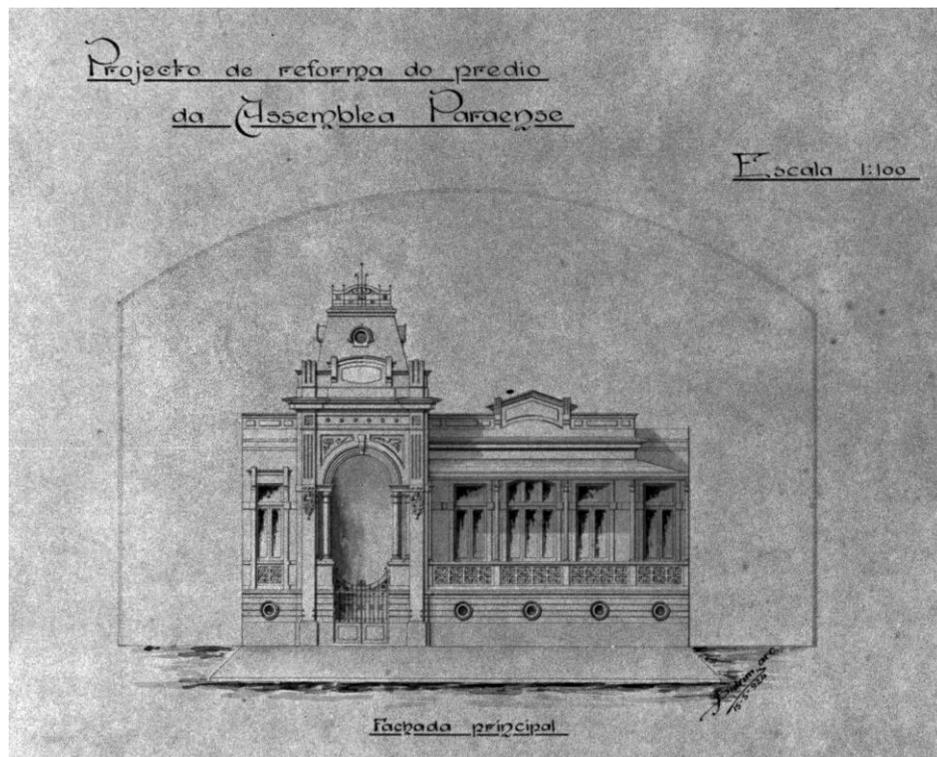


Figura 200: Sede social Assembleia Paraense, autoria José Sidrim.
Fonte: Acervo: Ana Léa Matos

A primeira sede própria do clube foi adquirida em 1920, no período em que constavam entre os membros da diretoria José Leite Chermont, como tesoureiro, e Benedicto Passarinho, ambos proprietários de residências de autoria de José Sidrim anteriormente descritas.

A sede ficava localizada na praça da República, correspondendo às casas de nº 16 e nº 17. Sofreu grande reforma, em 1924, precisando o clube contrair empréstimo no Banco Comercial do Pará. “O custo dessa reforma, que esteve a cargo do arquiteto e consócio José Sidrim, foi de 155.695\$590”.⁴⁵⁹

Anos depois, outra reforma foi programada, com acalorados debates, em “memorável reunião de 22 de maio de 1928” na qual a “Assembleia Geral autorizou a demolição do prédio e a construção de nova sede social”. Na concorrência realizada, venceu o projeto do engenheiro João Mac Dowel, com menores custos. (Figura 201) Com ele, concorreram Salvador Mesquita, José Sidrim e Freitas Dias.⁴⁶⁰

⁴⁵⁹ TEIXEIRA, Mário Dias. *Assembléia Paraense: memórias: 1915 a 1992*. Belém: M. A. Pinto Guimarães, [1993?]. p. 71.

⁴⁶⁰ TEIXEIRA, Mário Dias. *Assembléia Paraense: memórias: 1915 a 1992*. Belém: M. A. Pinto Guimarães, [1993?]. p. 73.



Figura 201: Capa do Livro Assembleia Paraense – Memórias: 1915 a 1992.

Fonte: Acervo Ana Léa Matos.

Lithographia Lohse

Este desenho traz a assinatura de José Sidrim, porém sem nenhuma identificação do proprietário ou endereço. Somente o frontão da fachada sugere seu uso: *Lithographia Lohse*. Existem muitas semelhanças entre este desenho e a fachada do prédio onde hoje funciona o Centro de Memórias da Amazônia⁴⁶¹, da Universidade Federal do Pará, situado na travessa Rui Barbosa, esquina da rua Ó de Almeida, onde anteriormente funcionava a Imprensa Universitária.

Para a adequação do prédio para instalação do Centro de Memória da Amazônia foi elaborado um projeto de restauro visando resgatar a história do edifício e instruir as intervenções que deveriam respeitar suas linhas originais. A autora do projeto, Joana Coutinho Barretto,⁴⁶² realizou pesquisa em cartório, buscando identificar

⁴⁶¹ O Centro de Memória da Amazônia (CMA), é um arquivo que tem a guarda dos documentos do TJE-PA, desde final do século XVIII até a década de 70 do século XX. <http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia>.

⁴⁶² BARRETTO, Joana Célia Coutinho. *Projeto de reabilitação e adaptação de uso: do prédio da Antiga Imprensa Universitária para o Centro de Memória da Amazônia (CMA)*. Monografia (Especialização) Interpretação, Conservação e Revitalização do Patrimônio de Antonio José Landi, do Fórum Landi, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

a cadeia dos antigos proprietários e através deles chegar aos usos primitivos daquele espaço. Uma documentação foi encontrada em 1916, coincidindo com o mesmo endereço, e identificando como proprietário Antonio Joaquim Alves Magalhães, no momento em que efetuava a venda daquela posse para a Empresa Gráfica Amazônica, que desde a década de 1920 atuava com a razão social F.B. de Oliveira⁴⁶³, que, em 1964, a vendeu para a Universidade Federal do Pará.

A Empresa Gráfica Amazônica, em 1923, relata Salles, dispunha de 100 operários, nove máquinas para litografuras, três para relevos e completo equipamento de estamperia, atendendo encomendas de toda a Amazônia, exportava para o Nordeste e países vizinhos, década em que experimentou o seu maior desenvolvimento.

Verifica-se nesta sequência de transações de compra e venda que a função do edifício veio sendo mantida ao longo do tempo. Fato que torna inquestionável a possibilidade do desenho de José Sidrim ter sido feito para aquele endereço. Um desenho perdido e sem história agora devidamente enquadrado no cenário da cidade.

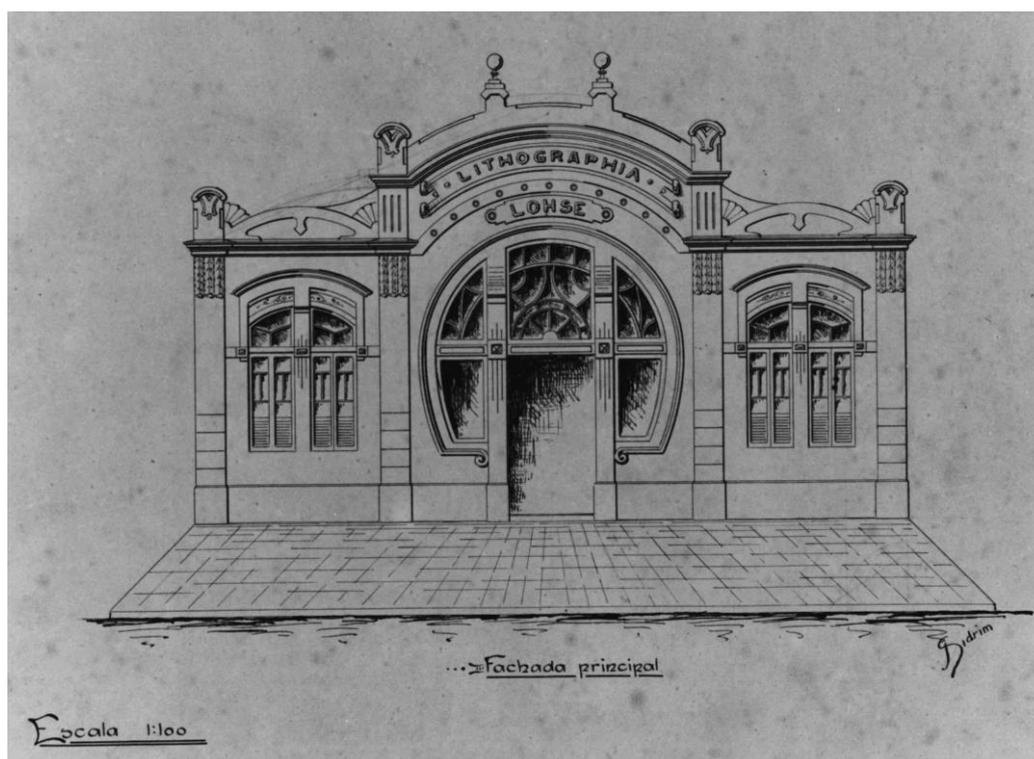


Figura 202: Litografia Lohse, desenho de José Sidrim.
Fonte: Acervo Ana Léa Matos

⁴⁶³ SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os Militantes Excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

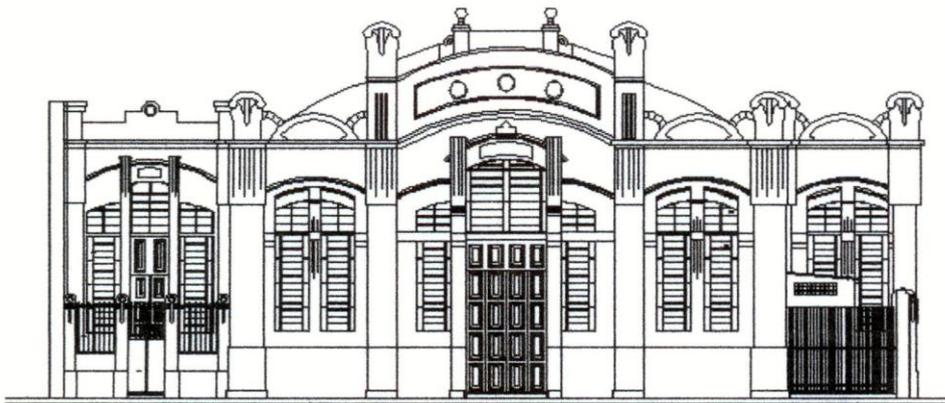


Figura 203: *Lithografia Lohse*: desenho da fachada edificada.

Fonte: Desenho de Joana Barretto, 2007.



Figura 204: Centro de Memória da Universidade, no cruzamento da travessa Rui Barbosa com rua Ó de Almeida.

Fonte: Disponível em: <<http://www.rutasturisticas.com/>>. Acesso em: 12 fevereiro 2017.

Mercado de Óbidos:

O Mercado de Óbidos fica localizado na região do Baixo Amazonas, na cidade que leva seu nome. Foi construído no governo de Dionísio Bentes (1881-1949) e inaugurado em 8 de dezembro de 1926, na gestão do prefeito Augusto Correa Pinto⁴⁶⁴.

⁴⁶⁴ Disponível em: <<http://www.folhadeobidos.com.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

A solenidade contou com as presenças de José Sidrim, Olavo e Rosita Sidrim. Rosita lembrava que, para a construção do Mercado de Óbidos, Sidrim havia mandado seus operários para lá, sob o comando do “seu Marques”, empregado de confiança.

Edifício eclético, possui uma volumetria movimentada na fachada frontal. A entrada principal fica localizada num volume que se destaca para a frente, movimento seguido pelas duas extremidades, sem a mesma projeção. A cobertura traz as digitais de José Sidrim, sem problemas para acompanhar o partido entrecortado. Os ornamentos em massa representam na empena principal o sistema estrutural do enxaimel. Os vãos das aberturas das extremidades se apresentam em arco pleno, e os centrais com a verga reta.

A população local classifica o Mercado entre as edificações mais belas do Município e atualmente reivindica sua restauração.



Figura 205: Mercado de Óbidos – Fachada Principal.

Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=mercado+de+obidos>>. Acesso em: 11 fevereiro 2017.



Figura 206: Mercado de Óbidos – Entrada Principal.

Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=mercado+de+obidos>>.
Acesso em: 11 fevereiro 2017.



Figura 207: Mercado de Óbidos – Fachada Posterior.

Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=mercado+de+obidos>>.
Acesso em: 11 fevereiro 2017.

Neste itinerário, cujo percurso está demarcado pelas obras de José Sidrim, verificou-se o quanto ele soube tratar de vários temas com segurança, competência e conhecimento. As alternativas de soluções eram oferecidas aos clientes, como comprovam as cartas de vários deles, ao manifestarem o alcance das expectativas familiares. Um portfólio de projetos e obras para poucos.

PLANTA DA CIDADE de BELEM

COM A PRIMEIRA LEGUA PATRIMONIAL DEMARCADA

Feita na administração do Ex.^{mo} Sr.^o
Senador Antonio José de Lemos

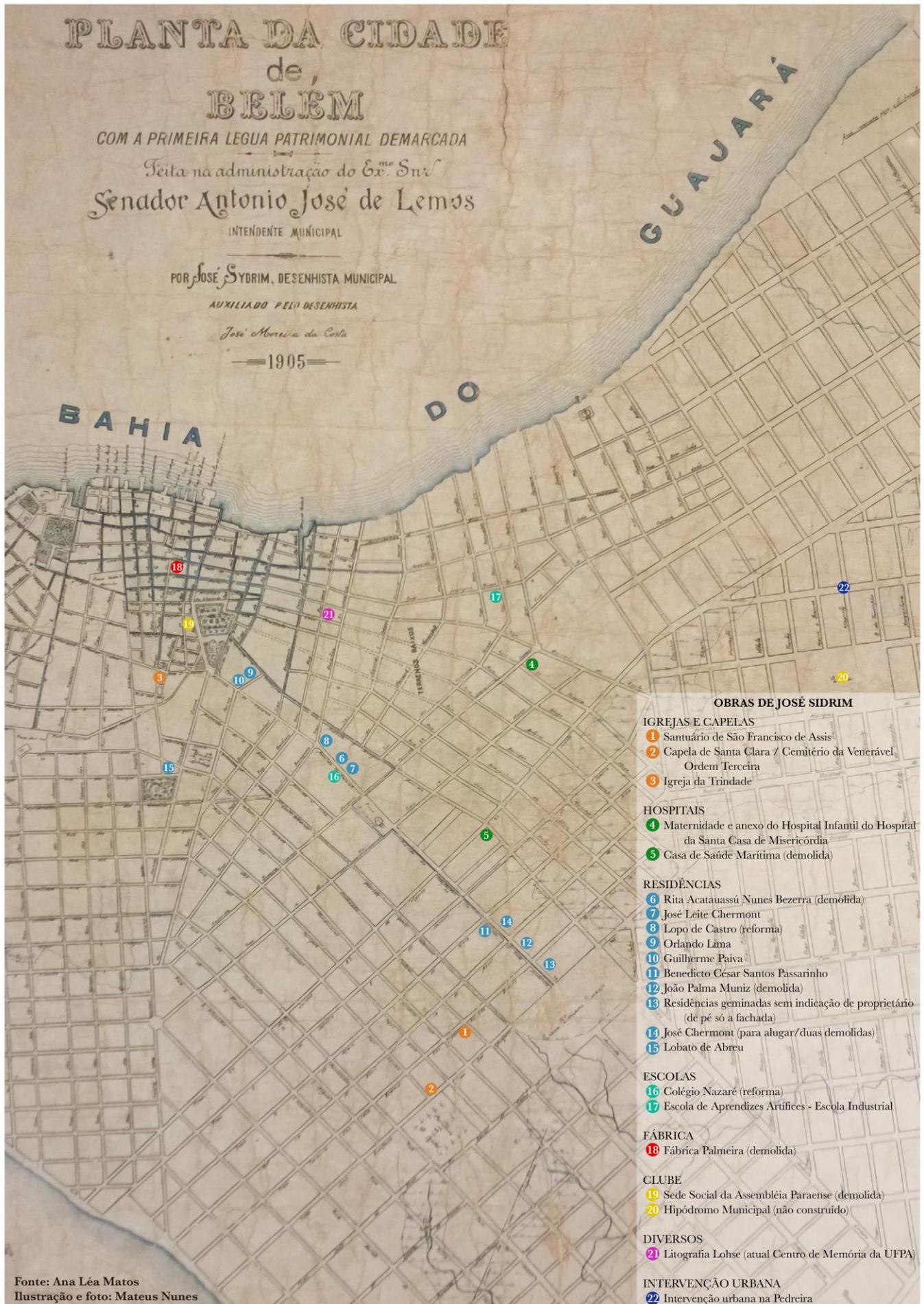
INTENDENTE MUNICIPAL

POR JOSÉ SYDRIM, DESENHISTA MUNICIPAL

AUXILIADO PELO DESENHISTA

José Moreira da Costa

1905



OBRAS DE JOSÉ SIDRIM

IGREJAS E CAPELAS

- 1 Santuário de São Francisco de Assis
- 2 Capela de Santa Clara / Cemitério da Venerável Ordem Terceira
- 3 Igreja da Trindade

HOSPITAIS

- 4 Maternidade e anexo do Hospital Infantil do Hospital da Santa Casa de Misericórdia
- 5 Casa de Saúde Marítima (demolida)

RESIDÊNCIAS

- 6 Rita Acatauassú Nunes Bezerra (demolida)
- 7 José Leite Chermont
- 8 Lopo de Castro (reforma)
- 9 Orlando Lima
- 10 Guilherme Paiva
- 11 Benedicto César Santos Passarinho
- 12 João Palma Muniz (demolida)
- 13 Residências geminadas sem indicação de proprietário (de pé só a fachada)
- 14 José Chermont (para alugar/duas demolidas)
- 15 Lobato de Abreu

ESCOLAS

- 16 Colégio Nazaré (reforma)
- 17 Escola de Aprendizes Artífices - Escola Industrial

FÁBRICA

- 18 Fábrica Palmeira (demolida)

CLUBE

- 19 Sede Social da Assembléia Paraense (demolida)
- 20 Hipódromo Municipal (não construído)

DIVERSOS

- 21 Litografia Lohse (atual Centro de Memória da UFFA)

INTERVENÇÃO URBANA

- 22 Intervenção urbana na Pedreira

CONCLUSÃO

O desafio de percorrer as trilhas da vida de uma pessoa é como fazer o percurso dos personagens da história infantil João e Maria, que, quando perdidos na floresta, tinham nas pedras predispostas a garantia de retorno para casa.

Os caminhos e atalhos para a construção da fábula *José Sidrim: Um Capítulo da Biografia de Belém* tiveram como ponto de partida variadas fontes, desde os relatos orais, passando pelos registros de jornais, de documentos, fotografias, cartas, que ofereceram informações como verdadeiras peças de um quebra-cabeça, permitindo a construção ou o aperfeiçoamento da imagem do engenheiro arquiteto, já conhecido por outros estudos, ou mesmo pela convivência familiar na sua condição de bisavô.

Sinto-me obrigada a relatar brevemente minha experiência no que diz respeito ao distanciamento da relação, própria entre sujeito e objeto de pesquisa, na construção desta narrativa.

Não foi um exercício fácil a busca constante de desvincular-me dos laços de parentesco e afetivo e tenho consciência de que em algum momento, em decorrência da minha profunda admiração, isto foi quase impossível.

Cabe ainda registrar que a da minha formação em Arquitetura levou-me sempre a pensar, ao que hoje já me parece inquestionável, estar diante de alguém com uma formação profissional de maior qualidade do que a minha, mesmo considerando que a modalidade de sua educação profissional se deu por meio de um curso por correspondência, portanto, sem se ausentar de Belém, no início do século XX.

Feitas estas justificativas, tecerei agora algumas considerações finais.

Estamos diante de um desconhecido desenhista de dezenove anos, em busca de sua “Pásargada”, que chega a Belém e aqui se torna, quase como diz o poema, “amigo do rei”, numa “outra civilização”, para continuarmos a espelhar a poesia de Manuel Bandeira.

O primeiro emprego e as relações sociais que em Belém estabeleceu foram determinantes para o seu percurso profissional e foram elas que o levaram até Antonio Lemos, que passou a ser o verdadeiro avalista de seu trabalho e de sua competência.

A princípio, Sidrim não foi partícipe do *front* político, mantendo-se, entretanto, alinhado ao partido Liberal do Intendente.

Seu interesse prioritário era firmar-se no campo profissional, onde seus conhecimentos e relações de amizade o levaram a abrir perspectivas em vários outros segmentos correlatos, levando-o assim, a atuar no campo do Ensino, no Instituto Lauro Sodré, nas exposições escolares realizadas no Theatro da Paz e no ramo da construção civil, passando a concorrer com renomadas e já consagradas firmas do mercado de trabalho paraense, tais como Salvador Mesquita & Cº. e J. S. Freitas & Cº.

Depois de estabelecido, funcionário da Intendência Municipal, José Sidrim volta ao Ceará para contrair matrimônio com a noiva que havia deixado em Quixadá. Não demorou muito para que a família viesse do Ceará, para fazer residência, com a particularidade de na capital paraense habitarem na condição de vizinhos, mantendo assim, aproximação física e afetiva. Sob a responsabilidade do então desenhista Sidrim ficou o trabalho de encontrar não apenas acomodações, mas, também as atividades laborais aos demais parentes.

Sidrim por sua vez foi obrigado a procurar outros empregos, acumulando por longo período o emprego municipal, a Guarda Nacional e o Ensino Público, de tal maneira a aprofundar as suas raízes na capital paraense.

A figura de Antonio Lemos esteve sempre por perto, responsável de forma direta ou indireta pelas realizações profissionais do desenhista, como se pode depreender do registro dado ao nome de José Sidrim nos relatórios municipais, bem como pela sua posterior integração à Guarda Nacional, e pela indicação de seu nome aos ingleses para sua inserção nos trabalhos das obras do porto – experiências estas que o levaram a outros projetos, de modo a torná-lo, juntamente com sua família, mais próximo de Lemos e mais conhecido na cidade, aumentando-lhe significativamente o rol de amigos. Esta relação de confiança permitiu a José Sidrim, em decorrência de sua capacidade de trabalho, habilidades e fidelidade afetiva e política, não somente a aproximação da família Lemos, mas também o seu reconhecimento.

Há que se registrar que Sidrim foi presença no último cortejo solidário, empreendido por amigos e correligionários, quando Lemos foi expulso da cidade e que o nível de relação levou a filha do intendente, Olivia Lalôr, à condição de madrinha de Elda, a única filha de Sidrim, nascida em 1911 e somente batizada em 1914, quando já era possível a superação dos traumas da experiência política, que culminou com a morte do Senador em 1913.

As desilusões e decepções com a construção civil na grande depressão da década de 1930, ocasião em que os orçamentos não garantiam as conclusões das obras, e a perda do filho Olavo (1935) fizeram com que o engenheiro arquiteto abandonasse seus afazeres profissionais, passando maior parte de seu tempo em sua Vivenda Eldete, auto exilado em Benfica, onde era proprietário da olaria denominada Paraense, o que o mantinha ainda em contato com os construtores, por meio do comércio de tijolos e telhas francesas ali produzidos. Exerceu uma grande liderança junto àquela comunidade, cuja confirmação se observa pela permanência de um Centro Comunitário que leva seu nome.

Neste período, sua casa ficou sendo o reduto das articulações políticas do Partido Social Democrático do Pará – P.S.D., sob a liderança do senador e coronel Magalhães Barata, figura complexa da Política local. Há que se registrar mais uma vez a personalidade de José Sidrim marcada pelo princípio da fidelidade e do compromisso com o grupo de que fazia parte, uma vez que havia sido o coronel que garantira a seu filho, Olavo Sidrim, a indicação para funções de destaque em seu governo. Possivelmente, o compromisso político de José Sidrim fosse, portanto, neste caso, mais sentimental do que ideológico.

Na percepção de suas netas, Sidrim era uma pessoa muito enérgica, inteligente, que obtinha projeção em todas atividades que desempenhava, sendo tratado com muito respeito pelos irmãos, filhos e familiares, e era uma figura extremamente agregadora.

A sua vida como funcionário municipal teve a duração de dez anos, tendo sido este um ambiente tão formativo e determinante para a sua competência quanto foram os seus cursos por correspondência. Não nos esqueçamos que a equipe de Lemos era composta por pessoas renomadas e que pela secção de obras transitaram artistas, arquitetos de várias nacionalidades, artífices das transformações pelas quais a cidade passava, dando deste modo a Sidrim a possibilidade de respirar uma atmosfera de grande criatividade e de formulações de sonhos e projetos.

A influência italiana, preponderante em suas obras, não veio somente de sua formação arquitetônica, decorreu também dos ares que respirava a cidade, da convivência com muitos profissionais oriundos da Itália que circulavam por Belém, ao mesmo tempo em que lhe era possível consumir as informações contidas nas revistas mensais que lhe chegavam, como *L'Architettura Italiana*, que o levaram a conhecer o engenheiro arquiteto Filinto Santoro, que podia ser visto não apenas impresso nos

periódicos mas também transitando pelos corredores da Intendência, como sinal do momento rico e promissor que se vivia na Amazônia.

Um verdadeiro alquimista de saberes, com domínio de várias especialidades, com talento para os desenhos técnico e artístico, que lhe permitiram transitar desde o desenho urbano – foi dele a elaboração da Planta da Cidade de Belém e da Carta do Município de Belém, publicadas no Relatório Municipal de 1904 - , passando pelas atividades de agrimensor, pois trabalhou também nos levantamentos e alinhamentos de vias que foram incorporadas ao velho traçado da cidade, enquanto funcionário de Antonio Lemos, até ao desenho arquitetônico, em que apresentou uma linguagem estética com características próprias que o diferenciou na paisagem de Belém. Chegou ainda à Engenharia, mantendo-se atento às novas tecnologias construtivas, empregando pela primeira vez na cidade o artifício do concreto armado e, além de tudo, deu-se a conhecer como uma pessoa muito sensível às Artes, realizando pinturas a óleo e em aquarela. Era ainda um amante de ópera, um reconhecido declamador de poemas que tinha em Camões uma grande paixão e um diletante instrumentista de flauta e bandolim.

Sua educação formal, em Arquitetura e Engenharia, veio por meio de cursos por correspondências, sendo um deles com indicações de ter sido realizado em instituição com sede em Turim, Itália, e o outro no Rio de Janeiro, Brasil. A formação por correspondência era uma modalidade que se consolidava na área da Educação no período pós-Revolução Industrial, como forma de difusão e socialização do Saber de modo a dar acesso sem distinção social ao conhecimento de novas tecnologias.

Suas matrizes teóricas e culturais eram compatíveis com as daqueles que haviam se formado na Europa, ajudado pelos amigos Palma Muniz e Joaquim Lalôr que lhe ofertavam muitas publicações que contribuíram para a formação de sua biblioteca. Vale registrar que atualmente alguns exemplares do seu acervo estão classificados na categoria de livros raros, valorizados no mercado virtual.

Foi nas suas publicações, predominantemente italianas, que ele encontrou o “*villino*”, uma concepção esquemática adaptável às necessidades básicas das famílias abastadas e das mais modestas, tipologia esta que adotou como matriz para muitos dos seus projetos residenciais.

Outros periódicos traziam-lhe conteúdos dos mais variados, desde aqueles teóricos até os temas em geral, em voga, como por exemplo, sobre o movimento

da Arquitetura moderna que emergia como uma força nova no campo da Estética e na discussão da dimensão social da Arquitetura.

Foi leitura sua também uma obra de Le Corbusier, a demonstrar a amplitude de seus interesses, embora o seu fazer arquitetônico tivesse se mantido no âmbito do Ecletismo como estilo ou manifestação estética funcional.

Podemos dizer, portanto, que sua biblioteca lhe permitiu uma ampla formação, garantindo-lhe conhecimento histórico no que se refere ao seu metiê. – Seus estudos o levaram aos universos das ideias e dos lugares, mesmo sem nunca ter saído do Brasil.

Os desenhos executados para “morar, rezar e trabalhar” descortinam os variados temas que desenvolveu como arquiteto, evidenciando um profissional conhecedor das ordens e dos tratados arquitetônicos, refletidos no traço elegante, nos volumes harmoniosos e nas proporções adequadas de seus edifícios.

Nos “desenhos para rezar”, demonstrou o conhecimento da Arquitetura Medieval, ao utilizar os estilos Gótico e Românico em seus projetos religiosos. Desde o formato das plantas baixas, do sistema estrutural, da simbologia das disposições espaciais e do emprego de única ordem arquitetônica no repertório dos ornamentos utilizados.

Nos “desenhos para morar” se encontra a sua maior coletânea de projetos, dez unidades foram apresentadas neste trabalho, por meio das quais se pode acompanhar suas diversas fases. Desde quando os telhados ficavam encobertos por platibandas, ou na indefinição entre a platibanda e a cobertura exposta, para finalmente lhe revelar por completo, exibindo integralmente a beleza de sua movimentada composição. No interior dos edifícios, o processo de mudança fica por conta dos corredores. Inicialmente longos, seguindo os padrões da Arquitetura colonial, depois suprimidos, e, em seu lugar surgiram o *hall*, o vestíbulo ou uma sala íntima, para a concentração e distribuição das circulações horizontais e verticais. Um movimento de ideias que acompanhavam as exigências das mudanças históricas em curso.

As escadas passam a ser pontos altos de suas criações residenciais, lançada com patamares, ou então, no formato de caracol economizando espaços, e cuidadosamente detalhadas, calculadas e executadas. Externamente, se apresentam em volume próprio, indicando seu posicionamento e acrescentando a verticalidade nos arranjos das fachadas.

As coberturas também representam um item de grande destaque, acompanhando os partidos recortados das plantas baixas, com soluções movimentadas em diversas águas. São marcas registradas de suas obras, seu carimbo de autenticidade, que imprimem a identidade do autor.

Nos “desenhos de trabalhar”, merece destaque a fábrica Palmeira. Tratou-se de uma reconstrução em substituição às instalações anteriores que haviam sofrido um incêndio. Para o lugar, José Sidrim propôs um imponente e belo edifício eclético, com três andares, numa composição simétrica, modulada por pilastras e com mansarda na cobertura. A inauguração foi um grande acontecimento na cidade. Foi demolida na década de 1960, deixando um grande vazio na memória da cidade e sobretudo apagando um traço da história criativa do engenheiro arquiteto.

Tantos outros usos de que se tem registro foram desenvolvidos em projetos de escola, hospital, clube social, tipografia, mercado, funções importantes para a rotina da cidade, em quantidade e densidade suficiente para se poder dizer que Sidrim é um arquiteto indispensável na história de Belém.

Levantamentos preliminares no acervo do Instituto Histórico do Pará indicam ainda maior amplitude para sua produção arquitetônica e isto exigirá novos estudos. Uma foto de projeto até agora desconhecido foi encontrada, abrindo de maneira particular perspectivas de novas descobertas uma vez que se tratar de acervo do seu grande incentivador, João Palma Muniz, cuja relação era muito próxima, também esta documentada por acervo fotográfico.

Muitas obras aqui foram tratadas superficialmente, merecendo ainda novos projetos para um conhecimento mais aprofundado, o que sem dúvida pode resultar numa coleção de pequenos fascículos para apresentação de cada uma delas, mas estes são projetos para depois.

A vida desse engenheiro arquiteto deixou de herança um rico patrimônio material de edificações e um patrimônio imaterial na memória coletiva.

Tentei sair da “narrativa – verdade”⁴⁶⁵ que buscando reproduzir a vida de um homem exemplar, sem os defeitos e as contradições de um indivíduo, mas colocar em cena a figura de um Sidrim cujas obras contam um verdadeiro capítulo da biografia de Belém.

⁴⁶⁵ ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 73.

E, eu, sua bisneta, ao longo de quarenta e oito meses tentei percorrer o caminho da história e da memória de um servidor público da corte lemistista.



LINHA DO TEMPO

JOSÉ SIDRIM (1881 - 1969)

1881

2 maio - Nascimento de **José Sidrim**.

1900

Chegada em Belém, aos 19 anos de idade.

Moradia: Passinho - Largo do Carmo.

1903

30 maio - “O Intendente Municipal de Belém, concede a **José Sidrim**, Desenhista da Secção de Obras, licença tratamento de saúde.”

Casamento com Wolitza, em Fortaleza.

1904

Pertence ao quadro de funcionários da Intendência Municipal de Belém - Secção de Obras-Desenhista.

15 nov. - Relatório de 1904 - administração Antonio Lemos. Citações ao desenhista **José Sidrim** nas páginas 26, 27, 180, 318, 319. No vol. contém a Planta da Capital do Pará, Carta do Município de Belém.

Moradia: Tv. de Cintra, Cidade Velha.

10 maio - Nascimento do primogênito Olavo Lima Sidrim.

1905

26 jun. - Carta Patente da Guarda Nacional.

1906

15 nov. - *Relatório Municipal*, administração Antonio Lemos. Citações ao desenhista **José Sidrim**, Secção de Obras -Distribuição de serviço, página 42/43.

15 nov. - *Relatório de 1906* - administração Antonio Lemos. Citações ao desenhista **José Sidrim** nas páginas 34, 35, 231, 232.

1907

15 nov. - *Relatório de 1907* - administração Antonio Lemos. Citações ao desenhista **José Sidrim** nas páginas 32, 33, 199, 200, 201.

1908

15 nov. - *Relatório de 1908* - administração Antonio Lemos. Participação dispensa de **José Sidrim**.

1909

19 jul. - “O Intendente Municipal de Belém, usando dos poderes que lhe são conferidos pelo art. 58 n. 8 da Lei n. 226 de 6 de Julho de 1894, resolve nomear **José Sidrim** para exercer interinamente o cargo de Agrimensor Municipal.”

1911

21 out. - *Jornal Estado do Pará*, Ordem do Dia - Guarda Nacional - incluído o capitão **José Sidrim**.

2 nov. - *Jornal do Commercio*, Notícia sobre o concurso para o projeto do Grande Hotel, com o plano vencedor de autoria de **José Sidrim**.

1912

21 fev. - *Jornal Estado do Pará*, nota divulgando serviços a serem realizados pelo agrimensor municipal **José Sidrim**.

1913

15 nov. - *Relatório de 1912* - administração Antonio Lemos, com citações ao agrimensor **José Sidrim** na página 48.

2 fev. - *Jornal Estado do Pará*, divulga o aniversário do governador João Coelho, entre os presentes para parabenizá-lo estava **José Sidrim**.

27 maio - *Jornal Estado do Pará*, notícia sobre Capela da Ordem Terceira de São Francisco, desenho organizado pelo sr. **José Sidrim**.

1914

10 set. - *Jornal Estado do Pará*, Nota do Instituto Lauro Sodré, Exames parciais e finais, na oficina do marceneiro, entre os examinadores: **José Sidrim**.

1915

14 out. - *Jornal Estado do Pará*, na coluna “O Ensino”. Cita **José Sidrim** com integrante de uma banca de examinadores da Oficina de Alfaiete no Instituto Lauro Sodré.

1917

Obra: Projeto da Capela de Santa Clara.

Obra: Residência de Innocencio Bentes.

02 jul. - *Jornal Estado do Pará*, nas comemorações dos 45 anos do Instituto Lauro Sodré, entre os professores do curso complementar do 4º ano, encontra-se como professor de desenho **José Sidrim**.

13 out. - *Jornal Estado do Pará*, no encerramento da exposição de desenho no Theatro da Paz, a presença do professor **José Sidrim**, seus alunos premiados.

1918

23 ago. - *Jornal Estado do Pará*, Exposição Escolar de Desenho. **José Sidrim** compõe o júri de julgamento.

26 jun. - Entregou sua carta patente da Guarda Nacional.

08 fev. - *Jornal Estado do Pará* - na coluna “O Ensino”. Sobre a Escola de Agronomia e Veterinária - Na assembléia geral da aprovação das contas o nome de **José Sidrim** consta na Comissão de contas.

1921

Integrante do Corpo Docente do Instituto Lauro Sodré como professor de Desenho.

1922

Obra: Conclusão do Santuário de São Francisco de Assis.

1923

Obra: Residência de Rita Bezerra.

1924

Colaço de Grau do filho Olavo Lima Sidrim em Agronomia pela Escola de Agronomia e Veterinária da Amazônia.

Obra: Fábrica Palmeira.

Obra: Sede Social da Assembleia Paraense.

1925

Obra: Residência de João Palma Muniz.

Obra: Residência de Guilherme Paiva.

Obra: Residência de Manuel Dacier Lobato.

Obra: Residência de Orlando Lima.

Obra: Residência de José Leite Chermont.

Obra: Residência de Benedicto Passarinho.

Obra: Casa de Saúde Marítima.

Obra: Hospital Infantil da Santa Casa de Misericórdia.

Integrante do Corpo docente do Instituto Lauro Sodré como professor de Desenho. Participação como jurado Exposição Escolares.

1926

1927

18 ago. - *Jornal O Paiz*, em matéria sobre a Casa de Saude Maritima, comunica que a autoria do projeto do hospital é do arquiteto **José Sidrim**.

1928

7 set. - Mensagem do Gov. Dionysio Ausier Bentes, falando sobre o Conselho Superior do Ensino Primário - Exposição Escolar de Desenho, no jury de admissão entre os nomeados **José Sidrim**.

1929

8 fev. - *Jornal O Paiz* - Na notícia sobre o terceiro ano da administração do Governador Dionysio Bentes, entre os que parabenizaram o governador se encontram **José Sidrim** e Olavo Sidrim.

1935

Obra: Escola de Aprendizes Artífices - Escola Industrial

1947

9 maio - Morte do filho Olavo Lima Sidrim.

1949

26 abril - Casamento da filha Elda Lima Sidrim

1969

8 out. - Morte da filha Elda Lima Sidrim

13 jun. - Morte de **José Sidrim**, aos 88 anos.

- PESSOAL
- PROFISSIONAL
- ARQUITETURA
- JORNAIS

Fonte: Ana Léa Matos
Ilustração: Mateus Nunes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

Álbuns:

Álbum Belém da Saudade. Belém: SECULT, 1996.

BELÉM, Intendência de. (1902: Antonio Lemos). *Álbum de Belém em 15 de Novembro de 1902*. Paris: Philippe Renouard, 1902.

PARÁ, Governo do. (1901-1909; Augusto Montenegro), *Álbum do Estado do Pará: oito annos de governo*. Paris: Chaponet, 1908.

Dicionários:

CALADO, Margarida, PAIS DA SILVA, Jorge Henrique. *Dicionário de Termos da Arte e Arquitectura*. Lisboa: Presença, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. *Dicionários de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.

DES GRAVIERS, B. e JACOMET, T. *Os Santos e seus Símbolos*. Barcelona: Folio, 2008. (Coleção Grandes Livros da Religião)

Dicionário Visual da Arquitectura. Lisboa / São Paulo: Verbo, 1993.

GMBH, Tanden Verlag; ULMANN, H.F. *Sinais e Símbolos: origem, história e significado*. Edição portuguesa, 2008.

JONES, Owen. *A gramática do ornamento*. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos Estilos Arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

La Gramática de la Arquitectura. Espanha: Emily Cole Editora general, 2004.

LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, v. 1, verbetes da letra A até I. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

LIMA, Cecília Modesto et alle. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, v. 2, verbetes da letra J até Z. São Paulo: ProEditores, 1998.

MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de Termos Artísticos*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1998.

Fontes Administrativas:

BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1897-1902*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902. [Belém]: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1902.

BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1904*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1905. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1905.

BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1905*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1906. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1906.

BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1906*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1907. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1907.

BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1907*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1908. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1908.

BELÉM. Intendente (1897-1911: Antonio Lemos). *O Município de Belém: 1908*: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1909. [Belém]: Archivo da Intendencia Municipal, 1909.

Jornais:

Brasil

Belém

A Província do Pará: 1911, 1977, 1988.

A Republica: 1899.

Estado do Pará: 1912, 1913, 1914, 1915, 1917, 1919, 1920.

Folha do Norte: 1900, 1911.

O Liberal: 1947.

Fortaleza

A Republica: 1900, 1903.

Manaus

Jornal do Commercio: 1911.

Rio de Janeiro

Correio da Manhã: 1933.

Correio da Noite: 1913.

O Paiz: 1925, 1927.

Revistas:

Brasil

Belém

A Semana: 1924, 1935.

Belém Nova, 1925.

Rio de Janeiro

Fon Fon!: 1912

Careta: 1924, 1925.

Itália

Novità Ville e Villete Moderne: 1912.

Instituições:

Biblioteca Pública Estadual Arthur Viana

Jornais.

Fundação Biblioteca Nacional

Periódicos: <http://www.bn.br/portal/>.

Instituto Histórico Geográfico do Pará

Arquivo “Palma Muniz”. Cessão das imagens: IHGP-FS180, IHGP-FS210, IHGP-Fi398.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal*: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História*. São Paulo: Edusc, 2007.

AMORIM, Maria Adelina. *Os Franciscanos no Maranhão e Grão Pará: missão e cultura na primeira metade de seiscentos*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa Palma de Cima, 2005.

ANAIS FRANCISCANOS. Milão, n. 18, 16 set. 1919.

ANTUNES, Álvaro de Araujo. *Espelho de cem faces: o “universo relacional” de um advogado setecentista*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2004.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BAENA, Antônio L. M. *Compêndio das eras da Província do Pará*. Reed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1990.

BARROS, José D’Assunção. *O Tempo dos Historiadores*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARROS, Maria Paes. *No Tempo de Dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CANCELA, Cristina Donza. *Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais: Belém 1870-1910*. Topoi, v. 10, n.18, p. 24-38, jan./jun. 2009.

CARTIER- BRESSON, Henri. *El disparo fotográfico*. Tradução de Laura Collet Texidó. Barcelona: Blume, 2012.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *A Cidade Sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edições do Autor, 2010.

CASTRO, José Liberal de. “Arquitetura do ferro no Ceará”. In DERENJI, Jussara da Silveira (Org). *Arquitetura do Ferro: memória e questionamento*. Belém: CEJUP: Universidade Federal do Pará, 1993.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHERMONT, Olympio Leite. *Casas para proletários: breve estudo*. Belém: Typ. da Imprensa Oficial, 1899.

CHING, Francis D. K.; JARZOMBEK, Mark, PRAKASH Vikramaditya. *História global da arquitetura*. Tradução de Antônio de Oliveira Sete-Câmara, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes; SENAC São Paulo, 2016.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo. TOLEDO, Peter Mann de. BASTOS, Vera Burlamaque. (orgs). *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: Aspectos Históricos e Iconográficos (1860-1921)*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

CRUZ, Ernesto. *As edificações de Belém:1783-1911*. Belém: Conselho Estadual de Cultura de Belém, 1971.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da Gente Brasileira: v. 2: Império*. São Paulo: LeYa, 2016.

DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma Vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

ENGELS, Friedrich. *A Questão da Habitação*. Belo Horizonte: Aldeia Global. 1979.

FABRIS, Annateresa (Org). *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.

FERRAZ, Solange de Lima; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Usos sociais e historiográficos. PINSKY, Carla Bessanezi; DE LUCA, Tânia Regina (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *O Palácio dos Governadores no tempo de Augusto Montenegro (1901-1908). Estudo de Curadoria*. Belém: Museu Histórico do Estado do Pará, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Janelas do Passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história*. Catálogo da Exposição - acervo do Museu de Arte de Belém. Prefeitura Municipal de Belém/Fundação Cultural do Município de Belém – FUMBEL, 2011.

GOLDMANN, Lucien. *Que é a Sociologia?* São Paulo: DIFEL, 1974.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JONES, Owen. *A gramática do ornamento*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)*. Belém: Açáí; Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA); Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2013.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1993.

LE MOS, Carlos A. C. Lemos. *A República Ensina a Morar (Melhor)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

LE MOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993.

LORIGA, Sabina. *O Pequeno X: da biografia à história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção História e Historiografia)

MALTA, Marize. *O Olhar Decorativo ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

MARTINS, José de Souza, *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Emanuel. Lemos: a razão da razão. In *Antonio José de Lemos: a ressignificação do mito*. [Organização de] Rosa Maria Lourenço Arraes. Belém: Prefeitura de Belém; FUMBEL; MABE, 2014.

MEIRA FILHO, Augusto. *Mosqueiro: Ilhas e Vilas*. Belém: Grafisa, 1978.

MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2008.

MENEGUELLO, Cristina. *Da Ruína ao Edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra Vitoriana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

MENEZES, Paulo Elpídio de. *O Crato de meu tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

MESQUITA, Luís. *Assumpção x Barata, uma relação de Política e Mídia que mobilizou a Amazônia*. Lisboa: Chiado, 2013.

NUNES, Dulcília Maneschy Corrêa A. *A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. Belém: ABIH-PA, 2016.

- OPPERMANN, C. A. *Nouvelles annales de la construction*. Paris: Chez J. Baudry, Editeur, Libraire Polytechnique, 1879.
- PENTEADO, Antonio Rocha. *O Sistema Portuário de Belém*, Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- PERROT, Michelle (Org.). In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque, reformas urbanas e controle social 1860 -1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf, 1993.
- RAMOS, Alberto Gaudêncio. *Cronologia eclesiástica do Pará*. Belém: Falângola, 1985.
- REIS FILHO, Nestor. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Debates, 18)
- RIBEIRO, José Iran. *Quando o Serviço nos Chama, Os Milicianos e os Guardas Nacionais Gaúchos (1825-1845)*. Porto Alegre: PUCRS, 2001.
- ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL, 1968.
- ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém: Mitograph, 1976.
- SALLES, Vicente. *Música e músicos do Pará*. Belém: SECULT: SEDUC; Amu-PA, 2007.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos*. Belém: Pakatatu, 2002.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SILVA, Francisco Liberato Telles de Castro da. *A decoração na construção civil*. Lisboa: Topographia do Commercio, 1898. Tomo 1.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda do século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SUMMERSON, John. *A Linguagem Clássica da Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SZYMBORSKA, Wislawa. [Poemas]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TEIXEIRA, Mário Dias. *Assembléia Paraense: memórias: 1915 a 1992*. Belém: M. A. Pinto Guimarães, [1993?].
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. *Goya: à sombra das luzes*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WHITMAN, Walt. *Folhas de relva: edição do leito de morte*. Org. e tradução Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011.

MONOGRAFIAS/DISSERTAÇÕES/TESE

ALVES, Moema de Bacelar. *Do Lyceu ao Foyer: exposição de arte e gosto no Pará da virada do século XIX para o século XX*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

BARRETTO, Joana Célia Coutinho. *Projeto de reabilitação e adaptação de uso do prédio da Antiga Imprensa Universitária para o Centro de Memória da Amazônia (CMA)*. Monografia (Especialização) - Fórum Landi, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

CARDOSO Wanessa Carla Rodrigues. *“Alma e coração”*: O Instituto Histórico E Geográfico Do Pará E A Constituição Do Corpus Disciplinar Da História Escolar No Pará Republicano (1900-1920). 2013. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

COIMBRA, Adriana Modesto. *A cidade como narrativa: Francisco Bolonha e o papel da arquitetura e da engenharia no processo de modernização da cidade de Belém – 1897 – 1938*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

FURTADO, Luciana Martins. *Nas pedras do Caes: cidade, cotidiano e trabalho – Belém do Pará (1852 – 1912)*, 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

MATOS, Ana Léa Nassar. *Ecletismo na Arquitetura Residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro arquiteto e suas obras residenciais*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Departamento de Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

MORAES, Tarcísio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, geografia e historiografia na Amazônia*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

TEXTOS / ARTIGOS / RELATÓRIOS

Artigos:

BARRETO, Pietra Castro Paes. *Cartografias de uma cidade invisível*: relatório técnico-científico: abr.2015/mar.2016. Belém, 2016. Relatório apresentado ao Programa Jovens Talentos para a Ciência/Capes, Itec–Fau, Universidade Federal do Pará, 2016. Projeto Cartografias de uma Cidade Invisível sob a orientação de Jorge Leal Eiró da Silva.

Corrêa, Dulcília Maneschy; Corrêa, Larissa Acatauassu. Histórico da edificação: Palacete Orlando Lima. In: _____. *Projeto de restauração do Palacete Orlando Lima*. Belém, 2015.

GARCIA, Izenete Nobre. *A circulação transatlântica de obras literárias entre Belém e Lisboa*: o caso da livraria e editora de Tavares Cardoso & Irmão. CAPES/UNICAMP.

LACERDA, Franciane Gama. “*Requerendo passagem para si e sua família*”: Mulheres Migrantes no Pará da virada do século XIX. Proj. História, São Paulo, (27), p.305-320, dez. 2003.

SARGES, Maria de Nazaré, PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Photografia Fidanza*: um foco sobre Belém (XIX/XX). Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos>>.

SARGES, Maria de Nazaré. *A Árvore das Patacas Secou*: o comércio português em Belém no primeiro quartel do século XX. Palestra realizada no IX Seminário Internacional sobre emigração portuguesa para o Brasil. Rio de Janeiro, nov. 2013.

RIBEIRO, José Iran. *Quando o Serviço nos Chama*: os milicianos e os guardas nacionais gaúchos (1825-1845). PUCRS, Porto Alegre, 2001.

OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. *Capela Pombo. Belém PA*: interpretação e perspectivas (1). Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.109/48>>.

Sites:

<<https://archive.org/details/CreationsInEcclesiasticalArtDaprato>>.

<<https://artepapaxibe.files.wordpress.com/>>

< <https://books.google.com.br/> >.

< <https://www.britannica.com/biography/>>.

<<http://www2.cdp.com.br/forms/museu>>

<<http://www.creape.org.br/>>

<<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-clara/>>

<<http://www.eduvale.br/colégio/index.php>>.
< <https://fauufpa.org>>
<<http://www.fcp.pa.gov.br/images/dli/gbpav/espacos/obrasraras/pdf/>>.
<<http://www.folhadeobidos.com.br/>>.
<<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal>> .
<www.idearte.org>
<www.jusbrasil.com.br/>.
<<http://mapa.cultura.ce.gov.br/>>
<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/>>
<parasquimonline.blogspot.com.br>.
<<http://www.polito.it/ateneo/>>
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/>>.
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/>>.
<<http://www.santacasa.pa.gov.br/sobre/historia/>>
<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>
< <https://www.significados.com.br/pdf/>>.
<<http://www.treccani.it/enciclopedia/>>
<<http://www.ufpa.br/cma/imagens.html>>.
<<http://www.vitruvius.com.br/>>
< <http://www.wikiwand.com/es/>>.